



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS
PROGRAMA MULTIDISCIPLINAR DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
CULTURA E SOCIEDADE**

NÁDIA DOS SANTOS DA CONCEIÇÃO

**CULTURA, SAÚDE E MEIO AMBIENTE:
PERCEPÇÕES DE MULHERES DA COMUNIDADE DE ACUPE - SANTO AMARO
(BA) - SOBRE POLUIÇÃO**

**SALVADOR
2017**

NÁDIA DOS SANTOS DA CONCEIÇÃO

**CULTURA, SAÚDE E MEIO AMBIENTE:
PERCEPÇÕES DE MULHERES DA COMUNIDADE DE ACUPE - SANTO AMARO
(BA) - SOBRE POLUIÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Universidade Federal da Bahia como requisito para a obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Simone Terezinha Bortoliero

**SALVADOR
2017**

Ficha Catalográfica
Elaboração Sistema Universitário de Bibliotecas

Conceição, Nádia dos Santos da.

Cultura, Saúde e Meio Ambiente: percepções de mulheres da comunidade de
Acupe - Santo Amaro (BA) - sobre poluição / Nádia dos Santos da Conceição. --
Salvador, 2016.

170 f.

Orientadora: Prof.^a D.^{ra} Simone Terezinha Bortoliero.

Dissertação (mestrado – Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e
Sociedade) -- Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e
Ciências Professor Milton Santos, 2016.

1. Cultura. 2. Meio Ambiente. 3. Gênero. 4. Poluição. 5. Saúde. I. Bortoliero, Prof.^a
Dr.^a Simone Terezinha. II. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
IHAC- INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E
CIÊNCIAS PROFESSOR MILTON SANTOS
PROGRAMA MULTIDISCIPLINAR DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
CULTURA & SOCIEDADE

Ata da Reunião da Defesa Oral da Dissertação de **Nádia dos Santos da Conceição**

Intitulada: "Cultura, Saúde e Meio Ambiente: percepções das mulheres sobre a poluição na comunidade de Acupe - Santo Amaro/BA".

Aos 30 (trinta) dias do mês de março de dois mil e dezesseis, no IHAC - Instituto de Humanidades Artes e Ciências da Universidade Federal da Bahia foi instalada a Banca Examinadora da dissertação de mestrado intitulada: "Cultura, Saúde e Meio Ambiente: percepções das mulheres sobre a poluição na comunidade de Acupe - Santo Amaro/BA". Após a abertura da sessão, foi composta a Banca Examinadora formada pelos professores Drs.: Profa. Dra. Simone Terezinha Bortoliero – Orientadora, pelo examinador externo a Profa. Dra. Ângela Maria Freire de Lima e Souza; e interno do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade o Prof. Dr. José Roberto Severino. Conforme o Regimento Interno do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade foi dado o prazo de trinta minutos para que a mestrande fizesse a exposição do seu trabalho e trinta minutos para que os membros da Banca realizassem a arguição. Primeiro falou a Profa. Dra. Ângela Maria Freire de Lima e Souza, examinador externo. Em seguida, o Prof. Dr. José Roberto Severino, avaliador interno, fez sua arguição. Depois que os membros da Banca falaram, foi dado um prazo de trinta minutos para que a mestrande fizesse sua réplica. Concluída a exposição, arguição e réplica, a Banca Examinadora se reuniu e considerou a dissertação de Nádia dos Santos da Conceição como APROVADA. Nada mais havendo a tratar, eu, Profa. Dra. Simone Terezinha Bortoliero, orientadora, lavrei a presente ata que será por mim assinada, pelos demais membros da Banca e pela mestrande. Salvador, 30 de março de 2016.

Profa. Dra. Simone Terezinha Bortoliero Simone T. Bortoliero
Profa. Dra. Ângela Maria Freire de Lima e Souza Ângela Maria Freire de Lima e Souza
Prof. Dr. José Roberto Severino José Roberto Severino
Mestrande Nádia dos Santos da Conceição Nádia dos Santos da Conceição

CONFERE COM O ORIGINAL

30/03/2016

Márcio Pinho Oliveira Santos
Coordenador de Administração II/AC/UFBA

À Joana, mãe amada, por ter me ensinado a ser forte e a nunca desistir dos meus objetivos.
E à família, que me ensinou o valor do amor incondicional.

AGRADECIMENTOS

- Em primeiro lugar, dedico este trabalho aos meus pais, Joana Nascimento dos Santos e Benedito Barbosa Chaves, a meus irmãos, Nilzete dos Santos da Conceição, Ediléia Maria Nascimento, Cosme Nascimento dos Santos e Paulo Santos Chaves. A meus sobrinhos, Tainá Nascimento dos Santos, David da Conceição e Maiele Chaves, e a minha avó Tereza Nascimento, grandes parceiros nesta minha jornada, que agradeço sinceramente por todo apoio durante toda minha trajetória acadêmica;
- À minha orientadora Prof^a Dr^a Simone Terezinha Bortoliero, pelas grandes lições e oportunidades, que me proporcionou, pela confiança, e iniciação no universo do jornalismo de ciência, desde a minha inserção na Agência de Notícias em C,T&I- Ciência e Cultura;
- A todos os amigos, pela compreensão nos momentos de ausência;
- À Mariana Alcântara, Victória Libório, Bruna Leite, Neusa Martins, pela amizade sincera e parceria que se fortaleceu nos últimos anos;
- Ao meu professor e grande incentivador José Roberto Severino;
- A todos os meus entrevistados, marisqueiras e pesquisadores da comunidade de Acupe, que colaboraram enormemente para as análises realizadas nesse trabalho, concedendo-me depoimentos, em profundidade, sobre as questões aqui tratadas;
- À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb), pela concessão da bolsa de mestrado.

Muito obrigada!

“Não acredito que existam qualidades, valores, modos de vida especificamente femininos: seria admitir a existência de uma natureza feminina, quer dizer, aderir a um mito inventado pelos homens para prender as mulheres na sua condição de oprimidas. Não se trata para a mulher de se afirmar como mulher, mas de tornarem-se seres humanos na sua integridade”.

Simone de Beauvoir

CONCEIÇÃO, Nádia dos Santos da. *Cultura, Saúde e Meio Ambiente: percepções de mulheres da comunidade de Acupe - Santo Amaro/BA sobre poluição*. 2016. 170 f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

RESUMO

O presente trabalho busca investigar as percepções de mulheres marisqueiras do distrito de Acupe, em Santo Amaro, sobre a poluição desta área e suas consequências. Compreender aspectos relacionados à saúde e ao papel feminino nesta comunidade e suas relações culturais, também estão entre os objetivos. Realizei uma pesquisa qualitativa, especificamente um estudo de caso, cujos sujeitos foram mulheres que trabalham no mar e no mangue. Foram realizadas seis entrevistas com as mulheres marisqueiras que discorreram sobre temas que afetam diretamente seu ambiente de trabalho: a maré e os mangues, tais como a cultura da mariscagem, a poluição que põe em risco essa prática, as implicações desta poluição/contaminação para a saúde e como o gênero está relacionado com a valorização ou desvalorização do trabalho desenvolvido pelas marisqueiras. Dentro destas questões é possível analisar o protagonismo feminino dentro das comunidades pesqueiras do recôncavo e das dificuldades enfrentadas por essas mulheres na conquista de seus territórios e do respeito pelo trabalho que desenvolvem em suas localidades. Este trabalho contempla ainda uma revisão teórica na interface entre Cultura, Meio Ambiente, Contaminação, Poluição, Saúde e Gênero.

Palavras-chave: Cultura; Meio Ambiente; Gênero; Poluição; Saúde.

CONCEIÇÃO, Nádia dos Santos da. *Culture, Health and Environment: perceptions of women from the community of Acupe - Santo Amaro / BA on pollution*. 2016. 170 pp. ill. Dissertation (Master degree in Culture and Society) - Institute of Humanities, Arts and Sciences, Federal University of Bahia, Salvador.

ABSTRACT

This study aims to investigate the perceptions of shellfish scavenger women in the district of Acupe, in Santo Amaro, on the pollution of this area and its consequences. Understanding the aspects related to health, the feminine role in this community and its cultural relations are also among the objectives. I carried out a qualitative research, specifically a case study, whose subjects were women working in the sea and in the mangrove. Six interviews were carried out with the shellfish scavenger women who discussed issues that directly affect their work environment: tide and mangroves, such as shellfish scavenger culture, pollution that endangers this practice, the implications of this pollution/contamination for the health and how the gender is related to the valorization or devaluation in the work developed by shellfish scavenger women. Within these issues it is possible to analyze the female protagonism within the fishing communities of the concave (region in the Bahia's state) and the difficulties faced by these women in the conquest of their territories and the respect for the work that they develop in their localities. This work also contemplates a theoretical revision in the interface between Culture, Environment, Contamination, Pollution, Health and Gender.

Keywords: Culture; Environment; Gender; Pollution; Health.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Infraestrutura da Bahia Pesca no território baiano.....	37
Figura 2	Localização do Distrito de Acupe.....	38
Figura 3	Esgoto invadindo o Porto de Acupe.....	44
Figura 4	Esgoto invadindo o Porto de Acupe.....	44
Figura 5	Porto do distrito de Acupe.....	46
Figura 6	Rua central do distrito de Acupe.....	47
Figura 7	Apresentação de Caretas e Nego Fugido.....	49
Figura 8	Apresentação do Samba de Roda Raízes de Acupe.....	49
Figura 9	Vista da comunidade de Acupe.....	50

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ACCS	Atividade Curricular em Comunidade e Sociedade
BTS	Baía de Todos os Santos
Cd	Cádmio
CETESB	Companhia Estadual de Tecnologia em Saneamento Ambiental
CIA	Centro Industrial de Aratu
CIS	Centro Industrial de Subaé
COBRAC	Companhia Brasileira de Chumbo
CODEBA	Companhia das Docas do Estado da Bahia
COPEC	Complexo Petroquímico de Camaçari
DCNT	Doenças Crônicas Não-Transmissíveis
EMBASA	Empresa Baiana de Água e Saneamento S.A.
ETE	Estação de Tratamento de Esgoto
FACOM	Faculdade de Comunicação
FEEMA	Fundação Estadual de Engenharia do Meio Ambiente
FEPESBA	Federação de Pescadores e Aquicultura da Bahia
HC	Hidrocarbonetos
HRP	Hidrocarbonetos Resolvido de Petróleo
HTP	Hidrocarboneto Totais de Petróleos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
LER	Lesão por Esforço Repetitivo
MCT	Ministério da Ciência e Tecnologia
MPA	Ministério da Pesca e Aquicultura
MMA	Ministério do Meio Ambiente
MPF	Ministério Público Federal
MS	Ministério da Saúde
MCNR	Mistura Complexa não Resolvida
OMS	Organização Mundial da Saúde
OIT	Organização Internacional do Trabalho
ONG	Organização Não Governamental

PAISM	Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher
Pb	Chumbo
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PNRS	Política Nacional de Resíduos Sólidos
RLAM	Refinaria Landulfo Alves – Mataripe
RGP	Registro Geral de Atividade Pesqueira
SUS	Sistema Único de Saúde
STJ/BA	Superior Tribunal de Justiça da Bahia
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
USF	Unidade de Saúde da Família
Zn	Zinco

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
1.1	Objetivo.....	15
1.2	Procedimentos Metodológicos.....	15
1.3	Descrição da Dissertação.....	18
2	CULTURA E MEIO AMBIENTE.....	19
2.1	Crise ambiental e os desafios dos conhecimentos.....	19
2.2	Crise ambiental: poluição ambiental e seus agravantes para a saúde.....	28
2.3	A pesca artesanal e seu legado cultural e social.....	33
2.4	Contaminação na Baía de Todos os Santos.....	38
	<i>2.4.1 Contaminação em Santo Amaro.....</i>	<i>38</i>
	<i>2.4.2 Poluição e contaminação em Acupe.....</i>	<i>40</i>
3	CULTURA, SAÚDE E GÊNERO.....	47
3.1	Memória: legado cultural e artístico da comunidade.....	47
3.2	Território e construção social em Acupe.....	50
3.3	Modelos de Saúde.....	53
3.4	Políticas públicas em Acupe: saúde da mulher.....	56
3.5	Gênero, raça e meio ambiente.....	58
4	PERCEPÇÕES DAS MULHERES MARISQUEIRAS: SAÚDE, POLUIÇÃO E GÊNERO.....	65
4.1	Contextualizando os sujeitos da pesquisa.....	65
4.2	As categorias de análise.....	70
	<i>4.2.1 Percepção sobre saúde.....</i>	<i>71</i>
	<i>4.2.2 Percepção sobre poluição.....</i>	<i>78</i>
	<i>4.2.3 Percepção sobre gênero: “Ô Acupe: terra de mulher marváda!”</i>	<i>86</i>
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	94
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	98
	APÊNDICES.....	112

1 INTRODUÇÃO

Um estudo realizado em 2015, pelo Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), apontou que a população brasileira tem demonstrado interesse em temas como Ciência, Tecnologia, Meio Ambiente e Saúde, mas indicou que o acesso a essas informações ainda é bastante escasso. O estudo intitulado “Percepção Pública da Ciência e da Tecnologia”, ouviu 1962 pessoas em todo o Brasil. As causas do desinteresse estão associadas à falta de qualidade na educação científica brasileira. No Brasil, de acordo com a pesquisa de percepção citada acima, apenas 42% de brasileiros se mostram interessados por notícias sobre Meio Ambiente (CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS, 2015). Mesmo assim, podemos perceber que o engajamento dessas pessoas ainda é restrito a membros de movimentos sociais, Organizações Não Governamentais (ONGs) e universidades. Isso se deve ao fato de que essas questões, assim como Saúde, Ciência e Tecnologia, são entendidas como elementos separados das rotinas diárias da sociedade.

As reflexões deste trabalho apresentam preocupação com esta questão, pois o acesso às informações científicas garante melhoria da qualidade de vida, além de decisões mais acertadas frente aos problemas ambientais de diferentes grupos em sociedade. As relações entre o modelo de Ciência adotado no Brasil e suas interações com o Meio Ambiente, também estão inclusas, entre outras reflexões; bem como o respeito à diversidade de gênero em comunidades tradicionais, mais precisamente no Distrito de Acupe, localizado no município de Santo Amaro, Recôncavo da Bahia, local definido para este estudo.

A insustentabilidade do modelo ambiental, movido sempre por um protagonismo econômico de nações de primeiro mundo, tem sido fator fundamental para a destruição de culturas milenares; sendo provocada, em grande parte, pela irresponsabilidade de grandes conglomerados empresariais, que estão a serviço de um sistema que polui ecossistemas naturais e aumenta o abismo social e, consequentemente, a pobreza e a desesperança de melhoria de vida, efeito mundialmente sentido.

Os danos aos ecossistemas naturais, provocados pelo processo industrial nos continentes devido a uma economia globalizada, dificultam ainda mais o enfrentamento organizado das populações atingidas por contaminação do ar, do solo, de rios e mares.

Com as reflexões sobre meio ambiente, diversidade cultural, direitos humanos, justiça ambiental e gênero, apresento neste trabalho, a partir do protagonismo feminino da comunidade de Acupe, a percepção de mulheres marisqueiras sobre a contaminação e poluição na comunidade, seus efeitos sobre a saúde e os mecanismos usados para

sobrevivência diante desta problemática cultural, social e ambiental; realidade enfrentada por muitas comunidades tradicionais no país, segundo atesta o Mapa de Conflitos envolvendo Injustiça Ambiental e Saúde no Brasil, desenvolvido por pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz, no Rio de Janeiro, em 2012 (FIOCRUZ, 2012).

Meu interesse pelo tema surgiu a partir de dois projetos de extensão que foram fundamentais para a minha formação acadêmica: o primeiro foi a Atividade Curricular em Comunidade e Sociedade (ACCS), desenvolvida na comunidade de Acupe e coordenada pelo professor doutor José Roberto Severino. Eu fui monitora da atividade durante 12 meses, o que me fez ter um carinho muito especial pelo local, além de um conhecimento mais aprofundado sobre as pessoas, sua cultura e seus problemas. Este trabalho inicial, desenvolvido em Acupe, originou também a produção do documentário “Acupe Terra Quente¹” (SEVERINO, 2015). O segundo projeto teve início com o jornalismo científico, a partir do trabalho na Agência de Notícias em CT&I – Ciência e Cultura, da Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia (FACOM-UFBA), coordenada pela professora doutora Simone Terezinha Bortoliero. A paixão pelo jornalismo, por questões de Ciência, Meio Ambiente, Cultura, Saúde e a sensibilidade para as questões de gênero e o protagonismo desenvolvido pelas mulheres guerreiras do Recôncavo da Bahia, foram relevantes para iniciar meu caminho nesta pesquisa, que trará um panorama do cenário de contaminação e poluição da Baía de Todos os Santos (BTS) e do nível de comprometimento dessa situação para a saúde, tanto das pessoas quanto do meio ambiente.

Na Bahia, o processo de industrialização impulsionou o estabelecimento de diversos polos industriais, os quais, conseqüentemente, deram ao Estado um papel de destaque no cenário nacional. Contudo, esse lugar de destaque trouxe para as comunidades do entorno, diversas preocupações, pois os mecanismos usados para o funcionamento desses conglomerados têm colocado em risco o meio ambiente e provocado inúmeros impactos ambientais, atingindo os municípios banhados pela Baía de Todos os Santos. Em terras baianas, por exemplo, há impactos ambientais com consequências graves para a saúde das populações. Este é o caso da cidade de Santo Amaro que teve como protagonista a Companhia Brasileira de Chumbo (COBRAC) que durante muitos anos prejudicou a

¹ O documentário foi resultado da Atividade Curricular em Comunidade e Sociedade (ACCS) “Memória Social: audiovisual e identidades”, realizada na Faculdade de Comunicação, da Universidade Federal da Bahia (UFBA). “Acupe Terra Quente” traz o espectador para no cenário cultural e social do lugar, apresentando as suas mais variadas manifestações como o Nego Fugido, Mandus, Bombachos, Burrinhas, Caretas e grupos de Samba de Roda; além do cotidiano difícil vivido pelas famílias que carecem de serviços de saúde, saneamento e educação.

população – e ainda prejudica, com a contaminação por elementos químicos altamente prejudiciais à saúde humana, como o chumbo, o cádmio e o mercúrio.

Episódios como esses só foram diagnosticados como graves após anos de estudos científicos, que comprovaram as consequências irreparáveis para os moradores das regiões contaminadas. Outros exemplos mostram o desaparecimento de ecossistemas fundamentais para a sobrevivência dos pescadores e marisqueiras do entorno da Baía de Todos os Santos. Nos últimos anos, ocorreram diferentes tipos de contaminação associados à ausência de políticas públicas e a falta de conscientização das comunidades envolvidas.

Diante destes fatos, se faz necessário maior número de estudos acerca de como as comunidades, no entorno da Baía de Todos os Santos, enfrentam os problemas originados pela degradação ambiental.

1.1 Objetivo

Portanto, o objetivo deste trabalho, a partir da conexão e reflexão interdisciplinar entre Cultura e Meio Ambiente, é analisar as percepções de mulheres marisqueiras de Acupe, em Santo Amaro, recôncavo baiano, sobre a contaminação de seus espaços de trabalho, além dos impactos da poluição sobre a saúde.

1.2 Procedimentos Metodológicos

Para alcançar tal objetivo, foi necessária a definição por um estudo de caso dentro da perspectiva da pesquisa qualitativa. Bogdan e Biklen (1991) discutem algumas das características deste tipo de pesquisa. Os estudos de casos mais comuns são os que têm o foco em uma **unidade**, um indivíduo (caso único e singular, como o “caso clínico”) ou **múltiplo**, nos quais vários estudos são conduzidos, simultaneamente: vários indivíduos, várias organizações, por exemplo.

Além disso, este estudo teve como ponto de partida as investigações exploratórias e descritivas compostas pela revisão de bibliografia na *interface* entre Comunicação, Cultura, Meio Ambiente, Saúde e Gênero. Uma análise de documentos oficiais oriundos de pesquisas, conferências sobre meio ambiente, relatórios técnicos anuais, bem como identificação das ações de órgãos da comunidade que tenham contribuído para inserir a temática na comunidade, também serviram como fontes de consultas. Como fontes secundárias foram utilizadas reportagens publicadas na mídia local e nacional.

Segundo Gil (1995), o estudo de caso não aceita um roteiro rígido para a sua delimitação, mas é possível definir quatro fases que mostram o seu delineamento: a) delimitação da unidade-caso; b) coleta de dados; c) seleção, análise e interpretação dos dados; d) elaboração do relatório.

Sendo assim, “os dados recolhidos são designados relativamente por qualitativos, o que significa ricos em pormenores descritivos a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico” (BOGDAN & BIKLEN, 1991, p. 16).

Os estudos de caso consistem na observação dentro de um local ou território pré-definido. Neste caso específico, a comunidade escolhida foi o distrito de Acupe, no Recôncavo Baiano. Geralmente nestes casos há necessidade de um tratamento histórico do ambiente, como descrito no capítulo dois. Porém neste estudo, qualquer escolha acaba determinando uma fragmentação do todo. Bogdan e Biklen (1991) sugerem a necessidade de que a parte escolhida pelo investigador tenha uma identidade. Desta forma, as mulheres de Acupe foram escolhidas como sujeitos da pesquisa, pois possuem uma identidade como marisqueiras e culturalmente como descendentes de quilombolas.

Além das observações em Acupe, e por se tratar de um grupo pequeno, inserimos a entrevista como instrumento na coleta dos dados. O trabalho de campo exige a definição de um tempo adequado para que as entrevistas sejam gravadas em profundidade. Assim, como sugerem Bogdan e Biklen (1991), as entrevistas foram registradas, não de forma intrusiva, e sim, com o objetivo de aprender o modo de pensar do sujeito.

Para obter acesso ao trabalho de campo, ou seja, à comunidade de Acupe, foi necessário buscar e conhecer líderes mulheres e ter uma autorização para conduzir o estudo. Uma autorização verbal, já que as mulheres entrevistadas preferiram ficar no anonimato.

Houve o reconhecimento da comunidade de Acupe e dos sujeitos e, após o mesmo, passamos a explicar as razões da pesquisa e a escolha desta comunidade.

A escolha por mulheres marisqueiras partiu da vontade de entender a vivência delas, a partir de seu universo familiar e de trabalho, tendo como auxílio algumas conversas informais com pessoas que trabalham na saúde e na organização pesqueira local. A escolha pela pesquisa qualitativa permitiu observar como cada indivíduo, homens e mulheres, enfrentam a realidade da contaminação em seu território de trabalho.

No desenvolvimento da pesquisa qualitativa, foram entrevistadas seis marisqueiras moradoras da comunidade de Acupe com idades entre 50 anos e 74 anos, que ainda realizam a prática da mariscagem, o que constitui elemento fundamental para o sustento de suas famílias.

No que se refere à metodologia desta pesquisa, Thompson (1998) destaca os cuidados com a forma de abordagem do entrevistado e a preparação do entrevistador, como o elemento central que vai possibilitar a coleta de dados mais relevantes, corroborando para a amplitude e profundidade do tema abordado, sendo este um procedimento que desafia o pesquisador a abordar em detalhes e da forma mais completa possível, o objeto de estudo. Essas mesmas considerações são levantadas por Bogdan e Biklen (1991), autores que se referem à potencialidade dos dados descritivos, para abordar as questões de interesse de uma forma minuciosa e em toda a sua riqueza.

A utilização desse recurso metodológico justifica-se com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, ao recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte selecionada para deter informações que se deseja conhecer.

O critério de escolha destes atores foi baseado no nível de comprometimento e envolvimento com o município e a importante relação com as questões culturais, ambientais e de pesca na comunidade. O critério de disponibilidade também foi decisivo para a definição dos entrevistados. Desta forma, das 15 marisqueiras escolhidas, apenas seis quiseram, de fato, participar e com ressalvas quanto à divulgação da identidade. Dessa forma, pensando na integridade e no anonimato das marisqueiras, utilizarei nomes fictícios.

Para fins de compreensão sobre o universo de sujeitos entrevistados para esta pesquisa, classificam-se os mesmos em um único grupo: marisqueiras/fontes principais do estudo: Mariana, Marcela, Valéria, Celeste, Marieta e Sandra.

As entrevistas foram compostas por um conjunto de dados relativos a seis sujeitos, cujo objetivo buscou compreender as percepções existentes sobre a contaminação em Acupe. Para isso, apresentamos na análise dos dados, três categorias de análise: **1. Percepção sobre saúde; 2. Percepção sobre poluição; 3. Percepção sobre gênero: “Ô Acupe: terra de mulher márvada”.**

As entrevistas foram abertas e seguiram um roteiro previamente elaborado de acordo com o objetivo da pesquisa e, por meio das perguntas formuladas, foram exploradas em profundidade. A partir daí, de acordo com Bogdan e Biklen (1991), foi possível “capturar a perspectiva dos participantes” quanto à problemática do meio ambiente e do tratamento ofertado à saúde da mulher e seu relevante papel na comunidade estudada.

Como método de análise das entrevistas, foi utilizado o da História Oral que, segundo Thompson, tem seu mérito quando leva os pesquisadores/historiadores “a tomarem consciência de que sua atividade se exerce, inevitavelmente, dentro de um contexto social e que tem implicações políticas.” (THOMPSON, 1998, p.10). Dessa forma, a História Oral é

essencial para a construção de novas versões da história a partir do momento que confere “voz a múltiplos e diferentes narradores”, tornando-as mais democráticas (THOMPSON, 1998, p.10).

1.3 Descrição da dissertação

O primeiro capítulo, **Cultura e Meio Ambiente**, traz algumas das características que marcam a crise ambiental contemporânea sob a ótica de novos paradigmas científicos, segundo alguns estudiosos do tema. Para entender a crise ambiental é necessário situarmos o problema central de nossa pesquisa, que é investigar a percepção de mulheres marisqueiras sobre a poluição na comunidade e como as mesmas enfrentam problemas ambientais, no caso, poluição e contaminação de seus territórios, pelo ar, água ou solo.

A comunidade escolhida foi Acupe, distrito localizado no município de Santo Amaro, Recôncavo da Bahia, banhado pela Baía de Todos os Santos. A comunidade é formada por pescadores e marisqueiras de origem quilombola, que intensificam as questões política, cultural e social, bem como conhecimentos sobre os recursos naturais da região, o que inclui um saber sobre os períodos de reprodução das espécies (moluscos e peixes); e sobrevivem economicamente dos ecossistemas marinhos, como os manguezais e, além de apresentar atividades de agricultura e de comércio, todas registram uma complexa rede de atividades do distrito.

No segundo capítulo, **Cultura, Saúde e Gênero**, apresento o ambiente, o desenvolvimento da cultura local, a importância do território para as comunidades pesqueiras, além de conceituar saúde e relacionar com as deficiências na elaboração de políticas públicas neste setor, sobretudo no que tange ao público feminino. Também, neste capítulo, há uma reflexão e a consequente relação entre gênero, racismo e meio ambiente, latente na comunidade de Acupe.

No terceiro capítulo, **Percepções das mulheres marisqueiras: saúde, poluição e gênero**, eu trago as categorias de análise dos dados coletados durante as entrevistas com seis mulheres. Neste capítulo, tentarei responder ao questionamento central deste trabalho, mediante prévia contextualização dos sujeitos da pesquisa: as mulheres marisqueiras e seu entendimento sobre saúde, poluição, gênero e conhecimento científico acerca destes temas.

2 CULTURA E MEIO AMBIENTE

2.1 Crise ambiental e os desafios dos conhecimentos

Nas últimas décadas, o modelo industrial e econômico adotado por inúmeros países deixou marcas profundas nas relações das comunidades com o meio ambiente e seus territórios. Apoiado no desenvolvimento científico-tecnológico, nunca esteve centrado numa visão sustentável e nem foi pensado para solucionar os conflitos ambientais; ao contrário, foi responsável pela degradação do meio habitado pelas diversas espécies, o que inclui a humana, provocando a destruição, poluindo o ar, os rios e os mares, além de contaminar a terra. Temas que são recorrentes na mídia internacional e nacional todos os dias e podem, ou não, se transformar em políticas eficientes; a depender de governos, geram protestos de movimentos ambientalistas ou agravam a saúde de comunidades atingidas. Mas apesar da temática ambiental ser um assunto de grande interesse para mais de 70% da população brasileira, apenas 42% dela consome esse tipo de informação com muita frequência, como demonstram os dados da pesquisa sobre Percepção Pública da Ciência no Brasil, realizada em 2015², pelo Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT) (CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS, 2015). A temática da Justiça Ambiental continua desconhecida pela sociedade e está limitada, ainda, aos debates acadêmicos e Organizações Não Governamentais (ONGs) ambientais³.

Para entender a crise ambiental é necessário situarmos o problema central de nossa pesquisa, que é investigar a percepção de mulheres marisqueiras sobre a poluição na comunidade, como a população enfrenta problemas ambientais, no caso poluição e contaminação de seus territórios, pelo ar, água ou solo. A comunidade escolhida foi Acupe, distrito localizado no município de Santo Amaro, recôncavo da Bahia, banhado pela Baía de Todos os Santos.

²Ver: <<http://percepcaocti.cgee.org.br/>> e <<http://percepcaocti.cgee.org.br/wp-content/themes/cgee/files/sumario.pdf>>. (CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS, 2015).

³ Teve como importante consequência à criação de uma rede que, em poucos meses, assumiria protagonismo crescente nas lutas pelos direitos humanos, econômicos, sociais, culturais e ambientais no país: a Rede Brasileira de Justiça Ambiental. Atualmente integrada por mais de 80 entidades, envolvendo cerca de 300 pessoas. A RBJAE tem sido responsável por um número expressivo de ações, de denúncias e de vitórias, envolvendo a justiça ambiental no Brasil. Entre elas, merece destaque, inclusive, um convênio com a Fiocruz, de assessoria técnica a grupos envolvidos em conflitos por justiça ambiental. Se considerarmos, entretanto, o universo de brasileiros e brasileiras que sofrem, diretamente, os efeitos de práticas ambientais mais nocivas, Veremos que esse debate ainda continua dependendo de um número extremamente restrito.

Para o estudo deste caso e para situar os espaços onde vivem as comunidades atingidas por degradação ambiental em Acupe, utilizo a ideia de território como um local ocupado por grupos humanos, onde são construídas as práticas produtivas e as identidades onde a cultura deixa raízes na terra. Nessa definição, Velásquez (2012) acredita que:

Los sistemas culturales, históricamente, se han construido en territorios específicos y desde ese punto de vista el territorio es una construcción social, porque ese es el territorio donde se construyen las relaciones y son éstas las que articulan los sistemas culturales (GARCÍA-RUIZ, 2009 apud VELÁSQUEZ, 2012, p. 101).

Ainda de acordo com Leff (2006), criou-se um novo discurso no qual considera conceitos como biodiversidade, desenvolvimento sustentável, território, autonomia e cultura, como políticos, e que questionam os direitos de ser e as formas de “apropriação produtiva da natureza”. Dessa forma, a distinção entre o espaço geográfico e o território é pensada como um espaço habitado por relações de poder, onde ambos os modelos, econômico e científico-tecnológico, interferem diretamente nos sistemas culturais. Ao dar significado à natureza, as populações vão construindo suas práticas e transformando o meio em espaços étnicos, frente aos desmandos de gestões políticas que usufruem economicamente dos recursos naturais.

Este modelo que explora a biodiversidade visando lucros econômicos tem sido um dos elementos de geração de conflitos sociais, econômicos e ambientais em todo mundo, principalmente no Brasil. O conceito aqui definido como biodiversidade é retirado do artigo segundo da Convenção sobre a Diversidade Biológica⁴. A partir desse conceito, Diegues e colaboradores (2000)⁵ enfatizam que a diversidade biológica não é simplesmente um conceito pertencente ao mundo natural: “é também uma construção cultural e social. As espécies são objeto de conhecimento, de domesticação e uso, fonte de inspiração para mitos e rituais das sociedades tradicionais e, finalmente, mercadoria nas sociedades modernas⁶” (DIEGUES *et al.*, 2000, p. 1).

⁴ Biodiversidade é apresentada como “a variabilidade entre os seres vivos de todas as origens, a terrestre, a marinha e outros ecossistemas aquáticos e os complexos ecológicos dos quais fazem parte: isso inclui a diversidade no interior das espécies, entre as espécies e entre espécies e ecossistemas”.

⁵ Biodiversidade e Comunidades Tradicionais no Brasil. Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal Cobia-Coordenadoria da Biodiversidade Nupaub-Núcleo de Pesquisas Sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras - Universidade de São Paulo, 2000.

⁶ A Convenção chama de “recursos biológicos” os recursos genéticos, organismos ou parte deles, populações ou qualquer outro componente biótico dos ecossistemas que apresentam uso presente ou potencial ou, ainda, algum valor para a humanidade (Artigo 2). O respeito e a manutenção dos conhecimentos e práticas tradicionais são um dos objetivos da Convenção que, em seus preâmbulos e no Artigo 8, recomenda que os benefícios derivados do uso desse conhecimento sejam também distribuídos entre as comunidades que o detêm. “Em conformidade com as legislações nacionais, [a Convenção deve] respeitar, preservar e manter o conhecimento, inovações e práticas de comunidades indígenas e locais que apresentam estilos de vida relevantes para a conservação e o uso sustentado da diversidade biológica e promover sua aplicação ampla com

Este conceito, trazido por Diegues e seus colaboradores (2000), também dialoga com os princípios da Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais, elaborado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2002), que visa “a proteção e a promoção da diversidade das expressões culturais”, a partir da criação de condições para que as culturas possam acontecer e interagir livremente, de maneira que possam beneficiar a todos.

Desde a década de 60, a crise ambiental vem dando sinais de que os padrões dominantes de produção e consumo, que marcam esse modelo econômico, chegaram ao seu limite. Deste debate surgem as ações e as estratégias para pensar a sustentabilidade econômica, que promove ações no manejo cuidadoso dos recursos naturais (SACHS, 1982, *apud* LEFF, 2004, p. 100). Estas discussões estarão dirigidas, também, à garantia dos Direitos Humanos e Ambientais dos Povos e Comunidades Tradicionais que, em geral, são os mais prejudicados pelo desenvolvimento articulado na busca pura e simples do lucro. Assim, se forma uma complexa rede de atores onde se encontram diferentes saberes oriundos de culturas em suas mais diversas formas de expressão.

De um lado há uma cultura científica, que se julga hegemônica, produzida dentro de um modelo de civilização europeia e, por outro, há saberes excluídos de povos que foram colonizados por esse sistema (FOUCAULT, 1980; LANDER, 2000; MIGNOLO, 2000 *apud* LEFF, 2004). Neste sentido, Leff (2004) afirma que a racionalidade ambiental necessita gerar estratégias do saber, para enfrentar as estratégias do conhecimento que colonizaram os saberes e as práticas culturais que habitam um espaço biodiverso.

La racionalidad ambiental atraviesa ese campo de fuerzas. Arraigar la sustentabilidad en nuevos territorios de vida implica, más allá de construir nuevas epistemologías y ontologías, generar estrategias del saber para enfrentar las estrategias del conocimiento que han colonizado los saberes y las prácticas de seres culturales diferenciados que habitan un planeta biodiverso. La capitalización de la naturaleza está generando así diversas manifestaciones de resistencia cultural al discurso y a las políticas del neoliberalismo ambiental, al igual que nuevas estrategias para la reapropiación del patrimonio histórico de recursos naturales y culturales de los pueblos. (LEFF, 2004, p. 131).

Sendo assim, cria-se uma conformação de posições entre as estratégias para assimilar as condições de sustentabilidade, os mecanismos de mercado e movimentos de resistências que se articula com a construção de novo modelo de sustentabilidade. Dessa maneira, os recursos ambientais constam como capacidades potenciais de “reconstruir el proceso económico dentro de una nueva racionalidad productiva, planteando un proyecto social

a aprovação e o envolvimento dos possuidores de tais conhecimentos, inovações e práticas e encorajar a distribuição dos benefícios derivados de tais conhecimentos, inovações e práticas” (Artigo 8j).

fundado en las autonomías culturales, la democracia y la productividad de la naturaleza” (LEFF, 2004, p. 131).

Ideias de um novo modelo, que incluiria os saberes ambientais, acabaram sendo motivo de reflexão de diferentes teóricos. Para Santos (1989), a natureza da revolução científica que atravessamos é estruturalmente diferente da que ocorreu no século XVI e não se trata, apenas, de um paradigma científico, pois ele é também um paradigma social.

Ao reconhecer que o conhecimento do senso comum também é mistificado e mistificador, sendo conservador, pode-se ter uma dimensão utópica e libertadora que pode ser ampliada através do diálogo com o conhecimento científico. “Deixado a si mesmo, o senso comum é conservador e pode legitimar prepotências, mas interpenetrado pelo conhecimento científico, pode estar na origem de uma nova racionalidade” (SANTOS, 1989, p. 21).

Santos (2002) afirma que entre a ciência e o senso comum ocorre uma falta de diálogo fundamental para ampliar o abismo entre ambos. O autor acredita que pode haver convergência e respeito entre essas duas áreas de conhecimento importantes para a evolução humana, comungando com a ideia de que a Ciência moderna não é a única explicação possível para a realidade.

Na concepção de Morin (2010), a Ciência é controversa, ou seja, ao mesmo tempo em que proporciona progressos técnicos inéditos, é elucidativa e enriquecedora, ela tem apresentado, cada vez mais, problemas graves no que tange ao conhecimento que produz, à ação que determina, à sociedade que transforma. Sendo assim, “essa ciência libertadora traz, ao mesmo tempo, possibilidades terríveis de subjugação. Esse conhecimento vivo é o mesmo que produziu a ameaça do aniquilamento da humanidade” (MORIN, 2010, p.16).

Quando se pensa na Ciência em sua concepção “clássica”, Morin (2010) acredita que ela ainda reina nos dias atuais e separa, “por princípio, fato e valor, ou seja, elimina do seu meio toda a competência ética e baseia seu postulado de objetividade na eliminação do sujeito do conhecimento, para saber o que é um sujeito” (MORIN, 2010, p. 118). Dessa forma, responsabilidade é, portanto, não sentido, não ciência. O pesquisador é irresponsável por princípio e profissão. “Ao mesmo tempo, a questão da responsabilidade escapa aos critérios científicos mínimos que pretendem guiar a distinção do verdadeiro e do falso. Está entregue às opiniões e convicções, e, se cada um pretende e julga ter conduta ‘responsável’, não existe, fora da ciência nem dentro dela, um critério real da ‘verdadeira responsabilidade’.” (MORIN, 2010, p. 118).

Uma característica marcante da Ciência na sociedade foi a influência do discurso científico na crise ambiental que teve início no século passado. Para Diegues e colaboradores

(2000), os cientistas naturais passaram a exercer uma importância cada vez maior, e a visão predominante tratava-se de proteger o mundo natural contra a ação humana. Esse discurso tinha como base os novos direcionamentos para o “conservacionismo” nos países em desenvolvimento, mais precisamente, o que era denominado de “etnoconservação”. Esta, segundo Pereira & Diegues (2010), era compreendida como uma das soluções capazes de acabar ou frear a intensa destruição da Natureza que, como foi dito anteriormente, tem relação direta com o modelo econômico capitalista de desenvolvimento adotado por diversos países.

Os debates e estudos sobre a “etnoconservação” passaram, na década de 50, a ser um vínculo entre a conservação e o manejo dos recursos naturais, por populações tradicionais. Contudo, esse modo de produção sofria resistência e não era muito aceito, devido ao não enquadramento aos padrões sociais da época.

O fato de o modo de produção não se enquadrar completamente nos padrões da sociedade urbano-industrial e ser caracterizado, em parte, como de subsistência, remete ao sistema de manejo de recursos naturais que estas populações utilizam. Ainda segundo Diegues (2008, p. 84), este manejo é diferenciado, uma vez que, fundamentalmente, não visa ao lucro, mas está interligado com a reprodução social e cultural, adicionado de percepções, acerca da natureza e seus ciclos. (PEREIRA & DIEGUES, 2010, p. 40).

Dessa forma, estudos que analisaram o conhecimento etnoconservador acabaram proporcionando novo “padrão de análise científica, baseado no levantamento do conhecimento humano, sobre o ambiente natural, chamado de etnociência”⁷. Nesse novo padrão, Pereira & Diegues (2010) enfatizam que a exigência era que houvesse uma articulação entre o natural e o social, onde a metodologia seria a investigação das nomenclaturas instituídas pelas populações tradicionais para os elementos e fenômenos naturais, do mesmo modo como os valores culturais que carregam.

Esse novo padrão demonstrou que as desigualdades sociais, que geram a pobreza, são uma consequência do sistema capitalista vigente e seu grande responsável pela crise ecológica. Pereira e Diegues (2010) destacam que a insuficiência e afinidade de grande parte dos recursos naturais acabam por ameaçar a sobrevivência humana. Esse novo modelo, a etnoconservação, tem sofrido com obstáculos para sua difusão no meio acadêmico. Isso, porque rompe com os padrões clássicos dessa ciência reducionista. Para Pereira & Diegues (2010),

⁷Como etnociência se designa a área de conhecimento multi, inter e transdisciplinar de documentação, estudo e valorização dos conhecimentos e das práticas produzidos por um grupo cultural e transmitidos por multimeios não convencionais (FERNANDES, C. 2007). Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/artigos/791494>>.

Não é tarefa fácil, pois nossas próprias instituições de pesquisa e ensino são, em geral, unidisciplinares, discriminadoras dos saberes tradicionais, marcadas por “correias de transmissão” que nos ligam aos grandes centros, dentro e fora do país, onde são gerados modelos científicos reducionistas que, transformados em práticas (ou ideologias), levam a uma conservação hegemônica, autoritária e pouco eficaz. (PEREIRA & DIEGUES, 2010, p.45)

Outros teóricos, como Freitas & Gomez (1997), apontam que há necessidade de novos desafios para as Ciências Sociais, na tentativa de ampliar seu espaço no campo da saúde ambiental, sobretudo nas análises de risco, de incorporar o saber e a participação daqueles que estão expostos aos riscos no seu cotidiano.

No fim dos anos 60, nos EUA, Larrère & Larrère (1997) afirmavam que os ecologistas preservacionistas defendiam que a natureza deveria ser preservada. Sob o ponto de vista político constatou-se que, sem o apoio dessas comunidades, grande parte das ações conservacionistas e preservacionistas tem efeito oposto à real conservação dos habitats e dos recursos naturais.

Diegues e colaboradores (2000) afirmam que, sob o ponto de vista cultural, esses estudos mostram que o manejo e a gestão das áreas naturais podem estar profundamente ligados à visão de mundo e práticas culturais e simbólicas das chamadas comunidades tradicionais e não, exclusivamente, a conceitos e práticas científicas, em sua acepção moderna. Para alguns autores, as culturas e os saberes tradicionais são responsáveis pela manutenção da biodiversidade dos ecossistemas.

Se as sociedades tradicionais viveram, até o presente, no interior de uma natureza que nós ocidentais julgamos hostil, é essencialmente devido ao saber e ao saber-fazer acumulados durante milênios e que nós reconhecemos, hoje, seu valor intrínseco. (J. BONNEMAISON 1993 *apud* LEVEQUE, 1997, p. 55-56). (DIEGUES et. al, 2000, p. 15).

Os ideais modernos sobre a questão ambiental devem ser entendidos de forma ampla, pois estão relacionados não apenas às consequências da grande “transformação urbano-industrial” que ganhou importância nos séculos XIX e XX, mas também com uma série de outros processos “macro-históricos” anteriores. Esses séculos também foram marcados por dicotomias como a objetividade-subjetividade; indivíduos-sociedade; agente-estrutura e natureza-cultura, que têm ressaltado o pensamento científico e social.

Nos anos 60, diversos movimentos sociais, acompanhados por debates epistemológicos no campo da ciência, lançaram novas bases para as tentativas de superação desses pares dicotômicos, próprios do pensamento ocidental. Como esforço de recuperação da imbricação entre natureza e cultura, interessa destacar a emergência de uma crítica ambiental à moderna sociedade industrial representada pela ecologia. (ZHOURI, LASHEFSKI e PEREIRA, 2005, p. 13).

De acordo com Foladori & Taks (2001), quando falamos das atitudes e relações das sociedades não ocidentais com o meio ambiente, os estudos antropológicos se debruçam nas pesquisas sobre a compreensão que os povos faziam da natureza exterior. Estes estudos possibilitaram outro tipo de entendimento sobre a relação sociedade-natureza, o que provocou, segundo os autores, o abandono do ponto de vista etnocêntrico e que considerava a natureza como a ordem objetiva descrita pelas ciências naturais. Dessa forma, cada povo atribuía significados culturais diversos, de acordo com um modelo “mental intra ou supraorgânico”, o que configurou um tratamento cuidadoso do dualismo natureza/cultura.

A preocupação com a destruição do meio ambiente ganhou mais tensão a partir do fim da Segunda Guerra Mundial e em repúdio aos horrores causados por ela. A partir daí, o ambientalismo passa a ter forte ligação com as manifestações de caráter ético e em oposição às mazelas deixadas pela guerra, sobretudo no que tange a prática do eugenismo⁸ e da bomba atômica. De acordo com Alberguini (2013), as primeiras manifestações do movimento ecológico surgiram dentro da comunidade científica, nos anos de 1940 e 1950, com a realização de conferências entre os pares. Em 1970, a história ambiental começou a se estruturar como campo historiográfico consciente e com crescente institucionalização na academia de diversos países.

Segundo Pádua (2010), a primeira sociedade científica que investigou essas questões de forma mais profunda foi a *American Society for Environmental History*, criada em 1977. A partir daí, foi possível perceber o aparecimento de um “ambientalismo complexo e multissetorial” com características fortes no cenário global e que representou, segundo o autor, um dos fenômenos sociológicos mais significativos da história contemporânea. Considerado como um movimento histórico, mais do que social e que teve grande repercussão em diferentes campos.

A ideia de “ecologia” rompeu os muros da academia para inspirar o estabelecimento de comportamentos sociais, ações coletivas e políticas públicas em diferentes níveis de articulação, do local ao global. Mais ainda, ela penetrou significativamente nas estruturas educacionais, nos meios de comunicação de massa, no imaginário coletivo e nos diversos aspectos da arte e da cultura. O avanço da chamada globalização, com o crescimento

⁸ Eugenia é um termo criado em 1883 por Francis Galton (1822-1911), significando “bem nascido”. Galton definiu eugenia como “o estudo dos agentes sob o controle social que podem melhorar ou empobrecer as qualidades raciais das futuras gerações, seja física ou mentalmente”. No Brasil, as primeiras manifestações eugenistas ocorreram no século XIX, pois seus pressupostos forneciam uma explicação para a situação do país (que seria de “atraso”) e, ao mesmo tempo, indicavam o caminho para a superação dessa situação. Seus maiores defensores foram Nina Rodrigues e Arthur Gobineau.

qualitativo e quantitativo da produção científica e tecnológica e da velocidade dos meios de comunicação, catalisou uma explosão de temas da vida e do ambiente na agenda política. De acordo com Pádua (2010), a discussão ambiental se tornou ao mesmo tempo criadora e criatura do processo de globalização. A própria imagem da globalidade planetária, em grande parte, é uma construção simbólica desse campo cultural complexo (PÁDUA, 2010).

Ideias de que “a ação humana pode produzir um impacto relevante sobre o mundo natural, inclusive ao ponto de provocar sua degradação; a revolução nos marcos cronológicos de compreensão do mundo; e a visão de natureza como uma história, como um processo de construção e reconstrução ao longo do tempo” (PÁDUA, 2010, p. 83), têm sido processuais e fundamentais para que as questões ambientais ganhem notoriedade na cena política do mundo global.

Dessa forma, alguns estudiosos ligados à cultura defendem que as reflexões sobre as problemáticas ambientais atuais devem ser discutidas baseadas no conceito de cultura ambiental. De acordo com Kaufmann (2009), esse novo pensamento ajuda as sociedades a pensarem em novos formatos para os valores e comportamentos humanos, no que tange às questões ambientais, que “devem surgir como uma problemática social e ecológica generalizada, mexendo, dessa forma, com todos os âmbitos da organização social, todos os grupos e classes sociais, onde existe a necessidade de abordar o tema da complexidade ambiental.” (KAUFMANN, 2009, p. 5-6).

Segundo Meadows e colaboradores (1973), a visão crítica sobre a crise ambiental, do ponto de vista científico, surge de forma organizada a partir de 1972, em Estocolmo, difundindo-se a ideia do crescimento econômico sem limites, que passa a ser questionado. Contudo, mesmo a alarmante previsão do Relatório de Meadows⁹ e com diversos encontros realizados para estudar e discutir questões ambientais em níveis mundiais, poucos avanços foram dados nas últimas décadas.

Em 1992, a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro, enfatizava a necessidade da defesa de uma visão política sobre o desenvolvimento sustentável, para garantir às futuras gerações o direito aos recursos naturais e para a sobrevivência no planeta. Esse encontro foi um dos mais significativos no âmbito, pois contribuiu para uma visão de desenvolvimento sustentável, com o progresso das

⁹ O Relatório do Clube de Roma ou Relatório Meadows, intitulado de “Os Limites do Crescimento” foi elaborado, em 1972, por uma equipe do Massachusetts Institute of Technology (MIT). Contratada pelo Clube de Roma e chefiada por Dana Meadows, o documento tratava de problemas cruciais para o futuro desenvolvimento da humanidade tais como energia, poluição, saneamento, saúde, ambiente, tecnologia e crescimento populacional. Após publicação, vendeu mais de 30 milhões de cópias em 30 idiomas, tornando-se o livro sobre ambiente mais vendido da história.

sociedades humanas mantido pela conjugação das dimensões econômica, ecológica e social, em torno do pilar da sustentabilidade. Sendo assim, pensar apenas em crescimento econômico não correspondia a uma melhoria de vida das pessoas.

Esperava-se que essa nova visão fosse aceita por todos para combater a crise ambiental, contudo, ela aprofundou o enfrentamento entre os grandes empreendimentos econômicos e as populações em seus territórios. A falta de consenso entre esses interesses e as culturas locais, contribuiu na instauração das injustiças ambientais que, conseqüentemente, levaram aos conflitos ambientais, crescentes no país (TAYRA, 2002).

Nas relações sociedade-natureza, tanto os homens, como as empresas e o Estado provocaram inúmeras interferências negativas, causando sérios problemas ambientais, tais como: poluição atmosférica, desmatamento, aterramento dos mangues, contaminação de rios e do mar, uso abusivo de agrotóxicos, provocando a destruição da biodiversidade e afetando diretamente algumas comunidades e suas formas de produção.

Nessa perspectiva, é preciso pensar uma cultura ambiental onde os indivíduos estejam inseridos na discussão ambiental, pois eles também são integrantes dos ecossistemas e maiores causadores da crise instalada na atualidade. A integração do indivíduo nessa problemática tende a levar em consideração, cada vez mais, um desenvolvimento sustentável que, na concepção de Tayra (2002), visa conciliar crescimento econômico com preservação/controle ambiental, portanto, um desenvolvimento economicamente viável e ecologicamente equilibrado, a um só tempo.

Mas como pensar esse desenvolvimento dentro de contextos sociais cada vez mais distantes, onde a pobreza, a fome e as desigualdades sustentadas por um sistema global excludente assolam as comunidades? Desde a década de 70 foram realizadas diversas conferências para tentar encontrar soluções para a problemática ambiental, compatíveis com o modelo econômico vigente, que parece ser um caminho sem volta. Contudo, o debate em torno da questão ambiental colocou na ordem do dia demandas relativas a problemas potencialmente vitais para a sociedade, colocando-se então para os pensadores sociais, políticos e econômicos a tarefa de interpretar tal problemática, enquanto produto do desenvolvimento socioeconômico e de incorporá-lo em seus arcabouços conceituais (TAYRA, 2002, p. 6).

Tayra (2002) e Kaufmann (2009) concordam quando defendem que as classes sociais e as atividades da vida cotidiana devem estar ligadas e em conformidade com a preocupação de se estabelecer uma cultura ambiental, pois esta discussão independe de segmentos sociais, pelo contrário, ela precisa estar conectada a todos os âmbitos da sociedade, pois sua

destruição afeta a todos. Este olhar considera os processos culturais como decisivos para pensar as questões ambientais no âmbito das práticas culturais, considerando que devem ser “pensadas a partir da inter ou transdisciplinaridade, devido ao caráter complexo das discussões que envolvem diversos campos sociais” (KAUFMANN, 2009, p. 7-8).

A autora sugere ainda, que as práticas sociais sejam examinadas sob um ponto de vista cultural, não perdendo de vista aqui que, como cultura se entende as práticas, os valores, comportamentos de todos os indivíduos, as distintas formas de compreensão, representação do mundo e das várias identidades, formadas e transformadas continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. As culturas também são estas diversas formas de ver e de se ver no mundo. (KAUFMANN, 2009, p.8-9).

Inserido nesse contexto cultural, indissociável das relações sociais, o meio ambiente é o tempo todo transformado pelas práticas culturais dos indivíduos. Contudo, essas transformações atingiram grande proporção e estão baseadas numa lógica de dominação e destruição. Para tentar não destruir mais o planeta em que vivemos, temos que desenvolver nossas práticas culturais e sociais para uma relação harmônica e sustentável com o meio ambiente, pois a razão de ser da cultura ambiental é modificar os valores e comportamentos, a partir do princípio da sensibilização ambiental, da sustentabilidade, pensando nas gerações futuras e na sobrevivência do planeta (KAUFMANN, 2009).

Sendo assim, a sobrevivência do planeta está fortemente ligada à preservação das culturas e a gestão responsável dos problemas ambientais, este pensamento inclui a cultura ambiental sempre adaptada às necessidades e especificidades de cada lugar, dessa forma, precisamos considerar quando realizamos qualquer ação, a agressão que esse local vai sofrer.

2.2 Crise ambiental: poluição ambiental e seus agravantes para a saúde

Entre os inúmeros problemas ambientais, os vestígios da poluição podem ser encontrados no país nas mais diferentes formas e, eles têm sido agravados com o aumento do número de habitantes em áreas urbanas, mais do que em áreas rurais: urbanização acelerada e sem regulação. Esses elementos têm trazido desastrosas repercussões na saúde das populações que convivem diariamente com o problema em seus territórios. “Problemas como a insuficiência dos serviços básicos de saneamento, coleta e destinação adequada do lixo e condições precárias de moradia, tradicionalmente relacionados com a pobreza e o

subdesenvolvimento, somam-se, agora, à poluição química e física do ar, da água e da terra, problemas ambientais antes considerados ‘modernos’” (GOUVEIA, 1999, p.49).

São as populações que estão em situação de vulnerabilidade que mais sofrem os efeitos negativos da contaminação do ar, da água e da terra, aumentando o abismo da desigualdade e da injustiça ambiental. As cidades já não conseguem oferecer qualidade de vida e tornaram-se ambientes insalubres.

Observa-se, também em nosso meio, ainda que mais recentemente, uma maior aproximação entre as preocupações com questões relacionadas às condições de saúde da população e com o meio ambiente, principalmente o meio ambiente urbano onde essa população vive. (GOUVEIA, 1999, p.50).

No campo da saúde coletiva, recentes estudos estão sendo feitos com a preocupação de associar as péssimas condições de saúde da população com a contaminação ambiental. Nessas pesquisas, a saúde ambiental deve ser entendida como agravos à saúde, devidos a fatores físicos, químicos e biológicos, diretamente relacionados com a poluição, o que atribui um caráter eminentemente ecológico ao processo saúde-doença.

Esta concepção "ambiental" da doença foi novamente reforçada a partir dos séculos XVI e XVII, com a Teoria dos Miasmas, que concebia a transmissão das doenças pelo ar e pelos odores. Apesar da teoria miasmática ter sido hegemônica, até meados do século XIX, a crescente urbanização da Europa e a consolidação do modo de produção fabril, seguidos à Revolução Francesa, fizeram crescer os movimentos que atribuíam às condições de vida e trabalho das populações, papel importante no aparecimento de doenças. Para estes, o meio ambiente passa, então, a adquirir um caráter predominantemente social (BARATA, 1990, *apud* GOUVEIA, 1999, p. 51-52).

A contaminação ambiental por metais pesados e resíduos industriais tem agravado os problemas de saúde de populações que se utilizam de recursos naturais para sua sobrevivência, de forma direta. E é nesta interface, entre saúde e meio ambiente, que estão sendo mapeadas as injustiças ambientais por um conjunto de pesquisadores no campo das ciências sociais e da saúde.

A contaminação ambiental está presente em diversos ecossistemas, sobretudo, nos manguezais, rios e mar. Tratarei destes três, pois estão diretamente relacionados com o meu sujeito de pesquisa: as mulheres marisqueiras. O mangue¹⁰ tem sido local de importância para

¹⁰ O manguezal é considerado um ecossistema costeiro de transição, entre os ambientes terrestre e marinho. Característico de regiões tropicais e subtropicais, ele está sujeito ao regime das marés, dominado por espécies vegetais típicas, às quais se associam a outros componentes vegetais e animais. Seu ecossistema está associado às margens de baías, barras, enseadas, desembocaduras de rios, lagunas e reentrâncias costeiras, onde haja encontro de águas de rios com as do mar, ou diretamente expostos à linha da costa. A cobertura vegetal instala-se em substratos de vasa de formação recente, de pequena declividade, sob a ação diária das marés de água salgada ou, pelo menos, salobra. A riqueza biológica dos ecossistemas costeiros faz com que essas áreas sejam os grandes “berçários” naturais, tanto para as espécies características desses ambientes,

diversas famílias, pois é dele que elas tiram o sustento para sobrevivência nas comunidades ribeirinhas do Recôncavo da Bahia. Em Acupe não é diferente, contudo, a contaminação nessa comunidade, tem tornado essa prática muito perigosa para a saúde dos pescadores e marisqueiras. Segundo Souto e Martins (2009), os mangues são ecossistemas mantenedores de diversidade, pois oferecerem condições propícias para a alimentação, reprodução e proteção de muitas espécies. Contudo, além de serem importantes transformadores na reciclagem de nutrientes e de matéria orgânica, os mangues têm função central nessas comunidades, pois é uma das poucas alternativas de subsistência e renda da maioria das famílias.

A destruição dos manguezais pela poluição e os efeitos disso na população que trabalha diretamente nestes ecossistemas são sentidos na saúde desses trabalhadores. De acordo com estudos realizados em comunidades ribeirinhas e quilombolas, como em Ilha de Maré, que também faz parte da Baía de Todos os Santos, a contaminação tem provocado inúmeras doenças físicas e psicológicas, como ansiedade e medo, enfermidades também relatadas pelas marisqueiras de Acupe – Santo Amaro. De acordo com Freitas (2014), o modelo que explica a contaminação ambiental nessas comunidades tem estruturas binárias e triangulares que, segundo ela, são:

Expressas para interpretar os objetos do cotidiano que estão em conexão com esse problema, como: mangue/esgoto/lixo; céu/contaminação; noite/asma; poluição/natureza da pessoa; mangue sujo/doença; noite/poluição/perigo; lua minguante/cheiro de tinta no ar/desmanche; mar desconfiado/contaminação; tristeza de Nanã/ redução do marisco, dentre outros. Eles crêem, com mais ou menos veemência que fenômenos sobrenaturais e cosmológicos influenciam na maior ou menor poluição do meio ambiente. (FREITAS, 2014, p.167).

A partir desse relato de Freitas (2014), é possível compreender a relação entre o ambiente e o padrão de saúde de uma população, que tem referência com o campo da “Saúde Ambiental” ou “Saúde e Ambiente”. Desde 1990, foi comprovado que um conjunto de elementos e fatores específicos, como substâncias químicas, elementos biológicos ou situações que interferem no estado psíquico do indivíduo, relacionados com aspectos negativos do desenvolvimento social e econômico dos países, são decisivos na afetação da saúde. Dessa forma, não se pode deixar de associar as questões ambientais com as relacionadas com a saúde, sobretudo nos povos e comunidades tradicionais que, em sua maioria, precisam dos ecossistemas naturais para sobreviver.

como para peixes e outros animais que migram para as áreas costeiras durante, pelo menos, uma fase do ciclo de sua vida. No mundo existem cerca de 162.000 km² manguezais e no Brasil cerca de 25.000 km².

De acordo com Tambellini & Câmara (1998), no Brasil, durante anos, esta preocupação foi quase que exclusiva de instituições voltadas ao saneamento básico (água, esgoto, lixo, etc.), “[...] estando presentes nas propostas governamentais e vinculadas a diversos espaços dentro do aparelho de estado, notadamente em alguns ministérios como o da Saúde e do Interior, secretarias estaduais e municipais, além de algumas universidades” (TAMBELLINI & CÂMARA, 1998, p. 48).

Esse quadro foi alterado a partir da década de 70, quando o agravamento dos problemas ambientais proporcionou o surgimento de novas instituições, como a Companhia Estadual de Tecnologia em Saneamento Ambiental (CETESB) e a Fundação Estadual de Engenharia do Meio Ambiente (FEEMA), que contribuíram para o acréscimo de ações para o controle da poluição, mas sem um vínculo direto com o sistema de saúde. Além das novas abordagens da academia que renovaram seu aporte institucional, associado a outras organizações civis no interior da luta pela redemocratização do país (BRASIL, 1985; TAMBELLINI & CÂMARA, 1998).

Outros elementos associados a uma preocupação com a saúde e o ambiente, e que têm grande importância para a melhoria da saúde do trabalhador, são os estudos sobre Saúde Coletiva que, segundo Tambellini & Câmara (1998), esse novo campo de estudo, chamavam a atenção para a importância de uma concepção de Saúde Ambiental, baseada nos modelos epidemiológicos tradicionais. “[...] Sendo que, em sua versão mais avançada, essa noção alinhava fatores de riscos ambientais a doenças e agravos à saúde, em populações expostas a agentes físico-químicos, determinados em situações definidas como não-ocupacionais” (TAMBELLINI & CÂMARA, 1998, p.49).

Dessa forma, com a poluição ambiental, a saúde do trabalhador está, a cada dia, mais comprometida, por isso os estudos sobre uma “nova Saúde Ambiental” como elemento integrante do campo da Saúde Coletiva. Isso, segundo os autores, se tornou possível quando a Saúde do Trabalhador passou a se estabelecer como disciplina integrante do campo, onde se declara peça de uma relação mais ampla que abrange a produção, o ambiente e a saúde.

Um estudo realizado em cinco comunidades pesqueiras da Bahia (Baiacu, Matarandiba, Engenho da Cruz, Santiago do Iguape e Acupe nos municípios de Cachoeira, Santo Amaro e Vera Cruz - na Ilha de Itaparica), em 2014, para averiguar o nível de doenças crônicas não-transmissíveis em pescadores, detectou alguns problemas de saúde mais recorrentes nestas populações. Um percentual de 40% dos trabalhadores entrevistados apontou o trabalho com a pesca, como sendo a causa das enfermidades mais frequentes. Este fator, segundo Meneses (2015), está atrelado “[...] à falta de assistência básica à saúde, de

assistência trabalhista e condições precárias no ambiente de trabalho e estão relacionados à corroboração do adoecimento nestas comunidades.” (MENESES, 2015, p.7).

No caso específico da hipertensão, a alegação dos pescadores e marisqueiras ficou por conta do contato frequente com o sal do mar e as situações de estresse pelos riscos por eles vivenciados, como uma das maiores causas desta doença. A exposição do corpo às atividades de esforço brusco ou repetitivo está intrinsecamente relacionada com problemas de saúde desenvolvidos na população pesqueira, fato que se pode constatar até mesmo por leigos.

Um estudo desenvolvido pelo médico prof. Dr. Paulo Pena (PENA & MARTINS, 2014), explica minuciosamente a causalidade entre as condições de trabalho e o adoecimento de marisqueiras, em uma pesquisa realizada em comunidades pesqueiras na BTS. Não é interesse nem objetivo do presente trabalho, interpretar como causalidade, o labor da pesca e o adoecimento, pois não houve estrutura, alcance, nem projeção alguma de pesquisa neste sentido. Contudo, a experiência da pesquisa de Dr. Paulo Pena oferece subsídios argumentativos para entender ambos os processos da doença e do trabalho, se constituindo mutuamente (MENESES, 2015, p.8).

A conclusão da autora é que esses problemas ocorrem devido à falta de políticas públicas relacionadas ao sistema pesqueiro. É visível, “[...] seja por parte dos órgãos que fomentam as atividades de pesca no estado e no país, seja por parte dos órgãos de vigilância sanitária, a necessidade de priorizarem o atendimento educacional, preventivo e de seguridade de saúde, a pescadores e marisqueiras” (MENESES, 2015, p.2).

Para tanto, vale ressaltar a inexistência de normas regulamentares sobre o trabalho do pescador. As condições de trabalho, no sistema pesqueiro, são precárias, assim como, são escassos, os estudos sobre características socioeconômicas e culturais desse sistema. Isso é agravado ainda mais pelo fato de que as comunidades pesqueiras, não apenas estão sujeitas a um conjunto de riscos específicos, como também estão expostas a fatores de risco provocados pelo crescimento das atividades antrópicas, com potencial de contaminação da água, sedimento atmosfera e pescado (CARSON, 2010; CRA, 2005; MENESES, 2015, p.2).

A partir dessa pesquisa, foi possível mapear o que os autores chamaram de “principais doenças crônicas não-transmissíveis (DCNT)” que afligem as comunidades pesqueiras analisadas. Foram listados 415 casos de doenças em 127 pessoas, ou seja, cada pessoa entrevistada, em média, sofre de pelo menos três das doenças relatadas. “Os problemas ortopédicos, problemas de visão e hipertensão arterial, são as doenças com maior incidência e também são consideradas, pelos pescadores e marisqueiras, as mais graves” (MENESES, 2015, p.7).

2.3 A pesca artesanal e seu legado cultural e social

Com uma costa marítima de 8,5 mil km, por possuir 12% de toda a água doce do planeta e ainda 8,2 bilhões de m³ de água distribuídos em rios, lagos, açudes e represas, além de muitas riquezas naturais, as condições ambientais e climáticas do Brasil são favoráveis para a prática pesqueira, dessa forma, segundo o Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA), tem potencial para estar entre os maiores produtores de pescado no mundo. Sendo assim, no Brasil, a pesca é classificada em três tipos: amadora, artesanal e industrial¹¹, todas regulamentadas e assistidas pelo MPA.

De acordo com dados divulgados no Panorama da Conservação dos Ecossistemas Costeiros e Marinhos do Brasil, em 2012, “a Zona Costeira Marinha do país se estendem da foz do Rio Oiapoque à foz do Rio Chuí e dos limites dos municípios da faixa costeira, a oeste, até as 200 milhas náuticas, incluindo as áreas em torno do Atol das Rocas, dos arquipélagos de Fernando de Noronha e de São Pedro e São Paulo e das ilhas de Trindade e Martin Vaz, situadas além do citado limite marítimo” (GONÇALVES, PRATES & ROSAS, 2012, p. 11). Isso para ter uma dimensão da abrangência dessa zona, que abriga uma faixa terrestre de largura variável e se estende por aproximadamente 10.800 km, ao longo da costa.

O relatório informa, também, que a Zona Costeira tem suas reentrâncias naturais com área de aproximadamente 514 mil km², dos quais 324 mil km² correspondem ao território de 395 municípios distribuídos ao longo dos 17 estados litorâneos (MMA, 2008). Apresenta também, área de relevo variável e presença de aproximadamente 1/4 da população brasileira, resultando numa densidade demográfica de cerca de 87 habitantes por km², índice cinco vezes superior à média do território nacional (GONÇALVES, PRATES & ROSAS, 2012, p.59).

Essa estreita faixa continental abrange 17 estados e, ainda, concentra 13 das 27 capitais brasileiras, algumas das quais, regiões metropolitanas, onde vivem milhões de pessoas, um indicador do alto nível de pressão antrópica a que seus recursos naturais estão submetidos. (GONÇALVES, PRATES & ROSAS, 2012, p.59).

Diante de toda essa imensidão da Zona Costeira Marinha brasileira, vamos concentrar melhor atenção nos manguezais, espaço de trabalho das marisqueiras e das mulheres de

¹¹Essa modalidade, segundo informação do MPA, utiliza embarcações de médio e grande porte, exige infraestrutura portuária apropriada para o desembarque dos peixes e a relação de trabalho dos pescadores acontece por meio de vínculo empregatício com o responsável pela embarcação. Para a realização desta atividade, que tem como objetivo a captura de grande número de pescado, é necessário o uso de tecnologia sofisticada, diferente da pesca artesanal que é baseada em simplicidade. A pesca industrial no Brasil é composta por cerca de 1.600 embarcações (de acordo com o Sistema Informatizado do Registro Geral da Atividade Pesqueira – SisRGP) e envolve cerca de nove mil trabalhadores dentro destas embarcações. Na Bahia não há dados estatísticos claros sobre a participação do estado no cenário da pesca industrial.

Acupe. Segundo Gonçalves, Prates & Rosas (2012), os mangues são ecossistemas costeiros que transitam entre os ambientes, terrestres e marítimos, peculiares de regiões tropicais e subtropicais, sujeito ao regime das marés. Os manguezais abrangem cerca de 1.225.444 hectares, estão presentes em praticamente todo o litoral brasileiro, desde o Oiapoque até a Laguna, em Santa Catarina. Eles se caracterizam, segundo relatório do Ministério do Meio Ambiente, de 2009, por serem zonas de elevada produtividade biológica, pois neles estão presentes representantes de todos os elos da cadeia alimentar. “Estão morfologicamente associados a costas de baixa energia ou a áreas estuarinas, lagunares, baías e enseadas, que fornecem a proteção necessária ao seu estabelecimento (DIEGUES, 2002)” (GONÇALVES, PRATES & ROSAS, 2012, p.103).

A Organização Mundial de Saúde (OMS) reconhece o pescado como a proteína animal mais saudável e consumida no mundo, e recomenda o consumo mínimo de 12 kg por habitantes ao ano. No Brasil, o consumo chega a 14,5 kg por habitante/ano, segundo levantamento realizado em 2013.

Os três tipos de pesca do Brasil movimentam o cenário pesqueiro, sendo que a pesca Artesanal, mais praticada pela comunidade de Acupe, é realizada por 1 em cada 200 brasileiros e é considerada uma das mais tradicionais atividades econômicas do país, sendo exercida por produtores autônomos, em regime de economia familiar ou individual. Dessa forma, trata-se de:

Uma das modalidades de pesca que se caracteriza pela simplicidade da tecnologia e pelo baixo custo da produção, produzindo com grupos de trabalho formados por referenciais de parentesco, sem vínculo empregatício entre as tripulações e o mestre de bote. (MALDONADO, 1986, p. 15 *apud* SILVA, 2013, p. 28).

Dados do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (IBAMA), divulgados em 2008, atestaram que a produção marítima nacional de pescado passou de 35%, em 1980, para 52,5%, em 2002. Sendo que a Bahia é o 3º maior produtor do país, responsável por 80.000 t/ano, com cerca de 350 comunidades pesqueiras, distribuídas em 44 municípios, com aproximadamente 70 mil pessoas envolvidas nesse sistema. A Baía de Todos os Santos (BTS), a maior do país, com 184 km de costa e aproximadamente 3,5 milhões de habitantes, abriga 173 comunidades pesqueiras, distribuídas em 15 municípios, e com cerca de 40 mil pessoas que, envolvidas no sistema pesqueiro, são responsáveis pela produção de 15.000 t/ano de pescado.

Uma estimativa, divulgada no Registro Geral da Atividade Pesqueira (RGP) do MPA, apontou quase um milhão de pescadores artesanais no Brasil, constituindo-se, dessa forma,

como uma das atividades de maior impacto social e econômico no país, realizada na grande extensão litorânea e da biodiversidade pesqueira nas 12 grandes bacias hidrográficas brasileiras. Aproximadamente 45% de toda a produção anual de pescado, desembarcada, são oriundos da pesca artesanal.

O pescador artesanal tem profissão licenciada pelo MPA, o que permite que diversas ações de infraestrutura e comercialização do pescado sejam desenvolvidas, a exemplo de: fábricas de gelo, caminhões frigoríficos, cozinhas comunitárias, pontos comerciais fixos, kit de manipulação de pescados (especificamente mariscos), câmaras frias, entre outros. Além da infraestrutura, os profissionais da pesca possuem benefícios como o Seguro-Defeso¹², pago ao pescador artesanal durante o período em que a pesca fica proibida por conta da reprodução das espécies. Essa medida visa assegurar o desenvolvimento pesqueiro, de forma consciente e sustentável¹³.

Existe no mundo um contingente de 25 a 34 milhões de homens e mulheres nas atividades de pesca, e destes, 75% são pescadores artesãos, segundo dados divulgados pela Organização Internacional do Trabalho (OIT). A pesca artesanal representa, no Brasil, uma importante modalidade de trabalho. Em 2006, o indicativo era 390.761 pescadores artesanais, estando 47% concentrados nos estados do Nordeste. A Bahia possui 36.851 pescadores registrados, o que pode chegar a 150 mil, segundo estimativas de organizações não governamentais.

É importante ficarmos atentos à capacidade de reposição dos estoques pesqueiros, pois, segundo estudiosos e até mesmo os pescadores e marisqueiras, tem havido constantes atividades apenas exploratórias, contudo, sabemos que inúmeras variáveis de origem natural nem sempre são previsíveis e controladas pelo homem. Na explanação de Silviano e colaboradores (2009), pescadores artesanais, principalmente em regiões tropicais, “possuem conhecimento sobre a ecologia e o comportamento dos peixes, gerando informações importantes para a conservação e o manejo, como a abundância e comportamento dos peixes capturados ou a situação da pesca no passado (SILVIANO *et al.*, 2009, *apud* SOUTO, 2004, p. 24).

¹² Seguro Defeso é um benefício pago ao pescador artesanal que fica proibido de exercer a atividade pesqueira durante o período de defeso de alguma espécie. A partir de abril de 2015, a habilitação e concessão do Seguro Defeso cabem ao INSS e a gestão cabe ao Ministério do Trabalho e Emprego. O benefício tem o valor de um salário-mínimo mensal e é pago enquanto durar o defeso, até o limite de 5 meses. A duração do defeso é definida pelo IBAMA, de acordo com a época de reprodução de cada espécie. O pescador artesanal que quiser solicitar o Seguro Defeso deve fazer o agendamento no INSS (135). (dados do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome). Disponível em: <<http://mds.gov.br/>>.

¹³ Dados obtidos através pelo site do Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA). Disponível em: <<http://www.mpa.gov.br/>>.

Mesmo se apresentando como um rico ecossistema, os manguezais encontram-se ameaçados e, ainda que importantes transformadores na reciclagem de nutrientes e de matéria orgânica, os mangues têm função central nessas comunidades, pois é uma das poucas alternativas de subsistência e renda da maioria das famílias. Dessa forma, o Distrito de Acupe, inserido nesta região e da Baía de Todos os Santos (BTS), possui uma das comunidades pesqueiras mais importantes da Bahia, dispondo de uma vasta área de manguezal, mas que está comprometida com a poluição que se alastra por toda BTS, comprometendo a cadeia natural e o sustento das famílias que vivem da pesca na região.

De acordo com Andrade e colaboradores (2009), dentre os componentes contaminantes presentes em toda a extensão da Baía e em alguns rios, como o Subaé e Jaguaribe, estão o Zinco, Cádmio, Chumbo, Arsênio e os Hidrocarbonetos; estes últimos apresentando maior toxicidade ao ambiente e à saúde humana e animal, podendo causar irritações e dermatite na pele, mucosa e olhos; distúrbios no fígado, no sistema imunológico, nos tecidos ósseos (medula óssea) e no sistema nervoso; leucemia, câncer e tumores no pulmão e estômago.

De acordo com dados do Panorama da Conservação dos Ecossistemas Costeiros e Marítimo do Brasil, realizado pelo MMA, em 2012, estima-se que aproximadamente 25% dos manguezais do Brasil já tenham sido destruídos, sendo que as principais causas dessa destruição são a aquicultura e a especulação imobiliária. Mesmo este ecossistema estando situado em áreas de preservação permanente, presente no artigo 2º da Lei 4.771/65, o Código Florestal, ele não está protegido e está em constante ameaça de destruição.

Em Santo Amaro também há uma constante ameaça aos mangues presentes em suas comunidades, são os empreendimentos de carcinicultura que têm sido presentes ao longo de toda a costa brasileira e vêm sendo denunciados pelas comunidades pesqueiras ao poder público. “Em regiões de manguezais, essa atividade ocasiona, não só degradação ambiental, como grandes perdas sociais e econômicas” (GONÇALVES, PRATES & ROSAS, 2012, p.104). Dessa forma,

o avanço de tais empreendimentos, diagnosticado recentemente pelo Projeto GEF-Mangue, ameaça, inclusive, manguezais contidos em unidades de conservação, tanto APAs como reservas extrativistas, criadas para conter sua degradação e propiciar o uso sustentável desse ecossistema, principalmente pelas populações locais. (GONÇALVES, PRATES e ROSAS, 2012, p.104).

Na Bahia, em números totais, segundo o Projeto de Conservação Efetiva e Uso Sustentável dos Manguezais no Brasil em Áreas Protegidas – GEF-Mangue, existem 84.312

áreas de manguezal, sendo que destas, 2.386 estão ocupados pela carcinicultura. Na região de Santo Amaro, a Bahia Pesca mantém a fazenda Oruabo que, além de outras atividades, mantém um laboratório de carcinicultura, onde se desenvolvem as atividades de maturação e larvicultura do camarão marinho e um setor de engorda de camarão, constituído de 12 viveiros, com tamanhos variados entre 1 e 15 hectares. O laboratório tem capacidade de produzir 20 milhões de pós-larvas de camarão por ano. Essa atividade tem sido contestada por representar um grande risco para a atividade realizada pelos pescadores artesanais da localidade e, principalmente, pelas marisqueiras que têm se queixado de problemas de saúde decorrentes dos produtos químicos usados no manejo da atividade, despejados nos mangues e na maré.

Figura 1 - Infraestrutura da Bahia Pesca no Território baiano



Fonte: Bahia Pesca, 2011 / Kassia Rios (2012).

A Bahia Pesca atua no fomento da atividade pesqueira no estado, em mais de 20 municípios (FIGURA 1), e sua sede se localiza na capital, no município de Salvador. A atuação da empresa no território baiano se dá através das estações de piscicultura, dos escritórios regionais, dos terminais pesqueiros, das unidades simplificadas de beneficiamento de pescado e da fazenda Oruabo, em Acupe - Santo Amaro (BA).

2.4 Contaminação na Baía de Todos os Santos

2.4.1 Contaminação em Santo Amaro

Figura 2 - Localização do Distrito de Acupe



Fonte: Reprodução Kassia Rios, 2012

O município de Santo Amaro, assim como os diversos existentes no litoral do estado da Bahia, é uma comunidade pesqueira que, segundo dados do Censo Demográfico do IBGE (2010), ocupa uma área territorial de 492,912 km², com 57.800 habitantes, distribuídos na sede de Santo Amaro (45.897 habitantes) e nos Distritos Campinhos (4.452 habitantes) e Acupe (7.451 habitantes). Em Boletim da Pesca Marítima e Estuarina do Nordeste do Brasil,

de 2006, o município de Santo Amaro possuía três comunidades pesqueiras: o distrito de Acupe (FIGURA 2) e os subdistritos de Itapema e São Brás, que tem como principal atividade econômica, a pesca artesanal e mariscagem.

De 1961 a 1993, a cidade foi sede da fábrica COBRAC¹⁴, metalurgia de chumbo que, após seu fechamento, foi responsável por um dos maiores desastres sociais e ambientais do país. De acordo com o Ministério Público Federal, o município é o mais contaminado por chumbo do mundo. Esses danos acometeram muitos operários da fábrica, que contraíram doenças provocadas pelo contato com o chumbo. Além disso, a empresa doava para quem quisesse o lixo da produção, a escória do chumbo. E, com o material venenoso, a Prefeitura de Santo Amaro pavimentou boa parte da cidade. Hoje as ruas estão calçadas e asfaltadas, mas em qualquer área pavimentada, dá para ver os resíduos do chumbo. Pesquisas apontam que houve a contaminação de 18 mil moradores da região. Os resquícios da contaminação no Rio Subaé, principalmente por Cd, Pb e Zn, podem ser percebidos até hoje.

Entre os danos causados pela contaminação por chumbo estão: alteração do sistema nervoso, do funcionamento dos rins, anemia, impotência e até perda de memória. De 3.500 pessoas que trabalharam na fábrica, 948 já morreram.

As consequências da contaminação por Chumbo e Cádmio foram evidenciadas, pela primeira vez, nas águas do Rio Subaé. Essa poluição atingiu, inicialmente, os trabalhadores das fábricas e, posteriormente, as marisqueiras e pescadores, que têm sofrido anos após o ocorrido. Em 1980 ocorreu o primeiro registro da contaminação, com um desastre ambiental que provocou a morte de peixes, ostras, siris, sururus e todo tipo de vida marinha. Mas este fato não impediu os moradores locais de retirar, do mangue ou das coroas, os mariscos que garantem a sobrevivência de muitas famílias. “Se não parou a coleta, também não cessou o consumo desses produtos, especialmente o sururu, que teve o seu consumo desaconselhado na Avaliação de Risco à Saúde Humana por Metais Pesada em Santo Amaro, realizada pelo Ministério da Saúde, em 2001” (ANDRADE, 2012, p. 64-65).

Andrade (2012) afirma que esse tema tem sido a causa de grande desconforto para pescadores e marisqueiras, pois a referência à contaminação diz respeito a sua atividade de subsistência, sobretudo na comunidade de Acupe, eminentemente composta por marisqueiras

¹⁴ A Plumbum é uma beneficiadora inativa de minério de Pb, localizada no município de Santo Amaro, a menos de 300 m do Rio Subaé. Em abril de 2014, a mineradora foi condenada pela Justiça Federal a pagar indenização pelos danos ambientais e sociais por conta da contaminação de chumbo na cidade, de acordo com o Ministério Público Federal, que elaborou a ação civil pública proposta em 2002. Segundo o MPF, a Fundação Nacional de Saúde (Funasa) e a União também foram condenadas.

e pescadores, que têm no pescado sua principal fonte de renda. Além do fato de haver desinformação sobre a situação da contaminação no estuário.

A pesquisadora afirma que, por maior que tenha sido a repercussão do caso e dos inúmeros estudos realizados nas comunidades contaminadas, não foi possível encontrar caminho possível para alcançar as respostas que pudessem esclarecer a situação à população.

Diante da justa e veemente cobrança por soluções que começa a pulsar em Santo Amaro, como se pôde perceber na fala do prefeito daquele município diante dos especialistas reunidos em seminário organizado pelo Centro de Tecnologia Mineral, o desafio é pensar no que fazer com o passivo ambiental em torno de 500 mil toneladas de escória de chumbo (ANJOS, 1998) e que tem sido apontado como a causa da persistência da contaminação. Soluções como a do processamento hidrometalúrgico a base de ácido clorídrico separaram os campos da Engenharia e da Saúde em um embate de racionalidades que paralisou a discussão desde 2008, quando o Conselho Estadual de Meio Ambiente opinou sobre a questão. Sem a participação qualificada da comunidade de Santo Amaro nessa discussão, corre-se o risco de o valor de mercado do chumbo e do zinco, remanescentes na escória, ser o balizador das decisões a serem tomadas. (ANDRADE, 2012, p 65-66).

2.4.2 *Poluição e Contaminação em Acupe*

O lugar do Distrito de Acupe é de destaque, pois é tido como uma das maiores comunidades pesqueiras do Estado e uma área de pesca rica em diversas espécies. De acordo com Souto (2004), essa diversidade e riqueza de espécies, são explicadas por conta do distrito estar inserido em uma área de forte influência do estuário do Rio Subaé, onde existem vastos bosques de mangues, em razoável estado de conservação (SOUTO, 2004).

O panorama da pesca na Bahia é, majoritariamente, uma atividade pesqueira artesanal. Esse tipo de pesca se organiza através da mariscagem, que inclui a captura de moluscos bivalves, caranguejos, siris e aratus, e da pesca propriamente dita, que lida com os peixes e crustáceos, como o camarão e a lagosta. Estas atividades são desenvolvidas pelo trabalho “em nível familiar, onde os membros da família, notadamente as mulheres, são envolvidos na cadeia produtiva; e pela predominância de embarcações rudimentares como a canoa, que representam 64,9% do total de embarcações em atividade no estado” (SOUTO, 2004, p. 25).

Na tipologia das formas de produção pesqueira, ensaiada por Diegues (1988, 1995a), esse ramo da pesca se enquadra na “pequena produção mercantil”, cujo princípio norteador é o da mercadoria, que se converte em dinheiro através da circulação mercadoria-dinheiro, que é utilizada para a aquisição de novas mercadorias. (SOUTO, 2004 p.19).

De acordo com Souto (2004), no litoral da Bahia as atividades de pesca são realizadas em mar aberto, em afloramentos recifais, nas proximidades da costa ou em estuários próximos

a desembocaduras de rios. Sendo que “[...] nos estuários é comum o desenvolvimento de um ecossistema extremamente produtivo que é o manguezal”, definido por Schaeffer-Novelli (1995 *apud* SOUTO, 2004) como:

[...] um ecossistema costeiro, de transição entre os ambientes, terrestre e marinho, característico de regiões tropicais e subtropicais, sujeito ao regime das marés e constituído de espécies vegetais lenhosas típicas (angiospermas), além de micro e macroalgas (criptógamas), adaptadas à flutuação de salinidade e caracterizadas por colonizarem sedimentos predominantemente lodosos, com baixos teores de Oxigênio. (SOUTO, 2004, p.24).

Atualmente a comunidade pesqueira de Acupe tem sofrido com a escassez dos mariscos e o surgimento de alguns casos de doenças provenientes do trabalho no mangue. Essas doenças vitimam mais as mulheres, que têm maior participação nas atividades pesqueiras, pois elas ficam mais expostas no contato com mangue contaminado. Os pescadores e marisqueiras atribuem a diminuição da quantidade do pescado e as doenças à contaminação dos mangues e das águas. Diversas audiências e reuniões entre os pescadores são realizadas, contudo, ainda não se chegou a soluções para os problemas. Pesquisadores, como os do projeto Baía de Todos os Santos, ainda buscam respostas para inúmeras perguntas e incertezas, que têm provocado diversos conflitos ambientais e desavenças entre a comunidade de Acupe, Santo Amaro e o Estado.

Apesar de baixo valor comercial, a catação de mariscos é a maior fonte de proteína animal para 15 mil famílias de pescadores e catadores de moluscos em toda Baía de Todos os Santos¹⁵. Os que ainda são encontrados com pouco mais de facilidade são o chumbinho e outros mariscos, como a lambreta e o sururu. Mesmo com a possibilidade de pescar o próprio alimento, algumas dessas famílias ainda vivem abaixo da linha de pobreza. De acordo com dados levantados pelo Projeto Baía de Todos os Santos¹⁶, que tem a participação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária, há algum tempo, o recomendável é consumir com moderação os peixes e os frutos do mar adquiridos em Aratu, Itapagi, Subaé e em outras áreas

¹⁵ Localiza-se na maior baía do Brasil. Sua área é estimada em 800 km² envolvendo as águas e o conjunto de ilhas da Baía de Todos os Santos, sendo suas 54 ilhas, pertencentes aos municípios de Salvador, Madre de Deus, Candeias, Simões Filho, São Francisco do Conde, Santo Amaro, Cachoeira, Saubara, Itaparica, Vera Cruz, Jaguaripe, Maragogipe e Salinas da Margarida. Região de grande beleza cênica e ecossistemas ricos em biodiversidade, apresentando extensas áreas de manguezais ainda bem conservados, principalmente na região da contra-costa da Ilha de Itaparica, na Baía de Iguape, em Salinas da Margarida e Jaguaripe; remanescentes de Florestas Ombrófila (Mata Atlântica) em ilhas como Itaparica, Frades, Maré, Matarandiba, Fontes, Bimbarras e Monte Cristo; e recifes de corais na costa das ilhas de Itaparica, dos Frades, Maré e na Laje da Ipeba. Há ocorrência de sítios arqueológicos, com vestígios relativos a populações pré-coloniais, coloniais e pós-coloniais, além de diversas manifestações culturais de cunho religioso.

¹⁶ O Projeto Baía de Todos os Santos foi planejado para seguir até 2038. Ele tem a participação de quase 50 pesquisadores e investiga as características físicas, biológicas, culturais e históricas da região e, assim, contribui para a gestão sustentável dessa baía, a segunda maior do país – menor apenas que a de São Marcos, no Maranhão. Disponível em: <<http://www.institutokirimure.pro.br/>>.

mais industrializadas da Baía de Todos os Santos, pois eles estão contaminados e concentram alguns metais em níveis superiores aos aceitos por autoridades da saúde.

Pesquisadores afirmam que esses metais são elementos químicos que, em concentrações bem baixas, são essenciais para uma boa saúde, mas em níveis altos, podem ser tóxicos. Comer os pescados e os moluscos, de áreas contaminadas, algumas vezes na semana, não chega a causar risco à saúde, porém, os pescadores e os catadores de mariscos, que consomem frutos do mar, quase todos os dias, tornam-se mais vulneráveis a desenvolver problemas de saúde, associados à exposição contínua a elevadas concentrações de alguns desses metais.

Após coletar molusco em 34 pontos da BTS, entre 2006 e 2010, uma equipe de pesquisadores da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) apresentou o mapeamento de análise química que demonstrou que, ao menos quatro elementos químicos (Arsênio, Zinco, Selênio e Cobre) apareciam em concentrações relativamente altas em mariscos e ostras. Sendo que os moluscos mais contaminados haviam sido apanhados em Aratu e no estuário do Rio Subaé.

Segundo relatos dos pesquisadores, o resultado do estudo não surpreendeu, pois a Baía de Aratu, localizada há cerca de 20 km ao norte de Salvador, abriga um dos três portos mais movimentados da Baía de Todos os Santos, além de ser cercada por indústrias químicas, petroquímicas, metalúrgicas e de alimentos. E, a menos de 50 km ao nordeste dela, encontra-se o polo petroquímico de Camaçari, o maior da América do Sul.

De acordo com Andrade e colaboradores (2009), dentre os componentes contaminantes presentes em toda a extensão da Baía e em alguns rios, como o Subaé e Jaguaribe, estão o Zinco, Cádmio, Chumbo, Arsênio e os hidrocarbonetos (HCs)¹⁷; estes últimos, apresentando maior toxicidade ao ambiente e à saúde humana e animal, podendo causar irritações e dermatite na pele, mucosa e olhos; distúrbios no fígado, no sistema imunológico, nos tecidos ósseos (medula óssea) e no sistema nervoso; leucemia, câncer e tumores no pulmão e estômago. No caso dos Hidrocarbonetos Totais de Petróleo (HTP), eles correspondem ao somatório das frações dos Hidrocarbonetos Resolvidos de Petróleo (HRP) e

¹⁷ Os HCs constituem uma grande família de substâncias orgânicas compostas de hidrogênio e carbono. Os combustíveis fósseis, a gasolina e o óleo diesel, têm centenas de HCs alguns formados por longas cadeias de carbono. Muitos HCs não têm efeitos sobre a saúde, a não ser em concentrações altíssimas que nunca ocorrem nas poluições atmosféricas. Entretanto, existem HCs que são perigosos por serem irritantes, por agirem sobre a medula óssea provocando anemia e leucopenia, isto é, diminuindo o número de glóbulos vermelhos e brancos, e, sobretudo, por provocarem câncer. A exposição aos HCs em períodos curtos pode produzir a deterioração dos glóbulos vermelhos no sangue, levando à anemia. A exposição prolongada a concentrações superiores a 2 ppb causa um efeito potencial no desenvolvimento de cânceres. (Fonte: <http://www.saudetotal.com.br/artigos/meioambiente/poluicao/spdoencpol.asp> / site saúde total).

a Mistura Complexa não Resolvida (MCNR)¹⁸. A concentração de HTP é um parâmetro usado para avaliação expedida do estado de contaminação ambiental, uma vez que vincula o sedimento com as concentrações das frações de hidrocarbonetos saturados e aromáticos do petróleo ou outros resíduos das atividades petroleiras vertidas sobre o solo.

De acordo com Queiroz e Celino (2008), desde a implantação da Refinaria Landulpho Alves – Mataripe (RLAM), em 1950, derrames e vazamentos de óleo têm comprometido a qualidade de vida da população, principalmente no setor norte da Baía, deixando um passivo ambiental que se reflete na contaminação dos elementos naturais, incluindo a biota comestível. Dessa forma, pode-se afirmar que os manguezais da porção norte da Baía de Todos os Santos, apresentam um possível cenário de contaminação crônica por Hidrocarbonetos de Petróleo.

Os portos de Salvador e Aratu, além de diversos terminais marítimos, estão em funcionamento na BTS e, conseqüentemente, são fontes de contaminação por hidrocarbonetos, metais e demais produtos transportados pela região. De acordo com dados da Companhia das Docas do Estado da Bahia (CODEBA¹⁹), divulgados em 2008, apenas o Porto de Salvador movimenta mais de 400.000 t/ano, de produtos químicos e fertilizantes, enquanto o Porto de Aratu é responsável pela movimentação de cerca de 4 milhões de t/ano (ANDRADE *et al.*, 2009, p.250).

Outro importante elemento, fundamental para a contaminação e a degradação da biodiversidade e da qualidade da água na BTS, é o esgotamento sanitário. Dados apontam que, apesar dos esforços empenhados pelo Governo do Estado através do Projeto Bahia Azul, alguns municípios com estações de tratamento não operacionais, como a Estação de Tratamento de Esgoto (ETE) de Santo Amaro, lançam efluentes diretamente no Rio Subaé e seus detritos são lançados ao mar. O problema também acontece em vários municípios que não dispõem de esgotamento sanitário implantado pela Empresa Baiana de Água e Saneamento (EMBASA), exemplos como Nazaré, Salinas da Margarida, Saubara, São Gonçalo e São Sebastião do Passé e nas ilhas de Maré e Frades.

¹⁹ Mais informações em: <http://www.codeba.com.br/eficiente/sites/portalcodoba/pt-br/home.php>.

Figura 3 - Esgoto invadindo o porto de Acupe



Fonte: arquivo de notícia / site Santo Amaro Notícias.

Figura 4 - Esgoto invadindo o porto de Acupe



Fonte: arquivo de notícia / site Santo Amaro Notícias.

Com essa falta de infraestrutura, os esgotos domésticos são lançados na rede pluvial, a céu aberto e/ou diretamente em mangues e rios que desembocam na BTS. Em algumas

estações elevatórias, localizadas no entorno da BTS, os pontos de extravasamento são as zonas de mangue (ANDRADE *et al.*, 2009).

As zonas costeiras da BTS também são comprometidas pela prática da carcinicultura²⁰, que segundo pesquisadores, é uma fonte importante de contaminação (e.g. fosfato, ureia e antibióticos). Essa atividade tem crescido rapidamente e de maneira irregular, principalmente na região de Salinas da Margarida, Jaguaripe e Santo Amaro.

Na década de 70, um estudo pioneiro sobre a contaminação por metais em um tributário da BTS (Reis, 1975), mostrou que as concentrações de Cd e Pb, nas águas do Rio Subaé, excediam os limites preconizados pela Organização Mundial da Saúde em, respectivamente, 8 e 16 vezes. Mais de 30 anos, depois deste primeiro estudo, os teores de Pb em águas subterrâneas coletadas no município de Santo Amaro, nas proximidades da Plumbum, ainda são bastante elevados atingindo valores superiores a 230 µg L⁻¹, muito acima do limite preconizado na legislação brasileira, Portaria 518/04 do Ministério da Saúde (Santos, 2009). Estes dados de água subterrânea, somados aos dados de metais em sedimento de fundo e MPS, bem como as alterações de estrutura de comunidades bentônicas, documentadas para o estuário do Rio Subaé, indicam que as escórias da inativa Plumbum, localizadas no pátio da empresa, bem como em lagoas de decantação, continuam sendo uma fonte contemporânea importante de metais, especialmente Pb, Cd e Zn, para o lençol freático, para o Rio Subaé e, conseqüentemente, para a BTS. (ANDRADE *et al.*, 2009, p.259).

O consumo de pescados, especialmente de invertebrados, é a principal fonte de proteína animal para as comunidades ribeirinhas da BTS. As atividades de coleta de mariscos e pesca artesanal são importantes fontes de renda para inúmeras famílias que habitam o Recôncavo²¹. De acordo com resultados de pesquisas, realizadas por pesquisadores vinculados ao Instituto Kirimurê²² de Salvador, o Rio Subaé e a área adjacente à sua desembocadura na BTS, a Baía de Aratu e sua região portuária, bem como as áreas próximas a Mataripe e Caboto, são os locais mais críticos em termos de contaminação da biota. O estudo apontou ainda, que dentre as espécies que apresentaram o maior número de violações estão a arraia, o coró, os moluscos pé-de-galinha, ostra e chumbinho.

²⁰ A carcinicultura é o cultivo de camarão em cativeiro. A prática tem se destacado como uma das atividades que mais crescem no Brasil e, em especial, no Nordeste. De acordo com o Instituto Chico Mendes, o desafio é aliar o crescimento econômico, a práticas que garantam uma sustentabilidade técnica e socioambiental, reduzindo, ao máximo, os impactos negativos.

²¹ O Recôncavo da Bahia é composto por 33 municípios.

²² Ver: <<http://www.institutokirimure.pro.br/>>.

Figura 5 - Porto do Distrito de Acupe



Fonte: Arquivo de notícias / site Santo Amaro Notícias.

3 CULTURA, SAÚDE E GÊNERO

3.1 Memória: legado cultural e artístico da comunidade

Desde que foi criado em 30 de dezembro de 1953, pela lei estadual nº 628, o distrito de Acupe é considerado uma das principais comunidades do município de Santo Amaro, localizado no litoral da Baía de Todos os Santos, Recôncavo Baiano. Trata-se de uma comunidade que descende de uma área de engenho do período colonial, surgida no centro dos três principais engenhos: Murundu, São Gonçalo e Acupe. A comunidade herdou o nome do último engenho e que é de origem indígena e significa “Terra Quente”. De acordo com o historiador e morador da comunidade, Domingos Fiaz²³, essa denominação se deu por conta da característica do local, os índios usavam a expressão “Acupe”, para indicar “temperatura”. Ele afirma que, de acordo com a versão apresentada por Teodoro Sampaio, no livro “Geografia Nacional”, Acupe significa “rio quente”, pelo fato que, nas margens do Rio Açu, brotava água quente e termal.

Figura 6 - Rua central do distrito de Acupe



Fonte: Nádia Conceição – Atividade de campo.

²³Entrevista concedida ao documentário Acupe Terra Quente.

O distrito de Acupe, certificado²⁴ como quilombola pela Fundação Cultural Palmares²⁵, em 2010, é distante 18 km da cidade de Santo Amaro, no Recôncavo da Bahia e a 90 km da capital Salvador (FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES, 2013). De acordo com dados do último Censo do IBGE, realizado em 2010, o distrito possui população de 7.451 habitantes, sendo que deste total 3.719 (49,9%) são mulheres e 3.732 (50,1%) são homens. Sua economia é formada, principalmente, pela pesca (mariscagem), comércio, cultura e agricultura familiar (IBGE, 2010).

De acordo com Fiaz (2013), a área atual de Acupe, no período de colonização portuguesa no Brasil, fez parte da sesmaria pertencente ao III Governador Geral do Brasil, Mem de Sá e, no século XIX, foi o local onde os negros escravizados do Engenho Acupe, beneficiados pela Lei Áurea, construíram o Quilombo Acupe - Quilombo do Vai-Quem-Quer. Dentre tantas versões para marcar a identidade do município, essa é a mais aceitável, pois a comunidade tem vários grupos socioculturais e manifestações artísticas e culturais que marcam o forte legado da cultura africana e afro-brasileira, trazidas pelos novos moradores da área ocupada. Essas manifestações passaram a ser tradição e fazem parte da história da região, tais como Nego Fugido: espetáculo de dança, música, teatro e sincretismo, no qual os manifestantes (os próprios moradores) encenam a luta dos escravos pela libertação (FIGURA 7); Caretas - onde os moradores saem travestidos de caretas e roupas de folhas de bananeiras, para brincar de “assustar” as crianças (FIGURA 7); Mascarados - moradores que saem às ruas, com diversos tipos de máscaras, bastante assustadoras; Capoeiras; Maculelê; Samba da Rapariga; Lundu; Samba de Roda (FIGURA 8), Bombacho e Burrinhas.

Mesmo sendo o quantitativo de 49,9% da população local, 3.719 dos acupenses, segundo pesquisa do Censo do IBGE (2010), as mulheres do distrito ocupam papel protagonista na construção social e econômica, além de serem a base da maioria das famílias da localidade. Sendo um dos locais onde mais se desenvolve a atividade pesqueira do município de Santo Amaro, o distrito de Acupe vem ocupando local de destaque na economia

²⁴ A certificação é o primeiro passo para a demarcação e titulação de terras pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), como reconhecimento de que a comunidade existe, baseada em sua história, costumes e, principalmente, sua cultura. Com a certificação, as comunidades passam a ser beneficiadas com políticas públicas. O certificado permite que a Palmares defenda juridicamente as comunidades. Atualmente existem 1.527 delas, certificadas pela Fundação. Até o momento, a FCP já emitiu mais de 2.476 certificações para comunidades quilombolas.

²⁵ Órgão fundado, em 1988, pelo Governo Federal, é vinculado ao Ministério da Cultura (MinC) e se constitui como a primeira instituição pública voltada para promoção e preservação da arte e da cultura afro-brasileira. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/>>.

municipal. Sendo assim, existe uma divergência por parte dos moradores, quanto a possível emancipação²⁶ do distrito, dos domínios administrativos de Santo Amaro.

Figura 7 - Apresentação de Caretas e Nego Fugido



Fonte: Jessica Silva, 2016.

Figura 8 - Apresentação do Samba de Roda Raízes de Acupe



Fonte: Atividade Curricular em Comunidade (ACC - UFBA) - Memória Social: audiovisual e identidades. Foto: Camila Brito.

As mulheres de Acupe se revezam nos papéis de esposa, mãe e marisqueira, no quadro geral das famílias da comunidade. Muitas delas não tiveram alternativas de manutenção de suas casas, por falta de acesso à educação de qualidade, interrompida pela necessidade de trabalhar e auxiliar os pais na renda da casa, coisa que dificilmente seria “imposta” aos homens. Isso é notório, pois a maioria das mulheres marisqueiras que entrevistei e conversei,

²⁶ O Movimento Emancipacionista de Acupe foi oficializado em 1990, com o envio do pedido de emancipação à Assembleia Legislativa da Bahia, desde então alguns moradores da comunidade tem se mobilizado em prol da causa e acreditam que o feito irá melhorar as condições de saúde, educação e melhorias de vida dos moradores. Os processos de emancipação de distritos foram suspensos, pois a decisão depende de uma lei complementar federal que ainda não foi aprovada pelo Congresso Nacional. Há doze anos a PEC 013/03 tramita no Congresso. O projeto dá autonomia aos estados para criar, fundir, incorporar e desmembrar municípios, mediante lei estadual e realização de plebiscito.

independentemente de suas idades, tem baixo nível de escolaridade, em média, a sétima série do ensino básico.

3.2 Território e construção social em Acupe

Figura 9 - Vista da comunidade de Acupe



Foto: Atividade Curricular em Comunidade (ACC-UFBA) Memória Social: audiovisual e Identidade.

Terra de pessoas receptivas e alegres, Acupe é um típico povoado do Recôncavo da Bahia (FIGURA 9), constituído, essencialmente, por marisqueiras e pescadores; figuras simples, que marcam a identidade local e territorial da comunidade. Descendentes de negros que foram escravizados, os acupenses guardam e cultivam o legado deixado por esse povo, tais como o ofício da pesca da mariscagem, do artesanato, do comércio e de práticas religiosas de matrizes africanas. De acordo com Oliveira (2012), o distrito de Acupe pertence ao município de Santo Amaro, região onde a ocupação e povoamento teve início com a colonização portuguesa. Assim como Santo Amaro, que teve formação histórica em 1557, esta região passou a ter uma “posição estratégica, de fácil acesso e navegabilidade, disponibilidade hídrica e, sobretudo, pelas características da atividade do solo massapé” (OLIVEIRA, 2012, p. 72).

Essa posição estratégica e as características locais deram ao Acupe um ambiente social favorável às atuais configurações de seu território e de sua sociabilidade, dando margem a uma perspectiva de terra, território e territorialidade mais consolidada, dentro do âmbito social, cultural e ambiental. Para tanto, compreende-se a importante relação espacial e temporal, bastante marcada quando se trata de Recôncavo, para a construção da organização humana, sobretudo nos espaços coletivos que discorrem da autoridade do território para as comunidades baianas e para Acupe.

De acordo com Albagli (2004), a palavra território vem do latim, *territorium*, que é derivado de terra e significa pedaço de terra apropriado. Dessa forma, os conceitos de espaço e de território são distintos. “O espaço representa um nível elevado de abstração, enquanto que o território é o espaço apropriado por um ator, sendo definido e delimitado por, e a partir de, relações de poder, em suas múltiplas dimensões” (ALBAGLI, 2004, p.26).

Território, também se faz importante, pois é a configuração do pertencimento e da identidade dos povos, além de se constituir como um “produto da intervenção e do trabalho de um ou mais atores, sobre determinado espaço”, dessa forma, Albagli reforça que:

O território não se reduz, então, à sua dimensão material ou concreta; ele é, também, “um campo de forças, uma teia ou rede de relações sociais” que se projetam no espaço. É construído historicamente, remetendo a diferentes contextos e escalas: a casa, o escritório, o bairro, a cidade, a região, a nação, o planeta. Daí, que o território seja objeto de análise, sob diferentes perspectivas – geográfica, antropológico-cultural, sociológica, econômica, jurídico-política, bioecológica –, que o percebem, cada qual, segundo suas abordagens específicas. O território assume, ainda, significados distintos em cada formação socioespacial. No mundo ocidental, o conceito de território foi, de início, centralmente associado à base física dos estados, incluindo o solo, o espaço aéreo e as águas territoriais. Nas sociedades indígenas, apenas para citar um exemplo, o fundamental é o sentimento de identidade com a Terra-Mãe, sentimento esse baseado no conhecimento, no patrimônio cultural e nas relações sociais e religiosas que esses povos guardam com aquela parcela geográfica. (ALBAGLI, 2004, p. 24).

Nessa perspectiva de entender o espaço geográfico, de acordo com Araújo (2010), como resultante “da constante inter-relação do homem com o ambiente, nas diversas escalas geográficas, promovendo uma intensa utilização dos recursos disponíveis, ao mesmo tempo em que estabelece relações afetivas que promovem transformações com um sentido de pertencimento num dado espaço” (ARAÚJO, 2010, p.2). Dessa forma,

[...] o espaço vivido marca a ação do Homem naquele local, criando relações de trabalho e afetividade, como é possível perceber no Recôncavo, através da religiosidade específica – porque não dizer, singular – àquele espaço, em razão da crença que lhe confere uma identidade espacial, não retirando desse, sua característica de zona produtora e polarizadora de uma série de atividades que serão destacadas mais adiante. (ARAÚJO, 2010, p.2).

No caso particular do distrito de Acupe, das pessoas e atividades desenvolvidas nesse ambiente, farei referência ao território pesqueiro, da pesca artesanal. Na Bahia, de acordo com Rios (2012), a conceituação de território para pescadores artesanais, se aplica quando há uma apropriação do espaço pela comunidade, “desenvolvendo ali suas atividades, criando relações de poder com o mesmo e demarcando tal espaço (marítimo ou terrestre) como o seu território de uso, ou seja, de uso da comunidade local, para a garantia de sua sobrevivência” (RIOS, 2012, p.62). E, a partir daí, há um direcionamento do espaço e de sua relação com a natureza, sob uma mediação do trabalho humano que, no caso de Acupe se dá, principalmente, através da pesca e da mariscagem.

Dessa forma, Velásquez (2012) compreende que o questionamento extenso que deve ser feito, não perpassa pela compreensão do território como totalidade de uma realidade que abranja tudo, mas “pretende, sí, una aproximación abarcadora para entender su complejidad, lo cual refiere a su carácter como una realidad constitutiva y construida amplia.” (VELÁSQUEZ, 2012, p.4). Portanto:

En ese sentido, el territorio como construcción social se explica desde la complejidad del ser humano y esa complejidad es lo que se intenta recuperar. Para el efecto, además de lo ya expresado, se desarrolla un enfoque que recupera la perspectiva y representación que del territorio tiene la ciencia social que lo estudia (perspectiva ética) y la perspectiva y representación del territorio desde los actores o sujetos sociales que lo construyen (perspectiva émica). En esta búsqueda se han encontrado fuentes que aportan al logro de una interpretación compleja que el objeto del territorio a nuestro entender requiere. (VELASQUEZ, 2012, p.4).

As características de Acupe estão atreladas intimamente à noção de território. De acordo com Rios (2012), a comunidade classifica o território como um espaço para as diversas atividades desenvolvidas, dessa forma, se constitui como um espaço de sociabilidade. Sendo assim, são os espaços de desenvolvimento da mariscagem (mangue) e da pesca (mar ou rios) que mais definem esse território e territorialidade desenvolvida pela comunidade. Essa afinidade com o território, contudo, pode ser ameaçada quando as atividades industriais e a poluição - má gestão do lixo e dos materiais prejudiciais ao meio, como plásticos e lixos tóxicos - chegam ao ambiente, pois elas sempre se colocam a serviço do sistema capitalista e visam o desenvolvimento descompromissado com o valor do meio ambiente, da cultura e da sociabilidade desenvolvida no local. Diante desses problemas, a garantia de respeito ao território é fundamental à regularização dos territórios das comunidades tradicionais pesqueiras.

O território pesqueiro acupense é formado por mais de 5 mil pescadores artesanais, que desenvolvem tanto a pesca em alto mar, quanto a mariscagem nas áreas de manguezal e no seu entorno. Sendo que a maioria destes vive diretamente da pesca artesanal, com exceção de alguns que desenvolvem a atividade da agricultura, como complementação da sua renda.

3.3 Modelos de Saúde

De acordo com o artigo primeiro da Lei Federal Brasileira nº 8.080, sancionada em 1990, “[...] a saúde é um direito fundamental do ser humano, devendo o Estado prover as condições indispensáveis ao seu pleno exercício”. Sendo assim, é dever do próprio Estado zelar pela garantia da saúde, a partir da “formulação de políticas econômicas e sociais que visem à redução de riscos de doenças e de outros agravos e no estabelecimento de condições que assegurem acesso universal e igualitário às ações e aos serviços para a sua promoção, proteção e recuperação” (parágrafo 1º, lei 8.080/1990) (BRASIL, 1990). Contudo, essa determinação em muitas comunidades é desconhecida e, para compreendermos como essas ações de saúde são e podem ser desenvolvidas dentro de comunidades e, mais precisamente, do distrito de Acupe, vamos compreender as raízes dos conceitos de saúde e doenças, e como eles são tratados no distrito de Acupe.

A saúde, culturalmente, é sempre pensada pelo viés da doença, o que torna estes termos intrínsecos. Dessa forma, é muito difícil encontrar estudos que tratem dos conceitos, separadamente, mas o que cabe aqui nesse estudo é uma breve conceituação do termo para basilar o cenário de contaminação e poluição dos ambientes de trabalho das mulheres marisqueiras, o mangue e o mar. Sendo assim, segundo Sevalho (1993), a história dos modelos de saúde e doença “foi sempre pautada pela inter-relação entre os corpos dos seres humanos e as coisas e os demais seres que os cercam. Elementos naturais e sobrenaturais habitam estas representações desde tempos imemoriais, provocando os sentidos e impregnando a cultura e os espíritos, os valores e as crenças dos povos” (SEVALHO, 1993, p.252). Dessa forma, atrelados aos conceitos de saúde e doença existem:

Sentimentos de culpa, medos, superstições, mistérios envolvendo o fogo, o ar, a terra, os astros, a organização da natureza, estão indissoluvelmente ligados às expressões da doença, à ocorrência de epidemias, à dor, ao sofrimento, às impressões de desgaste físico e mental, à visão da deterioração dos corpos e à perspectiva da morte. (SEVALHO, 1993, p.252).

Nos primórdios da humanidade, as explicações na história das representações sobre saúde e doença eram mágicas, sobretudo entre os povos sem escrita, pois “a doença era vista

como o resultado de influências de entidades sobrenaturais, externas, contra as quais a vítima comum, o ser humano não iniciado, pouco ou nada podia fazer” (SEVALHO, 1993, p.352).

Com o processo de evolução da humanidade e com o processo de dominação dos povos ocidentais, a concepção sai da esfera mitológica e passa para o campo religioso, onde a concepção de doença participava e perpassava pelo crivo dos deuses, “fruto do humor divino”, que independia do comportamento humano. Segundo Sevalho (1993), que reforça seus estudos com contribuições de Laplantine (1991),

Parte, esta visão, das “interpretações religiosas da doença como consequência da fatalidade (...) a doença-maldição” (Laplantine, 1991). Outra representação também religiosa, mais elaborada porquanto relacional, é a de “uma consequência necessária, provocada pelo indivíduo ou pelo grupo (...) é a doença-punição” (Laplantine, 1991). (SEVALHO, 1993, p. 352).

Essa relação, entretanto, foi bastante prejudicada com a “separação” entre religião e a ciência, havendo com isso muitas divergências dos paradigmas religiosos e científicos. Contudo, mesmo em pleno século XXI, aspectos de caráter religioso, maldições ou castigos divinos, ainda estão presentes nos modelos de saúde e doença. Podemos perceber elementos como o medo e a culpabilidade intrínseca à relação do ser humano com a doença, conformando permanências culturais. Aspectos que, para Sevalho (1993), resistem entre crenças ainda existentes, que cultuam a pureza como uma ligação rigorosa e permanente ao primitivo e um isolamento dos costumes atuais, ou mesclados na cultura geral de nosso tempo.

O rompimento entre o campo da saúde e da religião produziu, nos dias atuais, um sistema de saúde complexo e sempre em desenvolvimento e que tenta, a todo custo, explicar “a realidade ou sistemas vivos através de modelos que procuram não apenas integrar as partes, descrever elementos de objetos, mas, sobretudo, levam em conta as relações estabelecidas entre os mesmos” (FERNANDES *et al.*, 2009, p.113). Dessa forma, as concepções médicas na atualidade representam o resultado da práxis de cuidado de saúde.

De acordo com Fernandes e colaboradores (2009), na definição de saúde e de sua própria normalidade, atualmente destacam-se alguns merecidos fatores, tais como:

Quando se pensa em, o normal, pensa-se na frequência de um determinado fenômeno como sendo o estado mais comum. Assim, determinando o estado mais frequente, determina-se o mais saudável. Esse princípio de definição é utilizado nas diversas áreas da Ciência. No entanto, a saúde e a doença envolvem dimensões subjetivas e não apenas biologicamente científicas e objetivas, e, a normatividade que define o normal e o patológico, varia. As variações das doenças podem ser verificadas historicamente, em relação ao seu aparecimento e desaparecimento, aumento ou diminuição de sua frequência, da menor ou maior importância que

adquirem em variadas formas de organização social. (FERNANDES *et al.*, 2009, p. 113).

A partir daí, tem-se que pensar um novo direcionamento para os limites da Ciência, de modo que haja maior interação com outras formas de entendimento da realidade e novas formas de uso da “racionalidade científica”, para explicar a realidade e agir a partir dessas novas explicações.

Dessa maneira, a atenção à saúde, hoje, requer uma mudança na concepção de mundo e na forma de utilizar o conhecimento em relação às práticas de saúde, voltando o seu enfoque especialmente para a promoção da saúde. É muito mais do que uma aplicação técnica e normativa, ou seja, a promoção da saúde está relacionada à potencialização da capacidade individual e coletiva das pessoas para conduzirem suas vidas frente aos múltiplos condicionantes da saúde. Isto significa que é preciso estar atento aos acontecimentos da realidade, os quais nos mobilizam para intervir de forma mais efetiva, especialmente nos contextos vulneráveis. (FERNANDES *et al.*, 2009, p. 113).

Nas comunidades tradicionais, onde os trabalhadores do mangue e do mar estão cada dia mais vulneráveis, as questões de saúde são tratadas pelo viés do crescimento da contaminação e poluição destes ambientes, que tem afetado diretamente as comunidades que necessitam desses ecossistemas para sobrevivência. Na Bahia, um estudo realizado pelo Instituto Kirimurê – Baía de Todos os Santos (BTS)²⁷ comprovou o descaso das grandes empresas petrolíferas e petroquímicas com o meio ambiente. Esse descaso tem provocado a contaminação das águas da BTS.

A degradação e contaminação da BTS tiveram início na década de 50, com o advento do processo de industrialização, que foi intensificado no Recôncavo Baiano na década de 60, com a criação do Centro Industrial de Aratu (CIA) e a formação do Complexo Petroquímico de Camaçari (COPEC), em 1978. Na cidade de Feira de Santana, outro complexo industrial, o Centro Industrial do Subaé (CIS), abarca atualmente mais de 150 indústrias. Essa concentração industrial é fundamental para a contaminação, considerada pelos estudiosos como “uma das principais consequências dos impactos antrópicos nos ambientes costeiros e, potencialmente, um fator de risco para a saúde pública” (ANDRADE *et al.*, 2009, p. 247).

De acordo Andrade e colaboradores (2009), dentre os principais contaminantes ubíquos nas regiões costeiras, destacam-se os metais que são naturalmente encontrados em baixas concentrações no ambiente, como elementos acessórios de minerais e rochas. Além destes contaminantes, ainda precisamos nos preocupar com a poluição produzida pelo consumismo individual e que acaba sendo descartada nos ecossistemas marinhos, que muito

²⁷ Ver: <<http://www.institutokirimure.pro.br/>>.

prejudica a fauna, a flora e a saúde das pessoas. Como já foi dito, através do consumo do pescado e das repetitivas atividades de trabalhos, as marisqueiras e pescadores têm sua saúde comprometida, o que tem sido principal fonte de reclamações para esses trabalhadores.

3.4 Políticas públicas em Acupe: saúde da mulher

A partir dessas reclamações, pode-se perceber a ineficácia do sistema de saúde nas comunidades tradicionais, que não conseguem tratar doenças originadas pela contaminação, muitas vezes, por nem estarem presentes nessas comunidades. Em Acupe, apesar da existência de postos de saúde e de um hospital para atendimentos emergenciais, a população sente a necessidade de políticas públicas de saúde direcionadas para os pescadores e marisqueiras, público em maioria na comunidade, e que necessita de apoio na prevenção e tratamento de doenças.

Dentro de contextos vulneráveis estão inseridos os Povos e Comunidades Tradicionais que, em sua maioria, estão afastados dos grandes centros urbanos e excluídos dos sistemas de saúde, contudo, eles desenvolvem sistemas próprios de cura e de prevenção de doenças. Em Acupe, os moradores não possuem um sistema organizado de cura, mas existem elementos isolados que configuram um credo na possibilidade de cura de algumas enfermidades, desenvolvidos, sobretudo, pelas mulheres marisqueiras. Esse “sistema” adota ervas medicinais como um método alternativo e curativo de enfermidades, como infecções urinárias, sarar machucados, dores intestinais, doenças de pele, dores nas articulações, dores de cabeça, hipertensão, diabetes e até métodos de “limpeza do útero”, para evitar, segundo elas, o câncer do colo do útero.

Mesmo acreditando no resultado desses medicamentos, que vou chamar de ancestrais, eles não possuem eficácia comprovada pelos médicos que, em geral não recomendam, por desconhecerem cientificamente as propriedades das ervas medicinais usadas e dos riscos de piora no quadro clínico do paciente ou desenvolvimento de novas enfermidades.

A conscientização das comunidades deve ser desenvolvida a partir da inclusão das pessoas no Sistema Único de Saúde (SUS), direito de todos os cidadãos brasileiros e assegurado e enfatizado no artigo 2º da lei 8.080/90, que afirma: “A saúde é um direito fundamental do ser humano, devendo o Estado prover as condições indispensáveis ao seu pleno exercício” (BRASIL, 1990), dessa forma, o meio mais eficaz é a implementação de políticas públicas de saúde, onde as especificidades de cada comunidade sejam levadas em conta na elaboração das políticas e metas.

Em Acupe, a atenção à saúde da mulher ainda é deficitária, mesmo havendo ações de promoção e cuidado da saúde da mulher há pelo menos 50 anos. De acordo com Santos (2005), na década de 70, no Brasil, as questões de gênero começaram a ser mais percebidas, devido a uma expressiva presença das mulheres em movimentos sociais; além de visibilidade, esses movimentos colocaram as mulheres no lugar de um novo sujeito coletivo e, a partir daí, elas “deixam a esfera privada a que estavam confinadas e passam a atuar no espaço público, levando para a esfera pública temas que recortam o espaço privado, a exemplo da saúde”. (SANTOS, 2005, p.4). Sendo assim,

[...] no que diz respeito às políticas públicas, as questões colocadas pelos movimentos de mulheres, na passagem dos anos 1970 para 1980, coincidiram com as demandas colocadas pelos movimentos sociais em seu conjunto e dizem respeito à extensão da cidadania social e política, participação e acesso a bens e serviços públicos, entre eles, os de saúde. A discriminação de questões diretamente ligadas às mulheres envolve uma crítica à ação do Estado e à formulação de propostas de novas políticas públicas que tenham como foco a mulher. (SANTOS, 2005, p.4).

Segundo Santos (2005), o crescente sentimento de democratização instalado nos anos 80, no Brasil, com a organização de movimentos sociais como o movimento feminista, “as mulheres passaram a expor suas reivindicações: direito à procriação, sexualidade e saúde, planejamento familiar, descriminalização do aborto, democratização da educação para a saúde e outras medidas entendidas na esfera da saúde pública e não do ato médico” (SANTOS, 2005, p.4). Dessa forma, a importância dada ao tema “Saúde da Mulher”, cresceu no Brasil não ficando apenas nos espaços acadêmicos, mas também na maioria dos movimentos sociais organizados.

Em parceria com o Ministério da Saúde, através do processo de abertura política, feministas e profissionais da saúde iniciaram a elaboração de propostas de atendimento à mulher “que garantissem o respeito a seus direitos de cidadã, resultando em uma proposta concreta do Estado como resposta às reivindicações: o Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher - PAISM” (SEPÚLVEDA, 2001 *apud* SANTOS, 2005, p.5).

Analisando mais precisamente as questões de saúde da mulher, o conceito de saúde e doença precisa ser pensado de maneira a sistematizar as políticas públicas de saúde para a mulher, balizadas pelo plano de Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher - Princípios e Diretrizes, desenvolvido pelo Ministério da Saúde, em 2004. De acordo com o plano, “a saúde e a doença estão intimamente relacionadas e constituem um processo cuja resultante está determinada pela atuação de fatores sociais, econômicos, culturais e históricos”; dessa forma, existe uma implicação em afirmar que “o perfil de saúde e doença

varia no tempo e no espaço, de acordo com o grau de desenvolvimento econômico, social e humano de cada região” (LAURELL, 1982 *apud* MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2004, p.11-12).

Dados divulgados pelo Ministério da Saúde apontam que as principais causas de morte da população feminina no Brasil são as doenças cardiovasculares, com destaque para o infarto agudo do miocárdio e o acidente vascular cerebral; as neoplasias, principalmente o câncer de mama, de pulmão e o de colo do útero; as doenças do aparelho respiratório, marcadamente as pneumonias (que podem estar encobrindo casos de AIDS não diagnosticados); doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas, com destaque para o diabetes; e as causas externas (BRASIL, 2000)²⁸.

A relação entre desigualdades sociais, econômicas e culturais se revela mais íntima no processo de adoecer e morrer das populações e de cada pessoa em particular, de maneira diferenciada. De acordo com os indicadores de saúde, as populações expostas a precárias condições de vida estão mais vulneráveis e vivem menos. O relatório sobre a situação da População Mundial (2002) demonstra que o número de mulheres que vivem em situação de pobreza é superior ao de homens, que as mulheres trabalham durante mais horas do que os homens e que, pelo menos, metade do seu tempo é gasto em atividades não remuneradas, o que diminui o seu acesso aos bens sociais, inclusive aos serviços de saúde (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2004, p.12).

3.5 Gênero, Raça e Meio Ambiente

Resistir e persistir têm sido os verbos mais praticados pelas mulheres das comunidades pesqueiras da Bahia. Tendo em vista que nas sociedades ocidentais há uma desvalorização da mulher e uma constante concentração na relação bipolar homens-cultura, mulher-natureza, que contribui para uma sociedade onde há uma dominância do sexo masculino sobre o feminino. De acordo com Vieira (2002), o sexo não é uma manifestação de algo inato ou “natural” do macho ou da fêmea; é a expressão de algo que tem se configurado ou produzido historicamente de acordo com cada formação social. Sendo assim, gênero,

[...] é uma construção social sobre os sexos e tem uma existência concreta no nível interpessoal, familiar e público. Segundo Leacock ([1976] 1981) e Nash (1975), a mulher é impulsionada a lutar pela abertura de novos espaços devido à deficiência ou esquecimento de políticas públicas em relação a seus problemas. Sua capacitação é importante, mas pouco apoio recebe para implementá-la e sua vasta jornada de

²⁸ Dados retirados da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher Princípios e Diretrizes - Série C. Projetos, Programas e Relatórios, divulgado em Brasília – DF, em 2004, pelo Ministério da Saúde/Secretaria de Atenção à Saúde Departamento de Ações Programáticas.

trabalho dificulta uma maior mobilização nesse sentido. (VIEIRA, 1994 *apud* CARDOSO, 2002, p.5).

A importância da mulher diante dessa seleção forçada, que determina o melhor local dela estar e o que ela deve fazer, a direcionou a ter um olhar mais sensível para as questões da ecologia e do meio ambiente, essa afirmação é reforçada nos trabalhos e reflexões de Shiva (2004) e Flores & Trevizan (2015) acerca do Ecofeminismo. Trata-se de um movimento surgido na década de 70, de um esforço do movimento feminista em defesa do meio ambiente na França. As mulheres iam às ruas e relacionavam ciência, mulher e natureza. Essas questões foram postas em cheque quando se passou a questionar as bases da sociedade e seus rumos futuros na busca por um mundo sustentável. De acordo com Flores & Travizan,

[...] o ecofeminismo identifica no sistema patriarcal a origem da catástrofe ecológica atual, tendo sido a natureza e as mulheres, ambas associadas à reprodução da vida, o alvo das agressões desse sistema. Nessa perspectiva, o patriarcado se exprime com a mesma lógica do poder machista, opressor e totalitário da agroindústria, atacando os fundamentos da vida, na sua expressão simbólica mais profunda: a fecundidade do ser vivo. (FLORES & TREVIZAN, 2015 p.12).

Mas como podemos associar o ecofeminismo às lutas, das mulheres marisqueiras em Acupe, por reconhecimento e pelo direito a um ambiente de trabalho saudável e sem riscos de contaminação à saúde? A relação se dá a partir da constituição do movimento feminista, presente em locais ou comunidades onde mulheres se organizam em defesa do meio ambiente, local de onde tiram seus sustentos para criarem os filhos. Estas mulheres, infelizmente, não têm seu trabalho reconhecido, mas inferiorizado, classificado como trabalho “de mulher”, portanto, menor.

Em Acupe, as mulheres ainda precisam de mais cuidados e atenção, no que tange ao acesso à Educação Ambiental e a um trato sustentável dos recursos naturais. Dessa forma, a falta de cuidado com os recursos da natureza acaba se tornando uma ameaça grave para a perpetuação das práticas da mariscagem, prejudicada pela poluição/contaminação e pela falta de reconhecimento da importância desta prática para a sociedade, gerando, conseqüentemente, o desaparecimento do ofício, pela não adesão dos seus filhos e filhas, pois querem algo mais rentável, reconhecido e que lhes possibilite um futuro com melhores condições de vida.

A preservação e conservação dos recursos naturais é uma preocupação recorrente das marisqueiras entrevistadas para esta pesquisa. A partir dessa preocupação, abre-se uma perspectiva para analisar a mariscagem e a pesca sob uma questão de gênero. Sendo que a transformação desse ambiente perpassa pela importância do papel da mulher nessas comunidades. Contudo, vale ressaltar que na década de 60, mesmo com o domínio de

disciplinas como a Sociologia, Economia e Antropologia, que direcionavam as pesquisas às questões do trabalho feminino, tomavam-se por base dois grandes polos teórico-políticos: “as teorias da modernização e a crítica feminista marxista. Os estudos nesse período centravam-se na participação das mulheres nos processos de urbanização, as migrações campo-cidade, sua inserção no mercado informal urbano e no serviço doméstico, seu acesso à educação e participação na população economicamente ativa” (SCHEFLER, 2002, p. 250).

É importante reafirmar também, que na década de 70, passou-se a configurar uma nova ordem mundial, sendo que o processo de desenvolvimento de industrialização multinacional, que apela para a contratação de uma abundante mão de obra feminina, segundo Schefler (2002), traz novas questões sobre a relação entre as divisões internacional e sexual do trabalho. Sob as inspirações da análise marxista, que enfocavam o trabalho feminino, tanto na exploração como na esfera doméstica, “o papel da mulher é subestimado, visto que as análises consideram apenas a relação da exploração familiar com o exterior, ignorando as relações sociais dentro da própria exploração doméstica” (SCHEFLER, 2002, p. 250).

Levando em consideração as temáticas como a transformação dos processos produtivos das empresas, a introdução de novas tecnologias e as teorias organizacionais; o debate da divisão internacional do trabalho passa a ser substituído pelo da globalização, na década de 80. Segundo Schefler (2002), tem como referência o gênero, todo o interesse de discussão voltado para a análise da inserção das mulheres no mercado de trabalho flexível. Assim:

A flexibilização do trabalho e a precarização do trabalho feminino, na economia pós-fordista, introduzem novas perspectivas de análise, ampliando o campo de percepção do universo feminino e de sua interação nas relações de gênero, onde se destacam: a relação entre os universos do trabalho e da família, a reprodução e o trabalho doméstico, as estratégias familiares de sobrevivência e o ciclo de vida familiar, as formas de socialização do trabalho e, como estas determinam, de maneira definitiva e desigual, as oportunidades de mulheres e homens, influenciando decisivamente na reprodução ou na transformação das relações de gênero. Atualmente o estudo da mulher produtora situa-se num marco referencial mais amplo, integrando outras dimensões como a classe, raça e cidadania. (SCHEFLER, 2002, p. 251).

Vou adotar aqui o sentido de gênero, assim como Schefler (2002), onde é entendido como uma categoria relacional analítica, em que as mulheres são imaginadas como sujeitos políticos, vistos não de forma isolada ou separada das relações sociais de gênero, mas “localizadas em um contexto de opressão e exploração que determina seu papel na sociedade. Um papel que, de acordo com Costa (1998, p.15), não é fruto da propriedade privada e muito menos de um determinismo biológico” (SCHEFLER, 2002, p. 254). Para tanto, o conceito de gênero:

[...] resulta da constatação de que, as lutas feministas na perspectiva da igualdade, expressa pelas conquistas dos direitos civis, não lograram uma efetiva transformação nas relações assimétricas do gênero; daí a necessidade de proposição de categorias que dêem conta de explicar a posição de subalternidade das mulheres, como uma condição que, manifestando-se de forma diferenciada no tempo e no espaço, perpassa as classes sociais. (SCHEFLER, 2002, p. 254).

Mesmo não integrando movimentos organizados de mulheres na comunidade, as mulheres têm consciência do seu papel no combate da problemática da contaminação e da poluição nos manguezais de Acupe. Sendo assim, existe uma pressão para construção de bases para pensar e exigir soluções que recuperem o estado saudável dos mangues e de possíveis medidas para recuperar a biodiversidade desse ecossistema. Dessa forma, Shiva (2004) acredita que as lutas diárias das mulheres para protegerem a natureza são realizadas em um contexto cognoscitivo e ético, onde a natureza é vista como um processo vivo e criativo, sendo assim,

[...] los movimientos ecologistas de mujeres que intentan preservar y recuperar el principio femenino, surgen de una ideología que no parte del concepto de género y difiere tanto de la ideología patriarcal que sirve de fundamento al proceso de destrucción ecológica u sometimiento de la mujer, como de las respuestas que si parten de dicho concepto y que hasta hace poco tiempo han caracterizado al mundo occidental. (SHIVA, 2004, p. 24).

Para Leff (2002), na atualidade tem sido cada vez mais crescente a degradação socioambiental, e com ela a exigente necessidade de transformar “[...] os princípios da racionalidade econômica, de seu caráter desigual e depredador, para construir uma racionalidade produtiva, capaz de gerar um desenvolvimento equitativo, sustentável e duradouro” (LEFF, 2002, p. 46-47). Esta preocupação virou um debate teórico e político, que gerou um amplo movimento social, no qual se arraigaram os princípios do desenvolvimento sustentável, nas lutas populares e nas organizações das comunidades rurais, defendendo a autogestão de suas terras e de seus recursos naturais.

A ideia de sustentabilidade, segundo Flores & Trevizan (2015), traz a noção de duração no tempo: “[...] o desenvolvimento que não esgota os recursos para o futuro. Assim, o conceito de sustentabilidade, limita-se à conservação dos recursos no correr do tempo, isto é, uma reprodução vegetativa”. Dessa forma, a melhoria das condições de vida depende diretamente de como a humanidade usa os recursos naturais e de como se utiliza de maneira consciente a sustentabilidade ambiental (FLORES & TREVIZAN, 2015, p. 16).

Os estudos sobre as diversas comunidades pesqueiras, realizados no Brasil, têm sido categóricos na comprovação do protagonismo das mulheres no processo de desenvolvimento

dessas localidades. No caso da trajetória das mulheres de Acupe, esse lugar de destaque é perceptível, tanto nas relações familiares quanto nas de trabalho e geração de renda para as famílias. Contudo, mesmo com sua importância no cenário comunitário, as mulheres que se dedicam ao trabalho de mariscagem não têm reconhecimento, sobretudo, pela existência de uma “hierarquia de gênero” e a inferiorização do trabalho da mulher, pois é considerado menos importante, sendo assim, desenvolvido apenas por elas e mantido mais pela paixão pela prática e pela necessidade de complemento da renda, que pelo incentivo e reconhecimento das autoridades da pesca e pelos homens que desenvolvem a função de pescar.

De acordo com Cardoso (2002), a desconsideração do trabalho da mulher pode ser compreendida a partir da perspectiva de gênero, onde se apresenta como uma construção social, pois “naturaliza-se” o trabalho da mulher como algo inerente ao domínio doméstico. Na ocorrência de sua inclusão no domínio público, o seu trabalho é visto como “ajuda” ao trabalho do homem. “Essa dicotomia entre domínio público/privado é apenas uma dentre tantas que compõem a forma de ver e organizar o mundo segundo padrões ocidentais, pois o que é determinado como masculino e feminino em nossa sociedade, pode não o ser em outras” (CARDOSO, 2002, p.3).

A desvalorização do trabalho feminino, pela própria mulher, está presente, por exemplo, nas seringueiras do médio Madeira e de Xapuri, como nos mostram, respectivamente, Campbell (1996) e Simonian (1995). Essa forma de “deixar em segundo plano” a atividade produtiva da mulher, dificulta até mesmo a produção e possíveis formas de mobilização e associação entre mulheres em suas respectivas atividades. Segundo Simonian (1995), o trabalho das seringueiras é discriminado ou silenciado, chegando a ser desconsiderado em vários momentos históricos relevantes. (CARDOSO, 2002, p. 3 - 4).

Na comunidade de Acupe, a maioria das mulheres marisqueiras é negra e independente de uma figura masculina. São viúvas ou, na sua grande maioria, mães solteiras ou abandonadas com os filhos pelos companheiros. Dessa forma, precisam do trabalho da mariscagem para manter suas casas e filhos, sendo que a maioria delas, além de exercerem a mariscagem, desenvolve também atividades que auxiliam em suas rendas, como comércio de pequenas variedades, artesanatos, costura, manicures, agricultura, entre outras.

Não podemos deixar de destacar, nessas características das marisqueiras de Acupe, a pesada solidão de gênero dessas mulheres. O protagonismo solitário das mulheres negras, que de acordo com Pacheco (2013) tem bases culturais, é sustentado pelo racismo e pelo machismo, atuantes na relação entre homens e a mulher negra, apresentada a partir de

estereótipos associados à sexualidade, dispensando-as como uma possível companheira para a vida de casados.

A negritude das mulheres marisqueiras foi comprovada, também, pela Fundação Cultural Palmares, através da certificação de comunidade quilombola, entregue ao distrito em 2010. O certificado comprova que o distrito é composto por homens e mulheres que descendem de negros escravizados e que ainda mantém as práticas culturais realizadas pelos ancestrais, tais como a pesca, a mariscagem e os trabalhos de agricultores, que eram desenvolvidos nos engenhos. A partir dessas características, as questões que envolvem racismo e gênero são sensivelmente percebidas na comunidade através da distribuição geral do trabalho e das transformações socioambientais na localidade.

O trabalho de mariscagem é desenvolvido pelas mulheres, em sua maioria, como a principal fonte de renda de suas famílias; dessa forma, se constitui como um trabalho desenvolvido apenas pelo sexo feminino. Em geral, são mulheres que não tiveram oportunidades de outras escolhas na comunidade e que legaram o ofício de suas mães, e pela proximidade com a maré. Destaco nesse trabalho a relação entre racismo e gênero, pois apesar de perceptível, para quem vem de fora, ela não é problematizada pela comunidade. As marisqueiras relatam a segregação no trabalho considerando apenas a relação de gênero. Nessa percepção, torna-se mais complicada uma tentativa de *empoderamento* feminino quando há uma trajetória individualizada dos movimentos sociais, pois não existem lutas únicas, mas lutas transversais que, se unidas, podem ser mais vitoriosas em suas reivindicações.

Nesta relação de racismo, gênero e trabalho, trago para a discussão o conceito de Racismo Ambiental que, de acordo com Souza (2015), foi uma expressão criada em meados da década de 80, nos Estados Unidos, “quando negros estadunidenses iniciaram a luta por ambientes ecologicamente equilibrados, como uma extensão dos reclames por justiça social e de um apelo para o fim do racismo institucionalizado” (SOUZA, 2015, p. 29). Essa reivindicação passou a ser vista como um direito básico, marcando a fundação do movimento por Justiça Ambiental na década de 80, além de ter forte relação com as questões de saúde das comunidades negras, pois identificou um padrão de localização de atividades perigosas à saúde e seus resíduos em comunidades não brancas e pobres.

Esse tipo de racismo tem sido responsável pela vitimação de comunidades em condições de vulnerabilidade social, econômica e cultural, sobretudo mulheres, que são as maiores protagonistas dentro de suas comunidades. Em alguns estudos sobre as mulheres, o racismo ambiental é perceptível nas questões de promoção à saúde.

De acordo com Lima e Volpato (2014), existe um lugar muito árduo para a mulher negra na sociedade brasileira e elas têm enfrentado desigualdades que as colocam em um patamar de

[...] inferioridade tríplica, permeando o racismo, a questão de gênero e classe econômica. É possível ligar estas três esferas, de forma a compreender sua situação na sociedade atual, compreendo os principais fatores para a sua má qualidade de vida e bem-estar físico, mental e social, assim provocando sua situação precária de saúde (LIMA e VOLPATO, 2014, p.3).

A partir dessa afirmação, as autoras compreendem que a vulnerabilidade do público negro, principalmente da mulher negra, tem referência com fatores construídos socialmente e que “causam a sua seccionalidade/segregação da esfera social. São marginalizados pelas relações sociais de poder existentes e isto proporciona a grande taxa de desigualdade na saúde da população negra no Brasil e no mundo” (LIMA & VOLPATO, 2014, p.3).

As mulheres de Acupe sofrem desse racismo ambiental quando não tem acesso a serviços básicos como saúde, educação e saneamento básico, o que é potencializado pelo desrespeito a sua atividade remunerada, que tem sido desvalorizada e inferiorizada dentro de sua comunidade.

4 PERCEPÇÕES DE MULHERES MARISQUEIRAS: SAÚDE, POLUIÇÃO E GÊNERO

4.1 Contextualizando os sujeitos da pesquisa

Já podemos notar o papel relevante das mulheres marisqueiras para Acupe, mas agora podemos discorrer sobre como tem acontecido o processo de construção desse papel. As histórias relatadas pelas mulheres marisqueiras de Acupe são de mulheres, filhas de homens e mulheres humildes, e que cultivavam os ensinamentos dos pais, mas que tinham poucas opções de crescimento, pois se tratava de uma comunidade pequena com famílias pobres. A pobreza imposta pela má distribuição do trabalho e da renda colocou essas mulheres no local de protagonismo no desenvolvimento dessa comunidade, obrigando-as a sair muito cedo para trabalharem na maré, auxiliando seus pais.

Em depoimento, as mulheres contaram que foram obrigadas pelas condições financeiras de seus pais a seguirem o ofício da mariscagem, a maioria delas não conhecem outro modo de vida, são mulheres que se classificam como guerreiras, divididas entre a função de mãe sozinha e de marisqueiras. Diante das dificuldades enfrentadas para conquistar seu lugar na sociedade, as mulheres de Acupe ainda têm direitos violados, tais como: o direito à educação, à saúde de qualidade e ao lazer.

A violação desses direitos pode ser verificada quando afirmam, nas entrevistas, que tiveram acesso apenas ao ensino básico e que não têm acesso aos serviços básicos de saúde no distrito, o que sugere uma negligência ao acesso a serviços de saúde da mulher, pois muitas delas nunca realizaram, ou só realizam em épocas de campanhas específicas, exames importantes para prevenção e diagnóstico de doenças, como o preventivo para câncer. A negligência pode ser conferida na falta de compromisso dos órgãos competentes e na falta de políticas públicas de saúde direcionadas às mulheres em Acupe, que se constituem num público vulnerável, tanto pela profissão que exercem (mariscagem) quanto pela falta conhecimento dos riscos que correm pelo não acesso a esses serviços.

Mesmo com toda a dificuldade da prática da mariscagem, existe consenso entre as marisqueiras entrevistadas quanto à importância deste ofício para o crescimento e visibilidade da comunidade na região, pelo papel central na manutenção familiar e pela paixão adquirida pelo ofício. Contudo, mesmo como referência de luta e resistência, as mulheres ainda buscam reconhecimento e respeito na prática da mariscagem, tanto pelos parceiros de trabalhos, os

pescadores, quanto do governo, com a criação de políticas públicas específicas na prevenção em saúde e no tratamento adequado para algumas doenças.

Em minhas entrevistas, as marisqueiras apresentam a consciência de que são mulheres negras, mas não associam a indiferença atribuída ao trabalho da mariscagem ao fato de serem mulheres negras que trabalham com um legado deixado por comunidades negras ancestrais. Reconhecem a condição de serem mulheres e mães produtivas e responsáveis economicamente por suas famílias, tendo ainda a incumbência de oferecer condições para proporcionar melhores oportunidades de estudo a seus filhos.

Antes de partirmos para a análise dos dados, relato a seguir histórias sobre estas mulheres. Foram escolhidas seis mulheres: sujeito 1- Mariana; sujeito 2 – Marcela; sujeito 3 – Valéria; sujeito 4 – Celeste; sujeito 5 - Marieta e sujeito 6 - Sandra. Vale ressaltar que estes nomes são fictícios para manter o anonimato das mulheres.

Sujeito 1 – Mariana

Mariana tem 50 anos, é evangélica e estudou apenas até a primeira série do ensino básico. Casada, teve cinco filhos, porém apenas três deles estão vivos. Nascida no distrito de Acupe, filha de pai salineiro e mãe marisqueira, dona Mariana teve uma infância difícil e, segundo ela, muito atribulada, pois perdeu a mãe muito cedo.

Minha infância não foi boa não, perdi minha mãe muito cedo e, sem boas condições financeiras, meu pai me entregou para minhas cunhadas me criarem. Depois disso, comecei a trabalhar como doméstica na idade de 8 para 9 anos. (Entrevista SUJEITO 1 – MARIANA, 2015).

De acordo com Mariana, ela voltou ao convívio com o pai, apenas aos 12 anos, época em que conheceu o esposo, com quem convive até os dias atuais. Com relação aos estudos, ela afirma que teve a oportunidade de estudar, mas nunca gostou. Casou-se muito cedo e engravidou, o que a obrigou a trabalhar na maré.

Mariana lembra que seu pai tinha uma quitanda, o que ajudava no sustento da família, e, mesmo sendo muito bravo, tinha amor pelos filhos e tentou dar uma vida melhor, colocando-os na escola. Seu pai morreu aos 96 anos. Mas o ofício de mariscar, ela aprendeu com a necessidade de trabalhar e a arte de observar as marisqueiras mais velhas a realizar o ofício.

Comecei aprendendo a tirar o Bebe-fumo²⁹, hoje aprendi a tirar ostra, sei tirar o Sururu³⁰. Mas se bater a necessidade, eu vou lá e trago ele, entendeu? Então o que faz a gente aprender é a força de vontade, a necessidade que bateu na porta e eu tive que aprender. (Entrevista SUJEITO 1 – MARIANA, 2015).

Inúmeros problemas de saúde afastaram Mariana do ofício diário da mariscagem, como dores nas articulações e na coluna, dessa forma, ela tem auxiliado a renda familiar com a venda de doces em sua casa.

Sujeito 2 – Marcela

Marcela tem 64 anos, é católica, nasceu em Cachoeira da Vitória e veio morar em Acupe quando tinha 16 anos. Viúva e mãe de 11 filhos, com apenas 6 vivos, sujeito 2 - Marcela é analfabeta e também teve uma infância difícil e uma vida adulta complicada. Em seu primeiro casamento, recém-chegada em Acupe, o marido faleceu e ela ficou sozinha com seus quatro filhos.

Eu sofri muito, sem casa, aí quando chovia eu botava as bacias para aparar meus filhos dormindo, pra não tomar chuva, e eu passei a depender da boa vontade de outras pessoas. (Entrevista SUJEITO 2 – MARCELA, 2015).

Criada pela mãe, Marcela enfatiza que o principal ensinamento que aprendeu com ela - que morreu aos 55 anos, devido à doença de Chagas - foi o amor pelos filhos. Aprendeu o ofício da mariscagem com o primeiro marido, que era pescador em Cachoeira da Vitória, mas só iniciou na pescaria quando veio morar em Acupe, e marisca até hoje.

Com a ajuda de moradores vizinhos, da herança recebida do pai e do novo marido, tempos depois, Marcela conseguiu finalizar a construção de sua casa. Com orgulho, ela afirma que todos os seus filhos tiveram oportunidade de estudo e que têm o poder de escolher em quê quer trabalhar. Mesmo com toda dificuldade, ela agradece à “vida da Maré”, que nunca a deixou passar fome.

Graças a Deus, nessa vida de maré, nunca deixei meus filhos passarem fome. Me acabei na maré, ia pra maré todo dia. Tinha dia que, mesmo eu pagando a canoa, os

²⁹ O chumbinho [*Anomalocardia flexuosa* (Linnaeus, 1767)] é um molusco bivalve marinho da família dos venerídeos, comestível e de ampla ocorrência no litoral brasileiro, onde vive enterrado no lodo. Tais moluscos possuem coloração branca amarelada, superfície externa lisa com manchas de padrões variados. Também são conhecidos pelos nomes de bebe-fumo, bergão, berbigão, burdigão, chumbinho, conchinha, fuminho, fumo-de-rolô, maçunim, marisco, marisco-pedra, marisquinho, papa-fumo, pimentinha, samanguaiá, samanguiá, samongoiá, sapinhoá, sarnambi/sernambi, sarnambitinga, sarro-de-pito, simanguaiá, simongoiá, simongóia, vôngole, tumem.

³⁰ O sururu [*Mytella charruana* (d'Orbigny, 1842)] é um molusco bivalve (inserido entre duas conchas) da ordem Mytiloida, popularmente conhecido no Nordeste do Brasil. É semelhante à ostra e o prato típico mais conhecido feito dessa espécie é o "caldo de sururu", à base de dendê e leite de coco. É referência nas cozinhas Baiana, Alagoana, Pernambucana, Sergipana e Maranhense.

canoeiros *tinha* a cara feia, mas eu tinha de *pedi*, pois eu precisava. Eu morava na roça, nunca passei fome e eu tinha meus filhos, não queria que eles passassem fome. (Entrevista SUJEITO 1 – MARIANA, 2015).

Sujeito 3 - Valéria

Valéria tem 74 anos, oito filhos, é membro da igreja Universal e participa do grupo Calebre³¹. Nascida e criada em Acupe, ela estudou apenas até a 3ª série do ensino básico. Hoje, mesmo aposentada, ainda pratica a mariscagem, pois precisa complementar a renda, já que depois de ser abandonada pelo marido com seus filhos, dona Valéria teve que aprender a trabalhar para sustentá-los.

Em sua fala, ela relembra da infância difícil com os irmãos, eram cinco irmãos na época, mas segundo ela, tiveram mais.

A casa era humilde, toda tapada de barro, tapava de pano e do quarto, a gente via os pescadores *sair* e *chegar*. Muita goteira dentro de casa, pois naquele tempo não existia telha, era de palha. Aí, minha filha, nasceu um pé de abóbora, carregado de abóbora, aí a gente ficou numa alegria, mas quando as abóboras *começou* a crescer, que começou a chover, ao invés das abóboras *tapar* os buraco, a abóbora abria, a água escorria por cima da abóbora pra vir dentro de casa e aí, *vamos* procurar lugar pra dormir, mamãe ficava, coitada, desesperada: “meu Deus, onde é que vocês vão dormir?” (Entrevista SUJEITO 2 – VALÉRIA, 2015).

Filha de pai pescador e mãe marisqueira, Valéria perdeu os pais no início da adolescência e teve que ir para a casa de uma tia, em Salvador, onde, segundo ela, sofreu maus tratos e foi obrigada a trabalhar como doméstica.

Minha tia me botava *pra eu ir* dormir no chão, num pedaço de tábua forrada de jornal, e quando ela dizia que tava fazendo aquilo pra eu ter um modo de dormir, pra não cair da cama. Minha coberta era saco de açúcar, tudo isso ainda me lembro, e forrada de jornal. (Entrevista SUJEITO 2 – VALÉRIA, 2015).

As dificuldades da vida, segundo Valéria, a ajudaram e lhe deram coragem para lutar e continuar trabalhando, pois “[...] mesmo nessa idade eu não fico, filha, esperando as coisas caírem do céu, porque tem um dizer: faça a sua parte que Deus te ajuda, então, não vou ficar esperando, que Deus não vai mandar do céu. Tinha de labutar e labuto (Entrevista SUJEITO 2 – VALÉRIA, 2015).

³¹ O Calebre é um grupo formado por membros da Igreja Universal do Reino de Deus. A máxima das pessoas participantes é aprender a produzir artesanato para venderem para complementar suas rendas.

Sujeito 4 - Celeste

Celeste, 64 anos, católica, também estudou até a 3ª série do ensino básico, teve três filhos, mas apenas dois estão vivos. Viúva de marido pescador, ela é filha de mãe marisqueira, viva e com 96 anos, e pai carpinteiro. Celeste relembra com saudade de sua infância, e a considerou ótima. De acordo com ela, na sua época não havia preocupação com a violência como hoje em dia. Contudo, reforça que não havia muita escolha para os jovens, dessa forma, a tendência para as mulheres era ser marisqueira.

Mesmo aposentada, Celeste continua trabalhando, pois, de acordo com ela, o que ganha é muito pouco. Na vida de mariscagem desde os 10 anos, ela afirma que na casa dela todo mundo está no mesmo ritmo, referindo-se às suas filhas e netas.

Com quatro anos eu já estava levando, amanhã mesmo é dia, sábado que não tem aula, já vai. Tem que ensinar, pois amanhã, depois eu não vou ficar aqui, elas me têm hoje em dia, mas não vão me ter para sempre. Tem que aprender, pois se não tiver sorte no estudo, não fica se batendo na vida. (Entrevista SUJEITO 4 – CELESTE, 2015).

Sujeito 5 - Marieta

Marieta tem 55 anos e estudou até a 7ª série do ensino básico. Com quatro filhos, é casada e católica. Filha de marisqueira e de pai salineiro, ela nasceu e sempre morou em Acupe. Ela conta que sempre se identificou com o trabalho da mariscagem e sempre quis mariscar, mas tinha a resistência da mãe, que desejava algo melhor para seus filhos e os queria distantes da maré.

Minha mãe era marisqueira e ela não queria que a gente fosse pequena para a maré, queria que a gente estudasse. Ela dizia que ela que não queria essa vida para a gente. Ela queria que eu estudasse. Mas como aqui só tinha isso mesmo e eu, de teimosa, *cair* nessa vida. (Entrevista SUJEITO 5 – MARIETA, 2015).

Mesmo fazendo resistência à permanência dos filhos na vida da maré, a mãe de Marieta ensinou tudo que ela sabe sobre o ofício da mariscagem; dessa forma, ela está inserida na mariscagem desde os 10 anos e, mesmo com as dificuldades, ela se orgulha de ser marisqueira. Contudo, acredita que se em sua época tivesse mais oportunidades, talvez pudesse ter feito outra coisa.

Outra queixa também vivida pelas mulheres marisqueiras, é a difícil relação com seus cônjuges, como relata Marieta, que sofreu violência doméstica.

Hoje eu vivo por capricho mesmo, pra criar meus filhos. Hoje eu cheguei nessa idade, eu estou vivendo melhor com ele (o pai dos filhos dela). Antes era muito sofrimento. Eu sofri com aquele homem, pegava mulher na rua, me batia. Eu não escondo de ninguém. Hoje eu digo que estou nessa idade, eu e ele, estou vivendo feliz, porque meus filhos cresceram, mas não foi fácil não. Mas eu superei, não arriava porque não tinha mais nem pai, nem mãe, e tinha medo de arrumar outro homem. (Entrevista SUJEITO 5 – MARIETA, 2015).

Sujeito 6 - Sandra

Sandra é católica, tem 53 anos e estudou até a 4ª série. Tem dois filhos e é solteira. As lembranças da infância são de muita alegria e brincadeira. Desde cedo na vida da mariscagem, apresenta alguns problemas de saúde, o que a afastou do trabalho diário de mariscar.

Agora não vou todos os dias catar meu marisco, porque estou com um problema de esforço repetitivo no braço e o médico disse pra eu não mariscar, mas quando dá pra ir, eu vou, trago minha moqueca, quando dá pra vender, eu vendo.

Filha de pai pescador e mãe agricultora, Sandra conta a respeito dos cuidados que os pais tinham com os filhos e com as amigadas, e o medo de desvio de conduta. Depois que casou, chegou a trabalhar como doméstica, em Salvador, e depois retomou a vida na mariscagem.

Eu aprendi e comecei a mariscar devido à influência de minha mãe e do meu pai, e com uma vizinha. Eu pegava a colher de adoçar café e as vasilhinhas e saía para mariscar. (Entrevista SUJEITO 6 – SANDRA, 2015).

Dona Sandra também confirma a não opção para os jovens trabalharem, por isso optou pela mariscagem. “Não tinha outra coisa aqui pra fazer. Foi a obrigação mesmo, a necessidade que me fez começar a mariscar” (Entrevista SUJEITO 6 – SANDRA, 2015).

4.2 As categorias de análise

Partindo do conceito defendido pelo médico e professor Moacir Scliar, no qual a saúde é reflexo da conjuntura social, econômica, política e cultural (SCLIAR, 2007); o termo ‘saúde’ representa coisas distintas para as pessoas, dependendo da época, do lugar, da classe social a qual pertencem e de valores individuais, concepções científicas, religiosas e filosóficas (SANTOS, 2011). Este trabalho foi delineado tendo como frentes três categorias de análise: 1) **percepção sobre saúde**; 2) **percepção sobre poluição**; e 3) **percepção sobre gênero**.

Com apenas um hospital de atendimento emergencial na comunidade, as pessoas têm o atendimento rotineiro concentrado na única Unidade de Saúde da Família (USF) que, de acordo com dados informados pela representante da unidade do distrito, tem apenas 13 especialidades³². Existe grande incidência de doenças associadas ao trabalho da pesca e da mariscagem, devido à falta de prevenção e proteção do meio ambiente na comunidade. Entre as doenças mais recorrentes estão os problemas adquiridos pela exposição ao sol como: catarata precoce e glaucoma; problemas de pressão alta; micoses na pele (exposição à umidade); infecção na genitália, provocada por bactérias e fungos; problemas articulares, provocados pelos movimentos repetitivos; lesão na coluna e nas articulações dos ombros e punhos; diabetes e desidratação. Também foi comprovado, que a falta de uma política de prevenção voltada para a saúde das mulheres, aumenta o risco de incidência de doenças como obesidade, elevação do colesterol e doenças do colo do útero.

Vamos agora descrever as concepções das mulheres marisqueiras a partir das categorias de análise:

4.2.1 Percepção sobre saúde

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a “Saúde é o estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença”, contudo, culturalmente, a maioria das pessoas tem o costume de sempre associar e, de certa forma aceitar, a conceituação de saúde como sendo a ausência de doenças. De acordo com Santos (2016), esse pensamento tem princípio com os estudos do filósofo francês Descartes, do início do século XVII, que “ao comparar o corpo humano tal qual uma máquina, acreditou em poder descobrir a ‘causa da conservação da saúde’”. Com efeito, o século XIX ressaltou o modelo mecanicista da doença. Sob a dominação da máquina, Pasteur e Koch (in Dallari, 1988), na sociedade industrial, definiram “doença” como sendo o “defeito na linha de montagem humana” (SANTOS, 2011, p.2).

Mariana descreve sua concepção de saúde dentro de um “modelo exógeno” do adoecimento que, segundo Laplantine (1991), é sempre provocado por um agente externo, causador da doença, que deve ser combatido como um “inimigo”. É o cigarro que causa o câncer e as doenças coronarianas; o açúcar, a diabetes; o sal, a hipertensão arterial; as

³² Dentre as 13 especialidades oferecidas pela USF estão: Enfermagem do Trabalho, Clínica Geral, Odontologia e Ginecologia. O posto funciona com a participação de 20 profissionais, responsáveis por atender todo o distrito: 13 agentes de saúde; 1 técnica de enfermagem; 1 auxiliar de consultório dentário; 1 dentista, 1 clínico geral; 1 enfermeira; 1 recepcionista e 1 auxiliar de serviços gerais.

gorduras, o colesterol e o infarto; o sedentarismo, a obesidade. Para o autor, esses fatores não são colocados em associação a outros causadores da doença (modelo multicausal), mas como “agentes diretamente responsáveis”, e que encontram nos médicos e nos outros profissionais de saúde aliados preciosos que lhes fornecem argumentos e legitimam tal postura. Combatendo o “inimigo”, cura-se. Acrescenta-se que a prática educativa muitas vezes se fundamenta nessa perspectiva: é necessário adotar um modo de vida adequado, natural e isolar a doença (GAZZINELLI *et al.*, 2005, p.201).

Pensando dessa forma, não existe uma sensibilização das mulheres marisqueiras para a prática de uma cultura preventiva, mas curativa.

Na maré, *pega* cada tipo de problema: é câncer no útero, porque o modo de trabalhar da gente, abaixado a gente recebe aquele fluido por debaixo, da lama, aí tudo isso causa problema, por mais que a gente chegue em casa e tome um banho bem tomado, mas causa; nem todas têm aquele trabalho, aquela preocupação de ir, de três em três meses no médico e, muitas vezes, não é nem preocupação é que o dinheiro não dá para pagar um médico e para fazer um exame de mulher hoje é caro, e tudo hoje é na base do dinheiro, então não dá, não dá. (Entrevista SUJEITO 1 – MARIANA, 2015).

Com relação aos problemas de saúde enfrentados, Mariana avalia que a mulher tem que ser forte e nunca desistir, sobretudo quando tem responsabilidades em casa e uma forte relação com o ambiente de trabalho:

Meu marido reclama, porque eu fico ruim da coluna, tenho pressão alta também que mexe, entendeu? Mais é o que eu gosto de fazer, é o que eu sei fazer e é onde eu me encontro, é na maré. (Entrevista SUJEITO 1 – MARIANA, 2015).

Mariana atribui também muitos problemas de saúde ao trabalho na maré, dessa forma, esses problemas estão inseridos na categoria da saúde do trabalhador da maré, que também é um serviço negligenciado na estrutura de atendimento à saúde, em Acupe. De acordo com Pena & Martins (2014), a doença do trabalho pode ser definida como “qualquer entidade nosológica³³, desencadeada ou agravada pelas condições especiais em que o trabalho é realizado, nas suas diversas formas de inserção no processo produtivo de bens e serviços” (PENA & MARTINS, 2014, p. 96).

Eu parei de ir todo santo dia, menos de um ano para cá, porque tenho dor na coluna, dor no joelho, nos ossos. Desde que fiz 50 anos, sinto muitas dores nos ossos, a tontura, *renite*, labirintite. Segundo o médico que eu fui, meu problema da coluna e essas dores nos ossos são causados pelo trabalho na maré, porque a gente puxa muita lama e tem lugar que a gente fica com lama até aqui, para cima do joelho, aí

³³ Nosologia: Área da medicina que se dedica ao estudo, descrição e classificação das diferentes doenças. (Etm. do grego: nósos + logos).

para a gente puder arriar o saco, para *ta* se arrastando, isso vai dando *esfaecimento* nos nervos. (Entrevista SUJEITO 1 – MARIANA, 2015).

Na concepção de Mariana existe um descaso na saúde das marisqueiras do distrito, o que torna a atenção primária em saúde precária e difícil. Ela acredita que essa situação foi responsável por mortes nos últimos anos. No entendimento de Mariana, a maré é a causadora dos crescentes casos de câncer entre as marisqueiras.

O câncer mata e o câncer é motivo da maré mesmo. Tem mulher marisqueira que desde criança *veve* na vida da maré e ainda tem o descaso da medicina para o lado da marisqueira. (Entrevista SUJEITO 1 – MARIANA, 2015).

Contudo, de acordo com Roberta Mota, técnica em enfermagem e representante da Unidade de Saúde da Família (USF), não existe uma relação entre o trabalho da maré e o surgimento de novos casos de câncer do colo do útero, pelo contrário, o que existe é um histórico de mulheres que não tem a cultura de ir ao médico, o que contradiz as orientações de atenção à prevenção de doenças, adotada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e pelo Ministério da Saúde (MS). Este comportamento das mulheres originou a elaboração da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher: Princípios e Diretrizes, de 2004.

De acordo com essa “cartilha”, o câncer de colo, diferentemente do câncer de mama, pode ser prevenido com medidas de fácil execução e de baixo custo. Porém, a introdução de oferta dos exames preventivos na rede básica, por si só, não é suficiente para a mobilização das mulheres. Sendo assim, é necessário mobilizar as mulheres vulneráveis para que elas compareçam aos postos de saúde e, a partir daí, implementar os sistemas de referência para os encaminhamentos de tratamento necessários.

“A prevenção do câncer ginecológico, assim como o diagnóstico precoce e o tratamento, requerem a implantação articulada de medidas como sensibilização e mobilização da população feminina, investimento tecnológico e em recursos humanos, organização da rede, disponibilidade dos tratamentos e melhoria dos sistemas de informação” (Ministério da Saúde, 2004, p. 48).

Já na concepção de Marcela, percebemos que a mesma é baseada no “senso comum” e, muitas vezes, há uma reprodução do que ouve em programas de televisão e rádio, sobre a temática. Backes & colaboradores (2009) demonstraram que tal concepção está baseada num modelo onde a saúde é espelho da doença. Dessa forma, existe ainda uma aceitação do modelo ultrapassado de se pensar a saúde, onde “a vida se manifesta através da saúde e da doença, que são formas únicas, experiências subjetivas e que não podem ser manifestadas integralmente através de palavras” (BACKES *et al.*, 2009, p. 112). Portanto:

Um indivíduo doente utiliza palavras para expressar a sua doença e os profissionais da saúde, por sua vez, também fazem uso de palavras para significar as queixas dos pacientes. Dessa maneira, surge tensão entre a subjetividade da doença e a objetividade dos significados atribuídos pelos profissionais às queixas do paciente e que o levam a propor intervenções para lidar com esta situação. (BACKES *et al.*, 2009, p. 112).

A partir desse pensamento, há uma aceitação por parte de Marcela de que a situação de saúde das mulheres que se dedicam e precisam mariscar em Acupe, não é boa. Contudo, também podemos notar que no entendimento de saúde dela há certo misticismo, quando associa os casos de câncer do colo do útero ao trabalho na maré. Essa concepção, de acordo com Minayo (1988), trata-se da interligação entre os fenômenos da natureza e a saúde, dessa forma, cita alguns exemplos, como:

[...] as mudanças do tempo são responsáveis por nervosismo; dores no corpo; recrudescimento de males crônicos; gripes e resfriados. O frio é apontado como causador de gripes, resfriados e bronquites; o calor excessivo é a explicação para a inchação das pernas, opressão no coração; os ventos são ditos como provocadores de mal-estar e de muitas doenças (MINAYO, 1988, p.366).

A mulher, quando ela tá menstruada, que senta na lama, ela fica com o útero, e vai lama pro útero da mulher. Aí e digo assim, como é que a pessoa vai mariscar, não senta, fica mariscando assim, me desculpa, com o *cú* pra cima? Aí me disseram não, é a lama que vem do vento. O vento, quando *ta* ventando, mesmo a gente de calcinha e short *côa*, e disse que quem trabalha na maré tem que de seis em seis meses, tem que fazer exame e tem até o que tira lama do útero. (...) A maré é quem cria os filhos da gente, quem *dar* a vida, mas a maré também provoca doença, a gente trabalha, mais a gente tem que se cuidar. Eu tenho problema de pressão alta, mesmo é o que? Salitro, muito salitro, fiz exame, muito tempo *mariscano* no salitre; tive problema de vista, o médico disse que é alergia, alergia ao salitre e que, quanto mais eu vou *na* maré, mais eu sinto minha vista agoniar, eu sei que é do salitre. (Entrevista SUJEITO 2 - MARCELA, 2015).

De acordo com o desabafo de Marcela, a cobertura da assistência à saúde das mulheres no distrito deixa muito a desejar, inclusive na aquisição de medicamentos. “Até para conseguir um remédio de pressão eles dizem que vai trazer em casa, mas nunca tem. Meu remédio eu compro, porque no posto nunca tem” (Entrevista SUJEITO 2 - MARCELA, 2015).

Como método de minimizar a falta do medicamento receitado pelo médico, quando consultado, Marcela, assim como a maioria das mulheres entrevistadas, fazem o uso de medicamentos alternativos, como plantas medicinais, conhecidos como chás curativos.

Nós usamos muitos chás, aprendemos isso com nossos pais. Tem uma malva branca que a gente planta no quintal, ela é boa, a gente cozinha e toma. A gente usa pra se lavar o útero. Tem a canela de veia, a mãe boa e tem malva branca, um *bocado* mesmo de folha que a gente usa e que são muito boas pra gente mulher. Tem aquela nune, eu não me dou bem e não uso, porque tenho problema de gastrite, às vezes eu tomo e queima. Tem o melão, aquele pequeno que você acha na feira, a gente bate

todo dia de manhã cedo, em jejum, bate um pedacinho dele e toma em jejum pra limpar o útero, tudo a gente faz. A gente que tem que fazer por nós, né? (Entrevista SUJEITO 2 - MARCELA, 2015).

Na concepção de Valéria, a saúde também é lembrada, quando se descobre uma doença, isso porque ela não tem o costume de realizar nenhum procedimento preventivo. Com a idade, ela tem o equilíbrio físico comprometido e sente muitas dores nos ossos, mas acaba se medicando com chás ou com indicações de outras pessoas. Assim como as outras mulheres, ela atribui as enfermidades ao trabalho forçado e repetitivo, desenvolvido na maré.

Muitas mulheres se queixam de dores na coluna. Eu mesmo *tava* com um problema de uma infecção urinária, porque eu vim de Maragojipe. Eu sentei num *diacho* de uma cadeira de trem, a dor de urinar veio, eu disse cadê pra eu ir, segurei, minha filha. Mas graças a Deus, quando eu como assim uma pimenta, uma gordura, aí eu sinto, aí eu corro pro mato, *tire o* um pé de um mato, que chama dente de leão, até pra diabete é bom. Aí faço um chá e bebo a metade, a metade se quiser deixar na geladeira. (Entrevista SUJEITO 3 – VALÉRIA, 2015).

A opinião de Celeste se assemelha a de suas companheiras, pois afirma que faltam acompanhamento e infraestrutura adequados para proporcionar um tratamento da saúde para marisqueiras e pescadores. Celeste foi a única marisqueira que afirmou não apresentar nenhum problema de saúde atribuído à prática da mariscagem. Ela também não tem costume de ir ao médico, negligenciando um direito a ela concedido pela Lei 8.080/1990. Celeste faz uso de medicamentos alternativos.

Quando eu sinto qualquer mal-estar, eu faço chá de alumã (risos); se tiver com dor de barriga eu corro ali, esfrego o alumã na água, tomo e logo fico boa; se tiver diarreia, eu tomo vinagre com açúcar e passa logo, melhor que ir para lá e se chatear. Agora, se tiver um caso grave, que não dá para curar dentro de casa, vamos ao posto. (Entrevista SUJEITO 4 – CELESTE, 2015).

Mesmo tendo sido diagnosticada com “problema de pressão”, dona Celeste resiste em ir realizar tratamento formal em uma unidade de saúde, pois não suporta a burocracia e o descaso por parte dos funcionários neste local. “[...] Eu já cheguei a ir, há uns três meses, mas não vou mais, quando sinto algo, em casa mesmo, às vezes eu tomo um chá de capim santo, não ligo muito não” (Entrevista SUJEITO 4 – CELESTE, 2015).

Marieta, apesar de não demonstrar uma concepção de saúde formulada em seu depoimento, apresentou queixas com relação à falta de infraestrutura para a promoção da saúde e cita as já existentes como deficitárias no distrito, sobretudo para os trabalhadores da maré. Dores de cabeça e na coluna, sentidas por ela, são tratadas com idas à Unidade de Saúde da Família (USF) ou em outras unidades em cidades próximas, quando necessário.

Sandra também apresenta sua doença como consequência de suas práticas na mariscagem e aos esforços repetitivos da profissão, a exemplo da Lesão por Esforço Repetitivo (LER), que foi diagnosticada. A mesma também possui concepções dentro de um ponto de vista contemporâneo de saúde e se preocupa em realizar acompanhamento semestral de sua saúde nas diversas especialidades. Nessa perspectiva, cada sintoma é tratado com um especialista específico como: doenças de pele, Dermatologista; dores nos ossos, Ortopedista, problemas genitais, com Ginecologista; problemas nos olhos, com Oftalmologista, e assim por diante.

Na concepção contemporânea acerca do conceito de saúde, de acordo com Backes & colaboradores (2009), os conceitos médicos atuais representam o resultado da práxis de cuidado de saúde. Sendo assim, os conceitos simplesmente se concretizam pelo modo de vida e pela comunicação sobre a vida. “Existe mais de um conceito sobre saúde e doença que os estudos atuais apresentam, e esses conceitos resultam da práxis normal. Esta evidência reforça a necessidade de os profissionais não trabalharem com conceitos estagnados que impedem o conhecimento da realidade” (BACKES *et al.*, 2009, p. 113).

No entanto, a saúde e a doença envolvem dimensões subjetivas e não apenas biologicamente científicas e objetivas e, a normatividade que define o normal e o patológico, varia. “As variações das doenças podem ser verificadas historicamente em relação ao seu aparecimento e desaparecimento, aumento ou diminuição de sua frequência, da menor ou maior importância que adquirem em variadas formas de organização social” (BACKES *et al.*, 2009, p. 113).

Tendo como parâmetro as dimensões subjetivas de encarar as doenças, as mulheres de Acupe também utilizam métodos subjetivos, ou alternativos, para amenizar os sintomas dessas enfermidades e, em alguns casos, para curá-las. De acordo com Firmo e colaboradores (2011), as plantas medicinais são elementos que constituem parte da biodiversidade e são muito utilizadas desde o início da civilização, por vários povos e de diversas maneiras. “Atualmente, cerca de 80% da população utiliza recursos da medicina popular para tratamento de alguma doença, sendo que os conhecimentos das técnicas utilizadas e o emprego são transmitidos por gerações de forma oral” (FIRMO *et al.*, 2011, p. 90).

A maneira mais comum de utilização desses métodos é com chás, produzidos com variadas ervas medicinais. Trata-se, segundo elas, de um legado deixado por suas mães. Dores nos ossos e de cabeça, problemas renais, de diabetes, problemas de pressão e no útero, são os sintomas e doenças mais recorrentes para a indicação do uso dessas plantas.

De acordo com Mariana, os chás são usados com muita frequência: “A gente usa muito, principalmente para limpar o útero. Usamos chás de Maria Preta, Mãe Boa, folha da Amêndoa madura e Arrozinho. Além do médico, ainda usa essas coisas para auxiliar”, afirma.

Mesmo tendo divergência sobre o uso dessas plantas medicinais, alguns estudos comprovam sua eficácia. Nestas perspectivas, considera-se que a planta medicinal é toda planta que administrada ao homem ou animal, por qualquer via ou forma, exerça alguma ação terapêutica. Firmo e colaboradores (2011) apresentam o tratamento feito com uso de plantas medicinais como fitoterapia, e os fitoterápicos são os medicamentos produzidos a partir dessas plantas. Dessa forma,

[...] a fitoterapia é caracterizada pelo tratamento com o uso de plantas medicinais e suas diferentes formas farmacêuticas, sem a utilização de princípios ativos isolados (SCHENKEL; GOSMAN; PETROVICK, 2000), permitindo que o ser humano se reconecte com o ambiente, acessando o poder da natureza para ajudar o organismo a normalizar funções fisiológicas prejudicadas, restaurar a imunidade enfraquecida, promover a desintoxicação e o rejuvenescimento. ((FRANÇA *et al.*, 2008 apud FIRMO *et al.*, 2011, p. 91)

Marcela também utiliza o método alternativo, mas para curar doenças pontuais, como dores estomacais. Plantas³⁴ como Boldo, Louro, Caatinga de Porco e Espinheira Santa são frequentemente usadas.

Essas folhas *tudo* são *boa*, a gente *toma*, são boa pra barriga, a espinheira santa, dizem que é boa para os nevros, o pessoal fala que ela é boa pra muita coisa. Aí eu uso e me sinto bem. Eu ainda não achei nenhuma folha que eu não me sinta bem, só que tem umas muito ruins. Eu tenho colesterol alto e a gramuchama é boa, a que chama Jamelão, é a folha *mais ruim* que tem. Eu não ligo por ser *marga* não, mas ela tem uma *marezia* de peixe e quando você faz o chá assim, ela é *marizienta*, mas dizem que é boa pra diabetes, é boa pra circulação, mas eu disse essa aí não vai não (risos), se os outros quiserem eu faço, mas pra mim, eu *to* com meu colesterol alto. (Entrevista SUJEITO 2 – MARCELA, 2015).

De acordo com Valéria, o alívio de dores e eliminação de enfermidades também podem ser realizados com o uso de plantas medicinais, cultivadas nas proximidades de casa.

Eu tomei uma queda que bati isso aqui (as laterais das costas) no chão e eu tava sentindo dor e eu preparei um xarope com Carqueja, Maricotinha, Arranca Postema, Buticudo, Malva, Maria preta, Cordão de São Francisco, Mata Passo, tem outra que tem um chifrinho, não *tô* lembrada agora. Tudo isso eu vou pegar no mato, aqui mesmo em Acupe. Eu tiro as raízes todas e deixo ainda um galhinho de folhas, eu deixo um galho que é pra cozinhar. (Entrevista SUJEITO 3 – VALÉRIA, 2015).

Conformando com o uso ancestral das plantas medicinais, Celeste também utiliza o método ao tratar “dores de barriga” com uma planta denominada Alumã. Conforme Firmo e

³⁴ Para mais informações sobre estas plantas e para o que elas servem acesso ao site <http://ervasespeciarias.com.br/medicina-indigena-da-magia-a-cura/> (BIBLIOMED, 2000-2015) .

colaboradores (2011), as plantas medicinais “correspondem às mais antigas ‘armas’ empregadas pelo homem, no tratamento de enfermidades de todos os tipos, ou seja, a utilização de plantas na prevenção e/ou na cura de doenças é um hábito que sempre existiu na história da humanidade” (MORAES; SANTANA, 2001 *apud* FIRMO *et al.*, 2011, p. 91).

Sandra acredita que o uso de plantas medicinais é insuficiente para a cura de doenças. Dessa forma, é necessária a visita periódica ao médico.

Se ela não fizer um exame periódico, não adianta. Tem que ir ao médico. Muitas pessoas usam os medicamentos feitos em casa, tem ajudado, mas não a curar. Tem que ter acompanhamento médico, eu tenho esse problema aqui, eu sou acompanhada. Eu tenho problema no joelho, pois eu me ajoelhei no mangue e meu joelho ficou preso na lama e no que eu puxei senti o repuxo, quando esfriou o sangue eu senti, se eu não cuidou logo? É ponta de pau, é galho de mangue, você puxa assim, vem outra pessoa atrás, *pá*, bate no meio da cara, fora as coisas que jogam no mangue, saco pesado de dentro do mangue pra trazer pra praia, pra lavar. Tem que ir ao médico se tiver qualquer coisa. (Entrevista SUJEITO 6 – SANDRA, 2011).

4.2.2 Percepção sobre poluição

De acordo com Fontenele e colaboradores (2010), cerca de 11 milhões de substâncias químicas são conhecidas em todo o mundo, sendo 3 mil produzidas em larga escala. Nos Estados Unidos, 1.200 a 1.500 novos registros são feitos a cada ano.

Numerosos compostos químicos de uso doméstico, industrial e agrícola, possuem comprovada atividade hormonal. São inseticidas, detergentes, repelentes, desinfetantes, fragrâncias, solventes, retardantes de chama, entre outros produtos, que estão presentes nos efluentes industriais, residenciais e de estações de tratamento de água e esgoto. Como somente 40 a 50 substâncias químicas são contempladas pelos padrões de potabilidade da água na maioria dos países, incluindo o Brasil, sua presença na água, no solo e no ar representa uma importante fonte de contaminação da cadeia alimentar, não avaliada pelos órgãos de controle de qualidade. (FONTENELE *et al.*, 2010, p. 54).

Nos últimos anos, a preocupação com o meio ambiente tem sido prioritária, dessa forma, o combate à poluição e o destino dado aos resíduos sólidos (lixos urbanos) produzidos no planeta têm sido motivo de grande comoção dos governantes e da população em geral. No Brasil, essa preocupação por intermédio da pressão de ativistas do meio ambiente, tornou-se uma lei, a nº 12.305/10, aprovada após 21 anos de tramitação no Congresso Nacional, que visa uma destinação mais responsável ao lixo produzido nos municípios brasileiros. Esta lei foi responsável pela criação da Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) que, segundo Machado & Oliveira (2014), “contém instrumentos importantes para permitir o avanço necessário ao país, no enfrentamento dos principais problemas ambientais, sociais e

econômicos, decorrentes do manejo inadequado dos resíduos sólidos.” (MACHADO & OLIVEIRA, 2014, p. 321).

Nos quesitos poluição e meio ambiente, a percepção das marisqueiras entrevistadas revela baixo nível de compreensão sobre o grave problema que afeta a região. Geralmente as ideias acabam reproduzindo uma visão difundida pelos órgãos de pesca da localidade, pela vivência com o ambiente de trabalho e pelas mídias, mais centralmente, a televisão.

A concepção de poluição para Mariana é de que a poluição é o que é ruim para as pessoas e para o meio ambiente e, em Acupe, tem relação com o tratamento dado ao lixo produzido pela comunidade, tais como o orgânico, inorgânico, urbano, eletrônico, radioativo e industrial, que são lançados no mangue, no mar e nos rios.

Poluição é jogar resto de mariscos, de esgoto, tudo isso é poluição. Eles comem um pão, leva o pão pra pescaria, joga o saco no mar, isso é poluição. Eles pegam papel, papel até que se dissolve, mas eles *pega* um *bojão* desse que bebe água e joga no mar (mostrando uma garrafa de refrigerante), isso aqui não destrói. Então tudo isso aí para mim é poluição, é esse tipo de coisa, pega um animal e joga no mar aquele animal morto e contamina, vai *pudrecer* ali. Ele tem que ser enterrado, pois não devemos jogar assim, dentro do mar, pois vai contaminar os outros. O homem tá pronto só para tirar, colher, ele não tá pronto pra plantar, ele só quer colher da mãe maré, mas plantar ele não quer. Ele só quer usar da mãe maré, mas não quer cuidar, e todo mundo sem a maré, o ser humano tem que fazer as duas partes [...]. (Entrevista SUJEITO 1 – MARIANA, 2015).

Uma das formas inseridas na comunidade como meio de mitigar os efeitos produzidos pela contaminação e poluição do meio ambiente e dos manguezais em Santo Amaro, foi o repovoamento de um milhão e quinhentos mil megalopas (pequenos caranguejos na segunda fase de desenvolvimento), no manguezal de Porto de Acupe, realizado em 2011. A iniciativa foi da Bahia Pesca e integra o projeto Puçá-Programa Integrado de Manejo e Gerenciamento do Caranguejo-uçá. O principal objetivo do repovoamento é a defesa do meio ambiente, levando em conta que os filhotes crescem, se tornam reprodutores e mantém o ciclo, auxiliando no equilíbrio ambiental.

A concepção de Mariana relaciona-se com o entendimento de Nass (2013), sobre poluição. Ele define poluição como “uma alteração ecológica, ou seja, uma alteração na relação entre os seres vivos, provocada pelo ser humano, que prejudique, direta ou indiretamente, nossa vida ou nosso bem-estar, como danos aos recursos naturais, como a água e o solo e impedimentos a atividades econômicas como a pesca e a agricultura” (NASS, 2013, p. 1).

Ainda segundo Mariana, a poluição do mar e do mangue se dá pela presença de resíduos nestes ambientes como: garrafas plásticas, animais mortos e resto de rede, que contaminam o mar, provocando a morte dos peixes.

Se você joga um *bujão* ele vai boiar ali no mar e quando a maré baixar, ele vai ficar parado ali no mangue. Se uma pessoa morre, ela é encontrada ou na praia ou no mangue, porque a maré só joga tudo para dentro do mangue. E hoje em dia a gente acha esses restos de coisas é dentro do mangue. Eu queria achar uma pasta de dinheiro dentro do mangue (risos). (Entrevista SUJEITO 1 – MARIANA, 2015).

De acordo com o relato de Mariana, a concepção de poluição foi adquirida através de consultas médicas, a partir de um diagnóstico positivo sobre problema de pele.

Nessa perspectiva, podemos perceber os baixos níveis de educação científica dos sujeitos, isto associado também aos níveis baixos de alfabetização científica. Segundo Chassot (2002),

A alfabetização científica pode ser considerada como uma das dimensões para potencializar alternativas que privilegiam uma educação mais comprometida. É recomendável enfatizar que essa deve ser uma preocupação muito significativa no ensino fundamental, mesmo que se advogue a necessidade de atenções, quase idênticas, também para o ensino médio. (CHASSOT, 2002, p. 91).

Dessa forma, assim como na maioria das escolas do país, em Acupe existem problemas relacionados à alfabetização científica que, para Chassot (2002), tem também o objetivo de incluir. O autor defende que “ser alfabetizado cientificamente é saber ler a linguagem em que está escrita a natureza. É um analfabeto científico, aquele incapaz de uma leitura do universo” (CHASSOT, 2002, p.91).

De acordo com os conhecimentos trazidos por Marcela, a poluição está associada à mortandade das espécies marinhas, contudo, ainda é perceptível que estes conceitos sejam desconhecidos pelas marisqueiras em seu sentido científico. Isto, de acordo com Chassot (2002), aparece devido à mistificação e codificação da ciência para a maioria das pessoas. Sendo assim, ele acredita que a alfabetização científica possa ser pensada de forma mais ampla, onde as possibilidades de fazer com que os estudantes, ao entenderem a Ciência, possam “compreender melhor as manifestações do universo. Aqui se defende essa postura mais ampla, mesmo que se reconheça válida a outra tendência, de fazer correções em ensinamentos que são apresentados distorcidos” (CHASSOT, 2002, p. 91).

Marcela afirma, ainda, que as informações sobre poluição são obtidas com as parceiras de mariscagem e pelos meios de comunicação, mais especificamente a televisão e o rádio, o que comprova um conhecimento restrito aos veiculados pelas mídias locais e nacionais. Essa forma de obtenção de informação traz outros questionamentos para a temática da

alfabetização sobre ciência no país, que é a qualidade das informações disseminada pelos meios de comunicação, questionando assim, o papel da mídia e comunicação no cenário da divulgação e disseminação da Ciência.

Poluição pra mim é um *troço* que eles soltam da Petrobrás que polui tudo, o povo fica aí falando que mata peixe, mata caranguejo, que uma vez mesmo não tinha caranguejo, que *morreu tudo*, que foi uma poluição de uma água aí que soltou, que espalhou o mar. Eu mesmo já vi muito peixe morto nas salinas (ela se refere à época da ocorrência da Maré Vermelha, em 2007). (Entrevista SUJEITO 2 – MARCELA, 2015).

Na concepção de Valéria, a poluição está diretamente relacionada com o desmatamento das florestas, a crescente urbanização e a importância dada à produção e o descarte de lixo no país.

Poluição são as matas queimadas, poeira muita desses carros, tão podando as matas. Quer dizer, não tem lugar nem da poeira assentar, que vai *pro* ar, tudo isso faz a poluição. Com relação ao mangue e ao mar, se você for no porto, no baixão, você chega assim, no mangue, você não vê o rio, filha, você só vê papel, saco plástico, tripa de peixe, casca de siri, lixo quase de junto da ponte, é um fedor, esgoto *muito* dentro do rio. O povo *tá* morando assim em frente ao lixeiro. É carniça, é tripa de peixe, é tudo quanto é coisa ruim, joga no lixeiro. (Entrevista SUJEITO 3 – VALÉRIA, 2015).

Esse conceito de poluição converge com o direcionamento dado pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) que, segundo Santos, Teixeira & Kniess (2014), são “[...] resíduos nos estados sólidos e semissólidos, que resultam de atividades de origem industrial, doméstica, hospitalar, comercial agrícola, de serviços e de varrição” (ABNT, 2004, p. 1 *apud* SANTOS, TEIXEIRA & KNISS, 2014, p. 77-78).

Essa norma classifica os resíduos sólidos, quanto aos seus riscos potenciais ao meio ambiente e à saúde pública, em dois grupos: resíduos classe I – Perigosos; e resíduos classe II – Não-perigosos, os quais são subdivididos em resíduos classe II A – Não-inertes e resíduos classe II B – Inertes. A classificação é baseada na caracterização do resíduo, em função da matéria-prima dos insumos e do processo que lhe deram origem. (SANTOS, TEIXEIRA & KNISS, 2014, p. 77-78).

Para Valéria, a poluição que acomete o meio ambiente é originária dos descartes errôneos de saco plástico, a garrafa pet e os lixos domésticos que as pessoas jogam no mar. E, dentre os malefícios causados pela poluição, ela atribui as doenças proporcionadas pelo despejo do esgoto na maré.

Já para Celeste, a poluição está sendo provocada por elementos externos da comunidade e por ela mesma.

A poluição *tá* vindo da costa toda. É um saco jogado na maré, é tanta garrafa, é tanta imundice que você joga no mar e aí, só vai prejudicando, e esses produtos *brabo* que *nego* joga por aí a fora. (Entrevista SUJEITO 4 – CELESTE, 2015).

A partir dessa reflexão de Celeste, podemos trazer para este cenário a contaminação do mar e dos mangues, provocada pela irresponsabilidade de grandes empresas, decorrente de inúmeros acidentes ambientais. Isso é comprovado nos diversos estudos realizados na academia que mostram os estragos desse comportamento, como os altos índices de contaminantes. De acordo com Andrade e colaboradores (2009), alguns componentes contaminantes estão presentes em toda a extensão da Baía e em alguns rios, como Subaé e Jaguaribe, que contém Zinco, Cádmio, Chumbo, Arsênio e os hidrocarbonetos; este último apresenta toxicidade ao ambiente e à saúde humana e animal, e pode provocar irritações e dermatite na pele, mucosa e olhos; distúrbios no fígado, no sistema imunológico, nos tecidos ósseos (medula óssea) e no sistema nervoso; leucemia, câncer e tumores no pulmão e estômago.

De acordo com Peixoto (2008), as zonas de manguezal são consideradas como zonas de atividades portuárias de outras partes do mundo e, na Baía de Todos os Santos (BTS), apresentam um cenário de poluição mais acentuada e que merece um estudo mais detalhado para que sejam identificados os vetores dessa poluição local, “reforçando a necessidade da implementação de uma política de monitoramento das regiões costeiras e estuarinas, com vistas a estabelecer curvas de isotores de poluentes e a melhorar a compreensão dos seus padrões de dispersão” (PEIXOTO, 2008, p. 125).

No entendimento de Sandra, a poluição está presente na vida da comunidade de Acupe, devido à falta de saneamento básico.

Não tem esgoto, falta de higiene, e tudo que, qualquer coisa que pega, trata no mangue, por exemplo, a cabeça de peixe, é a isca do siri, mas não é tudo, você tem que pegar tudo e jogar dentro da maré, despejar, pra mim poluição é isso, lixo no meio da rua. (Entrevista SUJEITO 6 – SANDRA, 2015).

Sandra acredita que a contaminação no mar é ocasionada pela falta de conscientização dos moradores que não cuidam do meio ambiente e de seu local de morada e trabalho. Essa concepção de poluição comunga com o conceito defendido por Rapôso, Kiperstok & César (2010), onde compreende a melhoria da poluição a partir do saneamento básico nas cidades planejadas e responsáveis. Sendo assim, o saneamento hoje nas cidades, envolve aspectos mais amplos como a coleta, tratamento e disposição dos resíduos sólidos urbanos (lixo urbano). “Abrange, ainda, tratamento desses resíduos em aterros sanitários; eliminação de lixões a céu aberto ou clandestinos; centrais de incineração; coleta seletiva e reciclagem;

desobstrução da rede de águas pluviais; limpeza urbana” (RAPÔSO, KIPERSTOK & CÉSAR, 2010, p.2).

Assim, como apresentado por Sandra, a falta de saneamento básico e ambiental, causa consequências para todo o meio ambiente e não só para as cidades, tais como descrevem Rapôso, Kiperstok & César (2010).

Poluição dos solos, das águas (superficiais e subterrâneas), alagamentos, doenças, entre outros. Trata-se de serviço de fundamental importância para a saúde pública urbana e, por conseguinte, para a saúde humana. Muitas vezes insuficiente e ou deficitário face à própria dinâmica da cidade, ao contínuo crescimento desta, à falta de investimentos e/ou à ingerência administrativa de seus gestores e, sobretudo, à falta de percepção ambiental da população usuária. (RAPÔSO, KIPERSTOK & CÉSAR, 2010, p 2).

Com relação ao tema meio ambiente e poluição, Marieta não soube opinar.

Na interpretação desta segunda categoria de análise, podemos perceber que a compreensão de poluição, das mulheres desta comunidade de Acupe, é movida pelo conhecimento do senso comum que, segundo Germano (2011) e Santos (1989), é um conhecimento “popular” que tem alcançado notoriedade na sociedade, mas ainda encontra resistência no campo científico, por ser alocado no campo do senso comum.

A partir daí, é importante e necessária a construção de uma ciência inclusiva para outras formas de conhecimentos, de modo que evite os equívocos conceituais, como tem ocorrido em Acupe; isso, em grande parte, pela concentração da informação científica. Dessa forma, não podemos categorizar como “um conhecimento científico apreendido”, pelo contrário, o que há é um desconhecimento generalizado, o que comprova a não disseminação do conhecimento científico para as comunidades necessitadas.

Problematisando a gestão do conhecimento científico, Leite & Costa (2007) acreditam que qualquer iniciativa de gestão deve necessariamente considerar a característica do ambiente no qual é implementada. “Tais características dizem respeito, principalmente, à natureza do conhecimento – bem como as forças que condicionam a sua criação – a cultura que envolve os indivíduos e o seu comportamento em relação à informação e ao conhecimento” (LEITE & COSTA, 2007, p. 92). Nessa perspectiva os autores salientam que,

[...] Além disso, devem levar em conta, sobretudo, as peculiaridades dos processos de comunicação, próprios do ambiente no qual as iniciativas serão implementadas. Desse modo, é imprescindível observar que, comunidades de naturezas distintas, requerem modelos de gestão do conhecimento, que atentem para as suas especificidades. Portanto, a partir das características do contexto no qual se pretende desenvolver a gestão do conhecimento – organizações empresariais, administração pública, ambiente acadêmico ou outros –, deverão ser delineados modelos de gestão do conhecimento apropriados a cada um deles. (LEITE & COSTA, 2007, p. 92).

A comprovação de sucessivos desastres ambientais ocorridos na BTS, responsáveis pela incidência dos riscos ambientais e à saúde das pessoas, ainda é desconhecida pelos moradores das comunidades pesqueiras no estado. Para contextualizar, eu vou citar dois exemplos que elucidam a total falta de conhecimento científico das comunidades prejudicadas.

Em 2007, um fenômeno que ficou conhecido como “Maré Vermelha”, provocado pela proliferação de algas marinhas tóxicas e que pode ter sido causado pela poluição das águas da BTS, foi considerado o maior desastre ambiental já registrado na BTS, segundo a análise de autoridades ambientais do estado. De acordo com matérias divulgadas no site do G1, em 2007³⁵, mais de 50 toneladas de peixes e mariscos apareceram mortos nas águas e nas praias das cidades da região, nas semanas pós-fenômeno. A Ilha dos Frades e Ilha de Maré, na Baía de Todos os Santos, tiveram a atividade da pesca suspensa. Em Saubara, no Recôncavo, duas mil famílias se inscreveram para receber cestas básicas, mas o número não foi suficiente. Muitas pessoas comeram peixes e mariscos contaminados. Em duas semanas, quase 200 pessoas foram internadas com sintomas de intoxicação alimentar. Até hoje, as pessoas que foram diretamente atingidas não sabem explicar o fenômeno, nem mensurar os prejuízos.

O segundo desastre ocorreu no dia 15 de abril de 2009, na Refinaria Landulpho Alves/Petrobras, na Bahia, e resultou no vazamento de cerca de dois mil litros de água oleosa (solução aquosa contendo óleo). Em 2011, a empresa foi julgada e condenada, pelo Superior Tribunal de Justiça da Bahia (STJ/ BA), a pagar indenização para pescadores da Federação de Pescadores e Aquicultores (FEPESBA). Com isso, mais de cinco mil pescadores filiados à entidade tiveram direito a receber 500 reais por mês, por causa do vazamento de óleo em São Francisco do Conde, no Recôncavo Baiano.

O distrito de Acupe também sofreu com este incidente e, provavelmente, como ocorreu nas outras comunidades atingidas pelo desastre, não houve uma gestão correta dessas informações e as pessoas não tiveram noção real dos prejuízos provocados pelos impactos ambientais, além de não saberem como se articular e realizar ações que promovam uma reparação para seus prejuízos pessoais e para o meio ambiente.

Dessa forma, é perceptível o desconhecimento das pessoas sobre os desastres ambientais ocorridos na comunidade, também pelos baianos. Com relação aos moradores de Acupe, por exemplo, os pescadores e marisqueiras têm noção das consequências deixadas pelos desastres para a sua rentabilidade econômica, portanto, sabem que eles aconteceram,

³⁵ Disponível em: <<http://zip.net/bltJJY>> / <<http://zip.net/bvtKDv>>.

porém não têm ideia das causas dos desastres e de suas consequências - a médio e a longo prazos - para o meio ambiente.

Uma alternativa perceptível na comunidade de Acupe para a apreensão do conhecimento científico, de modo que ele não entre em conflito com os saberes populares e disseminados pelas mulheres marisqueiras e pelos pescadores, é a mobilização das mulheres do distrito, o que também é uma demanda comum entre as marisqueiras consultadas. A melhor maneira de provocar uma mobilização é a articulação com a implantação de uma educação ambiental, e que tencione para que a comunidade tenha acesso aos serviços básicos de educação e saúde de qualidade.

Para tanto, é preciso haver um diálogo entre as áreas acima citadas e uma interconexão com a preservação e conservação dos recursos ambientais, necessárias para sobrevivência. A educação voltada para o meio ambiente, reivindicada pelas marisqueiras de Acupe, tem como base uma construção de um saber ambiental que, segundo Jacobi & Bessen (2005), trata-se da união entre educação e meio ambiente; junção importante que deve ser entendida nas suas “múltiplas dimensões e como campo teórico em construção, Que têm sido apropriadas de formas diferentes pelos educadores ambientais, que buscam uma nova transversalidade de saberes, um novo modo de pensar, pesquisar e elaborar conhecimento, que possibilite integrar teoria e prática” (JACOBI & BESEN, 2005, p. 243).

Nos dias atuais, precisamos pensar em uma educação ambiental que possa ser desenvolvida a partir de nossas práticas cotidianas, de modo a unirmos os múltiplos discursos ecológicos existentes. Dessa forma, não podemos nos ater apenas ao discurso oficial, onde se dá maior ênfase às questões políticas. Lembrando que aqui me refiro ao discurso ecológico oficial, cuja produção é feita pelos organismos governamentais nacionais ou internacionais que, de acordo com Carvalho (1989), institucionalizam uma fala sobre meio ambiente, “apresentando-a como consenso mundial sobre o assunto e que estabelece efeitos de verdade, normas e princípios reguladores. Que produz um campo discursivo englobante, dentro do qual, devem localizar-se todos os outros discursos possíveis” (CARVALHO, 1989, p. 43-44). Tendo em vista o discurso ecológico oficial em geral, acaba-se generalizando os efeitos e produzindo um entendimento muito particular e restrito das questões ambientais, regulamentando-o e fixando objetivos, estabelecendo, assim, princípios e estratégias de ação, que alinham “o acontecimento ecológico desde seu ponto de vista”.

Percebemos também, a partir deste cenário, que as marisqueiras de Acupe não têm o conhecimento ambiental oficial. Para tanto, é necessário um alinhamento dos conhecimentos, de forma a conscientizá-las das questões de preservação e conservação dos ecossistemas

marinhos e do seu ambiente de trabalho. Pois essa também é uma demanda dessas mulheres que têm sofrido na pele e em seus bolsos os efeitos da má gestão dos recursos naturais em Acupe. Entre as ocorrências de desastres ambientais proporcionados por empresas de grande porte, que tem sido ameaça constante à Baía de Todos os Santos e toda a sua biodiversidade, está a má educação para o trato com o meio ambiente, dos próprios moradores e usuários dessa biodiversidade: os trabalhadores do mar.

Essa falta de acesso à educação ambiental por ONGs e políticas públicas também é agravada, no caso de Acupe e de diversas comunidades pesqueiras, pela falta de infraestrutura básica, como saneamento básico, esgoto, fornecimento de água e recolhimento do lixo. Estes elementos aliados têm forte interferência na utilização do meio ambiente como válvula de escape para o que as pessoas julgam desnecessário para o consumo, transformando os mangues em verdadeiros depósitos de lixos.

Este comportamento é extremamente prejudicial para as atividades de pesca, pois o acúmulo de lixo, além de contaminar a água e lama dos manguezais, provoca sérios riscos de saúde para as marisqueiras e pescadores, sem esquecermos a mortandade da biodiversidade marinha.

No caso da relação de trabalho em Acupe, os desafios gerados pela atividade de mariscagem colocam as mulheres como executoras de um trabalho solitário e extremamente árduo, que é realizado apenas por mulheres e que passam seu legado cultural para suas filhas e netas; estas últimas que não desejam perpetuar a prática por desconforto tanto financeiro quanto de reconhecimento e visibilidade.

4.2.3 Percepção sobre gênero: “Ô Acupe: terra de mulher márvada!”³⁶

Encontramos várias concepções sobre o papel da mulher nos seis sujeitos entrevistados, sendo que, 100% das entrevistadas acreditam que o papel central da mulher é o de preservar os laços familiares. Contudo, é importante ressaltar aqui que, por família, elas entendem a maternidade como elemento chave, ou seja, todas as ações voltadas são pensadas para o bem-estar de seus filhos. Isso considerando que, 80% das mulheres ouvidas são viúvas ou solteiras, que criam seus filhos sozinhas.

Nessa categoria de análise foram verificadas: 1) como as mulheres se enxergam no cenário da pesca; 2) o grau de importância de seu papel no contexto familiar e 3) o grau de

³⁶Título da música de composição do grupo de samba de roda Raízes de Acupe. “Título: Ô Acupe, Terra de mulher márvada”.

mobilização delas e de suas companheiras no processo de demarcação do território feminino, no desenvolvimento da mariscagem.

O resultado destes questionamentos foi, de certa forma, previsível, pois levamos em conta que tanto no seio familiar, quanto no ambiente do trabalho da pesca, há um cenário essencialmente masculino, machista e que tenta, a todo custo, impedir o protagonismo feminino. Esse protagonismo é próximo do discurso do ecofeminismo que, segundo Flores & Trevizan (2015), “[...] identifica, no sistema patriarcal, a origem da catástrofe ecológica atual, tendo sido a natureza e as mulheres, ambas associadas à reprodução da vida, o alvo das agressões desse sistema” (FLORES & TREVIZAN, 2015, p. 12).

Na perspectiva de Figueiredo (2014), a atividade de pesca é considerada como uma prática de essência masculina. Mas não podemos deixar de considerar este aspecto a partir da “divisão social do trabalho” por gênero nas comunidades pesqueiras, pois muitas mulheres sobrevivem da pesca, “[...] geralmente da mariscagem, mesmo sendo esta uma atividade de menor prestígio dentro da pescaria. Estas mulheres têm, nos mangues costeiros, o seu espaço de trabalho e fonte de subsistência, devido, em parte, a sua exclusão da pesca em alto mar” (FIGUEIREDO, 2014, p. 83).

De acordo com Mariana, a concepção de gênero está associada ao papel da mulher dentro da organização familiar, o qual, segundo ela é:

Ser mãe, ser educadora, trabalhar na parte da educação, da compreensão. Ser mãe é isso, ser mãe é apoiar seus filhos nos momentos que eles precisam e corrigir, apoiar e compreender na hora certa. Ser mãe é isso, ser dona de casa, está na hora que o marido necessita e apoiar no momento que ele precisa, entender, compreender e ser compreendida também, por ele. Amar, acima de tudo, ter muito amor, pois sem amor a gente não consegue superar nada, porque o amor supera o ódio, porque o amor tem um poder grande de superar o ódio. Então, se a gente colocar o amor no meio de tudo, da família, a gente supera o tudo, porque o amor supera o ódio através do seu poder, tudo suporta e tudo crer, entendeu? Então família é isso. (Entrevista SUJEITO 1 – MARIANA, 2015).

Para Mariana, a discussão de gênero está relacionada com o trabalho, mas conforme Figueiredo (2014), em uma perspectiva feminista, que implica em assumir que “[...] o termo “trabalho feminino” é marcado por uma polissemia que se confunde, muitas vezes, com funções domésticas, com cuidado com os membros da família e, mesmo, com ofícios coletivos atribuídos por séculos às mulheres como uma função natural (MATOS; BORELLI, 2012 *apud* FIGUEIREDO, 2014, p. 83).

Desta forma, a diferenciação entre pescadores e marisqueiras se dá porque o uso do espaço é diferente nas distintas artes de pesca. No entanto, a mulher também participa da cadeia produtiva da pesca realizada por homens, pois cabe a ela tratar o pescado trazido do mar e, muitas vezes, comercializá-lo nas feiras, além de

confeccionar parte dos instrumentos e preparar a alimentação que vai a bordo. (FIGUEIREDO, 2014, p. 82).

Para tanto, a identificação de que, no cenário pesqueiro de prática artesanal, a mulher sempre exerceu papel relevante em toda a cadeia de produção e é fundamental no reconhecimento, visibilidade e valorização do trabalho feminino na atividade pesqueira. Pensando desse modo, é que a família adquire máxima importância na organização do modo de produção na comunidade pesqueira de Acupe.

Mesmo com as ações prioritárias, voltadas para o sustento das famílias, Mariana tem consciência de seu papel de protagonista e transformadora do cenário econômico e cultural dentro de Acupe, porém ela, assim como suas companheiras, ainda não conseguiu usar essa conscientização para trazer para sua comunidade um olhar mais progressista no quesito de políticas públicas, tanto em Cultura, quanto em Saúde e Educação, de forma interdisciplinar, para que se criem ações de transformação e melhoria da qualidade de vida para a população.

Dessa forma, trago as considerações e preocupações de Simonian (2001), acerca do papel da mulher no desenvolvimento de suas comunidades. Segundo a autora, este papel deve ser avaliado de modo crítico e

[...] não somente se restringir a seus aspectos positivos, sob o risco de predominarem as idealizações” (SIMONIAN, 2001, p. 248). Essa criticidade evitará a impressão de que a luta por inserção das mulheres “nos processos de desenvolvimento e mesmo de decisões locais das suas comunidades, se pauta, em um primeiro momento, por positivar um papel feminino, o qual, por tradição ideológica sexista, vem sendo usado como discurso legitimador de opressão e dominação, qual seja, a “inerente” ligação mulher-natureza (SIMONIAN, 2001, p. 248).

Dessa forma, Mariana caracteriza o seu papel na sua comunidade, como a valorização de aspectos sociais como o caráter, a luta e garantia por direitos e a melhoria da qualidade de vida de seus filhos e netos.

O meu avô, sobre a maré e a família é que venham os netos, pois os filhos já estão todos por si. E eu não desejo para meus netos essa vida de maré. A mãe maré é uma delícia, é um *sustentamento* que a gente tem, mas eu digo para mim mesmo, se eu tiver em condições, eu vou abrir uma caderneta para meus netos, para quando eles crescerem tomar um outro recurso, se puder fazer um curso e, ao mesmo tempo, eu digo que eu prefiro que ele trabalhe na vida da maré, pois um dia, tenho certeza, que vão valorizar o pescador e a marisqueira, que não devemos abandonar a maré, devemos é cuidar dela, entendeu? Que a maré também precisa de ser cuidada, ser mais valorizada, mais vista, e é donde ali é uma fábrica de dinheiro e donde a gente tira nossa alimentação e ela não é bem cuidada, então, eu falo assim para minha família, meus filhos: olha, se você não deu certo, por isso, que a gente tem sempre que ter as ferramentas, eu nunca joguei minha ferramenta da maré fora. (Entrevista SUJEITO 1 – MARIANA, 2015).

De acordo com Marcela, as questões de gênero que moldam o papel da mulher também são percebidas pelo espelho do desenvolvimento e melhoria da qualidade de vida de sua família. Trata-se de um papel de referencia para seus filhos.

Eu me vejo assim, como um porto seguro, porque eu trato elas (as filhas) *tudo* bem. Aquelas que *precisar* de mim e o que eu puder fazer pra ajudar, eu ajudo, elas também estão *tudo* do meu lado, porque tem mãe que cria os filhos, depois abandona. Mas as minhas não. Graças a Deus tenho cinco filhas mulher, *tão* do meu lado, graças a Deus. A metade dela é marisqueira. Só tem uma mesmo que é professora, ela já trabalhou na maré e sabe, mas ela passou pra ser professora, ela se separou do marido, aí ela trabalha em Salvador. Mas se precisar ir *na* maré de novo, vai. Na hora que quiser ir, vai, que todo mundo, pouco ou muito, sabe. (Entrevista SUJEITO 2 – MARCELA, 2015).

Dessa forma, no entendimento de Figueiredo (2014), este comportamento explicita, de certa maneira, o lugar da mulher marisqueira no cenário da pesca, pois mesmo sendo um trabalho desenvolvido com atividade exclusivamente feminina, as mulheres permanecem em um cenário majoritariamente machista, tendo seus pensamentos e ações direcionados e atrelados aos clichês que, durante muito tempo, forçou a mulher a estar no lar e com a família. Ainda assim, segundo Figueiredo (2014), houve uma efetiva melhora nas condições de pesca para as mulheres. Assim como a “promoção de equidade entre homens e mulheres, a incorporação da perspectiva de gênero, nas políticas públicas, faz-se necessária para o estabelecimento de políticas sociais mais justas que contemplem as especificidades do trabalho feminino” (FIGUEIREDO, 2014, p.3).

Valéria acredita que o papel da mulher está associado ao ambiente de trabalho, à atividade da mariscagem e ao processo de luta pela sobrevivência em sua comunidade.

Minha filha, as dificuldades me ajudaram porque eu tive coragem, viu. Sempre mulher mesmo, trabalhando, lutando. É como muita gente diz, a senhora já nessa idade, não procure mais fazer nada, mas eu não fico, filha, esperando cair do céu, porque tem um dizer: faça a sua parte que Deus te ajuda, então, não vou ficar esperando, que Deus não vai mandar do céu. Eu sou marisqueira guerreira. Muita gente fala aí oh, nem todos modernos faz o que a senhora faz, e eu digo: é isso mesmo. Labutei e ainda labuto, pra quando vir uma filha precisando de alguma coisa, eu ter pra dar, pelo pai não é lá essas coisas. Eles têm contato com o pai, pois eles *trabalha* ali e, às vezes, quando vem, passa aqui. E pelo que me dá, (falando sussurrando) é dez, é quinze, é vinte reais. (Entrevista SUJEITO 3 – VALÉRIA, 2015).

É com esse ideal, de luta e sobrevivência, que as mulheres têm conquistado maior participação nas diversas áreas do mercado produtivo. De acordo com Figueiredo (2014), as mudanças nos padrões comportamentais contemporâneos aconteceram por parte das mulheres, devido à adoção de inúmeras estratégias de conciliação entre as funções domésticas e as funções das atividades profissionais. Além da mariscagem, a autora afirma que, nos

últimos anos, foi perceptível um crescimento significativo do número de mulheres no mercado de trabalho formal, “[...] inclusive em cargos que, até o final do século XX, eram exclusivamente masculinos. Contudo, esta inserção começou com trabalhos que, muitas vezes, eram realizados pelas mulheres, em suas casas, como lavar roupa e fornecer refeições diárias para terceiros” (FIGUEIREDO, 2014, p. 84).

Para Celeste, o papel e a trajetória da Mulher são definidos, também, através do trabalho desenvolvido na maré, na perspectiva de seu protagonismo na família e na comunidade, bem como no cuidado com a natureza. O trabalho, na perspectiva de Celeste, ganha também *status* de sujeito protetor do ambiente de trabalho, no caso das marisqueiras, o mar e o mangue. Esse é uma das bandeiras do movimento Ecofeminista da década de 70. Dessa forma, a mulher e a natureza são fundamentais no processo de sobrevivência de suas comunidades.

Com relação a meus filhos e netos, a minha expectativa é fazer eles crescerem, eu não queria que eles tivessem essa vida que eu tive, eu não me *aqueixo*, mas eu quero para eles o melhor. Estou tentando dá, mas agora eles é que sabe, né fia. [...] Hoje em dia, apesar de nós vivermos disso (mariscagem), há muito tempo, os mariscos está faltando no mar, temos dificuldade de consegui mariscos, se bate muito para arranjar um ou dois quilo de marisco, pois está escasso, eu já estou aposentada, já tenho um quebra galho, mas se eu botar dez em cima de cinco, eu já é alguma coisa, porque só tirar daquilo que você ganha, no fim já vem problema de luz, de água, agora mesmo, o gás já vai para 60 e *lascou*, quer dizer, se você ficar parada aí também vem os *pobremas*, porque você ta com sua saúde, mas se você parar porque você fez 50, 60 anos, dentro de casa, daqui a pouco, você tá com os nervos enferrujados, não serve para nada mais e vai aparecendo as doenças. Porque se você se acomodou ali. Então eu sempre digo, eu quero parar no dia que Deus mandar me chamar. (Entrevista SUJEITO 4 – CELESTE, 2015).

O pensamento de Celeste tem a ver com a percepção que a mulher pescadora tem de si e do desenvolvimento de seu trabalho e que, segundo Rozário (2009), “constitui um cotidiano de aprendizados e lições que se espraia pelo espaço em que vive. Neste ambiente, são mulheres, mães e trabalhadoras que fazem de suas vidas fontes de ensinamentos que se propagam infinitamente através das memórias e experiências. Cada uma, do seu jeito, vive, adapta-se e produz cultura, principalmente pelo seu trabalho na pesca, realizado com orgulho e pela relação íntima com a natureza que ele implica” (ROZÁRIO, 2009, p.3).

No depoimento de Celeste, também podemos perceber o protagonismo feminino nas tarefas do dia a dia.

Eu sempre fui assim. Aqui, às vezes, dentro de casa, acontece qualquer coisa, e eu digo assim, eu queria ser um homem, mesmo com uma perna só, porque eu imagino que é mais fácil para algumas coisas, mas é só na maneira de falar, porque eu sei de tudo, eu faço de tudo, aqui eu vou pro mato, corto pau, corto lenha, se precisar subi no muro, eu subo, se precisar de alguma coisa, eu faço, aí tem hora que eu achava

fraqueza dentro de casa, então eu achava que eu era o homem aqui dentro de casa (risos). Dessa forma, de mulher e homem, eu acho que não tem diferença nenhuma, porque se ele corta um pau, eu corto, se ele pega um remo para remar, eu remo, acho que nem ajuda, nem atrapalha, o fato de eu ser mulher. (Entrevista SUJEITO 4 – CELESTE, 2015).

Marieta não soube explicar as concepções de gênero, contudo compreende que o papel da mulher está associado ao trabalho de mariscagem ou qualquer outra forma de ocupação que possibilite remuneração. A dificuldade apresentada por este sujeito foi o de violência doméstica sofrida no início do casamento.

Eu tenho marido, só que eu não sou casada, e criei meus filhos juntos com meu marido, apesar dos pesares, eu vivo por capricho mesmo, pra criar meus filhos. Hoje eu cheguei nessa idade, eu estou vivendo melhor com ele (o pai dos filhos dela). Antes era muito sofrimento. Eu sofri com aquele homem, pegava mulher na rua, me batia. Eu não escondo de ninguém. Hoje eu digo que estou nessa idade, eu e ele, estou vivendo feliz, porque meus filhos cresceram, mas não foi fácil não. Mas eu superei, não arriava, porque não tinha mais nem pai, nem mãe e tinha medo de arrumar outro homem. Eu tinha esse negócio comigo, de não dar certo de novo, eu achava que ia me envolver com outro homem e ia ficar oferecida, me mostrar, então foi ele mesmo até hoje, o pai de meus filhos. (Entrevista SUJEITO 5 – MARIETA, 2015).

Essas questões de trabalho, mulher – relações familiares / violência doméstica e meio ambiente, segundo Simonian (2001), trata-se também das preocupações do Ecofeminismo, contudo é preciso cuidado na compreensão do mesmo, “pois não basta apenas levar em conta os papéis de gênero atribuídos à mulher. Não é questão apenas de adicionar mais um elemento nas discussões, pois, mesmo possíveis mudanças nas relações de gênero, não significam mudanças concretas no jogo de dominação e opressão” (SIMONIAN, 2001, p. 249).

A preocupação com a centralidade dos processos Ecofeministas, também está de acordo com o pensamento de Figueiredo (2014), sendo assim, podemos nos preocupar com a reprodução das atividades comuns às funções domésticas da mulher no mercado de trabalho, o que, além de não legitimar a busca e o reconhecimento do papel da mulher no mercado de trabalho, prejudica o reconhecimento da capacidade feminina de exercer outras funções, que não apenas as classificadas como de mulher.

De acordo com Sandra, a família também foi apresentada como centro do seu papel como indivíduo na comunidade. A partir deste pensamento, ela acredita que o papel da mulher na sociedade e na comunidade de Acupe é educar e cuidar dos filhos, possibilitando uma condição de melhoria de vida dos mesmos.

Essa condição, segundo este sujeito, foi possível através de muitos esforços que tiveram que ser feitos por ela e suas conquistas alcançadas.

Eu sou uma mãe guerreira, batalhadora. Não corro de nada difícil, na minha vida tudo eu enfrento. Ia buscar lenha, ainda tinha essa, buscar lenha para escaldar marisco, não tinha esse negócio de comprar, tinha que buscar, deixava o marisco aqui, rodeava aqui do lado e saía com o fecho. É por isso que, hoje em dia, eu tenho minha casinha, foi com muita luta e ainda continuo lutando. Hoje em dia, digamos assim, eu tenho uma vida tranquila, uma vida estabelecida, é porque eu sou merecedora, eu já fiz muito. Meu primeiro salário, que recebi no trabalho de casa de família, como babá, eu dei todo pra minha mãe. Eu trabalhei mais ou menos um ano de babá em Salvador, mas voltei pra cá, casei, tive filhos; o casamento não deu certo e aqui to continuando minha vida, você está vendo. (Entrevista, SUJEITO 6 – SANDRA, 2015).

Dessa forma, segundo Simonian (2001), “uma ‘revolução cultural’ e a eliminação de comportamentos machistas, só serão viáveis quando o gênero for suprimido, e não só ele, quando os papéis sociais, sejam eles pautados por sexo, raça ou classe, não mais restringirem as amplas possibilidades de homens e mulheres de interagirem na sociedade” (SIMONIAN, 2001, p. 249).

Essa interação, defendida por Simonian (2001), também é uma preocupação de Figueiredo (2014), que apresenta o aumento da contribuição feminina no orçamento familiar, e o espantoso é cada vez mais mulheres assumirem a chefia de domicílios. Dessa forma, a preocupação, aqui, é a sobrecarga de afazeres, “[...] tendo em vista que estas são responsáveis, ainda, pelas tarefas domésticas, o que lhes confere um cotidiano de “dupla jornada”, bem conhecido pelas mulheres” (FIGUEIREDO, 2014, p. 84).

Esta sobrecarga foi comprovada em Fevereiro de 2016, pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), com dado estatístico comprovado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE). O estudo mostrou que a mulher brasileira trabalha, cada vez mais, que os homens; em média 5 horas a mais por dia, e 21 horas e 12 minutos por semana.

Para a mulher, a vivência do trabalho implica na combinação destas duas esferas. A permanência da responsabilidade feminina pelos afazeres domésticos e cuidados com filhos e idosos, indicam a continuidade de modelos familiares tradicionais que sobrecarregam as novas trabalhadoras (BRUSCHINI, 2007). Para Montali (2004), os novos arranjos do processo de reestruturação produtiva, como a diminuição e a precarização dos postos de trabalho, fragilizam os rearranjos familiares de inserção no mercado de trabalho, alterando a participação feminina neste espaço. Ainda, para a autora, há uma diminuição nas taxas de participação e de ocupação dos chefes masculinos e dos filhos, enquanto as das mulheres têm aumentado, inclusive dos cônjuges, configurando rearranjos distintos nos diferentes momentos da vida familiar. (FIGUEIREDO, 2014, p. 84).

Dessa forma, a partir desta categoria de análise, percebemos que a mulher acupense tem consciência de seu papel de protagonista e transformadora do cenário econômico e cultural dentro da comunidade, porém ela ainda não conseguiu usar essa conscientização para

estabelecer um olhar mais progressista das pessoas, para a conquista de políticas públicas, tanto em cultura quanto em Saúde e Educação, de forma interdisciplinar, para que se criem ações de transformações e melhoria da qualidade de vida para a população.

Para tanto, mesmo quando as mulheres ocupam espaço em profissões tidas como masculinas, pela sua construção histórica e pela definição de pré-requisitos tidos como masculinos (força, resistência e liderança), a sua força de trabalho é concebida como inferior e há diferenças salariais para o mesmo cargo. Apesar das diferenças entre classes sociais, a responsabilidade última pela casa e pelos filhos é atribuída às mulheres, e quando estas recebem um salário mais alto, contratam serviços para as tarefas no lar que lhes corresponderiam enquanto mulher (CHIES, 2010 *apud* FIGUEIREDO, 2014, P. 84).

As análises permitem, ainda, perceber que o papel da mulher marisqueira na comunidade de Acupe, apesar de toda a evolução das lutas femininas introduzidas no cenário mundial, a partir do surgimento dos movimentos feministas na década de 70, ainda está restrito ao ambiente da casa e de sua subserviência ao bem-estar dos filhos e, em alguns casos, dos maridos e companheiros. Poucas marisqueiras estão tentando inserção em movimentos sociais e políticos, na luta por reconhecimento de seus direitos. No cenário de trabalho, esse quadro é pior, não por conta da existência de uma subserviência, mas devido ao não reconhecimento do trabalho e da importância do papel da mulher para a perpetuação da cultura e para a estabilidade social e econômica da comunidade, nem pelos homens, nem pela sociedade em geral.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A preocupação com o meio ambiente e com as terríveis consequências geradas pelo mau uso dos recursos naturais é uma questão cada dia mais recorrente nas agendas política, social e cultural do planeta. Dessa forma, a sociedade não pode mais considerar estas temáticas como tarefa de ocupação exclusiva dos governantes, isso porque as destruições provocadas pelo mau uso da natureza e de seus recursos afetam a todos e, concomitantemente, foram causadas pelas rotinas irresponsáveis dos habitantes da Terra, seja direta ou indiretamente.

Isso por conta do consumo desenfreado e inconsciente, máxima do sistema vigente no mundo ocidental, onde a natureza é tratada apenas como fonte de riquezas, disponível para a produção de *status quo*, através do monopólio de seus recursos naturais, e não como um elemento importante e necessário para o desenvolvimento humano.

Na Bahia, as diversas formas de apropriação da natureza e de seus recursos têm sido fundamentais para a crescente onda de conflitos ambientais e injustiças, o que tem aumentado, consideravelmente, o abismo e dificultado a diminuição das diferenças sociais no estado. Essas injustiças são sofridas majoritariamente por Povos e Comunidades Tradicionais, formados, em grande parte, por descendentes de negros que foram escravizados e que vivem da pesca, da agricultura e da sua cultura. São comunidades que a todo tempo são vítimas da corrida pelo desenvolvimento enviesado, onde o lucro é o objetivo primário e a permanência e preservação de culturas milenares são postas num patamar inferior na escala de prioridades.

A comunidade onde desenvolvi esta pesquisa está inserida no Mapa de Conflitos e Injustiça Ambiental, desenvolvido para mapear os conflitos existentes no país, decorrentes da contaminação, poluição e descaso social e cultural. Isto implica na falta de cuidado do estado com o meio ambiente e com as comunidades que também são vítimas da desinformação acerca dos perigos, tanto para a saúde quanto de desaparecimento de suas práticas culturais.

Acupe é uma comunidade pesqueira, rica em cultura e hospitalidade, contudo, suas riquezas naturais estão sendo sugadas pelo mau uso. Diversos desastres ambientais têm se constituído como um risco para a prática da mariscagem e da pesca, não apenas em Acupe, mas em todas as outras comunidades que precisam sobreviver dos recursos trazidos pela mãe maré. Não posso deixar de falar que o risco também é provocado pelas pessoas da comunidade, que não sabem administrar seu lixo ou que não tem onde descartá-lo de maneira responsável e digna. A falta de saneamento básico coloca a comunidade sob diversos riscos de saúde, além de mexer diretamente com a dignidade da pessoa humana. Realidade comum nas

comunidades tradicionais do estado, o descaso tem sido regra e grande barreira para a instauração e consolidação de um pensamento sustentável. Dessa forma, percebo um árduo trabalho de conscientização da população, sobretudo das pessoas que trabalham diretamente com a mariscagem e com a pesca.

Como a função de marisqueiras é exercida apenas por mulheres, podemos pensar no estabelecimento de uma comunidade sustentável, através da implantação de Ecovila como uma alternativa para solucionar e conscientizar as pessoas do distrito no trato mais responsável com o meio ambiente. O desenvolvimento das Ecovilas foi iniciado na década de 70, como alternativa de comunidades nas quais as pessoas tentavam levar uma vida em harmonia consigo mesmas, com o meio ambiente, com os animais e com a Terra; bandeira também acolhida pelo movimento Ecofeminista. Essa alternativa, provavelmente, colocaria a própria comunidade como protagonista, já que são desassistidas pelo poder público e alegam descaso dos órgãos responsáveis (colônias e associações de pescas) pela falta de políticas públicas direcionadas para as marisqueiras e para os pescadores.

Durante a pesquisa, em minhas observações, percebi que a comunidade de profissionais pescadores e marisqueiras não têm conhecimento profundo acerca dos problemas reais e de longo prazo, causados pela poluição ambiental e pela prática irresponsável no tratamento do lixo produzido, individual e coletivamente. Contudo, a comunidade não é alheia aos riscos e às suas responsabilidades no processo de destruição ambiental que se alastra pelo planeta, mas não tem ideia, nem auxílio, de como iniciar o processo de luta contra a poluição do meio ambiente.

Dessa forma, o que observei em Acupe foi a incidência severa do sistema capitalista que, mesmo com os avanços proporcionados por ações da UNESCO e de outras entidades ligadas à cultura, meio ambiente e diversidade, vem causando um enorme desrespeito à vida da população local e, sobretudo, às diretrizes da Convenção sobre a proteção e promoção da Diversidade das Expressões Culturais. Sobretudo no que tange à poluição ao meio ambiente e ao direcionamento estabelecido no item 5, o princípio da complementaridade dos aspectos econômicos e culturais do desenvolvimento; do artigo 2 - *Princípios Diretores dessa convenção*, que alerta para “[...] a importância dos aspectos culturais em níveis de igualdade com os econômicos e do direito de participação e beneficiamento nos cidadãos nos dois”. Dessa forma, ainda não conseguimos alinhar esses objetivos, tendo em vista que no sistema capitalista o que temos é a importância centralizada mais nos aspectos econômicos e muito menos nos aspectos culturais e humanos, elementos que são a base para a construção e manutenção da cultura e do respeito à diversidade e preservação ambiental.

Mesmo sendo minoria em números, segundo dados do Censo do IBGE (2010), as mulheres exercem forte influência na construção da vida na comunidade de Acupe. Sendo assim, elas são responsáveis por iniciar a vida de mariscagem desde a infância, pela manutenção de suas famílias e, mesmo não sendo parte de movimentos sociais e feministas organizados na comunidade, têm consciência do seu papel no combate à problemática da contaminação e da poluição nos manguezais de Acupe. Dessa forma, são figuras importantes na exigência da visibilidade de sua função na comunidade e de sua profissão. Com isso, pressionam para a construção de bases para pensar e exigir soluções que recuperem o estado saudável dos mangues e de possíveis medidas para recuperar a biodiversidade desse ecossistema, degradado após sucessivos desastres ambientais ocorridos na Baía de Todos os Santos.

Contudo, a percepção dessas mulheres sobre poluição, contaminação e suas consequências para a saúde e para o meio ambiente é superficial, não porque são baseadas no senso comum, muito pelo contrário, mas porque elas se apropriam de um conhecimento científico deturpado, sobretudo os absorvidos das informações insuficientes ou errôneas dos meios de comunicação, em especial a televisão. Também não posso deixar de acrescentar a desinformação proporcionada, em grande parte, pelas poucas e pontuais idas aos consultórios médicos, que tem origem em diversos fatores, tais como: impaciência dos médicos e técnicos de saúde para informar corretamente às mulheres sobre problemas de saúde, suas causas e maneiras de tratar, ou descaso por parte destes profissionais, em assumir seus papéis centrais e de multiplicadores nestas comunidades que são, a todo tempo, violadas pela falta de educação, de saúde e de estrutura de qualidade, para que essas mulheres possam exercer plenamente sua cidadania.

Ainda sobre a percepção de poluição das marisqueiras entrevistadas, nota-se, na maioria dos depoimentos, a existência de um conhecimento sobre resíduos sólidos e que estes seriam a principal causa da poluição em Acupe. Os contaminantes, sobretudo os químicos disseminados por grandes desastres ambientais que ocorreram na BTS, como Cádmiio, Chumbo, Hidrocarbonetos, entre tantos outros, não aparecem nas concepções destas mulheres. Dessa forma, para que essas mulheres e toda comunidade de Acupe tenham acesso ao conhecimento sobre diferentes contaminantes, é preciso um investimento em políticas de educação de qualidade, precisamente uma educação científica e ambiental. Para tanto, é necessário acesso ao conhecimento, tanto no campo da saúde, como de outros tipos de poluição que afetam o meio ambiente, para além dos resíduos sólidos ou daquilo que podemos observar no cotidiano.

Esses fatores também podem ter sido fundamentais para a consolidação da cultura de “aversão aos consultórios”, que eu pude perceber nas mulheres e na maioria dos pescadores com os quais tive contato, aliados à inexistência de políticas de saúde no distrito, também sentido em outras comunidades pobres do estado, obrigadas a saírem de seus territórios em busca de tratamentos adequados. Isso também ocorre na educação, onde muitos adolescentes são obrigados a saírem de seus distritos de residência para terem acesso ao ensino médio de qualidade para alargarem suas oportunidades no futuro. Este quadro tem sido muito recorrente em Acupe e tem causado uma profunda reflexão acerca do futuro da mariscagem na comunidade. Além da busca pela melhoria de vida dos jovens do local, há uma não estimulação no sentido de evitar que essas jovens sigam o caminho das mães, o de mariscar. Questionadas sobre os motivos para a falta de incentivo, as marisqueiras alertam para o trabalho árduo e não reconhecido dentro da comunidade e fora dela, além de ser, segundo elas, responsável por inúmeros problemas de saúde.

Assim como suas mães, as jovens de Acupe contam com a escassez de oportunidades na comunidade. Esta falta de oportunidade as conduz apenas a dois caminhos possíveis: dar continuidade ao trabalho da mariscagem ou se aventurar em cidades maiores em busca de estudos ou trabalho, torcendo para não precisar voltar por falta de emprego nestas grandes cidades.

A escassez de oportunidade é mais cruel quando está atrelada à falta de visão dos dirigentes e gestores das questões da pesca, pois não conseguem enxergar o potencial dessas comunidades. A falta de inserção desses trabalhadores no desenvolvimento local tem sido marcadamente um grande equívoco na construção de um conhecimento colaborativo viável e equilibradamente sustentável. Dessa forma, a construção de uma consciência ambiental perpassa por estas questões e posicionamentos, sobretudo em comunidades pesqueiras.

Então, por que não pensar em ações que utilizem o conhecimento da população aliados ao conhecimento científico? Dessa forma, tanto a comunidade quanto o meio ambiente só têm a ganhar com a geração de emprego, renda e tornar as pessoas mais conscientes no trato com os recursos naturais e com o consumo e descarte do lixo produzido. Essas ações não resolvem de imediato os problemas ambientais, mas elas, somadas ao respeito à diversidade ambiental, cultural e social, serão fundamentais para a construção de um planeta melhor, gradativamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACSELRAD, Henri. Ambientalização das lutas sociais: o caso do movimento por justiça ambiental. São Paulo, **Revista Estudos Avançados**, v. 24, n.68, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142010000100010>. Acesso em: 30 jan. 2014.

ALBAGLI, Sarita. Território e Territorialidade. In: LAGES, Vinícius; BRAGA, Christiano; MORELLI, Gustavo (Org.). **Territórios em movimento: cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva**. Rio de Janeiro: Relume Dumará / Brasília, DF: SEBRAE, 2004.

ALBERGUINI, Audre. O futuro já chegou: a visão sobre o meio ambiente no século 21 no discurso das revistas brasileiras dos anos 1960 e 1970. In: PORTO, Cristiane; BORTOLIERO, Simone (Org.). **Jornalismo, ciência e educação: interfaces**. Salvador: EDUFBA, 2013. p. 167-194.

ALCANTARA, Mariana; RATTES, Leonardo. Ilha de Maré sofre com a poluição ambiental. **Comunicação, Mídia e Meio Ambiente**. Salvador, 12 set. 2011. Disponível em: <<http://blogjcmioambiente.wordpress.com/2011/09/12/110/>>. Acesso em: 22 ago. 2013.

AMORIM, Itamar Gomes; GERMANI, Guiomar Inez. Quilombos da Bahia: presença incontestável. In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 10. 2005, São Paulo. **Anais eletrônicos**. São Paulo: USP, 2013. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Geografiasocioeconomica/Geografiadelapoblacion/03.pdf>>. Acesso em: 30 jan. 2013.

ANDRADE, Cláudia C.S. **Da casa à escola, da escola à maré: representações femininas acerca da família e da educação formal na comunidade pesqueira de Acupe (Santo Amaro-Bahia)**. 2007. 112 f. Dissertação (Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea) - Universidade Católica do Salvador. Salvador, 2007. Disponível em: <http://tede.ucsal.br/tde_arquivos/1/TDE-2009-0618T162354Z93/Publico/CLAUDIA%20CRISTINA%20SANTOS%20DE%20ANDRADE.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2013.

ANDRADE, Jailson. *et al.* Contaminação Química. In: HATJE, Vanessa; ANDRADE, Jailson (Org.). **Baía de Todos os Santos: aspectos oceanográficos**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 245-297. Disponível em: < <http://static.scielo.org/scielobooks/4szy8/pdf/hatje-9788523209292.pdf> >. Acesso em: 24 jan. 2014.

ANDRADE, Maiza Ferreira. **A contaminação por chumbo em Santo Amaro-Ba: a ciência e o mundo da vida no estuário do rio Subaé**. 2012. 119 f. Dissertação (Mestrado em Medicina) – Escola de Medicina, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

_____. Contaminação por chumbo em Santo Amaro desafia décadas de pesquisas e a morosidade do poder público. **Ambiente & Sociedade**. São Paulo, v.16, n.2. Abr./Jun. 2013.

_____. Desafios e propostas: o enfrentamento da contaminação por chumbo em Santo Amaro. In: ANJOS, José Ângelo Sebastião Araújo; SÁNCHEZ, Luis Enrique. Plano de gestão ambiental para sítios contaminados por resíduos industriais: o caso da Plumbum em

Santo Amaro da Purificação/BA. **Bahia Análise & Dados**, Salvador – SEI, v.10, n.4, p. 64-74, 2001.

ANJOS, José Ângelo Sebastião Araújo; SÁNCHEZ, Luis Enrique. Plano de gestão ambiental para sítios contaminados por resíduos industriais – O caso da Plumbum em Santo Amaro da Purificação/BA. **Bahia Análise & Dados**, Salvador – SEI, v.10, n.4, p.306-309, 2001.

ARAÚJO, A. O. Dinâmica territorial do recôncavo baiano: espacialidade e temporalidade. In: ENCONTRO NACIONAL DOS GEÓGRAFOS, 16, 2010. **Crise, praxis e autonomia: espaços de resistência e de esperanças**. Espaços de Diálogos e Práticas, 16, 2010, Porto Alegre. Anais eletrônicos. Porto Alegre: ENG, 2010. Disponível em: <file:///C:/Users/Pc/Downloads/download(66)%20(2).PDF>. Acesso em: 24 jan. 2014.

AZEVEDO, G. O. D.; KIPERSTOK, A.; MORAES, L. R. S. Resíduos da construção civil em Salvador: os caminhos para uma gestão sustentável. **Revista Engenharia Sanitária Ambiental**. Salvador, v.110, n. 1, p. 65-72, jan. / mar. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/esa/v11n1/29139.pdf>>. Acesso em: 12 jan.2014.

BACKES, Marli Terezinha Stein *et al.* Conceitos de saúde e doença ao longo da história sob o olhar epidemiológico e antropológico. **Revista de Enfermagem**, UERJ, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p.111-117, jan. - mar. 2009. Disponível em: <<http://www.facenf.uerj.br/v17n1/v17n1a2-1.pdf>>. Acesso em: 12 jan.2014.

BARBALHO, Alexandre. Estado, mídia e identidade: políticas culturais no nordeste contemporâneo. In: SAMPAIO, Adriano; COELHO, Lilian Reichert; SILVA, Sivaldo Pereira (Org). **Temas em comunicação e cultura contemporânea**. Salvador: IV Poscom, 2003, p. 186-201.

BARBERO, Martin Jesus. Saberes hoje: disseminações, competências e transversalidades. In: RIBEIRO, Ana Paula G. e HERSCHMANN, M. (Org.). **Comunicação e História**. Rio de Janeiro: Mauad, 2008, p 237-252.

BIBLIOMED. **Medicina Indígena**: da magia à cura. 2000-2015. Disponível em: <http://ervasespeciarias.co-m.br/medicina-indigena-da-magia-a-cura/>. Acesso em: 12 mar.2015.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação Qualitativa em Educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal-Porto: Editora LDA, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **Os Usos Sociais da Ciência**: por uma Sociologia clínica do Campo Científico. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

BRASIL. **Lei nº 4.771, de 15 de setembro de 1965**. Institui o novo Código Florestal. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 15 set. 1965. _____. **Lei n. 8.080, de 19 de setembro de 1990**. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Presidência da República - Casa Civil: Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília - DF, 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8080.htm>. Acesso em: 12 out. 2015.

_____. Secretaria do Meio Ambiente. **Cópia do Decreto Legislativo nº 2, de 5 de junho de 1992**. Dispõe sobre a Convenção sobre Diversidade Biológica - CDB - Série Biodiversidade nº 1. Secretaria de Biodiversidade e Florestas / Programa Nacional de Conservação da Biodiversidade, Brasília, DF, 2000. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/estruturas/sbfchmrbbio/arquivos/cdbport72.pdf>>. Acesso em: 18 jan. 2015.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Política nacional de atenção integral à saúde da mulher: princípios e diretrizes** – Brasília: Ministério da Saúde, 2004. 82 p.: il. – (C. Projetos, Programas e Relatórios), 2004. Disponível em: <<http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes-politicanacatencaomulher2.pdf>>. Acesso em: 14 jun.2015.

_____. **Decreto n. 6.177, de 1º de agosto de 2007**. Promulga a Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais, assinada em Paris, em 20 de outubro de 2005. Presidência da República - Casa Civil: Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília - DF. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6177.htm>. Acesso em: 14 jun.2015.

_____. Ministério do Meio Ambiente. Gerência de Biodiversidade Aquática e Recursos Pesqueiros. **Panorama da conservação dos ecossistemas costeiros e marinhos no Brasil**. Brasília: MMA/SBF/GBA, 2010. 148 p. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/estruturas/205/publicacao/205publicacao03022011100749.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

_____. Ministério da Pesca e Aquicultura. **Pesca Artesanal**. 2016. Disponível em: <<http://www.mpa.gov.br/>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

CAETANO, Hugo Silva. **Na maré e na escola**: experiências educativas de marisqueiras de Salinas da Margarida-Ba. 2013. 110 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) - Faculdade de Educação. Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2013.

CANCLINI, Néstor Garcia. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Editora Brasiliense S/A, 1982.

CARDOSO, Denise Machado. Mulher, Pesca e Ambiente. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 25, 2002, Salvador. **Anais eletrônicos do INTERCOM - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação** – Salvador, UFBA, 2002. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/-pdfs/107751268139279009910777644676521911568.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2014.

CARDOSO, Sidney Amaral. **Convenções ambientais multilaterais e a organização mundial do comércio**, 2003, 129 f. Dissertação. (Mestrado em Direito) – Faculdade de Direito. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/86450>>. Acesso em: 12 jan.2014.

CARVALHO, Fernando M. *et al.* Chumbo no sangue de crianças e passivo ambiental de uma fundição de chumbo no Brasil. **Revista Panamericana de Salud Publica**. v.13, n.1, 2003,

p.19-24. Disponível em: <<http://www.scielo.org/pdf/rpsp/v13n1/a03v13n-1.pdf>>. Acesso em: 3 abr. 2014.

CARVALHO, Isabel Cristina Moura. **Territorialidade em luta**: uma análise dos discursos ecológicos. 1989. 142 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Fundação Getúlio Vargas. Instituto de Estudos Avançados em Educação, Departamento de Psicologia da Educação, Rio de Janeiro, 1989. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/9007/000054683.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS. Percepção pública da ciência e tecnologia 2015: ciência e tecnologia no olhar dos brasileiros. In: **Sumário executivo**. Brasília, 2015, Brasília, DF. Disponível em: <<http://percepcaocti.cgee.org.br/>>. Acesso em: 01 jan. 2016.

CESNINK, Fábio de Sá; BELTRAME, Priscila Akemi. **Globalização da cultura**. Barueri, São Paulo: Manole, 2005.

CHASSOT, Attico. Alfabetização científica: uma possibilidade para a inclusão social. In: CUMBRE IBEROAMERICANA DE RECTORES DE UNIVERSIDADES PÚBLICAS, 3, 2002, Rio Grande do Sul: UFRS. **Revista Brasileira de Educação**, n 22, set./dez. 2002, Seção Documentos, p. 157-158. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n22/n22-a09>>. Acesso em: 30 jan.2015.

CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2, 2004, Belo Horizonte. **Avaliação das Condições Nutricionais de Crianças em Comunidades de Pescadores**: Ilha de Maré e Santo Amaro da Purificação, BA. Anais eletrônicos. Belo Horizonte: UFMG, 2004. Disponível em <<https://www.ufmg.br/congext/Saude/Saude162.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2013.

CORDEIRO, João A. N. **Análise dos impactos socioeconômicos e ambientais da carcinicultura marinha no município de Santo Amaro**: estudo de caso do distrito de Açupe. 2008. 83 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Economia) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Ciências Econômicas, Salvador, 2008.

COSTA, Claudia de Lima. O tráfico do gênero. **Cadernos Pagu**, Santa Catarina, n.11, pp.127-140, 1998. Disponível em: <<http://www.cppnac.org.br/wpcontent/uploads/2013/07/O-Tr%C3%A1fico-do-g%C3%AAnero-Claudia-Costa.pdf>>. Acesso em: 30 jan.2015.

COSTA, Rauquirio Marinho; PEREIRA, Luci C. C. Uso e ocupação em uma comunidade pesqueira, na margem estuário do rio Caeté (PA, Brasil). **Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 13, p. 11-18, jan./jun. 2006. Paraná: Editora UFPR, 2007.

COSTA, Ronaldo Gonçalves de Andrade. Os saberes populares da Etnociência no ensino das ciências naturais: uma proposta didática para aprendizagem significativa. **Revista Didática Sistemática**, Rio Grande do Sul, v.8, n.2, jul./ dez. 2008. Disponível em: <<https://www.seer.furg.br/revistas/article/view/1303>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

CRA. Governo do Estado da Bahia. **Análise preliminar de risco à saúde humana**. Relatório síntese. Consórcio BTS Hydros CH2MHILL. 2005.

CZERESNIA, Dina. Ciência, técnica e cultura: relações entre risco e práticas de saúde. **Cadernos Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 20, n.2, p. 447-455, mar./abr. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v20n2/12.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

DANTAS, V.M. C.S. **Nas marés da vida**: histórias e saberes das mulheres marisqueiras. 2010. 119 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2010.

DIEGUES, Antonio. C. *et al.* **Os Saberes Tradicionais e a Biodiversidade no Brasil**. São Paulo, 2000. Disponível em: <<http://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/750/2/Biodiversidade%20e%20comunidades%20tradicionais%20no%20Brasil.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2014.

FERNANDES *et al.* **Conceitos de saúde e doença ao longo da história sob o olhar epidemiológico e antropológico**. Revista enfermagem UERJ: Rio de Janeiro, 2009, jan/mar; v. 17, n. 1, p. 111-117. Disponível em: <http://www.facenf.uerj.br/v17n1/v17n1a21.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2015.

FIAZ, Domingos. **Acupe Minha Terra**. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2004.

FIGUEIREDO, João B. A. **Educação Ambiental Dialógica e Representações Sociais da Água em Cultura Sertaneja Nordestina**: uma contribuição à consciência ambiental em Irauçuba - CE (Brasil). 2003. 346 f. Tese (Doutorado em Ecologia e Recursos Naturais) - Universidade Federal de São Carlos. Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, São Carlos, 2003.

FIGUEIREDO, Marina Morenna A. O trabalho da mulher na cadeia produtiva da pesca artesanal. **Revista Feminismos**, Salvador, v.2, n.1, jan./abr. 2014. Disponível em: <<file:///C:/Users/Pc/Downloads/114-385-1-PB.pdf>>. Acesso em: 30 jan. 2015.

_____. A Participação da Mulher na Organização Socioespacial de Comunidades Pesqueiras: um estudo de caso na Reserva Extrativista Baía do Iguape - BA. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 4, n. 2, p. 77 - 85, ago./dez. 2013.

_____. A mariscagem e as mulheres na baía do Iguape - BA. In: SEMINÁRIO ESPAÇOS COSTEIROS, 1. 2011, Salvador. **Anais eletrônicos**. Salvador: UFBA, 2011, p. 1-14. Disponível em: <http://www.costeiros.ufba.br/Semin%C3%A1rio/Eixo%201/FIGUEIREDO,M.M_%20A%20Mariscagem%20e%20as%20mulheres%20na%20Ba%C3%AD%20do%20Iguape-Ba.pdf>. Acesso em: 1 nov. 2015.

FIOCRUZ. Mapa de conflitos envolvendo injustiça ambiental e saúde no Brasil. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://www.conflitoambiental.icict.fiocruz.br/index.php?pag=resumo>>. Acesso em: 3 ago. 2014.

FIRMO, Wellyson da Cunha Araújo *et al.* Contexto popular histórico, uso popular e concepção científica sobre plantas medicinais. **Cad. Pesq.**, São Luís, v. 18, n. especial, dez. 2011. Disponível em: <[http://www.pppg.ufma.br/cadernosdepesquisa/uploads/files/Artigo%2010\(9\).pdf](http://www.pppg.ufma.br/cadernosdepesquisa/uploads/files/Artigo%2010(9).pdf)>. Acesso em: 07 mar. 2016.

FLORES, Bárbara Nascimento; TREVIZAN, Salvador Dal Pozzo. Ecofeminismo e comunidade sustentável. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.23, n. 1, jan./abril, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2015000100011>. Acesso em: 1 nov. 2015.

FOLADORI, Guillermo; TAKS, Javier. Um olhar antropológico sobre a questão ambiental. **Revista Mana**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 323-348, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132004000200004>. Acesso em: 1 nov. 2015.

FONTENELE, Eveline Gadelha Pereira *et al.* Contaminantes ambientais e os interferentes endócrinos. **Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia**, São Paulo, v. 54, n.1, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/abem/v54n1/v54n-1a03.pdf>>. Acesso em: 6 mar. 2016.

FREITAS, Maria Carmo Soares. Manguezal: um lugar sagrado e ameaçado pela contaminação em Ilha de Maré. In: PENA, P.G.L.; MARTINS, V.L.A. (Org). **Sofrimento negligenciado: doenças do trabalho em marisqueiras e pescadores artesanais**, Salvador: EDUFBA, 2014, p. 157-177.

FREITAS, Maria Carmo Soares *et al.* Um ambiente enfermo: significados de la contaminación industrial em Isla de Maré, Bahía, Brasil. **Desacatos - Revista de Antropologia Social**. México, n.39, mai./ago, 2010, p. 73-88. Disponível em: <<http://desacatos.ciesas.edu.mx/index.php/Desacatos/article/view/241/121>>. Acesso em: 1 nov. 2015.

FREITAS C. M.; GOMEZ C. M.: Análise de risco tecnológico na perspectiva das ciências sociais. *História, Ciências, Saúde: Manguinhos*, v.III, n.3, p. 485-504, Nov. 1996-Feb. 1997. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v3n3/v3n3a06>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. **Comunidades Quilombolas**. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/>>. Acesso em: 12 ago.2013.

GERMANO, Marcelo Gomes. **Uma nova ciência para um novo senso comum**. Campina Grande: Eduepb, 2011.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos e pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1995. Disponível em: <https://professores.faccat.br/moodle/pluginfile.php/13410/mod_resource/content/1/com-o-elaborar-projeto-de-pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2015.

GOMES, Rosana Costa. A maré taí! Experiências das marisqueiras de Salinas da Margarida (1960-1990). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - ANPUH, 26, São Paulo. **Anais eletrônicos**, São Paulo: ANPUH, 2011. p. 1-11. Disponível em: <[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300945765_ARQUIVO_AMareTai!ExperienciasdasmarisqueirasdeSalinasdaMargarida\(1960-1990\).pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300945765_ARQUIVO_AMareTai!ExperienciasdasmarisqueirasdeSalinasdaMargarida(1960-1990).pdf)>. Acesso em: 10 out. 2015.

PRATES, A. P. L.; GONÇALVES, M. A.; ROSA, M. R. Panorama da conservação dos ecossistemas costeiros e marinhos no Brasil. Brasília: MMA, 2012. 152 p. Disponível em:

<<http://www.mma.gov.br/publicacoes/biodiversidade/category/53-biodiversidade-aquatica?download=21:panorama-da-conservacao-dos-ecossistemas-costeiros-e-marinhos-no-brasil>>. Acesso em: 20 ago. 2015.

GOUVEIA, Nelson. Saúde e meio ambiente nas cidades: os desafios da saúde ambiental. **Saúde e Sociedade**, v. 8, n.1, p. 49-61, 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sau-soc/v8n1/05.pdf>>. Acesso em: 15 mar.2015.

GAZZINELLI, Andréa *et al.* Educação em saúde: conhecimentos, representações sociais e experiências da doença. **Revista Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 21, n.1, p.200-206, jan./fev. 2005. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cuidadocomapele/arquivos/textos_para_leitura/educacao_em_saude/Educacao_em_saude_conhecimentos.pdf>. Acesso em 15 mar.2015.

HALL, Stuart. Notas sobre a desconstrução do “popular” [1973]. In: SOVIK, Liv (org). **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, Brasília. Representação da UNESCO no Brasil, 2006, p. 231-247.

IBGE. **Censo 2010**. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br>>. Acesso em: 15 mar. 2015.

INSTITUTO KIRIMURÊ. **Baía de Todos os Santos**. 2017. Disponível em: <<http://www.institutokirimure.pro.br/>>. Acesso em: 01 jan. 2015.

JACOBI, Pedro Roberto; BESEN, Gina Rizpah. Gestão de resíduos sólidos em São Paulo: desafios da sustentabilidade. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v.25, n.71, p. 135-158, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142011000100010>. Acesso em: 15 mar.2015.

KAUFMANN, Cristine. Estudos Culturais, Mídia e Meio Ambiente: tecendo saberes para uma cultura ambiental. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA - ENECULT, Salvador, 5, 2009, Salvador. **Anais eletrônicos**. Salvador: UFBA, 2009, p.1-13. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19345.pdf>>. Acesso em: 15 mar.2015.

LAPLANTINE F. **Antropologia da doença**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LARRÈRE, Catherine; LARRÈRE Raphael. **Du bon usagem de la nature**. Pour une philosophie de l’environnement. Paris, Alto Aubier, 1997.

LEFF, Enrique. Agroecologia e saber ambiental. **Revista Agroecologia e Desenvolvimento Rural e Sustentável**. Porto Alegre, v.3, n.1, p.36-51, jan./mar.2002. Disponível em: <http://taquari.emater.tche.br/docs/agroeco/revista/ano3_n1/revista_agroecologia_ano3_num1_parte08_artigo.pdf>. Acesso em: 1 jan. 2015.

_____. **Racionalidad Ambiental: la reapropiación social de la naturaleza**. Mexico: Siglo XXI editores, s.a. de c.v., 2004. Disponível em <<http://aao.org.br/aao/pdfs/publicacoes/racionalidad-ambiental-enrique-leff.pdf>>. Acesso em: 1 jan. 2015.

_____. **Complejidad, racionalidad ambiental y diálogo de saberes.** In: CONGRESO INTERNACIONAL INTERDISCIPLINAR DE PARTICIPACIÓN, ANIMACIÓN E INTERVENCIÓN SOCIOEDUCATIVA. Centro Nacional de Educación Ambiental. Barcelona, nov. de 2006. Disponível em: <http://www.magrama.gob.es/es/ceneam/articulos-de-opinion/2006_01eleff_tcm7-53048.pdf>. Acesso em: 1 jan 2015.

LEITE, Fernando César Lima; COSTA, Sely Maria de Souza. Gestão do conhecimento científico: proposta de um modelo conceitual com base em processos de comunicação científica. **Revista Ciência da Informação**. Brasília, v. 36, n. 1, p. 92-107, jan./abr. 2007. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1189/1358>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

LEROY, J.P.; PACHECO, T.; PORTO, M. F. (Org.). **Injustiça Ambiental e Saúde no Brasil**: mapa de conflitos. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2013.

LIMA, A. S. G.; VOLPATO, L. M. B. **Saúde da mulher Negra e os determinantes**: Racismo, Questão de Gênero e Classe Econômica. In: ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA (ETIC), 2014. São Paulo: Toledos Prudente Centro Universitário, 2014. <<http://intertemas.toledoprudente.edu.br/revista/index.php/ETIC/article/viewFile/4406/4166>>. Acesso em: 1 mar. 2015.

LIMA, Gustavo F. C. Questão ambiental e educação: contribuições para o debate. **Revista Ambiente & Sociedade**, Campinas: NEPAM/UNICAMP, ano II, n. 5, p. 135-153, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-753X199900020001-0>. Acesso em: 1 mar. 2015.

MACHADO, David Oliveira; OLIVEIRA, Sonia. Política nacional de resíduos sólidos e a responsabilidade dos municípios. **Revista Iusgentium**, Curitiba, v.10, n.5, jul/dez 2014. Disponível em: <<file:///C:/Users/Pc/Downloads/143-703-1-PB.pdf>>. Acesso em: 14 mar.2015.

MARTINS, André. Biopolítica: o poder médico e a autonomia do paciente em uma nova concepção de saúde. **Revista Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, São Paulo, v.8, n.14, p. 21-32, set.2003-fev. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832004000100003>. Acesso em: 1 mar. 2015.

MEADOWS, Donella H. *et al.* **Limites do crescimento**. São Paulo: Editora Perspectiva AS, 1973.

MEDEIROS, Josué. **Análises e propostas**: Crise ambiental e a Rio +20 na visão da sociedade e do governo brasileiro. Rio de Janeiro. Fundação Friedrich Ebert Stiftung, n. 43, 2012. Disponível em: <<http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/09168.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2015.

MENESES, Janaina de Sousa. **Além do mar**: experiência de doença em pescadores e marisqueiras na baía de todos os santos. In: CONGRESSO NACIONAL DE CIÊNCIAS SOCIAIS: DESAFIOS DA INSERÇÃO EM CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS - CONACSO. 1. 2015, Vitória: UFES, 2015. Disponível em: <<http://www.conacsoufes.com.br/pdf/final/aebf30837c667f756edd1224e3516bc3.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Saúde-doença: Uma concepção popular da Etiologia. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 4, p. 363-381, 1988, out/dez. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S-0102-311X1988000400003>. Acesso em: 16 mar. 2015.

MOREIRA, Ildeu de C. (Coord.) *et al.* **Percepção Pública da Ciência e Tecnologia no Brasil**, 2010. Ministério da Ciência e Tecnologia. UNESCO. Departamento de Popularização e Difusão da C&T/SECIS/MCT e Museu da Vida/COC/Fiocruz, 2010. Disponível em: <http://www.mct.gov.br/upd_blob/0214/214770.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2015.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dórea. 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010, 350p.

_____. **O método da vida II: a vida da vida**. Mira-Sintra: Europa-America, 1999.

MOURA, Danieli Veleda. Justiça Ambiental: um instrumento de cidadania. **Qualit@s Revista Eletrônica**, v.9, n.1, 2010. Disponível em: <<http://revista.uepb.edu.br/index.-php/qualitas/article/viewFile/524/413>>. Acesso em: 16 mar. 2015.

NASS, Daniel Perdigão. O conceito de Poluição. **Revista Eletrônica de Ciências**, n.13, nov. 2002. Disponível em: <<http://www.engenhariaambiental.unir.br/admin/prof/arq/O%20conceito%20de%20poluicao%202013.pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2016.

NETO, Antonio Fausto (Org.). **Midiatização da Ciência: cenários, desafios, possibilidades**. Campina Grande: Eduepb, 2012.

NIEMEYER, Júlia Carina; EGLER, Silvia; SILVA, Eduardo Mendes. Avaliações ecológicas e ecotoxicológicas relacionadas ao caso da Plumbum em Santo Amaro (BA). In: ANJOS, José Ângelo Sebastião Araújo; SÁNCHEZ, Luis Enrique. Plano de gestão ambiental para sítios contaminados por resíduos industriais – O caso da Plumbum em Santo Amaro da Purificação/BA. **Bahia Análise & Dados**, Salvador - SEI v.10, n.4, 2011, p. 131-149. Disponível em: <http://www.cetem.gov.br/santo_amaro/pdf/cap11.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2015.

OLIVEIRA, Maria Amélia de Campos; EGRY, Emiko Yoshikawa. A historicidade das teorias interpretativas do processo saúde-doença. **Revista da Escola de Enfermagem**. São Paulo: USP, v. 34, n. 1, p. 9-15, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/-reeusp/v34n1/v34n1a02>>. Acesso em: 4 abr. 2015.

OLIVEIRA, M.S.M. **Juventude na Rede: processos de interação e aprendizagem com o uso das tecnologias da informação e comunicação (tics) na comunidade de Acupe - Santo Amaro –BA**. 2012. Dissertação (Mestrado em Políticas públicas, gestão do conhecimento e desenvolvimento regional) - Departamento de Ciências Humanas, Universidade do Estado da Bahia, 2012.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. **Mulher Negra: afetividade e solidão**. Salvador: EDUFBA, 2013.

PACHECO, Tania. **Desigualdade, injustiça ambiental e racismo: uma luta que transcende a cor**. In: SEMINÁRIO CEARENSE CONTRA O RACISMO AMBIENTAL, 1, Fortaleza,

2006. Disponível em: < http://racismoambiental.net.br/?page_id=169061>. Acesso em: 5 mai. 2015.

PADUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. **Revista Estudos Avançados**, v. 24, n.68, p. 81-101, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/e-a/v24n68/09.pdf>>. Acesso em: 30 ago. 2014.

PAES E SILVA, Lays Helena. Ambiente e justiça: sobre a utilidade do conceito de racismo ambiental no contexto brasileiro. **Revista Online e-cadernos ces**, n. 17, 2012. Disponível em: <<http://eces.revues.org/1123>>. Acesso em: 30 ago. 2014.

PAIVA, Ayane de Souza. Conhecimentos dos moradores da Ilha de maré acerca dos recursos naturais numa abordagem histórica. Salvador, Candomblé. **Revista Virtual**, v. 5, n. 2, p. 98–114, jul./dez. 2009. Disponível em: <<http://revistas.unijorge.edu.br/can-domba/2009-v5n2/pdfs/Ayanedesouzapaiva2009v5n2.pdf>>. Acesso em: 30 ago. 2014.

PEIXOTO, José Augusto Saraiva. **Baía de Todos os Santos: vulnerabilidades e ameaças**. 2008. 191 f. dissertação (Mestrado em Engenharia Ambiental Urbana) - Escola Politécnica, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

PENA, Paulo Gilvane Lopes; MARTINS, Vera Lúcia Andrade. Riscos de doenças do trabalho relacionadas às atividades de pesca artesanal e medidas preventivas. In: PENA, P.G.L.; MARTINS, V. L. A. (Org). **Sofrimento negligenciado: doenças do trabalho em marisqueiras e pescadores artesanais**. Salvador: EDUFBA, 2014.

PERALTA, Carlos E.; ALVARENGA, Luciano J.; AUGUSTIN, Sérgio (Org). **Direito e justiça ambiental: diálogos interdisciplinares sobre a crise ecológica**. Caxias do Sul: Educs, 2014.

PEREIRA, Barbara Elisa; DIEGUES, Antonio Carlos. Conhecimento de populações tradicionais como possibilidade de conservação da natureza: uma reflexão sobre a perspectiva da etnoconservação. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 22, p. 37-50, jul./dez. 2010. Paraná: UFPR. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/made/article/view/160544>>. Acesso em: 7 jul. 2015.

PORTO, Marcelo Firpo; FINAMORE, Renan. Riscos, saúde e justiça ambiental: o protagonismo das populações atingidas na produção de conhecimento. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n.6, p. 1493-1501, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232012000600013>. Acesso em: 13 ago. 2015.

PORTO, Marcelo Firpo. **Conflitos Socioambientais na lógica da Justiça Ambiental**. Rio de Janeiro: Cesteh/ Ensp/Fiocruz, 2012. Disponível em: <<http://www5.ensp.fiocruz.br/biblioteca/dados/arq1910.ppt>>. Acesso em: 14 ago. 2015.

QUEIROZ, Antonio Fernando de Souza *et al.* Fonte da matéria orgânica e grau de contaminação por hidrocarbonetos totais de petróleo (htp) em sedimentos de manguezais na porção norte da Baía de Todos os Santos, Bahia. Campinas: **PD PETRO**, v.4, n. 6.2.0026-1, p. 21-24, out. 2007. Disponível em: <http://www.portalabpg.org.br/PDPetro/4/resumos/4PDPETRO_6_2_0026-1.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2015.

QUEIROZ, Antonio Fernando de Souza; CELINO, Joil José. Impacto Ambiental da Indústria Petrolífera em Manguezais da Região Norte da Baía de Todos os Santos (Bahia, Brasil). Paraná: UFPR, **Boletim Paranaense de Geociências**, n. 62-63, p. 23-34, 2008. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufba.br:8080/ri/bitstream/ri/2501-/1/Impacto%20Ambiental>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

RAPÔSO, Áurea Luiza Quixabeira Rosa e Silva; KIPERSTOK, Asher; CÉSAR, Sandro Fábio. Saneamento ambiental e lixo urbano: uma reflexão a partir do pensamento de ciclo de vida. In: CONGRESSO BAIANO DE ENGENHARIA SANITÁRIA E AMBIENTAL - COBESA, I, Salvador, 2010. **Anais eletrônicos**. Salvador: UFBA, 2010, p. 1-5. Disponível em: <http://teclim.ufba.br/site/material_online/publicacoes/pub_art110.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2015.

RIOS, Kássia Aguiar Norberto. **Da produção do espaço a construção dos territórios pesqueiros: pescadores artesanais e carcinicultores no Distrito de Acupe – Santo Amaro (BA)**. 2012. 262 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal da Bahia, 2013.

ROZÁRIO, Jeruza Jesus. Marisqueiras e pescadoras: a importância estratégica da cultura para a sustentabilidade. In: FÓRUM IDENTIDADES E ALTERIDADES: EDUCAÇÃO, DIVERSIDADE E QUESTÕES DE GÊNERO, 3, 2009. Itabaiana. **Anais eletrônicos**. Itabaiana: GEPIADDE/UFS, 2009, p. 1-12. Disponível em: <http://200.17.141.110/forumidentidades/IIIforum/textos/Jeruza_Jesus_do_Rozario.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2015.

SABBATINI, Marcelo. Alfabetização e Cultura Científica: conceitos convergentes? **Revista eletrônica Comunicação & Ciência**, v.1, n. 1, dez. 2004. Disponível em: <<http://www.jornalismocientifico.com.br>>. Acesso em: 30 out. 2013.

SANTOS, Adairson Alves. **Conceito de Saúde: perspectiva histórica**. Portal Conteúdo Jurídico. 2016. Disponível em: <<http://conteudojuridico.com.br/index.php?artigos&ver=2.33521>>. Acesso em: 8 mar. 2016.

SANTOS, Boaventura Sousa. **Introdução a uma Ciência Pós-Moderna**. Porto, Afrontamento, 1989.

_____. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. Para um novo senso comum. A ciência, o direito e a política na transição paradigmática. v.1; 4 ed. São Paulo, Cortez, 2002.

_____. **Um Discurso sobre as Ciências**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

SANTOS, Joselito. Assistência à saúde da mulher no Brasil: aspectos de uma luta social. In: JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS - MUNDIALIZAÇÃO E ESTADOS NACIONAIS: A QUESTÃO DA EMANCIPAÇÃO E DA SOBERANIA, 3, São Luis: UFMA, 2005. **Anais eletrônicos**, São Luis: UFMA, 2005, p. 1-9. Disponível em: <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinppIII/html/Trabalhos2/Joselito_Santos236.pdf>. Acesso em: 2 set. 2015.

SANTOS, Maria Eduarda Vaz Moniz. Ciência Como Cultura: paradigmas e implicações epistemológicas na educação Científica escolar. **Revista Química Nova**, v. 32, n.2, p. 530-537, 2008. Disponível em: <http://quimicanova.sbq.org.br/imagebank-pdf/Vol32No2_530_42-ED08444.pdf>. Acesso em: 15 set. 2015.

SANTOS, Mario Roberto; TEXEIRA, Cláudia Echevengua; KNISS, Cláudia Terezinha. Avaliação de desempenho ambiental na valorização de resíduos sólidos de processos industriais. **Revista de Administração**. Santa Maria: UFSM, v. 7, Edição Especial, p. 75-92, nov. 2014. Disponível em: <<http://periodicos.ufsm.br/reaufsm/artic-le/view/12982/artigo5>>. Acesso em: 5 out. 2015.

SCHEFLER, Maria de Lourdes Novaes. Mulheres guardiãs da terra e da vida: proposições para uma análise do espaço na perspectiva de gênero. In: FERREIRA, Sílvia Lúcia e NASCIMENTO, Enilda Rosendo (Org.). **Imagens da mulher na cultura contemporânea**. Salvador: NEIM/UFBA - Coleção Bahianas, v.7, 2002, p.247-266. Disponível em: <<http://www.neim.ufba.br/wp/wp-content/uploads/2013/11/imagens.pdf>>. Acesso em: 6 jan. 2016.

SCHWARTZ, Yves. A comunidade científica ampliada e o regime de produção de saberes. **Revista Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, n. 7, jul./dez. 2000. Disponível em: <<http://www.portal.fae.ufmg.br/seer/index.php/trabedu/article/viewFile/1681/1274>>. Acesso em: 1 dez. 2015.

SCLiar, Moacyr. História do Conceito de Saúde. **PHYSIS: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 29-41, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/physis/v17n1/v17n1a03>>. Acesso em: 7 out. 2015.

SEVALHO, Gil. Uma Abordagem Histórica das Representações Sociais de Saúde e Doença. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p.349-363, jul/set.1993. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102311X1993000300022&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em 1 dez. 2015.

SEVERINO, José Roberto. **Acupe Terra Quente**. Atividade Curricular em Comunidade e Sociedade - Memória Social: audiovisual e identidade. Salvador: UFBA, 2015. 1 DVD (59min).

SHIVA, Vandana. **Abrazar la vida**: mujer, ecología y supervivencia. 2. ed, San Cristobal: Madrid, v. 17, n. 28012, 2004. Disponível em: <<https://gruposhumanidades14.files.wordpress.com/2014/01/vandana-shiva-abrazar-la-vida-mujer-ecologc3ada-y-desarrollo.pdf>>. Acesso em: 8 mar. 2014.

SILVA, Leidisangela Santos da. **A economia pesqueira artesanal no município de Salvador-BA**: da organização produtiva a comercialização nas colônias de pescadores. 2013. 101 f. Dissertação (Mestrado em Economia) - Faculdade de Economia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

SILVA, Maria Reginalda Soares; CABRAL, Carmen Lúcia de Oliveira. **Etnopesquisa Crítica**: caminho (método) epistemológico e metodológico para se fazer uma pesquisa qualitativa em educação. Disponível em: <http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT_02_16.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2015.

SILVA, Raiza Tourinho. **Retratos de Maré: Histórias de um paraíso ameaçado**. 2011, 84 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/portal/wpcontent/uploads/2012/11/RetratosdeMar%C3%A9FINAL_Ra%C3%ADzaTourinho.pdf>. Acesso em: 7 out. 2014

SIMONIAN, Ligia. Mulheres e sustentabilidade na Amazônia. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 10, n. 1, jan. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2002000100023>. Acesso em: 16 mai. 2015.

SOSA, SB *et al.* Educación superior y cultura ambiental en el sureste de México. **Universidad y ciência**. v. 26, n.1, p. 33-49, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.org.mx/pdf/uc/v26n1/v26n1a3.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

SOUTO, Francisco José Bezerra. Uma abordagem etnoecológica da pesca do caranguejo, *Ucides cordatus*, Linnaeus, 1763 (Decapoda: Brachyura), no manguezal do Distrito de Acupe (Santo Amaro-BA). **Revista Biotemas**, Feira de Santana: UEFS, v. 20, n. 1, p. 69-80, mar. de 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/biotemas/article/viewFile/20782-/18877>>. Acesso em: 16 mai. 2015.

_____. O bosque de mangues e a pesca artesanal no Distrito de Acupe (Santo Amaro, Bahia): uma abordagem etnoecológica. **Revista Acta Sci. Biological Sciences**, Maringá, v. 30, n. 3, p. 275-282, 2008. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciBiolSci/article/view/5014>>. Acesso em: 16 mai. 2015.

_____. **A ciência que veio da lama**: uma abordagem etnoecológica das relações ser humano/manguezal na comunidade pesqueira de Acupe, Santo Amaro-BA. 2004. 319 f. Tese (Doutorado em Ciências Biológicas) - Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Paulo, 2004.

SOUTO, Francisco José Bezerra; MARTINS, Viviane Souza. Conhecimentos etnoecológicos na mariscagem de moluscos bivalves no Manguezal do Distrito de Acupe, Santo Amaro – BA. Feira de Santana: UEFS. **Revista Biotemas**, v. 22, n.4, p. 207-218, dez. 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/biotemas/-article/view/21757925.2009v22n4p207>>. Acesso em: 10 mai. 2015.

SOUZA, Arivaldo Santos de. **Direito e racismo ambiental diáspora africana**: promoção da justiça ambiental através do direito. Salvador: EDUFBA, 2015.

SULAIMAN, S. N. Educação Ambiental, sustentabilidade e ciência: o papel da mídia na difusão de conhecimentos científicos. Bauru: **Revista Ciência & Educação**, v. 17, n. 3, p. 645-662, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132011000300008>. Acesso em: 10 nov.2014.

TAMBELLINI, A. T. & CÂMARA, V. M. A temática saúde e ambiente no processo de desenvolvimento do campo da saúde coletiva: aspectos históricos, conceituais e metodológicos. Rio de Janeiro. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, v. 3, n 2, p. 47-59, 1998. Disponível em: < <http://www.scielo.org/pdf/csc/v3n2/7150>>. Acesso em: 10 nov.2014.

TAYRA, Flávio. A relação entre o mundo do trabalho e o meio ambiente: limites para o desenvolvimento sustentável. Barcelona: Universidad de Barcelona. **Scripta Nova: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, v.6, n. 119, 1 ago. 2002. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn119-72.htm>>. Acesso em: 7 ago. 2015.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1998.

UNESCO. Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural. 2002. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf>>. Acesso em: 7 ago. 2015.

VELASQUEZ, Mario Sosa. **Como entender el Territorio**. Guatemala: Editora Cara Parens - Universidad Rafael Landívar. 2012. Disponível em: <<http://www.rebellion.org/docs/166508.pdf>>. Acesso em: 8 ago. 2015.

VIEIRA, Susana Camargo. A Construção do Conceito de Desenvolvimento Sustentável. In: FONSECA, Denise Pini Rosalem da; SIQUEIRA, Josafá Carlos da. **Meio Ambiente, Cultura e Desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Sette Letras / Historia y Vida, 2002.

ZORZETTO, Ricardo. A saúde da baía: Projeto mapeia fontes de poluentes e correntes marinhas na Baía de Todos os Santos. Salvador: **Revista Pesquisa Fapesp**, ed. 201, nov. 2012. Disponível em: <<http://revistapesquisa.fapesp.br/2012/11/12/a-saude-da-baia/>>. Acesso em: jan. 2014.

ZHOURI, Andréa; LASHEFSKI, Klemens; PEREIRA, Doralice B. Desenvolvimento, Sustentabilidade e Conflitos. In: ZHOURI, Andréa; LASHEFSKI, Klemens; PEREIRA, Doralice B. (Orgs). **A insustentável leveza da política ambiental: Desenvolvimentos e conflitos socioambientais**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2005, p. 13.

ZHOURI, Andréa. Justiça ambiental, diversidade cultural e Accountability: desafios para a governança ambiental. São Paulo, **Revista Brasileira de Ciências**, v. 23, n. 68, p. 97-107, out. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo-.php?script=sci_artt-ext&pid=S0102-69092008000300007>. Acesso em: 15 jan. 2015.

ZHOURI, Andréa; LASCHEFSKI, Klemens. Conflitos Ambientais. In: **Desenvolvimento e Conflitos Ambientais: Um Novo Campo de Investigação**. Belo Horizonte: UFMG, 2010, p. 11-34. Disponível em: <http://conflitosambientaismg.lcc.ufmg.br/wpcontent/uploads/2014-/04/ZHOURI__LASCHEFSKI_-_Conflitos_Ambientais.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2015.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Estrutura das entrevistas realizadas com as marisqueiras do distrito de Acupe, Santo Amaro (BA).

Questionário – pesquisa qualitativa com mulheres marisqueiras de Acupe – Santo Amaro /BA

Objetivo do trabalho - Analisar as percepções das mulheres marisqueiras de Acupe, em Santo Amaro – BA, sobre a contaminação de seus espaços de trabalho, além dos impactos sobre a saúde.

Estrutura da entrevista: 1. Família (vida privada) / 2. Vida social (trabalho e questões sociais e econômicas) / 3. Saúde (conhecimento científico, relação com os órgãos de promoção e preservação, poluição) e 4. Legado cultural e transmissão de saberes.

APÊNDICE B – Transcrição da entrevista realizada com o sujeito 1 – Mariana, marisqueira do distrito de Acupe, Santo Amaro (BA).

SUJEITO 1 - MARIANA

Localidade que mora (bairro, comunidade): Acupe/Avenida Bonfim

Crença religiosa: evangélica

Nível de escolaridade: estudou até a primeira série (só sabe assinar o nome)

Idade: 50 anos

Profissão: Marisqueira

Filhos: 3 vivos (teve cinco no total)

Estado Civil: casada

1- Família (vida privada)

Pesquisadora - Onde a senhora nasceu?

Mariana - Eu sou nascida e criada em Acupe.

Pesquisadora - Conte-me um pouco sobre a sua infância.

Mariana - A minha infância foi muito atribulada, porque eu perdi minha mãe cedo, fui criada com meu pai, meu pai não tinha uma condição financeira boa. Ele era analfabeto, não tinha estudo, eu, pelo menos, sei assinar meu nome, ele, nem isso ele sabia. Meu pai não era pescador, ele trabalhava na salina, trabalhava de tirar sal. Não sei como se chama essas pessoas que *tira* sal e ele é filho de São Gonçalo dos Campos. E o que eu sei da minha infância foi que não foi uma infância boa não, minha mãe perdi cedo, meu pai me deu logo para minhas cunhadas para criar, aí eu fui para casa de família, na idade de 8 para 9 anos, vivia mais pelas casas dos brancos, nas casas dos outros, trabalhando como doméstica. Daí, quando eu tinha de 11 para 12 anos, eu vim embora para a casa de meu pai. E daí, comecei a gostar de meu esposo, quem eu convivo até hoje. Daí não tinha recurso, como até hoje não tem, eu não procurei me integrar em estudo, meu pai até mandava, mas eu não queria saber de estudo, porque quando a gente tem pai e mãe junto a coisa fica melhor, né, pois um puxa de um lado, o outro puxa de outro, a gente ainda vai lá, mas quando é pai só... Meu pai tinha uma quitanda e ficava cuidando da quitanda, então, ou bem ele *cuidar* da quitanda dele ou bem ele *cuidar* de uma menina de 12 anos. Aí pronto, logo cedo eu *peguei* família e o recurso que eu tive foi trabalhar na vida da maré mesmo, porque tanto eu quanto meu marido *era novo*, ele tinha os pais, mas eu não tinha, só tinha pai, aí eu tinha que viver na vida da maré, foi assim, a minha juventude toda foi essa.

Pesquisadora - A senhora tem irmãos?

Mariana - Irmão, eu tenho um *bocado*. Tanto da parte de pai, quanto da parte de mãe. Da parte de mãe, eu tenho três, que é essa que entrou aí, essa Creuza, tenho um irmão que mora ali, que é Carlos, e tenho uma irmã que mora em Salvador, que é Ana Maria, da parte de pai e mãe. Mas *tudo*, cada um foi criado com os outros depois que minha mãe morreu. A mais velha ganhou logo a vida dela e o segundo foi para a casa da madrinha, e foi assim.

Pesquisadora - A senhora é a caçula?

Mariana - Não, a caçula é essa que saiu aí, que ficou molinha, que foi criada com uma cunhada minha, a mesma *que* eu fui criada.

Pesquisadora - Como era a vida de seus pais? Eles ainda estão vivos?

Mariana - Meu pai não é mais vivo. Meu pai morreu com 95 anos, 96 anos, nessa faixa aí. E minha mãe, quando eu era criança.

Pesquisadora - Quais suas lembranças sobre os ensinamentos que sua mãe lhe passava?

Mariana - Eu estava na casa de minha cunhada, mas ela não me mantinha em casa, me mantinha trabalhando. Eu tenho pouca lembrança de mãe. Eu creio que, quando ela morreu, eu estava com oito para nove anos, nessa faixa. E essa daí, *ficou mole* (se referindo à irmã caçula).

Pesquisadora - Com quem e onde aprendeu a trabalhar?

Mariana - Eu aprendi a mariscar com o destino. A força de vontade, a mesma pessoa que me ensinou a fazer crochê. Um dia, sentada na porta de umas coleguinhas, com elas, a mãe comprou umas agulhas de crochê deu para elas costurar e eu peguei um *misse* (grampo de cabelo), entortei a ponta do *misse* e peguei um cordão, desse de amarrar saco, e fiquei sentada junto com elas, e ali eu aprendi. Hoje eu sei até fazer uma roupinha de criança, não sei muito, mas se eu *vê* um ponto, aprendo rapidinho. Foi assim que eu aprendi a mariscar, as mais velhas iam, eu ia junto, a força de vontade bate, teve a necessidade, eu ia e tirava meu marisco. Comecei aprendendo a tirar o bebe fumo, hoje aprendi a tirar ostra, sei tirar o sururu, o único marisco que eu não me liguei para tirar foi o oribiu, que ele é muito danadinho, a gente toca nele, ele sai correndo por dentro da terra a fora. Mas se bater a necessidade, eu vou lá e trago ele, entendeu? O que faz a gente aprender é a força de vontade, a necessidade que bateu na porta e eu tive que aprender. E minha mãe também foi marisqueira, segundo os mais velhos dizem, que ela, quando ia, levava a gente também.

Pesquisadora - Mas a senhora tem lembrança dessa época?

Mariana – É, tenho pouca.

Pesquisadora - Qual a influência da trajetória deles para que se tornasse a mulher que é hoje?

Mariana - Da parte de ter arrependimento, da parte de meu pai, eu não tenho não. Porque se eu sou o que sou, agradeço a meu pai. Porque ele podia não ter estudo, mas o que ele sabia ele passava para mim, entendeu, e o que ele pode fazer por mim, ele fez. Em ponto de fraco, ele fez. Eu não tenho queixa a *dá* não e nem sobre a minha vida assim, que não sou mais. Se eu não quis aprender a estudar não foi nem por ele. Porque eu lembro que ele *mandava eu* ir para o colégio, ele não tinha é tempo para ir para o colégio atrás de mim, como a gente hoje tem. Ele não tinha tempo de correr atrás, mas ele brigava. Eu me lembro que um dia ele disse para a professora, essa professora já é morta, eu peguei um caderno na sala e lasquei todo, tanto o meu quanto os dos colegas, aí a professora foi fazer queixa, aí ele disse: “sabe o que a senhora faz, pega uma sola de boi, leva escondido e *lapeia* ela toda.” (risos). Então ele brigava e brigava muito comigo. Eu me lembro que eu tomei uma *carreira* que eu corri e ele atrás de mim com o cipó pra *mim* bater, porque eu ia para o colégio abusar, né? Então, se hoje eu não aprendi a ler não foi por conta dele, foi por conta de mim, foi *desdeixo* (desleixo) meu. É tanto, que eu passo para meu neto, quando eu levo ele para o colégio, eu falo para ele, aprenda, pois eu tive e não dei valor, mas hoje você tem que *dá* valor. O que *ta* lhe ensinando, porque amanhã vai se arrepender, ter arrependimento de *mim* mesmo.

Pesquisadora - Como a senhora se vê, quais as suas principais características?

Mariana - O que mais eu destaco, do meu dia a dia e do que eu aprendi, é o caráter. Ter caráter, ter palavra, entendeu, dar valor às coisas. Às mínimas coisas, têm que ser dado valor,

porque tudo que a gente tem, adquirindo com luta, tem que ser valorizado, entendeu. E eu nunca tive uma juventude assim, para dizer que no meu tempo de criança eu tive brinquedo, nunca tive essa juventude. Nunca soube o que é aniversário, e hoje meus filhos *teve*. Quer dizer, nem todos, porque só dessa daí para lá {apontou para uma das filhas - Bete} que já foi do tempo das vacas gordas. A caçula, a vaca já estava engordando, como diz no popular, e a das primeiras também, a situação foi difícil, eu *peguei* família muito cedo, o marido também não era empregado, como não é até hoje, aí a situação foi difícil. Então, eu acho que a gente tem que ter muito, não só dar valor as coisas *material*, nem tanto valor aos *bens material* não, mais sim ao caráter, a palavra, entendeu, o respeito também, *ta* em primeiro lugar, respeitar o próximo, amar seu próximo como a si mesmo, procurar entender e se colocar na posição daquela pessoa que *ta* passando por dificuldade, não criticar. Às vezes, deixar de fazer uma crítica para fazer um elogio. Talvez se eu achasse, nos meus momentos, alguém que me elogiasse qualquer coisa que eu fiz na infância, talvez eu prosperasse até mais. Se eu achasse apoio, eu fosse até outra pessoa, mas eu não achei isso, livre de meu pai, eu não achei isso, da parte da minha família, não achei apoio, achei crítica o tempo todo, ser criticado é horrível demais, não ser compreendido é horrível demais. A pessoa só cobrar de você, que você compreenda e não ser compreendido. Essa aí é minha questão, minha luta é sobre isso aí.

Pesquisadora - Como define o papel da mulher na comunidade de Acupe: na família; / no trabalho; / na política; / na sociedade; / na saúde:

Mariana - Na família é ser mãe, é ser educadora, trabalhar na parte da educação, da compreensão. Ser mãe é isso, ser mãe é apoiar seus filhos nos momentos que eles precisam e corrigir, apoiar e compreender na hora certa. Ser mãe é isso, ser dona de casa, está na hora que o marido necessita e apoiar no momento que ele precisa, entender, compreender e ser compreendida também, por ele. Amar, acima de tudo, ter muito amor, pois sem amor a gente não consegue superar nada, porque o amor supera o ódio, porque o amor tem um poder grande de superar o ódio. Então, se a gente colocar o amor no meio de tudo, da família, a gente supera o tudo, porque o amor supera o ódio através do seu poder, tudo suporta e tudo *crer*, entendeu? Então família é isso.

Pesquisadora - No trabalho, a mulher de Acupe tem um lugar de destaque? O que falta para que isso ocorra?

Mariana - Tem não. Falta reconhecimento sim, as mulheres de Acupe não são destacadas em nada, são *batalhadeiras*, mas não são reconhecidas. Se parar para analisar, a gente, mulher, que *trazemos* e *botamos* os melhores mariscos na mesa dos políticos e *a gente nem comemos* o melhor, mas botamos o melhor na mesa deles. A gente *marisqueiras* vai ali para o mangue, chega na maré, tira aqueles mariscos com aquela dedicação, quando tira uma ponta de marisco graúda, a gente *negoceia*, a gente chega em casa com a maior dedicação, com maior zelo, para poder arrumar no saco tudo bonitinho, lava para poder passar para o vendedor, para poder chegar na mesa do político ou do médico, no supermercado da melhor qualidade, mas quando chega na mesa deles, a gente que batalhou e eles nem sabem quanto duro a gente batalhou para eles *esta* ali comendo, e que vai ter valor é aquele que comprou por terceiros, entendeu? Quer dizer, eu trabalhei, eu batalhei, fui lá buscar no duro, no lugar mais duro e pior, mas você que já pegou limpinho, bonitinho, *catadinho*, já vendeu para terceiros. O valor, o lucro vai para você, entendeu, porque o lucro vai todo *pro* negociante, para a gente que vai batalhar, a marisqueira é uma pessoa muito sofrida. A gente, através da maré, pega cada tipo de problema: é câncer no útero, porque o modo de trabalhar da gente, abaixado, a gente recebe aquele fluido por debaixo, da lama, aí tudo isso causa problema, por mais que a gente chegue em casa e tome um banho bem tomado, mas causa. Nem todas têm aquele trabalho, aquela preocupação de ir, de três em três meses, no médico e, muitas vezes, não é nem

preocupação, é que o dinheiro não dá para pagar um médico e para fazer um exame de mulher, hoje é caro e tudo hoje é na base do dinheiro, então não dá, não dá. Eu achava que as pessoas, os políticos deveriam olhar mais *pro* lado da gente, marisqueiras, pois quando acontece alguém *vim* e querer fazer alguma coisa, a gente se abre igual a banana madura no pé. Porque pensa que ali vem a solução, quando vem alguém *zurpar* (usurpar) a gente, trazendo a solução, vem até com a solução, com o projeto que a gente *temos* na mente, independente de ser analfabeta ou não, todas nós temos um sonho, *marisqueira temos* um sonho de melhoria na vida da maré, até eles sabem, mas não cumprem, vêm *usufrui* da gente, tira o melhor da gente, usufrui o melhor e foge, entendeu, cada um vem e tira um pouquinho e termina a gente ficando fraca, igual a uma planta, com a terra seca e sem água.

Pesquisadora - A senhora acha que as mulheres marisqueiras podiam se organizar melhor?

Mariana - Podia. Mas muitas vezes elas não se *organiza*, não é nem por não querer, é por causa de não *creditamento* delas próprias, porque a gente já vem tão desacreditada, aí perde as forças. Eu mesma fazia parte aí de um grupo das mulheres para poder correr atrás de um dinheiro, de um benefício, que tem anos aí esse dinheiro, eles comendo o dinheiro, devido a indenização de fábrica de papel, do navio capilar e outros, e outros aí, que foi muito desastre no mar. Quantas e quantas mulheres já *morreu* com câncer, devido a problemas que teve no mar, nesse problema de meio ambiente, adquirido, que a gente adquire. Mas o governo sabe disso, mas não tá ligando, mas quando chegar época de política o governo sabe de tudo e vem conversando aquelas mesmas coisas que a gente já sabe e que a gente gostaria de ouvir e que tivesse solução. Aí as mulheres de Acupe, eu *mesmo* sei de umas, que eu chamo: “*umbora* se reunir”, mas tem medo, sempre tem alguém ali no meio que tem medo de *repreensão*, entendeu, as mulheres aqui são muito medrosas, tem medo de tudo, tem medo de alguém com colarinho branco, tem medo de juiz, tem medo de polícia, não sabendo que o juiz quem paga é a gente, a polícia quem paga é a gente, né? E não sabendo que se eles *prender*, eles não podem prender cidadão que está simplesmente buscando seus direitos, desde que não seja com vandalismo, seja na democracia, na conversa, na educação, a gente resolver. Temos que ter medo, mas do sofrimento do dia a dia que deixa assim, estarecida, com medo de enfrentar, entendeu, que muitas vezes até quer, mas no primeiro grito se aquieta, no primeiro não já perde a vontade, entendeu, na primeira porta que bate que recebe um não já se recolhe, recua, não tem mais força de vontade, a vida da maré, o sofrimento de lutar para colocar o pão de cada dia, esmoreceu as *marisqueira* de Acupe.

As promessas não *compridas*, tudo isso deixa as pessoas esmorecidas, a falta de crédito, mas eu não me esmoreço não, se eu achar um grupo que queira lutar pelos nossos benefícios, pelos nossos direitos, eu vou, não tenho medo de falar errado, não tenho medo, você tem que me entender como eu sou, tem que entender meu linguajar do jeito que sou, porque eu sou analfabeta mesmo, não tenho medo de dizer, uma coisa eu sei, ninguém me bota no bolso não, porque eu sei meus direitos, eu sou uma analfabeta que sei meus direitos, sei onde eu posso ir e onde eu não posso ir, o que eu posso fazer e o que eu não posso, e o que é meu por direito e o que não é.

Pesquisadora - Como é a estrutura familiar de sua casa? (solteira, mãe-solteira, casada, sem filhos, viúva, etc.)?

Mariana - Nessa casa aqui vive eu, meu esposo e minha filha, no total são cinco pessoas na família. A minha filha segunda mora em Salvador e minha mais velha mora aqui mesmo, aqui perto. Ela trabalhou bem pouco na maré. Eu lutei para minhas filhas não *ter* essa vida na maré, entendeu? Eu coloquei em colégio, com muita dificuldade, mas elas *estudou* tudo, *concluiu*, graças a Deus, aí uma trabalha no João Durval e a outra trabalha assim, como eu,

vendendo esses negócios na porta (doces), em Salvador. Mas também trabalhou muito quando vivia aqui comigo, na maré, entendeu, trabalhou mais até que a mais velha, essa caçula. Essa daí (a caçula) mariscou, mas não continua porque não é uma vida boa, aí hoje a juventude procura um modo melhor para sobreviver, não que não viva da maré, que não dependa da maré, mas procura sempre um trabalho mais em terra e até na maré mesmo.

Pesquisadora - Como relaciona seu lazer com o trabalho?

Mariana - Eu gosto muito de sair com os vizinhos para mariscar. Minha melhor *divertição* é mariscando. Eu saio dizendo: “vou passar o dia na praia”, aí já sabem, quando vou passar o dia na praia e volto com meu saquinho de ostra, de bebe fumo. Então, para mim, é a melhor *divertição*, do que se eu for numa praia para passear, tomar banho, se eu for num clube, para mim nada disso importa, meu maior passeio é se eu for na maré, apesar de que eu não aguento mais minha coluna. Meu marido reclama, porque eu fico ruim da coluna, tenho pressão alta também que mexe, entendeu? Mais é o que eu gosto de fazer, é o que eu sei fazer e é onde eu me encontro, é na maré.

Pesquisadora - Na época que eu vim aqui, em 2011/2012, a senhora trabalhava no colégio, desde aquela época a senhora não vai à maré?

Mariana - Não, ali eu estava sem carteira assinada nem nada. Trabalhava ali, mas sem compromisso nenhum, quando precisava eu ia. E eu ainda continuava na maré. Na verdade, eu não parei de ir na maré, porque não tem nem 15 dias que eu fui, ainda vou. Eu parei de ir todo santo dia, menos de um ano para cá, porque tenho dor na coluna, dor no joelho, nos ossos. De 50 anos para cá, eu fiz 50 anos em agosto, *tá* dando muitas dores nos ossos, a tontura, *renite*, labirintite. É tanto que a minha labirintite e esses problemas nos ossos, segundo o médico que eu fui, disse que meu problema da coluna e essas dores nos ossos são causados pelo trabalho na maré, entendeu, porque a gente puxa muita lama e tem lugar que a gente fica com lama até aqui, pra cima do joelho, aí para a gente puder *arriar* o saco, para *ta* se arrastando, isso vai dando *esfaecimento* nos nervos. Aí enquanto estamos novinhas a gente não sente, aí quando *chegamos na idade* tudo isso vai acumulando, aí hoje eu não aguento ficar muito tempo de joelhos e tudo isso é de ficar de joelho, na coroa, no chão quente, de joelho, cavando marisco. Ele falou o nome de artrose, tudo isso causado da maré. Ele perguntou se eu trabalho com negócio de mariscos, de maré, então eu disse: “sou marisqueira”, aí ele disse: “seu problema todo foi causado por isso. Se a senhora quisesse um relatório para se encostar podia até dar trabalho”, porque não sei, porque esses médicos acham de um pescador e uma marisqueira, que não dá com facilidade um *encostamento*, que parece que eles andam lá, mas eles não andam, porque se eles andassem não pensava duas vezes para dar. Ele ainda me aconselhou: “por que você não filma quando vocês estão trabalhando, para poder fazer um vídeo?”, aí pensei até no professor (José Roberto Severino).

Eu tenho o desejo ainda de gravar e fazer um documentário dentro da maré, aí sempre quando eu penso sempre em vocês para fazer um documentário. De chamar o professor e acertar um barco, e gravar, e levar tudo certinho, e mariscar e ali, o problema é saber onde ele vai ficar, pois tem lugar que ele não vai poder entrar, que tem mangue, que ele não vai poder, o pessoal tem que indicar onde ele tem que pisar e aí trabalhar normalmente, trabalhar mesmo normal e ele ali só filmando viu, porque se ele ficar ali trabalhando coisa, ele vai perceber que a pessoa pode *ta* fingindo ali que *ta* mariscando. Então, eu tenho essa vontade, de quando eu partir *deixasse* esse documentário. Quem sabe, se eu não consegui através de mim, *a vida de nós* se modifique através desse documentário. Que meu sonho seja um desabafo que chegue até o poder público e que ele possa fazer alguma coisa, e se eu não vi alcançar, meus filhos, meus netos e os filhos das outras pessoas, que já *sofreu*, que já *morreu*, devido o descaso, ia receber um recurso e ter um respeito melhor.

2- Vida social (trabalho e questões sociais e econômicas)

Pesquisadora - Tendo em vista a família, o trabalho e a saúde, como entende seu próprio papel nessas áreas?

Mariana - O meu *avê*, sobre a maré e a família é que venham os netos, pois os filhos já estão todos por si. E eu não desejo para meus netos essa vida de maré. A mãe maré é uma delícia, é um *sustentamento* que a gente tem, mas eu digo para mim *mesmo*, se eu tiver em condições, eu vou abrir uma caderneta para meus netos, para quando eles crescerem tomar um outro recurso, se puder fazer um curso e, ao mesmo tempo, eu digo que eu prefiro que ele trabalhe na vida da maré, pois um dia, tenho certeza, que vão valorizar o pescador e a marisqueira, que não devemos abandonar a maré, devemos é cuidar dela, entendeu. Que a maré também precisa *de* ser cuidada, ser mais valorizada, *mas* vista, e é *donde* ali é uma fábrica de dinheiro e *donde* a gente tira nossa alimentação, e ela não é bem cuidada, então, eu falo assim para minha família, meus filhos: “olha, se você não deu certo, por isso que a gente tem sempre que ter as ferramentas”, eu nunca joguei minha ferramenta da maré fora.

Pesquisadora - Quais as ferramentas básicas para se mariscar?

Mariana - Depende do marisco que você vai pegar. Se você for pegar ostra, você vai precisar de um *farracho*, um *facaozinho* pequeno, não pode ser um facão grande, tem que ser um *facaozinho* pequeno, aí a gente chama de *farracho*, é o que a gente tem que levar. Para tirar o bebe fumo é com a colher de *predreiro* e não pode ser uma colher de *predreiro* grande *de mais*, nem pesada, entendeu e, muita das vezes, a gente usa essa colher mesmo de fazer sopa, essa *colherzona*, que a gente come, enrola o cabo da colher num pedaço de pano, para não dar calo na mão, e trabalha com ela também. É a do bebe fumo, que trabalha com a colher de *predreiro* ou então com a colher normal ou pode ser uma colher normal do cabo bom, e trabalha com ela também, isso para o bebe fumo. Se for o *aribiu* tem que ser com uma foicezinha. Além das ferramentas tem sapatos, eu sempre trabalhei de sapato, mas agora, hoje, o pessoal tá mais valorizado, ainda bota uma luvinha, as condições *melhorou*. Compra uma luvinha, tudo isso precisa, tem que ter uma panela para colocar e ferventar os mariscos, temos que ter fogão para ferventar os mariscos, fogo de lenha, faz *trempe*, a gente faz uma *trempe* para ferventar o marisco, tudo isso porque a gente não tem realmente assim... aquele recurso de como deveria ser o marisco ferventado, porque se a gente soubesse como é mesmo, teria que ter um fogão, aquele lugar apropriado só para cuidar do marisco, seria ainda melhor. Tentaram, segundo eu soube, uma vez, a Bahia Pesca, fazer isso aqui, dar panela, dar o benefício, só que depois que esse projeto veio, teve cambalacho, deu pra uns e não deu para outros, esses recursos da panela, das luvas, do fardamento, dos materiais para as marisqueiras, que era para ser para marisqueiras, foi para gente que nem para a maré vai. Só porque o conjunto de panela era bonito, o fogão que veio era bonito, a luva era bonita, aí foi para muita gente que não teve necessidade, quer dizer, o fogão e as panelas as pessoas *quis*, as luvas e as coisas que só precisava *de* usar, das marisqueiras, foi dado a quem quis. As pessoas que *adquiriu*, que não *tinha* uso de certos tipos de objetos, que veio junto deu assim para a colega, para a *cumadre*, que não adquiriu nada.

Pesquisadora - Essa iniciativa foi da Bahia Pesca através da Associação?

Mariana - Não, foi por causa da gente mesmo buscando, brigando, aí a Bahia Pesca veio com esse projeto, teve palestra e tudo, mas quando foi na hora, os presidentes da Colônia *entrou* no meio e fez isso.

Pesquisadora - Há quanto tempo trabalha com a mariscagem? Como começou?

Mariana - Desde os onze anos (contou mais acima).

Pesquisadora - O que a senhora e as demais marisqueiras fazem para entender da maré, do meio ambiente, e torná-los aliados e não inimigos?

Mariana - Tem a *cedeira* e a *tardeira*, entendeu. Tem dia que a *cedeira* começa às 4 horas da madrugada, aí cedo, quando dá 7 horas, ela já tá enchendo, aí já é *cedeira*. Aí a gente sai uma hora, sai para ir pescar, aí 8 para 10 horas da noite a maré já *tá* no porto e, no outro dia, cada dia ela vai ficando mais tarde. Por exemplo, segunda ela sai 4 horas, terça ela sai 4h20, 4h30, quarta ela já sai 5 horas, sexta-feira ela já sai 5h30, aí sábado ela já sai 8 ou 9 hora.

Pesquisadora - Mas o que vocês fazem para saber qual a hora, em cada dia?

Mariana - A gente sabe pelo porto, pela maré ela indo e voltando, pelo horário, a gente marca o horário que ela foi e o horário que ela voltou.

Pesquisadora - Qual é a relação entre o ofício de marisqueira e a maré?

Mariana - Essa relação entre maré e marisqueira tem que andar junto, e o pescador e a marisqueira que não souber essa coisa não é pescador e nem é marisqueira. E tem gente aí, se você for perguntar *se* qual a maré *cedeira* e *tardeira*, não sabe dizer, porque não tem intimidade *nenhum* com a maré e são essas pessoas que estão usufruindo do bem-estar das marisqueiras e dos pescadores, é benefício e tudo. Esse benefício que teve aí agora, um *bocado de pé enxuto* recebeu, gente que não tem nada a ver com a pesca, mas que recebeu, gente que *veve*, que já passou, não recebeu, porque teve político no meio, político de pegar o nome de fulano, de *cumade*, de *cumpade*, de *cumpade* carpinteiro, *cumpade* marceneiro, que só vai no porto comprar um peixe, mas deu, colocou o nome, mas quem *veve* lá, se matando no dia a dia, não recebeu. Esse grupo de mulheres, que eu falei com você no início, se reuniu e colocamos na justiça, nos fomos parar lá na Justiça Federal, *ta* nas mãos da Polícia Federal esse resto de dinheiro, que foi dado a uns e não foi dado a outros. Eu *mesmo* não recebi e gente que não tem nada a ver com a pesca recebeu, gente que veio de São Paulo, veio para receber. E eles não alegam nada, porque até o momento as pessoas ainda não *foi chamada*, que *se for chamada* não vai *ser* essas pessoas que receberam, as que vieram de São Paulo para receber, mas vai ser chamado o político que fez isso, entendeu? Porque desde quando a sede nossa, que são duas sedes, a sede Z27 e a Ouro do Mar.

Então quando o grupo de advogados chegou, eles não foram para a Z27, eles foram para a Ouro do Mar. E a instituição da Ouro do Mar segurou esse projeto, mas eles se *interessou* porque sabia que o dinheiro ia para uns e não ia para outros, ele podia botar como ele quisesse, como o advogado disse para ele, você bota o nome de quem você quiser para receber esse benefício. Uma junta de advogados que andaram em cima do mar procurando esses problemas, desses acidentes ambientais, diz que tem né? Esses advogados que *descobriu* esse acidente ambiental que aconteceu, e a muito tempo que esse dinheiro *tava* preso na mão dos presidentes das colônias, só que pescadores e marisqueiras não *era sabedor*, enquanto esses advogados não *descobriu*. Só que, quando ele trouxe os advogados, teria como projeto *de galgar* todo mundo, só que *ajuntou* os *sabidos* e só colocou o nome de quem eles quiseram, aí o advogado *comeu* uma parte e esse vereador colocou quem ele quis e pronto, quando explodiu ninguém podia fazer mais nada, eles já tinham feito os documentos de quem eles quis, nem todo mundo sabia.

É mais um sofrimento dos pescadores e marisqueiras. É uma falta mais de respeito com pescadores e marisqueiras. Que desde quando eu acho que um caso desse não é para vim para a mão de um vereador, não é para vim para a mão de um político, é para vim para a mão de um pescador, é para procurar um grupo de pescador e marisqueiras, a sede dos pescadores e, antes de conversar com o presidente da sede, é sentar com uma junta de pescadores e marisqueiras: tá se passando por isso, isso e isso, eu quero um conjunto de pescadores e marisqueiras e eu quero passar esse assunto aqui, desse meio ambiente aqui, dessa causa

ambiental, do pescador e da marisqueira, porque o pescador e a marisqueira *vai* dizer como será repartido esse dinheiro.

Pesquisadora - Esse dinheiro foi de qual acidente?

Mariana - Do navio capilar, mas não lembro o ano³⁷. Com relação aos viveiros de camarão³⁸ – A química que a Bahia Pesca trabalha, para limpar, depois que marisca e joga a química para matar as lavas do peixe é lançado todo dentro do mar e onde ele lança aquela água não nasce ostra, não nasce mais nada. Eu tenho como comprovar isso, que tem um lugar ali, nas Salinas, antes da Bahia Pesca produzir. Depois que começou a jogar resíduos dentro desse lugar, as ostras não *cresce*, não dá, acabou mesmo. E ninguém diz nada em relação a isso. Uma vez eu relatei isso numa viagem que teve aqui, que levou pescadores e marisqueiras para Salvador. Eu não tive a oportunidade de falar, mas eu me lancei e falei *a cerca* do que faz à mãe maré, daquela vez que teve o negócio da maré vermelha, que eles botaram aquele acidente ambiental, que morreu muito peixe e que eles batizaram de maré vermelha. Eu peguei fui à frente e eles dizendo que não podia, mas eu fui, enfrentei eles tudo e fui na frente dizer a eles que o que significava a maré vermelha, que era o tipo de descaso que eles fazem com a rede de esgoto, jogando dentro da maré, é resto de hospital jogado dentro da maré, é viveiro clandestino, jogado da limpeza dos mariscos na maré, então isso aí que eles botou como maré vermelha, que não existe maré vermelha não, existe sim, poluição na maré, na mãe maré, que chegou um tempo que ela não aguentou mais e vomitou as coisas que eles tão jogando, as porcarias que eles jogam no mar. Então, foi um tempo que a mãe maré resolveu reagir, então não existe maré vermelha, o que existe é a falta de respeito com a mãe maré, pois todos jogam coisas nela: hospital, clínica clandestina. Essa Bahia Pesca aí, que faz os trabalhos dela e joga dentro da maré, são os viveiros clandestinos que a gente tem por aqui que é *jogada* na maré, que quando eles pescam, se for viveiros de camarão, eles não têm o interesse em ter peixe, então a larva do peixe, quando o peixe entra e põe a larva ali, onde eles pescam. Eles jogam o líquido ali para matar aquela larva para que o peixe não venha comer o camarão. Se mata aquela larva, contamina também a gente que fica ali abaixada e o útero da gente que suga aquilo tudo, imagina aquelas coisas tudo.

Uma vez eu cheguei num dia que *tava* lá lavando o viveiro e eu não sabia que aquela água toda, uma enxurrada, *tava* vindo. Eu *tava* mariscando perto, aí tinha um *sirizinho* e eu peguei e coloquei na panela para trazer para minha neta e botei a mão naquela água, em poucas horas o siri morreu e minha mão abriu em ferida da água, onde eu lavei as pernas apareceu caroço, imagina. Peguei um pouco da água e cheguei *la* na frente da Bahia Pesca e falei, com uma semana depois e os empregados levaram na crítica. Deu um trabalho medonho para curar minha mão, para curar meu pé, onde abriu em ferida. Imagina se você come um marisco daquele? Não come, porque em poucas horas o marisco abre e morre logo, mas se fosse o caso do marisco *sustentar* e não morrer com o líquido e ficar ali e a gente mariscar aquele marisco e trazer para casa a contaminação, já imaginou? E onde que *tá* a defensoria pública que não faz nada? Não vem a fiscalização? Mandaram o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) vir aí. O presidente da colônia Z27, simplesmente colocou uma pessoa para ir levar para Saubara para desencaminhar, porque soltaram para ele, dizendo que a pessoa que deu entrevista era de Saubara, a pessoa veio me procurar e eles não deixaram, levaram para outro lugar.

³⁷ Indenização conquistada por intermédio da FEPESBA, referente ao vazamento de óleo de um navio da Petrobras, em 15 de abril de 2009. De acordo com a Federação, foram indenizados 5.046 pescadores e marisqueiras. A relação de nomes consta no site do TJBA.

³⁸ Carcinicultura – prática de criar camarões em viveiros, praticada desde 1985, na Fazenda Experimental de Camarões Uruabes.

3- Saúde (conhecimento científico, relação com os órgãos de promoção e preservação, poluição)

Pesquisadora - Como é a situação de saúde das mulheres que se dedicam e precisam mariscar em Acupe?

Mariana - A situação de saúde das marisqueiras não é nada boa, das vivas. Eu *to* falando das vivas, porque muitas desceram para a sepultura, muitas mesmo. Todas que *bate*, fulana *ta* doente. O que ela tem: câncer. Ainda não me lembro de nenhuma marisqueira morrer por outra coisa, não vejo morrer com outras coisas. O câncer mata e o câncer é motivo da maré mesmo. Tem mulher marisqueira que desde criança *veve* na vida da maré e ainda tem o descaso da medicina para o lado da marisqueira, porque a colônia Z27 tinha como colocar médico pra cuidar desses casos, mas ela não investe.

Pesquisadora - Qual acompanhamento as mulheres marisqueiras possuem? Acredita que ele seja necessário?

Mariana - Porque a colônia Z27 é para isso, nós pagamos para isso, o dinheiro era para ser usado nisso, em médico, em remédio, o filho de pescador que falecer ter condição de fazer um funeral. Só que é gastado e eles não dizem em quê. Hoje eles *tão* botando quem eles querem, vivendo melhor e almoçando em restaurante melhores, zombando da gente. Não corre atrás de nossos direitos, não tem médico, não tem nada e o povo continua calado, continua com medo, porque quando vai alguém brigar e reclamar pelo seu direito é ameaçado e, se falar, pensa que vai tirar a bolsa família, se falar pensa que vai tirar o defeso e aí se cala. As mulheres não têm nenhum acompanhamento, nem por parte da colônia, nem da prefeitura de Santo Amaro e eles têm a obrigação e têm condições.

Pesquisadora - Quais as doenças mais comuns entre as marisqueiras?

Mariana - Câncer de útero.

Pesquisadora - Ao que a senhora atribui essas doenças?

Mariana - Essa doença é causada pela poluição da maré. Tem lugar que a gente entra no mangue que tem lama que fede e lama do mangue não é para feder. Ela fede porque tem alguma coisa, alguma química que *tá* ali e que *tá* produzindo o fedor dela, não é por ela ser lama que ela tem que feder. Eu *tiro*, porque quando a gente *tá* em alto mar, em alta na maré e em outros mangues, as lamas não *fede* assim e quando a gente pega a lama aqui do porto tem resto de peixe, resto de animal morto, entendeu, pega porcária de dentro de casa, tripa de porco, onde a gente *ver* que fica uma fedentina, os urubus *fica* tudo ali, e outros *lugar* em alto mar e que tem mangue não *rola* essas coisas.

Pesquisadora - Onde a senhora costuma mariscar?

Mariana - Eu não uso o marisco aí do porto, pois não tem condição, mas muita gente usa e tem marisco, mas eu não, pois é muito porco. Eu vou para Salinas de canoa para fora, aí não. É só você chegar já *ver* que não tem coisa que preste.

Pesquisadora - A senhora tem problemas de saúde decorrente da prática da mariscagem? Quais?

Mariana - Eu tenho. O meu problema da minha pressão, devido à mariscagem e meus problemas nos ossos foi devido à mariscagem, das minhas vistas, da *feventagem* do marisco e da fumaça que sai da fervura do marisco também.

Pesquisadora - Como a senhora e as marisqueiras tratam desses problemas? (no caso de problemas de saúde, como dores em geral)

Mariana - Eu sempre vou para o médico, eu não ando muito nesse posto aqui. Porque agora ter recurso e a situação *tá* melhor, eu tenho a Bolsa Família, e também sempre sai esse Defeso, tem que economizar um trocado para pagar um médico, então vou na Rodoclínica, de Salvador, que sempre tem médico especial, foi onde eu *descobriu* o problemas de meus ossos, tudo foi causados da maré e das minhas vistas que foi da fumaça do marisco. Eu sempre estou no médico, pois pela prefeitura não faz assim não e, quando vai, é um descaso medonho, que *tá* marcando para 4, 5 meses o exame. Quando você vai esperar três meses, quatro meses já morreu. E ainda tem essa, se você for marcar um médico aqui no posto tem que ir de madrugada para marcar lugar, para poder pegar uma ficha. No posto de Santo Amaro só atende agora particular, a não ser assim, emergência. Outro dia eu sair aqui com meu neto, que engoliu um grampo, o hospital *tava* fechado em Santo Amaro. Eu tive que ir para Salvador, primeiro eu desci aqui baixo e eu tive que pagar, é tanto que o médico me devolveu o dinheiro, pois ele disse que não dava jeito, aí ele nem ia ficar com meu dinheiro. Ele viu meu desespero e pegou o dinheiro e mandou me devolver que era para eu *interar* para ir para Salvador com meu neto, ele precisa de um raio X e aqui não tem e, se ele fizer agora, ele vai receber o resultado daqui há 15 dias, e ele vai ficar com esse projétil na garganta, do jeito que essa criança *tá*? Aí ele devolveu o dinheiro e mandou *eu interar* e gastar em Salvador, 120 reais.

Pesquisadora - Vocês têm acesso à saúde e a algum tipo de educação ambiental ou prevenção de enfermidades decorrentes da mariscagem?

Mariana - A prefeitura não tem aquele cuidado, aquele carinho, de sempre *tá* cuidando do meio ambiente, de *tá* trazendo o IBAMA pra olhar nada não, para *tá* aqui cuidando, ele não tem cuidado, prefeitura não tem essa preocupação, nem a prefeitura, nem a sede (colônia e associação), não tem essa preocupação, que é um trabalho deles, o IBAMA para *tá* fiscalizando, aqui não tem fiscalização de nada.

Não vem ninguém conscientizar, nós mesmos que *faz*. Mas tem muitos pescadores ignorantes. Há pouco tempo, eu fui para a maré e aí dentro do mangue eu tirei lata de leite ninho, boião de *Qboa* (água sanitária), de refrigerante, que tinha uma ostra grande lá dentro, ficou presa, nasceu e se criou ali dentro e vários tipos de outras coisas, como náilon de rede, *bóia*, pedaço de *isopô*, tudo isso, aí eu catei, deu um saco a quantidade que eu peguei, aí sabe o que aconteceu? O pescador, quando eu entrei *dentro* da canoa, eu fui de passagem, o pescador perguntou: “vem cá, isso aí é o quê?” Aí eu falei: “é resto, porcaria que vocês jogam no mar”, aí ele disse assim: “você vai levar isso pra quê?” Eu disse: “jogar dentro do balde de lixo que bota lixo no porto, vou jogar ali dentro”. Ele simplesmente pegou o saco e jogou dentro do mar de novo, o saco, disse que a canoa dele não era o carro do lixo não. Isso me aborreceu um *bocado*, eu fiquei nervosa, que eu tive o trabalho de catar aquela imundice toda e ele pegou e largou lá. Não sabendo que prejudica ele próprio, pescador ignorante também.

Pesquisadora - Em caso de não acesso aos cuidados de um especialista médico do posto de saúde, qual a alternativa escolhida tanto para vocês (mulheres) quanto para os seus filhos e conjugues?

Mariana - Aqui é assim, ou a gente tem dinheiro para pagar um médico ou tem que ter muita paciência para esperar uma consulta por aqui. E hoje, os médicos estão *tudo* abrindo as clínicas *dele*.

Pesquisadora - Como trabalha se ainda está doente?

Mariana - Eu tenho diminuído a minha ida à maré. Eu não sou aposentada. Eu vendo minhas besteiras aqui na porta, eu vendo meu picolé, meu geladinho, é isso aí que *eu vou* me mantendo. Meu marido trabalha, ele pesca, ele vende o quebra-queixinho dele, ele recicla alumínio, entendeu? É assim que a gente *veve*.

4- Legado cultural e transmissão de saberes

Pesquisadora - Como as mulheres marisqueiras de Acupe têm se organizado para que a prática tenha um futuro permanente?

Mariana - Não tem se organizado, porque elas têm medo, porque tem vez que tudo é na base da ameaça. Elas têm medo de perder o direito da pesca, do defeso.

Pesquisadora - A senhora considera essa prática como um trabalho ou uma cultura fundamental para a sua sobrevivência, mas que precisa ser preservada?

Mariana - A prática pode ser comprometida sim. É pior do que não querer mariscar é não ter o marisco. Querer vai querer, pois a população *tá* crescendo e o índice de desemprego *tá* cada dia pior. Agora o problema mesmo é não ter o marisco por conta da poluição, da falta de respeito e o descaso com o mar. Faz tempo que tem lugar que a gente não acha mais o marisco, o problema é esse. No futuro os filhos e os netos da gente não *ter* o que tirar do mar. A mãe maré não *ter* o que entregar para os filhos dela *pra* comer.

Pesquisadora - O que a senhora entende como importante para a perpetuação dessa cultura?

Mariana - Tem condição, o querer é poder e o poder é querer. Tem condição se o povo se unir.

Pesquisadora - Onde buscam informação/conhecimentos (pais, escola, religião, meios de comunicação, universidade, governo, professores, pesquisadores)?

Mariana - Quando eu vou *no* médico, o médico fala. Teve mesmo uma colega minha que foi fazer uma cirurgia e tirou lama do útero, foi fazer raspagem no útero e tirou lama. Então é isso aí. Qualquer tipo de dúvida a gente vai até o médico e ele esclarece as coisas.

Pesquisadora - Participam de alguma associação de saúde, de discussões ou de grupos de igrejas (saúde na família, poluição ambiental ou saúde no trabalho)?

Mariana - De pesca e de mulheres em busca de seus direitos.

Pesquisadora - Esses conhecimentos são usados de que forma, quando pensamos em melhoria das condições de vida e saúde do coletivo (na prevenção e no tratamento)?

Mariana - Não é coisa de mais não, pois elas (as filhas) já *sabe*, que elas estudam e sabem que a maré *trazem esses tipos de problemas*, entendeu? Se desde quando a gente foi criado ali, ela participou, viu a mãe dele, viu o pai, viu tudo passar, o problema então não pega *por* surpresa, nada disso surpreendente. Não tem como ter prevenção, pois é um trabalho, eu não vou dizer eu não vou, pois aquilo ali vai me prejudicar, se parar, prejudica também o outro lado, prejudica a alimentação que não vamos ter onde tirar e também prejudica se a gente não mariscar, não vai comprovar que é marisqueira *pra* se documentar. Já pensou se todo mundo parar de mariscar por conta do problema que traz? É para sair para mariscar e se cuidar e ir para médico sempre, sempre fazendo um examezinho.

Pesquisadora - O posto de saúde realiza alguma campanha de prevenção da saúde da mulher?

Mariana - Apenas com relação ao câncer de mama, no mês de outubro. Fora isso, não temos nada, não que eu veja, eu estou atenta a tudo, não vejo.

Pesquisadora - Como tem acesso ao conhecimento sobre poluição?

Mariana - Rapaz, eu não creio que seja só eu não. Acredito que todo mundo tenha, mas ninguém tem coragem de falar como eu. Porque vai mexer com os colarinhos brancos e nem todo mundo tem coragem de fazer. Eu soube o que é poluição porque quando eu fui para o médico ele disse assim: “olhe isso é alergia de alguma água, algum cloro” Aí eu lembrei que o único cloro e a única água que labutei, que minha mão labutou, foi aquilo ali.

Pesquisadora - O que é poluição para a senhora?

Mariana - Poluição é tudo aquilo que é ruim para a gente jogar no mar. Poluição é jogar resto de mariscos, de esgoto, tudo isso é poluição. Eles comem um pão, leva o pão *pra* pescaria joga o saco no mar, isso é poluição. Eles pegam papel, papel até que se dissolve, mas eles pega um *bojão* desse que bebe água e joga no mar (mostrando uma garrafa de refrigerante), isso aqui não destrói. Então tudo isso aí para mim é poluição, é esse tipo de coisa, pega um animal e joga no mar aquele animal morto e contamina, vai *pudrecer* ali. Ele tem que ser enterrado, pois não devemos jogar assim, dentro do mar, pois vai contaminar os outros. Se joga o bicho doente morto e se ele tá com uma doença vai contaminar as outras coisas e ao redor dele. Imagine uma pessoa morta com muitos dias, você não aguenta chegar perto, porque aquele fedor vai lhe trazer problema, você sente logo náuseas, imagine aquilo ali ao redor de vários mariscos, até se *compor*. E os mariscos ainda consomem e se o bicho morreu de uma doença, de um câncer. Imagina? Isso é poluição. Eu vejo assim, na minha ignorância, sem estudo, eu acho que poluição é isso. E eu acho que se cada qual não fizer a sua parte, tivesse consciência e não fizesse isso, a coisa melhorava.

O homem *tá* pronto só para tirar, colher, ele não *tá* pronto pra plantar, ele só quer colher da mãe maré, mas plantar ele não quer. Ele só quer usar da mãe maré, mas não quer cuidar e todo mundo, sem a maré; o ser humano tem que fazer as duas partes, tem que cuidar da gente, se a gente não cuidar do próprio corpo a gente se *desmancha*, às vezes, tem que ir para o salão, fazer a sobrancelha, passar um creme na pele. Essas manchas aqui (aponta e toca o rosto) *foi causada da* maré, tive que comprar um creme para usar. Quer dizer, se a gente não se cuida, se não pega uma plantinha e não cuida, essa aqui, por exemplo, é de plástico, ela fica *fubenta* assim, mas se eu pegar um paninho com óleo e passar, fica bonitinho. Então, tudo tem que ter cuidado.

Pesquisadora - Sabe identificar o que contamina o mar, os rios e o mangue?

Mariana - Sei. *Bojão*, animal morto, resto de rede, rede que corta contamina o mar, que mata os outros peixes, embarça no mangue e mata os outros mariscos, são restos de coisas que mata a gente, que contamina o mar. Resíduos de resto de hospital, clínicas clandestinas, viveiros clandestinos, aquilo que eles colocam quando *vai* fazer a mariscagem e lava o viveiro para poder colocar água de novo e matar a lava do peixe e que joga o resto no mar e também contamina o mar. São essas coisas que contamina o mar e o mangue, pois tudo vai parar no mangue. Se você joga um *bujão* ele vai boiar ali no mar e quando a maré baixar ele vai ficar parado ali no mangue. Se uma pessoa morre, ela é encontrada ou na praia ou no mangue, porque a maré só joga tudo para dentro do mangue. E hoje em dia a gente acha esses restos de coisas é dentro do mangue. Eu queria achar uma pasta de dinheiro dentro do mangue. (risos)

Pesquisadora - Quais as doenças que a senhora pode apontar como comuns nas marisqueiras com que a senhora conhece ou trabalha?

Mariana - Câncer de útero.

Pesquisadora - A comunidade de Acupe é quilombola. Como o legado da cultura negra tem auxiliado na prevenção ou eliminação de enfermidades, sobretudo as causadas pela poluição e contaminação dos mangues?

Mariana - A gente usa muito o chá de Maria Preta, uma folha. A gente usa *Mãe Boa*. A gente faz o chá para limpar o útero. Usamos também a folha da Amêndoa madura, que também é boa para fazer chá para o útero. Arrozinho que é uma folha boa para fazer chá também para isso, para limpar o útero. Além do médico, ainda usa essas coisas para auxiliar.

Pesquisadora - Apelo de dona Mariana

Mariana - O que eu queria mesmo é que essa fala minha fosse além e chegasse ao conhecimento dos maioraais, que *pode* fazer alguma coisa pela gente, que fosse até o órgão do IBAMA, que mexesse com esses grandes, que eles *vice* que a gente aqui *tamos* sendo *massacrado*, que precisa de mais respeito, mais atenção, eu gostaria disso, que a gente fosse mais vista, mais ouvida e atendido o nosso clamor, que a gente não *tá* pedindo, *tá* clamando, entendeu, era isso que eu queria. Era bom se viesse um grupo para filmar, gravar e levar para fora, mas levasse com o intuito de trazer benefícios e não em vender e ganhar dinheiro em cima disso. O meu desejo é esse.

APÊNDICE C – Transcrição da entrevista realizada com o sujeito 2 – Marcela, marisqueira do distrito de Acupe, Santo Amaro (BA).

SUJEITO 2 - MARCELA

Localidade que mora (bairro, comunidade): Acupe

Crença religiosa: católica

Nível de escolaridade: analfabeta

Idade: 64 anos

Profissão: marisqueira

Filhos: 11 / 6 vivos

Estado Civil: viúva (formalmente-solteira)

1- Família (vida privada)

Pesquisadora - Onde a senhora nasceu?

Marcela - Nasci em Cachoeira da Vitória e vim para Acupe aos 16 anos.

Pesquisadora - Conte-me um pouco sobre a sua infância.

Marcela - Da vida difícil? Meu marido que veio aqui (Acupe), passou uns *tempo*, ele faleceu e eu fiquei sozinha, sem casa, tinha um ranchinho de nada, que ele fez, pequenininho, no quintal, esse ranchinho era de palha, de barro. Quando ele morreu, ele não teve condição de fazer a casa aqui no terreno, a gente morava no quintal, ele adoeceu. A madeira *pudreceu*, os blocos que ele comprou para fazer a casa, vendeu tudo, pensando que ele ia ficar bom, vendeu para a saúde dele, mas ele faleceu. Aí eu fiquei, sofri muito, sem casa, aí quando chovia eu botava as bacias para aparar meus filhos dormindo, pra não tomar chuva. É assim, mas eu tinha quatro filhos. Aí um senhor ficou com pena de mim e ele chegou e falou com o dono do mato: “essa criatura aqui está nessa situação, o marido dela faleceu e ela não tem a condição de fazer a casa”. Aí ele disse assim, o rapaz disse não, “você *tira* a madeira pra ela. Ela só paga o animal e você tira a madeira para ela, toda que ela precisar”. Aí ele tirou, acertou comigo e ele nem cobrou o animal, porque era dele. Ele tirou as *madeira grossa* todas e eu pagava por semana. Aquele tempo era um dinheiro besta, porque eu também ganhava pouco, mariscar era barato, não era como hoje em dia. Se fosse hoje em dia eu fazia até rápido minha casa, mas eu pagava assim aquele dinheiro aí ele falava assim: “você paga e não deixe seus filhos com fome pra me pagar”. Aí aquele que eu ganhava na semana eu dava um tanto a ele e o resto eu dava comida a meus filhos. E tinha uma loja *encostada* aqui que eu ainda pegava fiado para dar comida a meus filhos, era isso.

Aí, foi assim, ele tirou as madeiras mais grossas, depois o rapaz veio para tirar as mais finas, *comeu* meu dinheiro e não tirou. Aí eu pedi a um senhor aí na rua da areia, falei com ele, foi que ele tirou, pagando, igualmente que eu paguei pra tirar as outras madeiras, aí eu fui fazendo a *digitório*, quando eu podia pagar um dia pedia uns amigos um *digitório* e vinha, fazia uma coisa, fazia outra e ia nessa vida assim e Deus ajudou que fez. Foi de barro que fez. Meu pai era dono da fazenda de meu avô, mas ele morreu, meu avô morreu e a mulher de meu avô *num* deu a gente. Aí, quem foi comprar essa fazenda foi um advogado, nos *documento* ele descobriu que tinha herdeiro, aí veio buscar a gente. Veio me buscar, pegou meu irmão, pegou minha irmã em Salvador e com a assinatura que nós *demos* eu comprei bloco pra minha casa. E nisso aí eu arranjei um marido, o pai dessas meninas, minha mais nova, e ele me ajudou a comprar *broco*, cimento e aí que eu fiz minha casa. Mas sempre eu passei na minha vida dura, eu pagava o colégio, hoje em dia, os meninos *estuda* de graça, naquele tempo não e todo mundo tinha bolsa, eu não nunca ganhei, meus filhos nunca *ganhou* bolsa. Tive até que tirar

uma filha minha do colégio, ela foi estudar em São Brás e a professora que disse que foi um desaforo a menina sair de Acupe pra estudar em São Brás, só porque eu fiquei devendo, eu *tava* devendo, *num* sabe, eu devia, mas todo mês eu pagava, mas só que eu *tava* devendo, fui matricular minha filha, *num* pegaram. E nisso aí, todo mundo *meu* estudou, se formou, não são *professora* porque não *quer*. Tem uma que foi professora, ela trabalhou, trabalhou, depois largou, tá em Salvador, mas minhas filhas *tudo* é formada, só não é formada a caçula, porque ela não quis. Todo mundo se formou. Graças a Deus, nessa vida de maré nunca deixei passar fome. Me *acabei* na maré, ia pra maré todo dia. Tinha dia que, mesmo eu pagando a canoa, os canoeiros tinham a cara feia, mas eu tinha de *pedi*, pois eu precisava. Eu morava na roça nunca passei fome e eu tinha meus filhos, não queria que meus filhos *passasse* fome.

Achei mais o outro marido que eu arranjei, me deu mais trê, mas não era bom pra me *dá*, gostava muito era de mulher, não ligava, e eu sozinha que me virei, como até hoje eu *num* me virei, porque todo mundo já tem seu marido, já tá em suas casas, eu só tenho a caçula comigo, mas ela também dá os pulos dela.

Mas eu sofri muito nessa vida de maré. Teve uma ocasião, que os mariscos *morreu* tudo, tudo, e eu vou dizer a você, eu aprendi a pegar siri de gancho, que nem homem, pra meus filho não passar fome. Eu ia para a maré, os colegas, que eu ia de canoa nem cobrava, pois ele via que eu não ganhava pra pagar a canoa. Eles diziam não pague não, deixe para pagar quando tiver marisco. Chegava lá não achava uma ostra viva, tudo morta, sururu, *tudo* morreu, acho que foi um produto que teve na água, não sei o que foi isso.

Pesquisadora - Tem muito tempo isso?

Marcela - Tem, tem um *bocado* de ano, minhas filhas estavam todas pequenas ainda. Olha, o sururu dava pra você juntar assim as cascas, que eles morriam e saíam embaixo da lama. Eu aprendi a pegar siri de gancho, agora eles tinham pena de mim e escolhiam assim, uma corda, uma corda e meia e botava no meio dos deles e vendiam pra mim, eu não vou menti pra você. E mesmo assim, quando ia fazer cinco anos que o meu marido morreu, que ele pagava a pesca direitinho, mas ninguém *num* me deu uma explicação, que eu podia receber, aí eu fui pagar a minha, foi quando o rapaz disse assim: “olha, o marido dessa moça morreu, ela tem direito e ninguém andou, tá aí.” Aí o rapaz olhou e disse: “vai fazer cinco anos e quando *fazer* cinco anos ela perde”. Hoje em dia até com dez anos resolve né, mas aquele tempo não. Disseram assim, “se fizer cinco anos ela vai perder”. Aí começaram a andar comigo e você nem conheceu quem foi, era dona Carmen, nem sei se essa mulher é viva, que era na rua direita que era o cartório. Lá quando já *tava* pra entregar o rapaz que me levou *buliu* com a letra e ela chegou lá e conheceu e falou, ele desmentiu ela e ela deu como acabado, e eu não sabia de nada, ele não me falou nada, andando comigo e não falou nada. A minha *valência* é que a sobrinha do meu marido, que era filha do meu cunhado, trabalhava com o professor Canuto, aí ela viu o professor pegar o documento e mostrar a um senhor e dizer assim: “esse documento aqui, depois de todo encaminhamento, *tá* perdido, que doutora Carmem disse que não toca mais nesses papéis”. A menina como tinha uma experienciinha, quando chegou em casa, falou para a mãe dela, minha co-cunhada, aí ela chegou e pediu ao professor: “ô professor, ela tem os filhos dela *tudo miúdo*, a casa dela é de barro, quase caindo em cima dela, ajude ela, fale com dona Carmem”, porque ela era envolvida com ela, pois ele tinha o cartório dele também. Aí foi que falou, ele conversou, o professor sabe conversar direitinho, conversou, aí doutora Carmem disse, “ela pode até vim e eu posso ver se resolvo esse documento, mas se ela trouxer o mesmo homem eu não resolvo”. Aí foi um senhor que trabalha na pesca também, de Saubara, um dia ele bateu aqui na minha porta de manhã e me chamou: “*um bora* para Santo Amaro *mais eu*, resolver seus *papel*.” Na semana que eu dei, ia fazer cinco anos e ele disse: “se vence os cinco anos você nem ia entregar esses papéis que não ia resolver mais”, aí eu disse, “graças a Deus”. Aquele tempo, o dinheiro não era nem 20,

não era real, era mil reis, hoje em dia é um dinheiro muito bom e quando a pessoa se atrasa ainda tem um pagamento muito alto, mas eu nunca tive, me aposentei e só tive o certo. Mas tem gente que se aposenta e recebe até de duas vezes, diz que é um bom dinheiro e tudo, mas naquele tempo era um dinheiro besta, mas esse dinheiro me serviu para ajudar. Eu vou te dizer uma coisa, eu nunca tive boa vida, eu nunca tive a ajuda de ninguém, hoje em dia até eu *mesmo* dou, o padre pede na igreja e a gente dá, cada um dá alguma coisa pra fazer esses trabalhos que dizem que é para ajudar as pessoas humildes.

Hoje em dia aqui em Acupe não tem mais não, já teve muita, eu disse assim, eu não passei a vida pior porque eu vinha todo santo dia, de *cedeira* a *tardeira*, eu ia todo santo dia, eu não tinha onde tirar, nunca recebi Bolsa Família, nunca recebi defeso, nunca recebi Pet, nada na vida, nem eu nem quase *minha* meninas. As meninas, a maior parte que *receberam*, tem direito a defeso, receberam Bolsa Família. Eu nunca recebi nada, só tinha as graças de Deus e a maré. Eu dizia: “meu marido, uma *sexta* e um ferro e a maré”, que era quem me ajudava e Deus que me ajudava. Na emergência que meu marido morreu, acho que foi o choque, eu *fique* um mês com hemorragia e eu ia para a maré assim mesmo, mas eu não sei porque eu não morri. Porque eu ia assim, saía desse lugar e ficava preto feito *calvão*. Eu tinha uma saia preta que eu usei um mês direto, que eu tinha vergonha, que na canoa tinha homem, quando chegava lá, todo mundo se arrumava e saía da canoa e eu não saía, porque eu *tava* pesada, as minhas colegas saía, ficava por ali, a metade já sabia o que era. Elas diziam “*um bora* Marcela” e eu dizia, “vou já” e ficava ali, esperando os homens sair, pra quando eles *sair* eu chegar ali naquelas poças para eu lavar, naquele tempo era pano, hoje não, lavava, dois três assim e me lavava toda, se você visse, aquelas poças ficavam dessa cor (apontando para o forro do sofá, que era da cor vermelho sangue). Quando chegava no pé do mangue, eu botava e mariscava perto, pra quando ver que os homens *vinha* eu *panhava* com vergonha. Era assim minha filha, e eu passei muita vida ruim pra criar meus filhos, mas graças a Deus eles *cresceu*, foi melhorando, porque começaram a crescer, foram arranjando marido, outras arranjando uma coisa pra fazer, eu sei que sempre foi melhorando.

O dinheiro do meu marido foi aumentando e eu sempre *mariscano* e aí foi ajudando, deu para eu viver, agora vou dizer, eu não tenho boa vida, não tenho isso, o mais importante era a fome né, a fome que a gente vê muita gente chorando de não ter nada pra comer, isso eu não fiquei, graças a Deus. Meus filhos *tinha* fome e eu ia para a maré buscar os mariscos pra fazer escaldado, nunca foi assim, e meus dois meninos sempre *trabalhou*. O que mora em Salvador, desde garotinho ele parou de estudar para trabalhar, ele sempre trabalhou, o mais velho trabalhava ali na barbearia, foi esse que morreu ai, que vai fazer três meses, mas sempre assim, eu fui levando a minha vida, chamava sempre por Deus e Deus me ajudava que eu não ficava doente. Eu tenho um problema de coração, tenho problema de pressão alta, mais eu tenho aquela coisa assim, já tive princípio de derrame, mas assim, rapidinho eu fico boa, graças a Deus.

Pesquisadora - Como era a vida de seus pais? Eles ainda estão vivos?

Marcela - Minha mãe foi quem me criou, minha mãe era separada de meu pai. Meu pai morreu cedo, ele foi mordido de barbeiro. Eles moravam lá na roça (Cachoeira da Vitória). Minha mãe era mordida de barbeiro também, mas ela morreu aqui. Eu vim embora pra aqui e com o tempo ela veio *mais eu*, porque lá era eu e ela. Ela tinha um *bocado* de filho, mas era eu *ajudava* ela, tudo eu *tava rente* com minha mãe, então ficou assim, ela gostava dos filhos dela todos, mas comigo ela era bem apegada, quando eu vim pra aqui, passou um tempo, ela veio, ela morreu aqui em Acupe.

Pesquisadora - Quais suas lembranças sobre os ensinamentos que sua mãe lhe passava?

Marcela - Minha mãe era muito boa. Até hoje eu ensino a minhas filhas as coisas boas que minha mãe me ensinava. Ela morreu mais nova do que eu, porque eu tenho 64 anos e ela morreu com 55. Minha mãe só queria coisa boa, só ensinava coisa boa. Queria o bem pra os filhos dela, tudo bom para a gente, ela trabalhar na roça e era muito boa. Quando ela veio pra Acupe ela mariscou um pouquinho, mas ela já estava sentindo problema, já estava doente, a gente não deixava não. Ela morreu por conta da picada do barbeiro. Naquela época era mais difícil cuidar e os médicos *matava* ela mais que *curava*, pois ela estava com colesterol alto e era para ele passar um remédio para o colesterol e dizer a ela para não comer. Ele mandava ela comer fígado, verdura. Naquela época eu era *meia coisa* e não sabia, aí ela não tomava *uma* chá pra afinar o sangue, só tomava o remédio que ele passava. Ela tomava remédio pra pressão, remédio do coração aí, quando o colesterol dela ficou alto demais *deu cardíaco* e minha mãe morreu.

Pesquisadora - E seu pai, o que se lembra dos ensinamentos dele?

Marcela - Eu não convivi com meu pai, só com minha mãe.

Pesquisadora - Com quem e onde aprendeu a trabalhar?

Marcela - Eu aprendi a mariscar com o meu marido. Ele era pescador de lá. Eu fui lá, morei um ano com ele lá, ele que me ensinou, mas onde a gente morava não fazia contato com a maré não. Quando eu fui morar com ele, ele me ensinou, mas eu não marisquei muito lá, eu marisquei muito foi aqui e até hoje eu marisco.

Pesquisadora - Qual a influência da trajetória deles (da mãe) para que se tornasse a mulher que é hoje?

Marcela - Acho que é dom da gente mesmo. Pois minha mãe era guerreira e aquilo que ela ensinou a gente ser. Eu orava com minha mãe, eu garotinha que ajudava ela com os filhos, ela tinha um *bocado* de filho, ela tinha doze filhos *miúdo* e eu que ajudava nas coisas. Eu não era a mais velha, a mais velha mora em Salvador. Tinha um irmão mais velho, que ele faleceu, o carro atropelou e ele morreu, e minha irmã que mora em Salvador, e de junto eu, mas era eu que lutava com ela. Lá também eu tirava flor de bananeira pra vender lá em Cachoeira. Aquele *capinho* – rabo de raposa, coco, *nicuri*, isso tudo a gente ia *pro* mato pegar. Meu irmão cortava dendê, minha mãe pegava e fazia azeite e eu ajudava ela a vender e a gente da roça tinha tudo, aí vendia coisa da roça, a gente vendia e não comprava nada, a gente tinha. E aí eu ficava lá desde pequenininha, é por isso que hoje eu sou aposentada, hoje eu tenho problema de coração, eu tenho pressão alta e é por isso que o povo reclama, porque eu vou para a maré. Aí eu digo que quando eu tiver sentindo alguma coisa eu sei, o corpo é meu eu sei quando eu sentindo, quando eu tiver sentindo eu não vou. Aqui agora é verão, hoje eu fui, o dia hoje pra mim foi bom, que a *de* manhã toda estava nublada. Ainda tomei dois chuveiros lá na maré, para mim aquilo ali *tava* bom, *tava* fresquinho, mas o dia quando está assim, é horrível, então eu vou assim, dois dias, três, depois não vou mais, eu vou esperar outra *cedeira* chegar já, não vou mais lá. Pego lenha, quando é tempo de goiaba vou com as mulheres pegar e sou cega desse olho (apontou para o olho direito).

Eu tomei uma pancada desse lado da cabeça e deu um sangramento no fundo do olho, eu fiz tratamento, mas *num* (resolveu). Eu *tava* pegando roupa e tinha um pano na ponta do pau e *tava* pesado, aí eu *tava* com o braço cheio de roupa e eu puxei a outra roupa e num lembrei que o pau estava em cima e ele veio de lá e bateu aqui (apontou o lado direito da cabeça). E isso aqui, eu fiquei sentindo parecendo que tinha uma mão aqui (apontando para frente do olho direito) tapando e isso aqui doía que eu não podia tocar, nem pentear o cabelo. Aí fui no médico e a médica botou um aparelho, ela disse: “sua vista tem uma coisa que eu

nunca vi no olho de ninguém.” Aí ela mandou eu ir pra Salvador, e *tava* rodando, girando, foi um sangramento e eu tomei até injeção dentro do olho, mas já tinha passado, vai vem, marca remarca, aí não limpou não, mas eu vou pra tudo, eu vou pra lenha, vou pegar goiaba, vou pegar caju, não enxergo direito, mas tem um menina que vai *mais eu*, ela me ajuda a tirar pra mim. Então é assim, sei lá, é meu jeito, eu trabalho desde menina, eu não sei ficar parada. Eu *to* aqui, mais tarde eu vou assistir a novela, durmo (risos).

Pesquisadora - Como a senhora se vê, quais as suas principais características?

Marcela - Eu me considero uma guerreira, porque eu trabalho, sinto vontade de trabalhar, sinto vontade de fazer tudo. Quando eu *dizer* assim eu não vou fazer, pois *tô* com o corpo doendo, eu falo assim “*tô* com preguiça”, mas não é preguiça não, é cansaço.

Pesquisadora - Ser mulher lhe ajuda em quê, na sua estrutura familiar e social?

Marcela - Sei que hoje é importante a gente trabalhar, assumir a sua responsabilidade e não *dá* o que falar pra ninguém. Eu sou guerreira, sou trabalhadora. Tem que assumir seus compromissos, acho que a mulher é essa, eu não acho bem assim, sair pelo mundo bebendo, por aí fácil, acho diferente.

Pesquisadora - Como relaciona seu lazer com seu trabalho?

Marcela - Olha o meu menino morreu, eu fiquei dentro de casa, não saía, estava pra baixo mesmo, uma dor de cabeça minha irmã, uma dor de cabeça que não me passava e minha boca amargava e eu ia comer, tudo amargava, *tava* ruim, eu só dentro de casa, andava daqui pro sofá, pra lá pra dentro, eu *barria* o quintal, lavava um prato, lavava uma roupa, mas não *tava* bem pra mim. Aí eu disse assim às mulheres que eu queria ir à maré, quando vocês *for* me *chama*, eu não queria ir só, aí elas me chamaram, eu vou dizer a você, eu fui, não fui assim conversando, pois não tinha nada na minha mente pra conversar, mas só o trabalho de eu ficar ali me distraindo, com o marisco, eu voltei bem, a minha cabeça não *tava* doendo, eu me senti leve e quando eu cheguei em casa eu já comi, já melhorei e daí já comecei a me *senti* bem, minha cabeça passou e eu comecei a ir pra coroa, eu ia pro mangue, pegar sururu e quando a maré ficou *tardeira*, que eu não conseguia mais ir por conta das minhas vistas, por conta do sol, aí eu comecei a ir pra lenha, eu ia e pegava meus *fechinhos* de lenha e pronto. Ele não sai da minha mente (o filho), mas no mundo de hoje, o marisco é bom, ele distrai as pessoas.

Há pessoas que *diz* que é uma vida amargurada, que é isso, que é aquilo, mas você vai trabalhar com aquele amor, com vontade de ir, vai alegre, se você for com uma amiga você se distrai tanto, porque cada trabalho é uma *distração* pra pessoa. Agora a pessoa que não gosta de trabalhar deve ser preguiçoso, sei lá, vai injuriado, xingando. Se eu for (pra maré) e achar tá bom, se eu for e não achar, tá bom também, eu não botei nada lá (risos), pra mim tá tudo bom. O meu negócio é que quando eu quero ir, eu vou, mas mariscagem não é tristeza, é *distração*. Todo mundo vai alegre, *conversano*, *brincano*, uma pega marisco, outra pega, o caranguejo tá andando. Quando eu perdi logo minha visão, eu não ia, porque eu fiquei sem enxergar direito e eu não estava prática, então, quando eu chegava na maré todo mundo *tava* pegando caranguejo e eu não *tava*, eu ó via escuridão, *tava* tudo escuro. Aí eu disse a elas: “vá pegar seus *carangueijos* que eu vou pra casa”, aí elas diziam, “ah você vai pra casa?” Eu dizia “vou, por que se eu entrar aí eu vou me perder, eu não estou enxergando nada.” Aí vim embora, todo mundo pegando caranguejo e eu não *panhei*, eu não enxergava. Quando foi no outro ano, eu já estava mais treinada, pois eu não enxergava sururu, só lama, nada, nada, aí nada fazia, fiquei em casa, depois eu comecei a ir, agora, não vou dizer a você que enxergo como você e outra e outra, porque eu passo aqui tirando, pra mim não tem mais, mas quando eu volto tem. A ostra não que ela é grande, é branca a gente vê, o sururu não e eu perco muito, mas eu vou, tiro e pra mim tá bom. Eu não vou dizer que vou porque estou precisando, claro

que ninguém vai pra lá sem precisar, mas eu não tenho essa *precisão* que eu já tive, eu não tenho. Se eu quiser dizer assim, eu não vou mais, eu passo, agora eu vou porque eu gosto e não tem outro trabalho assim, se tivesse eu ia fazer, mas não tem. Se tivesse um trabalho pra eu me distrair aqui, eu vou. O pessoal *tava* pegando de barco por aí, mas eu não gostei, eu ia ajudar a catar, que eu não *tava* fazendo nada e ia ficar o tempo todo ajudando aquela menina na rua da Areia catar.

2- Vida social (trabalho e questões sociais e econômicas)

Pesquisadora - Tendo em vista a família, o trabalho e a saúde, como entende seu próprio papel na saúde, na família e no trabalho?

Marcela - Eu me vejo assim, como um porto seguro, porque eu trato elas (as filhas) *tudo* bem. Aquelas que *precisar* de mim e o que eu puder fazer pra ajudar, eu ajudo, elas também estão *tudo* do meu lado, porque tem mãe que cria os filhos depois abandona. Mas as minhas não. Graças a Deus tenho cinco filhas *mulher, tão* do meu lado, graças a Deus. A metade *dela* é marisqueira. Só tem uma mesmo que é professora, ela já trabalhou na maré e sabe, mas ela passou pra ser professora, ela se separou do marido, aí ela trabalha em Salvador. Mas se precisar ir *na* maré de novo, vai. Na hora que quiser ir, vai, que todo mundo, pouco ou muito, sabe.

Pesquisadora - Como é a vida de marisqueira na comunidade de Acupe?

Marcela - Eu acho boa, porque todo mundo vive disso, mal da gente se não tivesse a maré. Olha tem muita gente que trabalha de outras coisas, muitas que trabalham fora, mas eu não, sou filha daqui, mas vejo as pessoas daqui *dizer* que a profissão deles todos foi a maré e todo mundo daqui sabe a maré. Até as crianças. Tem mãe que sempre levou, hoje em dia não vai quem não quer, mas tem mãe que levava todos, cansei de ver as mães levando, *pro* mangue não, por conta da lama, mas tem umas que *leva*, eu *mesmo* já fui na canoa com umas que levavam, que eu dizia, oxente a bichinha pequenininha, elas respondiam, pequenininha mas *elas* cresce, ela vai aprender pra quando ela crescer, que minha mãe ensinou aqui. As *minha* também eu levei, eu não levava *tudo*, porque era mais pra parte da coroa, mas minhas filhas *tudo sabe*, até essa neta que tá aí (apontando para a neta) já levei pra coroa, essa grandona aí, em Salinas, e não foi uma vez só, agora que eu não levo. Não estou mariscando todos os dias, já trabalhei todos os dias quando *tava* criando meus filhos, mas hoje em dia não, eu já sou aposentada e também os meus problemas e a minha idade eu não *tô* aguentando mais, pois fico com dores nas costas, por conta do sol. Acho que é o sol me acaba.

Pesquisadora - O que a senhora e as demais marisqueiras fazem para entender da maré, do meio ambiente, e torná-los aliados e não inimigos?

Marcela - Isso aí a maré mesmo que faz *a nós* entender ela. Agora mesmo, pra gente tá na *cedeira* e ela já tá andando pra *tardeira*. Ela fica *cedeira* de amanhecer o dia no porto seco, amanhece o dia ela enchendo baixinha. Ela dando *cedeira*, a gente não dá pra ir pra coroa, mais dá pra ir pro mangue pegar alguma coisa. O porto mais seco, ela já dá coroa a gente e aí vai *aumentano*, aí a gente vai de *cedeira*. Tem a lua também, onde a gente tira pela maré e pela lua. Quando a maré é de lua, a gente espia a altura da lua e se guia, a gente fica olhando a lua até quando ela tá *em* pino, a gente diz que a maré tá baixinha, ela tá enchendo, quando ela dá uma quedinha pra cá, ela já começa a ir, aí vai. É uma questão de prática, da maré quando a gente sabe que é quarto-crescente, ela é minguante, ela é dá cabeça d'água, ela quebra, a gente sabe tudo.

Pesquisadora - Quando a lua tá crescente, a maré está boa?

Marcela - Ela tá boa, a maré tá grande, dano na praia, é *cedeira*, mas não é muito. Já é pra gente sair sete horas, oito horas, por aí. Sair de casa pra ir. A *cedeira* a gente sai quatro e meia, cinco horas, seis horas, pois sete horas ela já tá enchendo, mas ela tá lá em baixo, não tá incomodando ainda a gente tá trabalhando, quando ela chega, a gente vê, quando ela chega no rio, a gente vê, quando chega a hora da gente sair, a gente vai embora, que ela é a dona do lugar. A pequena não incomoda, a pequena aqui é o rio, quando ela chega aqui na beirada do mangue dá pra gente sair devagarzinho, pois ela é grande, então a gente tem que sair correndo. Essa semana a maré é grande, essa semana que passou ela *tava* pequena, até sexta-feira, depois foi crescendo. Terça e quarta ela *tava* pequena, quinta ela já *tava* crescendo, agora ela já tá tomando o mangue todo, grande. Se você quiser ir, só lá pra quinta-feira da semana que vem, que ela é *cedeira*. Essa semana dá toda ainda pra ir de manhã. Hoje eu sair daqui seis e quarenta, por que *tava* armado pra chover eu fiquei esperando, era pra eu sair seis horas, aí no porto já *tava* tudo seco, ela já *tava* vazando.

Pesquisadora - Qual é a relação entre o ofício de marisqueira e a maré?

Marcela - Tem muita relação, pois quem não entende não vai sem ser informado. A gente que marisca que informa. Por exemplo, você não marisca, aí vai *mais eu*, eu que te explico tudo, aí eu digo, você marisca assim, você tira assim e na hora que a maré tá enchendo eu digo, a maré *ta* enchendo, vamos sair. A pessoa entende assim também. A maré é uma coisa que a gente entende rápido, a gente não pode ficar lá, que a maré toma, se for lugar de passagem, a gente pede passagem, se não for? Pode fica lá, né?

3- Saúde (conhecimento científico, relação com os órgãos de promoção e preservação, poluição)

Pesquisadora - Como é a situação de saúde das mulheres que se dedicam e precisam mariscar em Açupe?

Marcela - Não é boa não. Até pra homem mesmo, pois tem homem que se joga mesmo. Eu já trabalhei muito e sei, a maré ela não tem saúde pra a mulher que trabalha, é a vida daqui, mas tem dificuldade. A mulher, quando ela *tá* menstruada, que senta na lama ela fica com o útero, e vai lama pro útero da mulher. Aí eu digo assim, como é que a pessoa vai mariscar, não senta, fica mariscando assim, me desculpa, com o *cú* pra cima? Aí me disseram não, é a lama que vem do vento. O vento, quando *ta* ventando, mesmo a gente de calcinha e short côa e disse que quem trabalha na maré tem que, de seis em seis meses, fazer exame e tem até que tira lama do útero. E tem umas mulheres que não tem dó de si e chega na lama e senta, por que a lama tem um monte de coisa ruim, porque o pessoal joga carniça, joga fezes, joga lixo, um *bocado* de coisa, então as vezes elas se *senta* ali, se *lava* naquela água suja, eu não me lavo, eu lavo somente meus braços e minhas pernas, mas eu não sou daquelas de sentar pra lavar meu short, lavar minha calcinha naquela água, eu não faço isso, porque eu sei que aquilo *da* infecção e é uma hora que a lama tá contaminada e fica todo dia ali recebendo aquela lama por debaixo, e você sabe que mulher é aberta, é que nem todo mundo fala, a maré é quem cria os filhos da gente, quem *dar* a vida, mas a maré também provoca doença. A gente trabalha mais a gente tem que se cuidar.

Eu tenho problema de pressão alta mesmo é o que? Salitro, muito salitro, fiz exame, muito tempo *mariscano* no salitre; tive problema de vista, o médico disse que é alergia, alergia ao que, ao salitro, que quanto mais eu vou *na* maré, mais eu sinto minha vista agoniar, eu sei que é do salitro.

Pesquisadora - Qual acompanhamento, as mulheres marisqueiras possuem?

Marcela - Temos acompanhamento, mas aquelas que gostam da saúde e cuida tem acompanhamento, mas tem umas que deixam pra lá.

Pesquisadora - Com relação a acompanhamento de postos de saúde, palestras ou mesmo a associação e a colônia, vocês têm?

Marcela - Só se eu não souber, por aí, pois, que eu saiba, não tem não. Eu acho necessário o acompanhamento, pois sabe que a vida daqui é assim. Como eles mesmos dizem: a vida daqui é mariscar, todo mundo é mariscador, pescador, tem que ter acompanhamento, mas não tem. Até pra conseguir um remédio de pressão eles dizem que vai trazer em casa, mas nunca tem. O meu remédio eu compro, o posto médico é ali, o médico disse que o meu açúcar *tava* alto, eu fui pedi pra furar meu dedo pra *vê* se tinha ficado de *diabete*, a menina disse que no posto não fazia não. Eu fiz aqui com uma colega minha que tem o aparelho, ela veio e furou meu dedo. Olha menina, você me deixe, aqui não tem nada de acompanhamento, agora eu que vou dizer a você, eu que uso meu chá, os chás que minha mãe me ensinava *por* remédio e tem umas boazinhas aqui.

Pesquisadora - Que chás a senhora têm costume de usar?

Marcela - Pra mulher tem um *bocado* de chá. Tem uma malva branca que a gente planta no quintal, ela é boa, a gente cozinha e toma, que a gente usa pra se lavar, o negócio do útero. Tem a canela de veia, a mãe boa e tem mais um *bocado* de folha, malva branca, um *bocado*, um *bocado* mesmo de folha que a gente usa, que são muito boas pra gente mulher. Tem aquela nune, eu não me dou bem e não uso, porque tenho problema de gastrite, às vezes, eu tomo, mas ela *e* queima. O melão, aquele deste tamanho, que você acha na feira, a gente bate todo dia de manhã cedo, bate um pedacinho dele e toma em jejum pra limpar o útero, tudo a gente faz, tem que fazer por nós, né?

Pesquisadora - Quais as doenças mais comuns entre as marisqueiras?

Marcela - Eu acho que esses problemas de barriga que fura, espinha, outro tipo de inflamação, eu acho que é tudo isso. Porque quem se *aqueixa* mais disso é mulher que vive disso aí, nessa vida. Muitas se cuidam, faz tratamento, mas nem todo mundo liga pra fazer tratamento, fica a *cunhão* aí, não liga nada. As que *liga* é bom, vai se cuidar e tem muitas que se *cuida* mesmo, *toma* remédio, usa pomada vaginal.

Pesquisadora - Mas vocês tratam o quê basicamente, quando usam chás? E por que usam? Têm dificuldades de acessar o medicamento, usam chás, é isso?

Marcela - É isso, usamos chás. Tem o chá da mescla que também é bom pra curar câncer. Eu posso até ter uma doença, como o câncer, posso até morrer dessa coisa, porque a gente não sabe de nada, quem sabe de tudo é Deus. Mas eu me cuido, tenho as folhas, eu me banho, eu tomo remédio, tomo chá. São coisas como, no banheiro da minha casa que eu não sento nele sem dar descarga, pois eu sei que urina também faz essas coisas, a de homem faz. Então, disso tudo eu me cuido, agora eu tenho minha vida *pequara* mesmo, porque eu *to* velha, doente, acabada, mas eu tomo meus chás, meu remédio e tem minha menina que também não pode me ver sentir nada, que ela fica preocupada: “a senhora tomou isso mãe, faça um chá mãe, toma um remédio”, aí eu tomo meu remédio. Num sei, meu menino morreu de câncer, mas eu não sei o tipo, pois ele já foi aberto, ele tinha úlcera, ele bebia e fumava muito. Ele foi aberto, a barriga dele cresceu, cresceu, ele sentia muita dor, a úlcera *tava* vazando, não foi câncer não, ele *tava* com úlcera só, ela deu vazamento. Ele foi pro Hospital Geral do Estado (HGE), operou, ele veio, a gente pedia tanto a ele que não bebesse, não fumasse, mas ele tinha uma vida tão amargurada por causa de mulher. Ele teve uma filha e a mulher fazia muita coisa

ruim com ele. Ele amava a filha e a mãe tirava a menina dele, depois de tudo ela foi embora pra Salvador, com isso tudo ele se apaixonou, aí, não parou de beber, não parou de fumar e a doença tomou conta dele. Aí deu câncer.

Pesquisadora - Vocês têm acesso à saúde e a algum tipo de educação ambiental ou prevenção de enfermidades decorrentes da mariscagem?

Marcela - Só teve uma vez, que foi uma palhaçada, eles juntaram da boca do rio pra cá, *panhando* e carregando lixo, as sujeiras, *panhando* tudo e agora você chega no porto, dá nojo. Eles pescam de noite, vem lavar no porto aqueles *marisco* e fica aquele fedor que a gente não consegue passar, eu não sei como eles aguentam ficar sentado ali tomando cerveja, um fedor, uma carniça aqueles *marisco*, não tem mais limpeza nenhuma lá, tem é muito coco, muito lixo, muito saco de lixo e eu não sei se tem gente *morto*, não sei de que é, tem roupa, que as vezes eu me assusto, penso que é alguém morto, roupa jogada, tudo, aquilo que tinha que botar no carro e tacar fogo. Tanta coisa, tanta porcaria, não tem mais limpeza, já teve. Eu não sei se tem um ou dois anos atrás, que teve dois dias, aqueles *bocado* de homem com aquelas canoa, com aquela palhaçada, *panhando* lixo, sol daquela vez. Não era pra jogar saco na água, na maré, mas você chega lá tá tudo pendurado, a lixeira toda, saco amarrado assim, cheio de lixo, no mangue ali por dentro é grande, leva ali pra dentro você só ver lixo. Não tem nada de saúde não, eu *arriei* de ir no mangue, porque a sujeira que sobe do porto pra cima quando a maré enche e sujeira que o povo joga, sapo morto, galinha, cachorro, jegue, tudo morto ali dentro. No rio você vai e se bate com aqueles bichos mortos ali, não tem jegue, nem cavalo ali, mas até porco eu já vi, cachorro.

Pesquisadora - Em caso de não acesso aos cuidados de um especialista médico do posto de saúde, qual a alternativa escolhida, tanto para vocês (mulheres), quanto para os seus filhos e conjuges?

Marcela - No posto de saúde daqui só atende emergência e, graças a Deus, eu não *to* precisando. Só meu filho que foi lá, ele *tava* passando mal e chegou lá e morreu. Mas eu não vou, não vai ninguém e o pessoal de lá de baixo sobe *tudo* aqui pro posto. Aqui no Acupe mesmo, tem necessidade de duas horas da manhã o povo tá aqui no posto pra pegar a ficha? Eu fui na semana passada pra pegar pra minha neta. Eu *sair* quatro e vinte e já *tava* completo e me disseram assim: “a você dormiu *de mais*, o pessoal já voltou”, quatro e vinte, agora eu saio daqui seis horas e pego em Santo Amaro, eu vou pra Santo Amaro. No posto atende, só que tem que acordar cedo e pegar a ficha. No hospital é emergência, lá em baixo. Eu fui em Candeias duas vezes no médico, fui também Santo Amaro, na semana passada, na quarta-feira.

4- Legado cultural e transmissão de saberes

Pesquisadora - Como as mulheres marisqueiras de Acupe têm se organizado para que a prática tenha um futuro permanente?

Marcela - Eu não sou mais associada da colônia, já fui. Não existe nenhuma organização. Elas não param pra falar sobre isso. Ninguém fala nada não, tanto que se eu cair aqui doente na cama, vão dizer que é porque eu vou pra maré todo dia, falam isso. Vai pra maré todo dia, que *precisão* tem? Ela foi pra maré. Elas não se reúnem pra falar nada, elas querem é receber defeso, receber num sei o que, eles querem é dinheiro, mas conversar outras coisas não.

Pesquisadora - A senhora considera essa prática como um trabalho ou uma cultura fundamental para a sua sobrevivência, mas que precisa ser preservada? Como a senhora percebe o trabalho de mariscagem?

Marcela - Eu considero uma coisa importante, porque foi aqui que eu criei os meus filhos. Eu vim pra cá, trouxe dois filhos, um com três anos e o outro com quatro meses e tive todos os outros aqui. Eu agradeço a Deus e à maré que criei todos aqui. Criei com a maré, nunca tive dinheiro de roça, nunca tive dinheiro de emprego em lugar nenhum, o meu trabalho foi a maré, foi o pai e a mãe que achei pra meus filhos. Ainda agradecendo a Deus, que me deu a força e a saúde pra eu ir lá tirar o pão pra eles, então pra mim, eu considero assim.

Pesquisadora - Muitas mulheres marisqueiras não incentivam seus filhos e filhas a terem a mesma profissão que elas: mariscagem. A senhora acredita que existe a possibilidade deste ofício desaparecer, por conta desse comportamento?

Marcela - Não. Por deixar de mariscar não, pois os mariscos não desaparecem, eles crescem, agora eles vão ter vida, pois ninguém deixa eles crescerem, arrancam o lugar que eles nasce, tiram aquelas embirras³⁹ e jogam fora, aí aquele lugar não nasce mais, porque a criação *estilou*, assim que eles desaparecem, que aqui tem muito lugar que desapareceu por isso. Eles tiram o criatório deles, o lugar que eles nascem. Eles arrancam assim, aqueles *taião*, tira, ainda tem uns que *é perverso*, enchia as *vazias* e trazia, que era pra botar cá, limpar cá fora no lugar que nem dá mais maré. Ali é que a gente tudo achava ruim e falava. Ali era fazer muita perversidade, aí é que eles somem. Mas *por as* pessoas parar de ir, não, vai criar muito, cria, fica graúdo, bonitão, se parar de ir é assim, os mariscos não somem não.

A metade das mulheres mais velhas de Acupe, que trabalhavam na época que eu cheguei aqui, estão vivas, tem pouquinha assim, *contada* de ponta de dedo. E as filhas, umas *pegam* logo família e não tem pra onde ir, ficam ali, naquela vida e, mesmo que elas não queiram, foi ela que procurou, procura negócio de filho, ninguém toma conta, elas que vão assumir os filhos dela, então, vai trabalhar naquela vida e tem umas que nem era dessa vida (da maré) e aprende por causa dos filhos, e tem umas que não *olha* (os filhos), caem fora, vai trabalhar, em Salvador, em São Paulo, vai pelo mundo afora aí, vai trabalhar mais longe. Às vezes já trabalhou ali, aprendeu, quando cria juízo não quer ficar aqui. A minha menina mesmo, essa caçula que *tava* aqui, levou cinco anos em Salvador, depois de cinco anos ela veio embora e chegou aqui, as outras estavam tudo saindo, ela disse assim: eu vou ficar com mãe, aí ela ficou aí. E por mim ela ficava aí o tempo todo.

Pesquisadora - A senhora entende como importante a perpetuação dessa cultura?

Marcela - Se não fosse isso (a mariscagem), eu ia *dá* meus filhos, um por um. Eu não tinha condição e não tinha outro trabalho.

Pesquisadora - Onde buscam informação/conhecimentos (pais, escola, religião, meios de comunicação, universidade, governo, professores, pesquisadores)?

Marcela - Da televisão. As meninas, quando não sei alguma coisa, me explicam: “oh mãe é passado por isso e isso”. Quando eu estou trabalhando, eu assisto pouco, mas quando eu estou em casa, eu começo doze horas e vou até cinco horas, até dormir (risos). E também tem uma *radia* aí, a *rádica* FM de Candeias, que passa tudo, aquela *radia*, meu rádio não sai dela, eu pego quatro. Ela pega bem, meu rádio tá ficando ruim, cheio de poeira dentro do meu quarto (risos) e eu já *tô* com medo dele *breçar*, porque eu não posso perder aquela *radia*. Tudo que

³⁹**Embira** ou envira, é o nome de uma fibra extraída da casca de algumas árvores, para a confecção de barbantes, cordas ou simplesmente para amarrar alguma coisa. Definição extraída do Dicionário Informal. <http://www.dicionarioinformal.com.br/embira/>

passa daí, da marisqueira de todos os cantos até de Madre de Deus eu sei, ele fala. Daqui pra costa, tudo ele fala.

Pesquisadora - Participam de alguma associação de saúde, de discussões ou de grupos de igrejas (saúde na família, poluição ambiental ou saúde no trabalho)?

Marcela – Olha, eu tive princípio de derrame. Ia *dá* na cabeça, foi daqui pra cima, mas eu fiquei esquecendo as coisas, aí quando as meninas chegam aqui que eu *to* lembrando, eu digo “olha, por essa forma e essa, guarde mesmo”, até no rádio passa um remédio, eu fico na mente, quem disse, daqui a pouco eu já esqueci, me dá uma raiva, que eu quero lembrar o remédio pra fazer pra isso, pra aquilo, sabe? Eu fico danada quando tem um remédio de pressão, às vezes, é *pro* coração e eu quero fazer aquilo e até outra coisa mesmo, que nem alguma coisa com as *minha menina* sente. Mas passa cada remédio bom e eu digo “*oia* passou um pra fazer isso e por essa forma e essa, essa” e quando as meninas *chegar* aqui, eu vou falar, mas não me lembro mais. Você me ensina, daqui a pouco eu digo, teve uma pessoa que me ensinou o remédio, não sei que foi, fico assim, se eu lembrar o remédio, eu não lembro a pessoa, se eu lembrar a pessoa, eu não lembro o remédio. Ah minha irmã, eu *to* com minha mente muito horrível. Eu já esquecia, *num* sabe, mas depois do negócio do derrame, mas a época do derrame não tem mais jeito não, já comprei remédio, já tomei, mas não adianta.

Pesquisadora - A senhora chegou a ir ao médico por conta desse problema de esquecimento?

Marcela - Já. O médico passou remédio, mas num disse nada não. É muita coisa na minha vida.

Pesquisadora - O que é poluição para a senhora?

Marcela - Eu vejo eles (o povo) dizerem que poluição é um troço que eles *solta* da Petrobras que polui tudo, o povo fica aí falando que mata peixe, mata caranguejo. Uma vez mesmo não tinha caranguejo, morreu tudo, que foi uma poluição de uma água aí que soltou, que espalhou o mar. Eu *mesmo* já vi muito peixe morto nas salinas.

Pesquisadora - Como tem acesso ao conhecimento sobre poluição?

Marcela - Tenho informações com as pessoas aqui de Acupe. Tem esse negócio que eles (a Bahia Pesca) botam nos viveiros também atinge, atinge porque na boca dos viveiros aquelas águas saem e aqueles mariscos que criavam não cria. É um produto que eles botam, que meu genro, que morreu, me falou, que bota um produto pra endurecer a areia, que não pode ter lama, aí bota e quando eles *pesca*, que tá limpo eles *bota* um produto que endurece a terra e é esse produto que, quando a maré volta, os bichos *vira* a barriga pra cima. E eu acho que agora eles *largaram* até de botar, acho que aquilo foi proibido, porque nunca mais eu vi os bichos morrendo, nunca mais eu vi os peixinhos morrendo não.

Pesquisadora - Sabe identificar o que contamina o mar, os rios e o mangue?

Marcela - Eu não sei não filha. Eu não disse a você que uma vez não tinha nada e eu aprendi a *panhar* siri, por que não tinha nada, nada, marisco nenhum, pois morreu tudo, tudo no mangue, só tinha siri e *carangueijo*. Esse é um dos malefícios, mas até que parou, nunca mais teve isso, já teve uma vez aí e até os bebe fumos estavam assim fedendo, tudo morrendo assim na maré. Teve uma vez que *foi* apanhar com minha neta e aí agente *tava* vendo tudo fora da terra e eu num sabia, *tava* aquele cheiro meio esquisito, aí eu disse a ela assim, não pegue, o bebe fumo tá fechado, não pegue o aberto, só o fechado. A gente *panhou*, trouxe siri e tinha um *bocado* de peixe botando a barriga pra cima, eu me perguntava o que é isso? Um *bocado* de siri à toa, eu peguei pra fazer moqueca, aqueles sirizinhos assim, mas quando a gente

chegou em casa *tava* tudo morto e os bebe fumo tudo aberto com aquela maresia, aquele fedor, aí eu não fiz comida aí, joguei tudo fora, devia ter sido algum produto, mas eu não sei o que é não. Agora depois daí não aparece mais, aparece assim uma tartaruga, aquelas que eles marcam, eu já vi muito morta lá, urubu comendo, quando eu chegava lá só tinha carcaça grande, morta. Já vi, deve ser que se envenenaram longe e vieram, a maré joga. Uma vez mesmo tinha um *bocado* de peixe espalhado, tudo morto, que eu não fiquei na maré por conta do fedor, não dava pra baixar a cabeça.

Pesquisadora - O que a senhora sente quando vê esses peixes mortos?

Marcela - Eu acho que aquilo é um absurdo, aquelas coisas *tudo morta*. Eu digo, olha pra isso, deve ser algum produto que mata assim, mas também tem um *bocado* de tempo aí eu vi, essa tartaruga, por uns tempos eu via, sempre que eu ia pro lado da costa, depois parou e os peixes eu vi só uma vez, mas também *tava* alvo. A gente via um, dois assim, os *peixe* parou, um negócio assim, via um morto assim, mas não sabia o que era. Não vou também mentir dizer que sempre via, a tartaruga de vez em quando eu via, duas, três, sempre quando eu ia via o urubu, era ela, aí me perguntava, porque que essa bicha tanto morre? Aí via uma coisa no pé dela, sempre eu olhava nos pés dela tinha uma chapa, eu achava que essa tinha dono, mas meu filho disse não, que eles marcam e *solta*. Todas tinham, eu sempre via, aquela que tinha a carcaça sempre tinha aquela chapinha, menos aquelas que o urubu tinha comido (projeto Tamar – certamente).

Pesquisadora - A comunidade de Acupe é quilombola. Dessa forma, como o legado da cultura negra tem auxiliado na prevenção ou eliminação de enfermidades, sobretudo as causadas pela poluição e contaminação dos mangues?

Marcela - Eu uso *muito* chás. Geralmente eu tomo chá pra umas coisas, para o estomago, quando uma comida *empata*, a gente cozinha um boldo, um louro, caatinga de porco, espinheira santa, essas folhas *tudo* são boa, a gente toma, são *boa* pra barriga, a espinheira santa, dizem que é boa para os nevos, o pessoal fala que ela é boa pra muita coisa. Aí eu uso e me sinto bem. Eu *anda* não achei nenhuma folha que eu não me sinta bem, só que tem umas muito ruins. Eu tenho colesterol alto e a gramuchama é boa, a que chama Jamelão, é a folha *mais ruim* que tem. Eu não ligo por ser *marga* não, mas ela tem uma maresia de peixe e quando você faz o chá assim, ela é marizienta, mas dizem que é boa pra diabetes, é boa pra circulação, mas eu disse “essa aí não vai não” (risos), se os outros quiserem eu faço, mas pra mim, eu *to* com meu colesterol alto.

Pesquisadora - A senhora tem ido ao médico pra ver esse problema, além do uso de chás?

Marcela - Eu fui *no* médico, na quarta feira e perguntei, tem mais alguma coisa? Era um médico do coração, um médico tão bom daquele, tem mais alguma coisa, ele disse, não. Quando eu cheguei em casa eu disse, mas rapaz, a circulação ficou aonde? Mas eu tomo meu chá.

Pesquisadora - Mas a senhora vai ao médico com frequência?

Marcela - Não gosto muito não viu (risos). Mas tem quatro meses que eu fui e fiz os exames todos, depois eu fiz de novo *do açúcar*, porque disse que meu açúcar *tava* alto. Eu disse “oh doutor eu *tô* de diabetes?” Ele disse “não, mas pode ficar, que o seu açúcar tá muito alto.” Eu fiquei com medo e pedi de novo, quando chego lá, em outro médico, ele quase me bate, porque o açúcar *tava* alto de novo e me proibiu de comer açúcar, no café, do jeito que eu faço, eu tomo, e em nada que eu faço pra comer. Tomo café, tomo cevada, tomo suco do jeito que

tiver, não posso botar açúcar *nenhuma*, em nada meu. Ontem eu medi meu açúcar e não *tava* alto. *Tava* 60 e a menina, que mediu, disse que *tava* boa.

APÊNDICE D – Transcrição da entrevista realizada com o sujeito 3 – Valéria, marisqueira do distrito de Acupe, Santo Amaro (BA).

SUJEITO 3 – VALÉRIA

Localidade que mora (bairro, comunidade): Acupe / Rua da Areia

Crença religiosa: cristã (Igreja Universal)

Nível de escolaridade: até a 3ª série

Idade: 74 anos

Profissão: Marisqueira (aposentada)

Filhos: 8

Estado Civil: solteira

1- Família (vida privada)

Pesquisadora - Onde a senhora nasceu?

Valéria - Nasci e me criei em Acupe.

Pesquisadora - Conte-me um pouco sobre a sua infância.

Valéria - A minha infância era quando meu irmão ia pescar e a gente, alta madrugada, ia *alimpar* os mariscos, era camarão separado do peixe, siri separado do camarão, tudo isso a gente separava, quando a gente ia dormir era cinco a quatro horas da manhã. Às vezes, a gente ainda esperava ele, pra tomar um café da noite. Aí quando ele chegava a gente ia tratar peixe e fazer um bom escaldado pra poder ir dormir. A casa era humilde, toda tapada de barro, tapava de pano e do quarto a gente via os pescadores sair e chegar. Muita goteira dentro de casa, pois naquele tempo não existia telha, era de palha. Aí minha filha, nasceu um pé de abobora, carregado de abobora, aí a gente ficou numa alegria, mas quando as aboboras *começou* a crescer, que começou a chover, ao invés das aboboras *tapar* os *buraco*, a abobora abria, a água escorria por cima da abobora pra vir dentro de casa. Aí *vamos* procurar lugar pra dormir, mamãe ficava, coitada, desesperada: “meu Deus, onde é que vocês vão dormir?” “Aqui mesmo mãe”, aí a gente se encolhia tudo em baixo da mesa até amanhecer o dia, quando amanhecia a casa *tava* toda alagada. A casa era de barro, eu já juntava areia de um mês a outro, chegava da escola, enchia a saia do colégio de areia, chegava no canto da cozinha, botava, já prevenindo a chuva. Éramos cinco irmãos, os que eu conhecia: Romilda, Lurdinha, Zuleica, Célia e Badinho, mas tiveram mais.

Pesquisadora - Como era a vida de seus pais? Eles ainda estão vivos?

Valéria - Meu pai era pescador, minha mãe mariscava. É tanto que minha família toda era de pescaria. Meu pai, quando morreu me deixou com 12 anos e minha mãe, com 18. Eu era a caçula, a mais velha era Célia, de junto de Célia era Badinho.

Pesquisadora - Quais suas lembranças sobre os ensinamentos que sua mãe lhe passava?

Valéria - Depois que meus pais morreram, fui pra casa de uma tia, em Salvador. Comi candeia de fogo. Minha tia me botava pra eu *ir* dormir no chão, num pedaço de tabua, forrada de jornal, e quando ela dizia que *tava* fazendo aquilo pra eu ter um modo de dormir pra não cair da cama. Minha coberta era saco de açúcar, tudo isso ainda me lembro, e forrada de jornal. *Isso* eu *tava* com 10 a 12 anos, quando meu pai morreu eu fiquei com 12 e minha mãe me deixou com 18, diferença de seis anos de um pra outro. Minha filha, ela (a tia) me *tomou* uma criança pra criar, o menino veio pra casa dela. O menino era sobrinho da minha prima, quer dizer, ela criou também menino. Este menino criou uma *creca* e quando esse menino

chegou na porta ninguém quis *tomar* de tão *perebento* que o menino veio. Então, elas me chamavam de Mariinha, aí disseram, “pega Mariinha o menino, pega o menino, porque você não quer pegar? Pega o menino”, aí eu tomei o menino. Uma lasca de vestido que era isso (vez gesto diminutivo), de retalho, ainda me lembro, de anarruguinha de três *jeito* de anarruga⁴⁰. Aí eu me perguntei: “meu Deus, o que é que vai fazer com essa criança? Oh meu Deus!” Quando ia dar banho nessa criança, menina, você não ver quiabo? Assim era a criança. E se eu pegasse o menino de mal jeito, acho eu magoava as *pereba* e ele chorava. Aí *elas* (a tia) perguntava, o que foi que você fez com esse menino Mariinha? E tome cascudo, chegava a cabeça viver doida de tantos cascudos, esticção de orelha, que quando eu fui me entendendo, eu disse, vou formar uma. Aí uma pessoa me disse, sabe como você deve fazer? Faça como você vai passar a festa, e perto de dezembro. Então eu disse: minha tia eu vou passar as festas em Acupe, com meu irmão e quando terminar o ano, eu venho. “Você vem pra onde Mariinha, você não vai levar a roupa toda não.” Eu digo: “porque que eu não vou levar? Se a senhora tá pensando que eu não vou voltar, deixa aí.” Peguei meus vestidinhos, que não era lá esses vestidos. Elas mandaram foi recado, pra eu voltar e eu disse “sim, tal dia eu vou”, você foi lá? Ele hoje já tá um homem (o menino que ela criava), nunca mais eu procurei ele, nem eles também me procuraram.

Depois fui pra outra casa, também de parentes, com 15 anos, em Santo Amaro. Tomei conta de 15 pessoas dentro da casa, eu lavava, passava, fazia comida, se era pra passar oito dias dentro dessa casa, mas *o* foi me agradando, de *uma* tal maneira que eu fiquei. A graça é que quando eles *brigava*, tudo quem fazia era eu. Aí eu perguntei: “finalmente quem é a mulher daqui, sou eu é?” Ela dizia: “eu não vou *faze* comida pra fulano, porque ele brigou comigo, eu não sei o que, aí eu digo ah é assim é?” E eles são meus primos, todos os dois primos carnis. Eu fui crescendo, o juízo amadurecendo e, com 18 anos, eu *sair*. A irmã deles (dos primos), minha filha, eu ia pro rio de Santo Amaro com uma bacia de roupa, que naquele tempo as fardas *era* verde, chamava calango, e eu trouxe a bacia de roupa e quando eu chegava em casa minha *fia*, os dedos *tudo comido* por aqui (mostrando as mãos e os dedos) escorrendo o sangue, nisso eu estendia, voltava a *panhar*, voltava a passar roupa de seis horas da tarde até uma duas da madrugada, o sono vinha, a cabeça *tontiava*, eu *inguiava*, quando eu vi que não dava mais, fiz a mesma coisa da outra prima, vim *me* embora. Eu *Arriei* eles, eles já morreram e eu ainda *to* aqui pelejando com a vida. Sofri viu. Depois eu agarrei esse tal companheiro, que também, só Deus, pra me dar resignação, pra criar esses meninos. Se eu fosse uma mulher que não tivesse coragem eu *tava* pelo mundo à toa.

Pesquisadora - Quem teve mais influência na sua formação: sua mãe ou seu pai?

Valéria - Meu pai. Minha mãe quando tinha vontade ia na maré, às vezes a gente acompanhava, pegava sururu, surubi, que a gente morava em frente ao Porto. Então, quando as coisas melhoravam dentro de casa, ela dizia assim “eu *to* com vontade de comer”, porque naquele tempo não tinha esgoto, “eu *to* com vontade de comer um sururu, quem vai me acompanhar”, eu dizia eu, aí eu, e a outra minha irmã, trazia o sururuzinho, que às vezes comia escaldado, que ficava faltando, via moqueca pra noite e por aí foi levando. Foi assim que eu aprendi a mariscar. Tanto aprendi a mariscar e saía com esse pai de meus filhos pra caçar, ele era pescador, mas nas horas vagas, que não tinha coisa, ia pro mato, com cinco ou seis cachorros, trazia caça e quando eu chegava em casa que ainda ia tratar pra no outro dia ainda fazer comida. Ia de *munjuá* pegar moréia⁴¹, ele não valia nada, que me deixou e me desprezou com meus filhos, eu não dei nenhum, porque eu sei que eu sofri. Eu disse: “a gente

⁴⁰ Anarruga é um tecido de poliéster, seda ou, especialmente em moda masculina principalmente, de algodão fino com linho, vulgarmente listrado e usado na confecção de roupas de verão.

⁴¹ As moreias são peixes ósseos, anguiliformes, da família dos murenídeos, tendo como uma das suas principais características o corpo longo e cilíndrico

passasse o que passar, mas filho meu, eu não dou mais nenhum.” Essa daí oh (se referindo a uma de suas filhas que estava catando marisco na varanda) foi pra casa de um primo, não era estranho, era parente. Ela foi pra casa dele com oito anos, não aguentou não, saía e deixava ela trancada, não deixava nada pra comer, se ela pegasse um ovo pra comer, quando ela viesse da rua, reclamava.

Dessa data pra cá, nunca mais, aconteça o que acontecer, filho meu eu não dou mais a ninguém, aí criei tudo assim, aos trancos e barrancos, ia pra Salinas com todos eles, comprei um *diacho* de um jegue e enchia de marisco, ostra, bebe fumo e quando chegava em tal caminho, já perto de sair a porteira pra pegar o caminho daqui, o jegue deitava. Ai eu desarrumava esse jegue, tornava a arrumar e quando chegava perto do rio, pra ganhar a rua, o jegue tornava a deitar, ai meu Deus, até chegar em casa era seis *hora*. Eu deixava escaldado o bebe fumo, pro outro dia pra vender, naquela época, se eu pegasse dois quilos pegava muito, porque pra pegar bebe fumo, hoje em dia *tá carrasco*, e tinha, naquele tempo, tinha muito bebe fumo. Aqui deu bebe fumo de pegar de pá. Você não viu falar não? Uma coroa que chama *desagulhão*. Deu bebe fumo, minha filha, de você encher caixotes, sacos e mais sacos, mas eu acho que já foi na folia da água, da coisa da Petrobrás, que esses bebe fumo saiu assim.

Pesquisadora - Com quem e onde aprendeu a trabalhar?

Valéria - Eu aprendi a mariscar com minha mãe e com meu pai. Na minha família todos eram pescadores.

Pesquisadora - Qual a influência da trajetória deles para que se tornasse a mulher que é hoje?

Valéria - Minha filha, as dificuldades me ajudaram, porque eu tive coragem viu. Sempre mulher mesmo, trabalhando, lutando. É como muita gente diz, a senhora já nessa idade, não procure mais fazer nada, mas eu não fico, filha, esperando cair do céu, porque tem um dizer: “faça a sua parte que Deus te ajuda”, então, não vou ficar esperando que Deus não vai mandar do céu. Tinha de *labutar* e *labuto*. No domingo mesmo, fui mariscar oito horas, esperar o rapaz, sabe que horas eu cheguei aqui, meio dia. Tomei aquela chuva, não levei sombrinha, tomei sol, eu com 28 quilos de siri de lá do campo até aqui.

Pesquisadora - Como a senhora se vê? Quais as suas principais características?

Valéria - Eu sou marisqueira guerreira. Muita gente fala aí “oh, nem todos modernos faz o que a senhora faz”, e eu digo: “é isso mesmo”. Labutei e ainda labuto, pra quando vir uma filha precisando de alguma coisa eu ter pra dar, pelo pai não é lá essas coisas. Eles têm contato com o pai, pois eles *trabalha* ali e, às vezes, quando vem, passa aqui. E pelo que me dá, (falando sussurrando) é dez, é quinze, é vinte reais.

Pesquisadora - Como define o papel da mulher na comunidade de Acuê?

Valéria - Tem muitas mulheres que também *vai* na peleja como eu vivi e eu não cheguei nem a participar desse defeso e nem desse dinheiro, porque não me aposentei em 84 -85, com 55 anos, então tem muita gente também guerreira, que até hoje ainda marisca.

2- Vida social (trabalho e questões sociais e econômicas)

Pesquisadora - Como é a vida de marisqueira na comunidade de Acuê?

Valéria - Aqui mesmo na rua Nova Brasília tem uma, o marido morreu, coitada, se acaba na maré, de inverno, verão. Já eu não vou fazer isso, sair de inverno a verão. É um papel difícil. Eu dei uma época aí pra tomar umas quedas, aqui mesmo (apontando para a perna) foi uma

que eu tomei ai no quintal e partiu o *beço* (lábios), me dava aquela tontura assim e caia sem ninguém me empurrar, sem nada. Aí eu falando com minha menina, minha menina comprou esse remédio que chama Calcitran, *pros* ossos, foi o que melhorou. As varizes sempre assim (apontando para as pernas), alteradas, aqui não *desvazia*, eu ando muito. Tô com uma dor nesse braço aqui (mostrando o braço direito), que não posso suspender ele até certo meio e pra virar ele assim para as costas dá uma dor.

Pesquisadora - A senhora acha que essas dores são causadas pelo trabalho na maré?

Valéria - Eu acho, filha. Porque o ditado diz que a gente planta pra depois colher. Eu acho que eu aprontei na *modernagem* e agora eu *to* passando a colher viu. Mas eu não ligo não filha, não ligo não.

Pesquisadora - O que a senhora e as demais marisqueiras fazem para entender sobre a maré, o meio ambiente, e torná-los aliados e não inimigos?

Valéria - A maré quando é crescente enche, quando é minguante o marisco minguia. E são quatro fases de lua: minguante, crescente, cheia e nova. Então *isso* são *os tipos* da lua, que é o tipo de marisco acompanha. Se é cheia ele é cheio, se é minguante ele minguia, se é nova ele tá querendo ser cheio, e por aí que vai. Porque se você sair daqui pra pegar bebe fumo na maré minguante, quando você pega o bebe fumo, quase que só pega o *sinai* dentro da casca, ainda estão pequenos.

3- Saúde (conhecimento científico, relação com os órgãos de promoção e preservação, poluição)

Pesquisadora - Como é a situação de saúde das mulheres que se dedicam e precisam mariscar em Acupe?

Valéria - Eu marisco, mas só filha, que eu não gosto de mariscar em lama, daqui pra cima não (do joelho pra cima). Minha mariscada é daqui pra baixo (do joelho pra baixo). Porque passou daqui a gente enterra muita lama no útero, aí, muitas pegam câncer no útero, muitas tiram lama de dentro do útero, o ovário, tudo isso, aí quando *vi* se cuidar, já é tarde.

Pesquisadora - Como suas filhas fazem para cuidar da saúde? Elas têm acompanhamento médico?

Valéria - Que nada. Não.

Pesquisadora - E como a senhora faz pra cuidar?

Valéria - É pelos outros que vejo, pelas marisqueiras, que sente a mesma coisa e indica os remédios. A gente às vezes toma um banho de aroeira, se banha, usa um sabonete íntimo, eu *mesmo* não me dou bem com ele. Vou dizer a você, sabe qual é a marca do meu sabonete? Bebê. Se eu usar um Dove, um Phebo, desses outros sabonetes simples, não me dou bem.

Pesquisadora - Mas por que a senhora nunca foi ao médico?

Valéria - Eu já fui, já fiz até preventivo, só que o aparelho não entrou não viu (risos), o negócio *tava* tão apertadinho, que o aparelho não entrou e chegou a *ensanguentar*, incomodou e eu gritava “não, não, não.” Quando eu cheguei em casa, que fui tomar banho, que passei o sabonete, oh meu Deus, que ardência, aí eu disse: “nunca mais eu faço”. Isso tem de uns cinco a seis anos.

Pesquisadora - Mas a senhora tem consciência que esse exame pode prevenir várias doenças?

Valéria - Sim. Semana *trazada* teve a palestra sobre o câncer de mama e do colo de útero.

Pesquisadora - Qual acompanhamento a senhora e as mulheres marisqueiras possuem? Acredita que ele seja necessário?

Valéria - Eu não vou ao posto de saúde.

Pesquisadora - Quais as doenças mais comuns entre as marisqueiras?

Valéria - Muitas se *aqueixam* de estar gripada, dor na coluna. Eu mesmo *tava* com um *poblema* de uma infecção urinária, porque eu vim de Maragojipe. Eu sentei num *diacho* de uma cadeira e trem, a dor de urinar veio, eu disse cadê pra eu ir, segurei, minha filha. Quando eu como assim uma pimenta, uma gordura, aí eu sinto, aí eu corro pro mato, tire o um pé de um mato que chama dente de leão, até pra diabete é bom. Aí faço um chá e bebo a metade, a metade se quiser deixar na geladeira, eu deixo.

Pesquisadora - Como a senhora descobriu que essas folhas servem pra infecção e outras coisas?

Valéria - *Tá* vendo (risos). É o entendimento que Deus dá. No tempo de minha vó, de meus pais, a gente já conhecia essa folha, mas só que não sabia do nome, então uma moça comprando na farmácia explicou o nome da folha, aí eu ah... é essa que chama dente de leão e lá em Acupe é cheio. E toda pessoa que tem problema de diabete me pede, aí eu arrango e dou. Muita gente se dá bem. E, pra minha infecção urinária, eu também usei essa, ela é boa também pra isso. É ruim quando a dor de urinar vem, filha, você não segura nada nem na *caçola*. Eu não tenho *poblema* de vista, mas eu uso um óculo aí e tem grau. Eu só uso ele *pela* noite. O médico que me passou, mas eu acho que *tá* fraco, porque quando eu boto já *to* vendo a letra miúda. Tem anos, que eu comprei esse.

Pesquisadora - Ao que a senhora atribui essas doenças?

Valéria - A mariscagem, o trabalho. Eu digo a você, graças a Deus, eu não sinto de coluna, minha coisa é esse *negocia* da *ureta*, só, não sinto coluna, me abaixo, me levanto. Esses *poblemas* devem ser de ficar em pé, lá esperando e eu ando muito filha. Eu ando, estou aqui dentro de casa, dou mais de cinco *volta*, eu levo meu neto no colégio quatro vezes, porque *é* duas idas e duas de voltas.

Pesquisadora - Vocês têm acesso à saúde e a algum tipo de educação ambiental ou prevenção de enfermidades decorrentes da mariscagem?

Valéria - Quando eu vou pra maré, eu não vou descalça, uso calças *cumpridas*, sapatos, capote, chapéu, não vou desprevenida não. A palestra que teve sobre o câncer de mama, diz que é quando não amamenta a criança, então quer dizer que cria nódulos nos seios. Ela manda a gente *parpar* os seios em baixo do braço e, se a gente ficar encabulada, a doença chega primeiro, viu.

Pesquisadora - Em caso de não acesso aos cuidados de um especialista médico do posto de saúde, qual a alternativa escolhida, tanto para vocês (mulheres), quanto para os seus filhos e cônjuges?

Valéria - Minhas filhas e meus netos não vão ao médico. Essa que *tá* aí mesmo, nunca fez um preventivo. Ela tem dois filhos, fez o pré-natal quando engravidou. Mas exame de útero não, mas a outra, de lá de baixo, já fez.

4- Legado cultural e transmissão de saberes

Pesquisadora - Como as mulheres marisqueiras de Acupe têm se organizado para que a prática tenha um futuro permanente?

Valéria - Eu participo da Colônia Z27, às vezes vou evangelizar, às vezes *tô* no grupo Calebre. Às vezes eu até procuro um tempo, mas ou eu *evangelizar* ou *tô* catando marisco. O Calebre é pra gente ganhar pessoas pra fazer artesanato, sabe. Então a gente começou a cortar o papel, fazer o jeito dos enfeites, que é pra vender. Tem coisa pra geladeira. Então quanto mais a gente arranjar gente, melhor, porque o grupo cresce.

Pesquisadora - A senhora considera essa prática como um trabalho ou uma cultura fundamental para a sua sobrevivência, mas que precisa ser preservada? Como a senhora percebe o trabalho de mariscagem?

Valéria - Trabalho viu, filha.

Pesquisadora - O que a senhora entende como importante para a perpetuação dessa cultura?

Valéria - E nem muita gente vai continuar não viu. Isso compromete. Aqui é do marisco que o povo vive. Porque aqui é a terra que mais dá renda pra Santo Amaro. Saubara não dá, Cabo Sul não dá, Bom Jesus não tem, só aqui mesmo. Que daqui sai camarão, siri, peixe, caranguejo, sai tudo que você procurar, aqui no mangue você encontra: bebe fumo. Tem uma senhora que o quintal dela você não vê o quintal, só casca de bebe fumo, ela vende as latas pra fazer construção de alvenaria. Ela mora lá em Marechal.

Pesquisadora - Onde buscam informação/conhecimentos (país, escola, religião, meios de comunicação, universidade, governo, professores, pesquisadores)?

Valéria - Aqui eu mesmo vejo as coisas de comunicação, porque eu tenho um filho que sai de nego fugido, vejo grupo de careta, de bombacho, careta de palha, esse mandu, capoeira, tudo a gente vê ao vivo. Quando chega pra ir pra televisão, aqui já passou tudo. As outras coisas a gente vê pela televisão. Os jornalistas, os deputados, tudo isso esclarece o que tá acontecendo pelo Brasil né, falando sobre a presidenta, é Lula, é Dilma, tudo tá no meio envolvido, então a gente é que sofre.

Pesquisadora - Esses conhecimentos são usados de que forma, quando pensamos em melhoria das condições de vida e saúde do coletivo (na prevenção e no tratamento)?

Valéria - É minha filha, o que a gente vai fazer? É *assisti* as coisas e *pedi* a Deus que multiplique as coisas da gente, pra que mais tarde não sinta falta e por aí vai levando, no dia que puder comer bem, come, no dia que não puder. Vou dizer a você, na minha época, não era todo irmão que tomava café com pão. Minha mãe fazia um cafezinho no fogão de lenha, oh meu filho, naquele tempo era bom, hoje não tem dinheiro pra comprar um pão, aí agente ia pro colégio, *perae* que dou um jeito, tinha farinha, botava dentro do café, enchia. Hoje em dia, se der uma coisa dessa pra uma criança: “eu vou comer isso?” *Tá* vendo aquele branquelo que passou aqui mesmo? (referindo-se ao neto) ele diz logo: “não como não, não quero não”. Come não, quando é de manhã come *dois pão*, toda noite dois pão, tem que ter a comidinha dele meio dia. Estou esperando a mãe dele chegar pra tomar conta, uma responsabilidade que Come não. *Tá* vendo uma mancha aqui (mostrando uma marca marrom no braço) é só eu me aborrecer que a mancha aparece em qualquer lugar, nervoso, tudo que eu como, a mão fica numa tremula, a voz muda, fica logo *meia rouca*, *to* aqui entregue a Deus.

Pesquisadora - O que é poluição para a senhora?

Valéria - Poluição são matas queimadas, poeira muita desses carros, tão podando as matas. Quer dizer, não tem lugar nem da poeira *acentar*, que vai *pro* ar, tudo isso faz a poluição. Com relação ao mangue e ao mar, se você for no porto, no baixão, você chega assim, no mangue, você não vê o rio, filha, você só vê papel, saco plástico, tripa de peixe, casca de siri, lixo quase de junto da ponte, é um fedor, esgoto *muito* dentro do rio. O povo tá morando assim em frente e o lixeiro. É carniça, é tripa de peixe, é tudo quanto é coisa ruim, joga no lixeiro.

Pesquisadora - Como tem acesso ao conhecimento sobre poluição?

Valéria - As informações são no dia a dia. Teve uma campanha pra todo mundo ir *reunido* de luva, de bota, pra entrar nesse lugar e limpar o rio. Chegou a limpar, mas o povo *fizeram* a mesma coisa e não adiantou.

Pesquisadora - Sabe identificar o que contamina o mar, os rios e o mangue?

Valéria - Pra mim, *com* diz que o saco plástico é um deles, a garrafa pet é também *coisas* sobre o mar. Aqui teve uma vez, filha, que pegaram um bagre, que quando abriram a barriga desse bagre, tinha uma camisinha (risos), então o bagre tinha tido relação com qualquer *baga* (risos), se preveniu né?

Pesquisadora - Mesmo poluído e sabendo dos malefícios, continua mariscando?

Valéria - Então não vou mais pescar no porto, mas dá é siri, viu. O riacho é da largura dessa tira de piso, eu só vou abaixando, ninguém vê o siri, vou cavando com a mão por cima, vêm dois ou três e um baldinho preto plástico, eu encho e vou embora. Depois de catado, dá meio quilo, 600 gramas, aí eu como ou vendo. Isso no porto, filha, no porto mesmo, o porto do meio, chama purrão do mangue. Até o porto de baixo, tudo tem esgoto pra dentro da maré. Você vai comprar um peixe, um siri, a maré *tá* enchendo, você só vê as fezes boiando. Eu não marisco mais lá, mas tem marisco, filha, você passa assim tem ostra, cada um pé de mangue com um cacho de ostra *oia*, mas não serve pra comer. O cais, você não vê o cais, de tanta ostra, mas cadê que ninguém pode tirar, ninguém tem coragem, porque aqui tem uma encanação, a água das fezes saindo e de junto do cais, tem de 20 a 30 *esgoto* por dentro do cais.

Pesquisadora - Na sua concepção, quais os malefícios da poluição?

Valéria - Doença, muita doença. Até gente que tem tuberculose, às vezes fica, o esgoto vai pra dentro da maré. Tem gente que marisca lá no porto, tem gente que vende, mesmo sabendo que *tá* poluído, mas eles não querem saber disso. Mesmo que eles não comam, eles vendem. Eu depois que comecei a ver essas coisas assim dentro do cais, eu deixei de ir.

Pesquisadora - A comunidade de Acupe é quilombola. Como o legado da cultura negra tem auxiliado na prevenção ou eliminação de enfermidades, sobretudo as causadas pela poluição e contaminação dos mangues?

Valéria - Tem influenciado, sim. Eu acho, às vezes eu sinto uma dor na barriga, sinto umas pontadas nas costas, já vou lá no mato, já pego - você conhece a mandacaru de três *quina*? Aqui tem um pé, às vezes eu corto, tiro a pele, corto três *rodinha* e boto no chá, é pra rins, eu sei que pra alguma coisa ele serve, mas é próprio pra rim.

Pesquisadora - A senhora acha que essa cultura de tomar chá é usada para eliminar doenças causadas pelo trabalho no mangue?

Valéria - Sim, muita gente toma até purgante, toma garrafada, às vezes sente até correções, por baixo? Você conhece a mãe boa? A mãe boa é pra quando você tá sentindo dor no pé da barriga, você toma, não pode tomar *de mais*, porque diz que ataca o coração. Aí você toma três dedos, pode se banhar, qualquer coisa ela vai botando pra fora. Tem a arranca postema, se você tomar uma queda, bater as costas ou outro lugar, você prepara as folhas, tira as folhas, faz aquele sumo e bebe pra *arrancar* o lugar da pancada que você tomou, pra não formar um abscesso por dentro. Eu mesmo tomei uma queda que bati isso aqui (as laterais das costas) no chão e eu *tava* sentindo dor, eu disse *peraê*, preparei um xarope, filha, sabe com quantas qualidades de folhas (mostrou o xarope), e eu vou te dar (risos) carqueja, Maricotinha, arranca postema, buticudo, malva, Maria Preta, Cordão de São Francisco, mata passo, tem outra que tem um chifrinho. Tudo isso eu vou pegar no mato, aqui mesmo em Acupe. Eu tiro as raízes todas e deixo ainda um galhinho de folhas, eu deixo um galho que é pra cozinhar.

APÊNDICE E – Transcrição da entrevista realizada com o sujeito 4 – Celeste, marisqueira do distrito de Acupe, Santo Amaro (BA).

SUJEITO 4 – CELESTE

Localidade que mora (bairro, comunidade): Acupe / Nova Brasília

Crença religiosa: Católica

Nível de escolaridade: 3ª série

Idade: 64 anos

Profissão: Marisqueira

Filhos: 3 (1 morreu)

Estado Civil: Viúva

1- Família (vida privada)

Pesquisadora - Onde a senhora nasceu?

Celeste - Eu sou nascida e criada em Acupe.

Pesquisadora - Conte-me um pouco sobre a sua infância.

Celeste - Minha mãe vivia de maré também, sempre viveu. Meu pai era carpinteiro, outra área né? E os filhos continuaram, o que a mãe era, marisqueira, até hoje. A minha infância, era ótima, muito boa, excelente, hoje em dia é que ninguém tem infância. Antigamente a gente tinha o tempo de brincar, brincava todo mundo sem problema, diferente de hoje em dia, que *tá* na escola e daqui a pouco você se *preocupada* com que a criança tá fazendo no colégio e antes vivia todo mundo tranquilo. Porque até 30, 40 anos atrás não tinha essa violência toda, tinha problemas, mas não como temos hoje. Então a minha infância foi ótima, brinquei muito, o que não dá para as crianças fazerem hoje, pois ficamos todos preocupados. A criança *tá* lá no colégio, aí a gente fica pensando será que tá bem, com quem será que está? Antigamente não tinha nada disso, vivíamos tranquilos, mas hoje em dia a infância das crianças é bem diferente da nossa.

Pesquisadora - Como era a vida de seus pais? Eles ainda estão vivos?

Celeste - Minha mãe ainda está viva, ela tem 96 anos. Mas meu pai não.

Pesquisadora - Quais suas lembranças sobre os ensinamentos que sua mãe lhe passava?

Celeste - Antigamente não tínhamos outras escolhas, a não ser que fosse professor, professora, mas era uma coisa muito rara também, era mesmo marisqueira, aí o tempo foi mudando, as pessoas foram estudando, que sempre vem a melhora, estudando; estudei até o terceiro ano e eu estou aqui, vivendo, hoje sou aposentada, mas continuo trabalhando, pois o que ganhamos é muito pouco. O que meu pai e minha mãe me ensinou foi isso, obedecer aos mais velhos, ter o que é nosso, não obter nada de ninguém, obter tudo com nosso esforço, isso que eu continuo passando para meus filhos e para meus netos, e estou nessa aí. Eu tive três filhos, um *tá* ali (apontou para a imagem) Deus levou, tinha 26 anos, tenho essa aí (apontou para uma das filhas) e outro que mora lá em Salvador, mas a vida é essa assim. Morava com um rapaz aqui há 36 anos e *tem* três meses que ele faleceu, ele também era pescador.

Pesquisadora - Quando começou a mariscar?

Celeste - Na idade de 10 anos para cá. Tem muito tempo e aqui todo mundo entrou no ritmo (apontando para sua filha e duas netas). Com três e quatro anos eu já estava levando, amanhã mesmo é dia, sábado, que não tem aula, já vai. Tem que ensinar, pois amanhã, depois. Eu não

vou ficar aqui, elas me têm hoje em dia, mas não vão me ter para sempre. Tem que aprender, pois, se não tiver sorte no estudo, porque às vezes até se forma, mas não tem condição de arranjar um trabalho, aí fica se batendo aqui e ali e fica difícil, então eu *to* ensinando logo a elas o caminho. (A filha tem cinco filhos, uma delas tem 15 anos).

Pesquisadora - Qual dos dois teve mais influência na sua formação?

Celeste - Para mim, meu pai e minha mãe me deram tudo. Graças a Deus, tive saúde para batalhar, hoje estou aqui, agradeço a eles, só não tive a coisa de estudar, comecei, mas depois fui trabalhar e abandonei os estudos, me arrependo de ter feito isso, como aconteceu com a minha (filha), que coloquei para estudar no colégio, mas não quis nada também, fazer o quê? O menino, que morreu, se formou, tinha três ou quatro diplomas, mas também não adiantou de nada, pois saiu para uma maratona, uma brincadeira do colégio, 23 anos, passou mal e aí foi embora, mas teve tudo, estudo, diplomas, serviu o Exército, em Feira de Santana, tudo ele teve. Os outros não tiveram nada, porque não quiseram se interessar, não quiseram aproveitar, fazer o quê?

Pesquisadora - Como a senhora se vê, quais as suas principais características?

Celeste - Com relação a meus filhos e netos, a minha expectativa é fazer eles crescerem, eu não queria que eles tivessem essa vida que eu tive, eu não me *aqueixo*, mas eu quero para eles o melhor. Estou tentando *dá*, mas agora eles é que sabe, né fia.

Pesquisadora - Ser mulher te ajuda a quê na sua estrutura familiar e social?

Celeste - Eu sempre fui assim. Aqui, às vezes, dentro de casa, acontece qualquer coisa, e eu digo assim, “eu queria ser um homem”, mesmo com uma perna só, porque eu imagino que é mais fácil para algumas coisas, mas é só na maneira de falar, porque eu sei de tudo, eu faço de tudo, aqui eu vou *pro* mato, corto pau, corto lenha, se precisar subi no muro eu subo, se precisar de alguma coisa eu faço, aí tem hora que eu achava fraqueza dentro de casa, então eu achava que eu era o homem aqui dentro de casa. (risos). Dessa forma, *de* mulher e homem eu acho que não tem diferença nenhuma, porque se ele corta um pau, eu corto, se ele pega um remo para remar, eu remo, acho que nem ajuda nem atrapalha o fato de eu ser mulher.

Pesquisadora - Como define o papel da mulher na comunidade de Acupe: Na família: / No trabalho: / Na política: / Na sociedade: / Na saúde:

Celeste - Hoje em dia, apesar de nós vivermos disso (mariscagem), há muito tempo, os mariscos está faltando no mar, temos dificuldade de conseguir mariscos, se bate muito para arranjar um ou dois *quilo* de marisco, pois está escasso, eu já estou aposentada, já tenho um quebra galho, mas se eu botar dez em cima de cinco, *eu* já é alguma coisa, porque só tirar daquilo que você ganha, no fim já vem problema de luz, de água, agora mesmo, o gás já vai para 60 e *lascou*, quer dizer, se você ficar parada aí também vem os *pobremas*, porque você *ta* com sua saúde, mas se você parar, porque você fez 50, 60 anos, dentro de casa, daqui a pouco, você tá com os nervos enferrujados, não serve para nada mais e vai aparecendo as doenças. Porque se você se acomodou ali. Então eu sempre digo, eu quero parar no dia que Deus mandar me chamar.

Pesquisadora - A senhora mencionou que os mariscos têm diminuído, mas por que a senhora fala isso?

Celeste - Não sei direito, mas acho que deve ser uma poluição. A quantidade de gente que mariscava dobrou, é o triplo de antes. Aí de onde a gente tira e não bota, só vai fazer falta também. Você vai mariscar hoje, chega ali vem outra pessoa e tira, vem um sabe mariscar,

vem outro e não sabe. Aí você vai naquela semana ali, na outra em outro lugar, mas quando você acaba de sair, vem outra pessoa, aí atrapalha tudo.

Pesquisadora - A criação de peixes e camarão em cativeiros tem prejudicado a prática da mariscagem?

Celeste – Não, porque aqui o que tem é o cativeiro de camarão. Mas aí também quem sabe? Porque em outro lugar aí para fora tem ostra, tem sururu, tem tudo, mas aqui tem só mesmo o camarão. Agora se é prejudicial eu também não sei, mas que muita coisa *ta* acontecendo, o marisco está fracassado *está*, se bate muito para conseguir um marisco.

Pesquisadora - Como é a estrutura familiar de sua casa? (Solteira, mãe-solteira, casada, sem filhos, viúva, etc.)

Celeste - Sou viúva e tenho três filhos, sendo que um morreu, há 15 anos. Aqui em casa moram minha filha e duas netas.

2- Vida social (trabalho e questões sociais e econômicas)

Pesquisadora - Há quanto tempo trabalha com a mariscagem? Como começou?

Celeste - Começou aos 10 anos e tive a influencia da minha mãe.

Pesquisadora - O que a senhora e as demais marisqueiras fazem para entender sobre a maré, o meio ambiente, e torná-los aliados e não inimigos?

Celeste - Essa semana mesmo eu entendi da maré, sabe como? A menina disse assim, *vambora* sair, isso foi antes de ontem, porque tem a maré *tardeira* e tem a maré *cedeira*, né, aí eu olhei para a lua, aí eu disse hoje não dá para a gente sair, mas amanhã dá, porque a lua *tá* com queda para o mar, aí sai cinco *hora* da manhã, aí quando chega a maré *tá* enchendo, hoje quando cheguei ela *tava* enchendo, mas foi pouca coisa, pois quando eu cheguei ontem lá, não tinha coroa nenhuma e hoje quando cheguei já tinha coroa. Então eu disse para as meninas, “hoje a gente vai porque ela *ta* com queda para o mar.” Aí eu entendo assim, porque aqui é assim, aqui *vareia* e em outros lugares *são* assim, a maré *tá* tal hora assim, aqui a gente sai cinco *hora*.

Tem dia que a gente sai cinco, e encontra ela enchendo e tem dia que a gente sai cinco e encontra ela vazando, aí tem o horário. Tem dia que a gente sai cinco horas e chega em casa nove e meia da maré, mas ela já estava toda cheia. Esse conhecimento, eu tenho é da prática, pois antigamente, quando eu saía com minha mãe, aí tinha uma senhora, que morava ali, que ela que dizia o horário da maré, que *tava* bom, que não *tava* e foi com ela que eu aprendi que, quando a lua *tá* para o mar é quando dá para a gente trabalhar. Porque tem a maré de lua e a maré de escuro.

A maré de escuro ela vaza mais e a maré de lua ela é meia pongó⁴² e, de três dias em diante, é que ela vai vazando. Ontem mesmo quando eu *sair*, só tinha uma pontinha de areia, a maioria ela cobriu, porque eu cheguei com ela de enchente na vinda, de lá para cá, ela *tava* toda cheia, a gente trabalhou, mas já passou com água aqui (acima da cintura), na vinda. Hoje já tinha um *pedação* bom de coroa e amanhã, quando a gente chegar lá, tem mais ainda, aí dá para a gente trabalhar na coroa e com ela assim, só dá para a gente trabalhar dentro do mangue, pois não aparece a coroa, na coroa⁴³ tem o aribi, a tarioba e no mangue tem o sururu e a ostra.

⁴² Pongó é quando ela está parada.

⁴³ Coroa é quando fica parte da areia aparecendo.

3- Saúde (conhecimento científico, relação com os órgãos de promoção e preservação, poluição)

Pesquisadora - Como é a situação de saúde das mulheres que se dedicam e precisam mariscar em Acupe?

Celeste - No nosso grupo de três ou quatro, que eu trabalho, não tem problema nenhum, pelo menos até agora não.

Pesquisadora - Qual acompanhamento as mulheres marisqueiras possuem? Acredita que ele seja necessário?

Celeste - Não temos nada disso. Porque o único lugar que tem aqui que *trata* de marisqueiras e pescadores era o hospital das clínicas, tinha a doutora Vera, que atendia aqui a marisqueira e a pescador, qualquer problema que tivesse. Aqui, quem vivia levando pessoas para o médico e que sabe informar melhor, por exemplo, a filha de Nildo Baiacu, a Patrícia. Pois era ela quem encaminhava o povo daqui para ir para lá (Hospital das Clínicas), sobre esse *pobrema* da saúde. Ela levava um *bocado* de gente.

Pesquisadora - Quais as doenças mais comuns entre as marisqueiras?

Celeste - Eu não tenho nenhum problema e meu grupo também não tem. Com relação à saúde da família (USF) ⁴⁴, eu quase não vou. (risos). Agora que eu estou para ir fazer um *checup*, no final do ano aí. Graças a Deus, não tenho problema de dor de cabeça, só que disseram aí que eu tenho *pobrema* de pressão, mas eu não costumo ir *no* médico. Me deram até uma tabela aí, mas eu não fui. Isso porque, geralmente, a gente vai num posto desse aí e a gente só vai se aborrecer, você vai para ver uma coisa e não vê o resultado daquela coisa e acaba se chateando, e é muita coisa que a gente vê errado e a gente quer falar, quer dá opinião e não pode *né*, então é melhor a gente não ver as coisas, deixar pra lá.

Pesquisadora - Como a senhora e as marisqueiras tratam desses problemas? (no caso de dona Maria problemas de saúde, como dores em geral)

Celeste - Eu faço chá de alumã (risos), se tiver com dor de barriga eu corro ali, esfrego o alumã na água, tomo e logo fico boa, se tiver diarreia, eu tomo vinagre com açúcar e passa logo, melhor que ir para lá e se chatear. Agora se tiver um caso grave, que não dá para curar dentro de casa, vamos.

Pesquisadora - A senhora disse que tem problema de pressão, como a senhora trata?

Celeste - Eu estava com meu marido aqui com problema de açúcar (diabetes), com problema de pressão, tinha ácido úrico, devido a problema de maré mesmo, agora não adianta mais, porque ele já se foi. Aí eu comecei a levar ele para o médico, aí fui para Salvador, quando retornamos, ele apareceu com uma ferida na perna e dessa feridinha ele se foi. *Tá* com três meses. Mas quando eu ia lá e dizia “olha doutor ele *ta* com isso, isso e isso”, ele dizia assim: “a senhora vai fazer isso, aquilo, vai levar ele em tal lugar.” Eu que levava por mim mesmo, eu levei ele na vila, levei ele em Santo Amaro, uma clínica em frente à Caixa Econômica, eu paguei a consulta, eu paguei a ressonância da perna, que foi R\$170, paguei consulta que foi R\$ 160 e nem deu tempo de pegar o resultado. Ele começou com sangramento no nariz, ele sangrava 10 minutos, depois 15 minutos, depois vinha 20 minutos e o doutor falava, “cadê a obrigação dele?” É encaminhar para o médico adequado, fui para um otorrino, em Santo Amaro, paguei R\$ 120. Nem fui lá também buscar o resultado. Quando ele apareceu com o problema na perna, eu levava ele todo dia para o posto. Levei ele na Oliveira, o médico disse:

“ele não *ta* tendo tratamento adequado” e que era eu que estava fazendo, e eu dizia que não, que *tava* levando para o posto e eu só fazia quando elas não estavam aí, quando era feriado. Fui para Oliveira e o médico, ele era cirurgião, disse que não ia fazer a cirurgia porque *tava* muito seco o lugar, que tinha que passar uma pomada para amolecer, aí eu vim com essas pomadas e passei. Levei para fazer a raspagem e não levou nem 15 dias e o homem *foi embora*.

Antes disso, as meninas *disse* assim: “leva manchinha no subúrbio”, peguei levei e o *otorrino* passou uma endoscopia facial, paguei 350 reais. Fui na Clivale, não fazia, fui no Iguatemi, não fazia, então tudo isso. Um dia eu fiquei nesse posto daqui, de sete horas da manhã até doze do dia, com ele botando sangue e qual a obrigação deles que são médicos? A gente vai, faz e leva, porque lá eles vão saber o que tem, mas mandou para Oliveira, chegou lá não tinha médico. Olha, quem *ta* de fora e até diz assim, morreu por falta de cuidado, por falta disso ou daquilo, mas não sabe o quanto foi feito. Gastei 350 reais para fazer o exame, quando chegou a médica olhou e disse que não deu nada não, aí eu voltei no médico em Santo Amaro para pedir a ele uma requisição para fazer uma tomografia da cabeça. Quando cheguei aqui, peguei ele e levei para a vila na quarta-feira. Quando eu vim do subúrbio, na segunda, o médico passou na triagem e disse aqui não é para atender ele não, tem que ir para o HGE, pois não tinha *otorrino* lá. Eu tinha levado a requisição lá, então eu disse vou fazer, disse então eu vou para o HGE, o sangramento parou, eu vou fazer o que no HGE, vou ficar com ele como lá? Ah menina, é brincadeira. Por isso me revolto, que nada rapaz! É muito *causo* com a vida das pessoas, quando acaba sente alguma coisa e diz vai para o médico, eu não vou. Fica difícil e não é só isso não, é muita coisa.

Pesquisadora - Vocês têm acesso à saúde e a algum tipo de educação ambiental? Ou prevenção de enfermidades decorrentes da mariscagem?

Celeste - Não.

Pesquisadora - Em caso de não acesso aos cuidados de um especialista médico do posto de saúde, qual a alternativa escolhida, tanto para vocês (mulheres), quanto para os seus filhos e conjuges?

Celeste - Graças a Deus, não temos *problema*. Então, aqui o que tem é a vacina de mês em mês, sei lá *de* quando que tem para *dá*, porque o resto a gente trata em casa mesmo. Aqui, graças a Deus, o problema foi esse aí (relato da doença do marido).

4- Legado cultural e transmissão de saberes

Pesquisadora - Como as mulheres marisqueira de Acupe têm se organizado para que a prática tenha um futuro permanente?

Celeste - Saímos com as meninas mesmo, uma que mora ali na frente, quando ela vai, eu vou; tem outra lá, a Laura, a gente sai assim e, às vezes, a gente sai de barco também. Os meninos ali *vai*, quando a gente vai mariscar ali para o lado de São Bento, aí vamos duas, três, quatro, cinco e seis, mas é assim mesmo. Não é dizer que se organiza não.

Pesquisadora - A senhora considera essa prática como um trabalho ou uma cultura fundamental para a sua sobrevivência, mas que precisa ser preservada?

Celeste - Geralmente eu avalio como um trabalho. É como se fosse uma firma que tem, que todo mundo trabalha, porque todo dia você trabalha é aqui. Para muita gente, é melhor que um emprego qualquer lá fora, porque todo dia tem dinheiro na mão. O pescador sai de noite, quando chega tem dinheiro, quando sai de dia, quando chega tem dinheiro, *oxe*, mais é sério, ganha mais que muitos empregados aí a fora, coitado, que ganha um salário mínimo. Tem dia

que, quando Deus ajuda, e a maré *dá* boa, ganha mais que um salário em um dia. Depende também da maré que, às *vez*, também vai e não tem nada. Mas a vida é assim mesmo, e ainda tem que dar graças a Deus por tudo. Todo dia que eu levanto eu digo: “obrigada meu Deus por eu amanhecer o dia e olhar o mundo que, para uns, é cumprido *de mais*, para outros, é menos e mais e, para outros, ainda é menos ainda.” E todo dia que eu saio agradeço a ele: “obrigada meu Deus. Se eu trouxer, eu agradeço, se eu não trouxer eu agradeço.” Eu mesmo trabalho devagar, não sou de muita *ligeireza*. (risos).

Pesquisadora - Como a senhora percebe o trabalho de mariscagem?

Celeste - Acho que a prática de mariscagem corre sim o risco de desaparecer. Geralmente, e agora, eu acho que lá *pro* lado de bebe fumo, aquelas garotinhas, e mais para o lado de cá, aquelas pessoas mais velhas, as que já foram, elas trabalham, mas mesmo assim os mariscos estão poucos, não sei se é poluição.

Pesquisadora - Onde buscam informação / conhecimentos (país, escola, religião, meios de comunicação, universidade, governo, professores, pesquisadores)?

Celeste - Eu fico informada das coisas é pela televisão. Aí que eu fico informada de tudo. As meninas trazem algumas coisas do colégio, mas eu me informo mais é pela televisão. Não tem assim reunião com ninguém ou contato para fazer não.

Pesquisadora - Participam de alguma associação de saúde, de discussões ou de grupos de igrejas (saúde na família, poluição ambiental ou saúde no trabalho)?

Celeste - Não participo e aqui também não tem e se tiver, eu estou por fora, porque eu não participo.

Pesquisadora - Esses conhecimentos são usados de que forma, quando pensamos em melhoria das condições de vida e saúde do coletivo (na prevenção e no tratamento)?

Celeste – Geralmente, hoje em dia, *nenhum* quer que a gente use um chá, não quer que a gente use nada. Mas, antigamente, a minha mãe curava a gente era com chá, então, quando a gente sente alguma coisa, se a gente machucava um pé, a gente pegava um *martruz* e amarrava no pano e colocava no pé e ficava bom, se a gente tomava um corte, pegava uma bananeira cortava e colocava no pé e sarava, hoje não, tudo é médico e, se você faz, quando chega lá ele (o médico) dá carão, dessa forma, a gente não faz com medo de chegar lá, acontecer um problema e ele dizer que foi porque fez isso ou fez aquilo. Então, se um bicho mordida um menino, procurava logo o que fazer, passar um sabão, tudo isso se fazia antigamente e hoje em dia não e muita gente também não acredita nessas coisas, mas eu acredito muito, *oxe*, tomar chá para problema de rim e tudo que a gente tem aí toma um chazinho. Vai no médico sim, se precisar vai, como esse problema de pressão é outra coisa, mas a gente também toma chá.

Pesquisadora - Quando a senhora soube que teve esse problema de pressão, a senhora passou a ir ao médico?

Celeste - Eu fui, mas têm uns três meses que não vou. E em casa, às vezes eu tomo um chá de capim santo, não ligo muito não.

Pesquisadora - Como tem acesso ao conhecimento sobre poluição?

Celeste - Eu sei que a poluição *tá* vindo da costa toda. É um saco jogado na maré, é tanta garrafa, é tanta imundice que você joga no mar e aí só vai prejudicando, e esses produtos brabo que nego joga por aí a fora.

Pesquisadora - Sabe identificar o que contamina o mar, os rios e o mangue?

Celeste - No mangue tem tempo que morre muito marisco, a gente vê os mariscos *tudo* morrendo, mas a gente não sabe identificar qual o motivo que tem provocado isso.

Pesquisadora - Mesmo poluído e sabendo dos malefícios, continua mariscando?

Celeste - Quando teve esse problema do marisco morrer foi quando o óleo caiu no mar e matou um *bocado* de peixe e nós ficamos sem mariscar um *bocado* de tempo. É tanto que a Petrobras agora, dizem, pagou uma indenização, mas não chegou para ninguém aqui em casa, porque eu sou cadastrada desde 2001 e *o coisa*, o acidente, foi de 2007. Então eu não tive direito, meu marido também não teve, fomos excluídos, veio nosso nome na lista geral, mas até hoje nada e muita gente com menos tempo que eu, recebeu. Me mandaram até ir para Feira de Santana agendar, eu agendei o documento dele, quando eu cheguei lá, me disseram que não era lá que agendava e que eu tinha que vir para Santo Amaro. Então eu vim para Santo Amaro, no dia 22, aí o sistema caiu e eu não levei meus papéis também, porque ela só falou no dele, para eu levar o dele. Aí a moça disse assim: “a senhora liga para mim para ver se o sistema tá funcionando na segunda-feira.” Aí quando eu voltei lá e a moça disse que já *tava* agendado o benefício de meu marido, então a senhora pode resolver isso quando trouxer o cartão. Aí o banco entrou em greve, isso *tá* com três meses, eu fui lá essa semana e o rapaz disse para eu aguardar 20 dias para chegar esse cartão. Eu disse: *tá* bom. Eu vou ter que voltar lá, hoje mesmo eu ia lá, mas deixei para ir amanhã na sede, mas não vou porque dia de amanhã (sexta) elas só trabalham até meio dia, então vou deixar logo para segunda-feira, para saber dela *em que pé* está. Porque disseram que veio 1500 pessoas aí, uns excluídos, outros não veio o nome, aí eu disse que lei pra um, lei pra todos, pois muitas pessoas que não tem nem idade tá tudo com seu dinheiro no bolso, porque a Petrobras pagou, mas como foi isso aí, como o juiz bateu o martelo, pode ser que *ela* bateu o martelo errado.

Pesquisadora - Na sua concepção, quais os malefícios da poluição?

Celeste - Se o mar tá poluído, aí polui tudo, polui o peixe e falta tudo, porque fica tudo escasso. Às vezes os homens vão *joga* e não acha nada, outros *vai* e acha. Outro dia mesmo, *tava* morrendo, é embira que eu *to* sabendo aí pela rádio, mas também tem tempo que não pega nada. Agora porque *é* também eu não sei, porque o mar é grande, é de tudo quanto é lado aí, é Saubara, Cabo Sul, Bom Jesus, Salvador, Itaparica, as águas *corre tudo* e eu não sei pra onde essas águas *vai*, a gente olha para a maré *tá tudo* cheia, daqui a pouco, a gente olha *tá* tudo seco, daqui a pouco, enche novamente. Às vezes a gente vai no porto e *tá* seco, ela foi embora, daqui a pouco ela vem, agora, onde é que essas águas *vai* que a gente não sabe, aí quando ela vem de lá para cá, aí já vem com alguma coisa.

Pesquisadora - Quais as doenças que a senhora pode apontar como comuns nas marisqueiras com que a senhora conhece ou trabalha?

(Para ela não há doenças causadas pela prática de mariscagem)

Pesquisadora - A comunidade de Acupe é quilombola, como o legado da cultura negra tem auxiliado na prevenção ou eliminação de enfermidades, sobretudo as causadas pela poluição e contaminação dos mangues?

Celeste - Eu não vou dizer nada a você, porque eu sei que tem esses problemas com esses projetos, mas eu não vou lá para nada. Que tem, tem, que eu já ouvi falar, já vi comunicar, mas eu nunca presenciei nenhuma reunião, não vou mentir. Mas tem aí os projetos.

Pesquisadora - Sobre ancestralidade, o que a senhora pode relacionar o uso de medicação com a cura de doenças?

Celeste - Além do chá, a gente se vale de médico, mas não é tudo que a gente vai para médico não, agora mesmo eu tô querendo. A gente nessa vida de maré, hoje boto um pé aqui, outro lá é dentro de lama, é caindo, é levantando e a gente tem que se *prevenir*, porque as coisas não *ta* fácil. Às vezes chega assim para você e não *ta* esperando, às vezes *ta* pensando que *ta* boa e quando vai *ver a bomba* lá.

Se não tiver se alimentando a gente faz o mingau de Santo Antônio, eu fazia pra meu marido que ele não queria se alimentar, então dava o mingauzinho para fortalecer. E isso eu sei por conta de minha mãe, das vizinhas, que às vezes saem comentando, olha fulano *tá* com pressão alta ali, então recomenda o chá da gumuchama, que abaixa a pressão, a farinha na água, baixa a pressão e vai fazendo assim e vai levando, agora não deu, tem que ir lá (no hospital). Eu evito médico, porque eu tenho tido muitos problemas, às vezes você passa pelos outros e, às vezes, *ver* os outros passar e eu me revolto, porque se você foi para lá é porque *ta* sentido alguma *coisas*. Tem gente que gosta de ir para médico, se amostrar, que nada rapaz. Tem gente que adora médico, todo dia *ta* no médico, não pode sentir um calinho no pé *quer tá* no médico, não é assim também não. E você, que não está acostumado a isso, vai e *ver* algumas coisas erradas, aí você vai se chateando com aquilo, se revoltando, então, se não for possível, se você não puder ir para lá pra não ver certas *coisa*, melhor não ir, do que ir e ver. É muita coisa, mesmo com meu marido doente, eu me chateei muito. A morte do meu filho ali, ele ficou de nove horas até umas três horas sofrendo aí no posto. Ele passou mal, aí quando ele passou mal, ele caiu. Ele passou mal, aí disseram pra ele parar, mas ele disse que ia até o fim, o pai era assim também, aí quando ele chegou no lugar, ele caiu, aí jogaram uma panela de água fria, aí no desespero juntou um *mote* de gente pra pegar ele pra dá o medicamento e eu achava que eles deveriam pegar meu filho e levar lá para Salvador, mandar logo, aí ficou aí, daí foi para Santo Amaro. No dia 15 de novembro, feriado, praticamente *tava* fechado. Eu ainda falei: “doutor, se o senhor vê que meu filho não tá bom, mande meu filho para Salvador.” Ele disse: “aguarde”, já era mais ou menos umas 5 horas. E quando saímos daqui, chegou lá no HGE, fez todo tipo de exame, o médico não achou nada e fomos para o Couto Maia. Se levasse mais cedo, como foi de noite, o menino faleceu e ainda saiu sem o aparelho, sem nada. Eu acho que se eles botassem um aparelho poderia ter evitado. Então tudo isso vai fazer 15 anos, foi em 2001, 14 anos, ele morreu em 2001. Ele se cadastrou na pesca também, mas ele não completou o ano, pois no meio do ano ele morreu.

Nesse aguarde, aguarde, quando ele mandou meu filho para Salvador, que fez um monte de exames, tomografia eles não acharam nada, tanto não achou que mandou para o Couto Maia, aí quando chegou lá, meu filho era muito grandalhão, foi eu e um rapazinho, não aguentávamos pegar ele e colocar de um lugar para o outro e ficávamos dependendo dos outros, e as horas se passando, se passando, e tudo isso a pessoa vai pensando se não fosse assim, desse jeito, talvez não tivesse acontecido isso, aí a gente se revolta e quando vem agora com meu marido. Eu disse “é isso, *e* isso que *ta* acontecendo”, aí ela veio, ela mandou se continuar *trava*, eu levei para casa um outro dia, e ele ficou na observação, quando subiu para o internamento levou três dias e faleceu, mas se fizesse antes, podia ter evitado, mas nunca se sabe com essa coisa de morte, quando tem que acontecer.

APÊNDICE F – Transcrição da entrevista realizada com o sujeito 5 – Marieta, marisqueira do distrito de Acupe, Santo Amaro (BA).

SUJEITO 5 – MARIETA

Localidade que mora (bairro, comunidade): Acupe

Crença religiosa: católica

Nível de escolaridade: até a 7ª série

Idade: 55 anos

Profissão: marisqueira

Filhos: 4

Estado Civil: solteira (mora junto)

1- Família (vida privada)

Pesquisadora - Onde a senhora nasceu?

Marieta - Nasci aqui em Acupe mesmo.

Pesquisadora - Conte-me um pouco sobre a sua infância.

Marieta - Eu lembro que eu estudava, mas queria ir para a maré com a vizinha, aí minha mãe não queria, queria que eu fosse para a escola. Eu sempre tive essa vontade de trabalhar. Aí eu ia, eu dizia: “é a maré *cedeira*, dá tempo de ir para a escola”, aí eu ia com a finada Dadinha do Sururu. Aí ela tinha um filho que estudava junto comigo, filho dela era Hernandez e trabalhava no mangue, Dadinha do Sururu, quando eu não enchia minha vasilha, ela me ajudava e a gente vinha embora, já fui até para a escola com lama na orelha. Também brinquei muito, minha infância foi boa (risos).

Pesquisadora - Como era a vida de seus pais? Eles ainda estão vivos?

Marieta - Como eu estava dizendo, minha mãe não queria que eu fosse para a maré, minha mãe não queria *deixar eu* namorar (risos). Meus pais não são mais vivos.

Pesquisadora - Quais suas lembranças sobre os ensinamentos que tua mãe lhe passava?

Marieta - Minha mãe era marisqueira e ela passava que não queria que a gente fosse pequena para a maré, queria que a gente estudasse primeiro. Ela dizia que ela que queria trabalhar e não queria essa vida para a gente. Ela que queria ir, queria que eu estudasse. Mas como aqui só tinha isso mesmo e eu, de teimosa, eu ia na Salinas e, quando dava a hora eu ia, caía fora, eu ia com Dadinha, mas Dadinha sabia, a gente ficava até mais tarde, aí a gente explicava a ela, ela entendia.

Pesquisadora - E teu pai, o que se lembra dos ensinamentos dele?

Marieta - Eu tenho lembrança do meu pai, ele era salineiro. Ele trabalhava na Salina, que era Bahia Pesca. Ele fazia sal.

Pesquisadora - Qual dos dois teve mais influência na sua formação?

Marieta - Foi o trabalho e a minha mãe, pois o que ela fazia mesmo era a maré, mariscar e pescar.

Pesquisadora - Com quem e onde aprendeu a trabalhar?

Marieta - Eu trabalho na maré desde os 10 anos. Aprendi com minha mãe.

Pesquisadora - Qual a influência da trajetória deles (os pais) para que se tornasse a mulher que é hoje?

Marieta - Não soube responder.

Pesquisadora - Como a senhora se vê? Quais as suas principais características?

Marieta - Eu tenho orgulho de ser marisqueira. Mas eu sou marisqueira hoje, devido à necessidade, porque não teve outra opção, outro emprego. Só tinha mesmo a mariscagem.

Pesquisadora - Ser mulher te ajuda em quê na sua estrutura familiar e social?

Marieta - Eu tenho marido, só que eu não sou casada, e criei meus filhos juntos com meu marido, apesar dos pesares, eu vivo por capricho mesmo, pra criar meus filhos. Hoje eu cheguei nessa idade, eu estou vivendo melhor com ele (o pai dos filhos dela). Antes era muito sofrimento. Eu sofri com aquele homem, pegava mulher na rua, me batia. Eu não escondo de ninguém. Hoje eu digo que estou nessa idade, eu e ele, estou vivendo feliz, porque meus filhos cresceram, mas não foi fácil não. Mas eu superei, não *arriava* porque não tinha mais nem pai nem mãe e tinha medo de arrumar outro homem. Eu tinha esse negócio comigo, de não dar certo de novo, eu achava que ia me envolver com outro homem e ia ficar oferecida, me mostrar, então foi ele mesmo até hoje, o pai de meus filhos.

Pesquisadora - E como ele vê esta situação hoje em dia?

Marieta - Hoje ele tá consciente do que fez. Hoje ele diz que eu sou uma mulher *cabeça*, se fosse outra, num *guentava* passar o que eu passei com ele, não. Ele reconhece isso hoje.

Pesquisadora - O que seus filhos acham disso?

Marieta - Eles têm noção de tudo. Eles até presenciaram, essa daqui mesmo (apontando para sua filha mais velha), chegou até a dar conselho a ele. O meu filho mais velho chegou até o ponto de sair, ir embora, com 15 anos. Hoje ele tem 34 anos e ele disse que via eu sofrendo dentro de casa e não aguentava e, se um dia visse eu nas garras do meu marido, me batendo, que não sabia o que ia acontecer, então ele ia embora pra não acontecer isso e, de qualquer maneira, ele era pai.

Pesquisadora - A senhora acha que muitas mulheres vivem essa situação aqui em Açupe?

Marieta - Muitas vivem sim, pois para viver, minha filha, tem que suportar. Eu suportei. Eu dizia que era assim, que eu tinha vergonha de ficar sendo usada, pelo segundo, pelo terceiro, eu sentia vergonha, então eu suportei, aguentava, aguentava, chorava, me conformava, ele me batia, pegava outra na rua. Era homem mesmo para ser garanhão, pra ter mais de uma.

Pesquisadora - Como define o papel da mulher na comunidade de Açupe: na família; / no trabalho; / na política; / na sociedade; / na saúde:

Marieta - Eu marisquei muito, criei meus filhos nessa vida de maré. Apesar dos pesares, que a gente vivia brigando, um ajudava o outro, eu ajudava ele, ele me ajudava e eu nem sei lhe responder essa pergunta. (risos). Hoje em dia a vida de mariscagem é mais fácil, antigamente era menos, era tudo vendido nos pratinhos, muitas das vezes não tinha nem comprador. Eu já cheguei o ponto de buscar na maré um quilo de marisco para vender meio quilo a pulso para comprar farinha e tempero e o outro meio quilo para fazer comida para meus filhos *comer*. Hoje eu *tô* melhor. A gente vendia aqui mesmo, em Açupe, já cansei de colocar na cabeça e sair por aí vendendo, porque não tinha negociante.

Pesquisadora - Existe relação entre o lazer e seu trabalho?

Marieta - A mariscagem é uma necessidade. Quando chegava época da festa de São João, antigamente, a gente comprava roupa para nossos filhos, maiorzinha, para ficar para o natal. Quando elas cresceram mais, ia comigo trabalhar. Se quisesse vestir uma roupa sem eu precisar comprar a prestação, eu levava todo mundo para a maré, para pegar, para vender marisco, quando chegava o dia da festa, ir para Santo Amaro e comprar roupinha nova e levava para casa.

2- Vida social (trabalho e questões sociais e econômicas)

Pesquisadora - O que a senhora e as demais marisqueiras fazem, para entender da maré, do meio ambiente, e torná-los aliados e não inimigos?

Marieta - A maré tem a *cedeira* e a *tardeira*. Aprendi isso com os nossos mais velhos. Então a *cedeira* tem que sair quatro horas da manhã para *está* de volta 8h30, 9 horas. A *cedeira* é de seis horas, a gente sai cinco horas, aí depois vem, um dia seis, o outro seis e meia, outro sete horas, então é assim, cada dia meia hora. A *tardeira* sai meio dia, trabalha de tarde e chega em casa umas cinco horas.

3- Saúde (conhecimento científico, relação com os órgãos de promoção e preservação, poluição)

Pesquisadora - Como é a situação de saúde das mulheres que se dedicam e precisam mariscar em Acupe?

Marieta - A gente sente coluna, as vistas defeituosas do salitre, da fumaça, muita dor de cabeça, os ossos do corpo da gente *dói tudo*. *Agente* sai em grupo, cada uma tem seu grupo. Às vezes tem gente que vai só, mas andando, andando por esses matos aí, de canoa. Eu tinha vergonha de chegar no porto e *pedi* carona, tinha que ir mais duas, que elas pediam carona para eu ir. Depende de carona, tem umas que *vai* nas canoas pagas, tem umas que *vai* andando, de tudo quanto é jeito, aqui a gente trabalha.

Pesquisadora - Qual acompanhamento as mulheres marisqueiras possuem? Acredita que ele seja necessário?

Marieta - Não soube responder.

Pesquisadora - Quais as doenças mais comuns entre as marisqueiras?

Marieta - Dor no braço, na cabeça, por isso temos que fazer sempre o preventivo. Mesmo menstruada a gente vai trabalhar, não tem problema nenhum, antigamente não sei se tinha, e tinha mesmo que ir trabalhar.

Pesquisadora - Ao que a senhora atribui essas doenças?

Marieta - Não soube responder

Pesquisadora - A senhora tem problemas de saúde decorrentes da prática da mariscagem? Quais?

Marieta - Dores de coluna e problemas respiratórios e de visão.

Pesquisadora - Como a senhora e as marisqueiras tratam desses problemas?

Marieta - A gente trata por conta própria mesmo. Sou associada à colônia, mas não temos nenhum acompanhamento. Tem uma ambulância na sede da Z27, mas quando a gente procura ela para *dá* um socorro, nunca *tá*.

Pesquisadora - Vocês têm acesso à saúde e a algum tipo de educação ambiental? Ou prevenção de enfermidades decorrentes da mariscagem?

Marieta - Hoje já tem, mas na minha época não. É a prefeitura (de Santo Amaro) que promove. A associação não ajuda em nada. Meu pé que *tá* aqui *pode* (se referindo a um machucado no pé).

Pesquisadora - Em caso de não acesso aos cuidados de um especialista médico, qual a alternativa a senhora escolhe para se tratar e tratar seus familiares?

Marieta - A gente vai no posto, quando precisa. Mas os exames têm que pagar.

4- Legado cultural e transmissão de saberes

Pesquisadora - Como as mulheres marisqueiras de Acupe têm se organizado para que a prática tenha um futuro permanente?

Marieta - Não soube responder.

Pesquisadora - A senhora considera essa prática como um trabalho ou uma cultura fundamental para a sua sobrevivência, mas que precisa ser preservada?

Marieta - Considero como um trabalho.

Pesquisadora - O que a senhora entende como importante para a perpetuação dessa cultura?

Marieta - Não soube responder

Pesquisadora - Onde buscam informação/conhecimentos (pais, escola, religião, meios de comunicação, universidade, governo, professores, pesquisadores)?

Marieta - Geralmente eu busco informação sobre saúde no médico, fui lá para o ortopedista tratar um problema na mão, que ele disse que foi gerado por movimento repetitivo. O médico proibiu de continuar a trabalhar. Tem mais de ano que eu parei de mariscar. Eu fui lá, na Associação, conversei com as meninas, as meninas *marcou* para dar entrada no Instituto Nacional de Seguro Social (INSS), da aposentadoria, agora eu não passei não, por causa da contribuição, que eu *tô* com 14 anos e precisa de 15 anos de contribuição, com 55 anos. Então, tem um ano e meio que eu parei de mariscar.

Pesquisadora - Participam de alguma associação de saúde, de discussões ou de grupos de igrejas (saúde na família, poluição ambiental ou saúde no trabalho)?

Marieta - Não.

Pesquisadora - Esses conhecimentos são usados de que forma, quando pensamos em melhoria das condições de vida e saúde do coletivo (na prevenção e no tratamento)?

Marieta - Eu fiquei foi mais doente quando eu soube que não podia mais trabalhar. Acostumada a ter meu trocadinho na mão. Eu tenho meu marido, mas *tô* acostumada a ter o meu, pra fazer o que eu quero, aí ficou difícil. Agora eu *tô* criando é menino da minha menina, ela trabalha e me ajuda, eu cuido da belezinha dela, dos filhos dela e tem a pensão dos meninos, aí ela me ajuda.

Pesquisadora - Como tem acesso ao conhecimento sobre poluição?

Marieta - Não tem.

Pesquisadora - O que é poluição para a senhora?

Marieta - Não sei dizer. Na época que eu mariscava não tinha isso. Só sei que quando eu parei de mariscar *me* apareceu foi coisa, menina. Alergia, eu fico espirrando, espirrando e o nariz começa a sangrar, tossindo, e eu não era assim.

Pesquisadora - A senhora acha que essas doenças têm relação com a mariscagem?

Marieta - Nem sei, viu. Depois que eu parei de mariscar, *me* apareceu *foi* problemas, não tinha alergia, agora eu *to* com alergia, não posso *tomar* fumaça, *tomar* poeira, dor de cabeça, *me* apareceu pressão alta, colesterol, *me* apareceu foi coisa.

Pesquisadora - Sabe identificar o que contamina o mar, os rios e o mangue?

Marieta - Não sei dizer. Só sei que agora *tá* mais difícil mariscar.

Pesquisadora - Na sua concepção, quais os malefícios da poluição?

Marieta - Não soube responder.

Pesquisadora - A comunidade de Acupe é quilombola, como o legado da cultura negra tem auxiliado na prevenção ou eliminação de enfermidades, sobretudo as causadas pela poluição e contaminação dos mangues?

Marieta - Não soube responder.

APÊNDICE G – Transcrição da entrevista realizada com o sujeito 6 – Sandra, marisqueira do distrito de Acupe, Santo Amaro (BA).

SUJEITO 6 – SANDRA

Localidade que mora (bairro, comunidade): Acupe / Rua Edival Barreto (antiga Rua da Areia), 80.

Crença religiosa: católica

Nível de escolaridade: até a 4ª série

Idade: 53 anos

Profissão: marisqueira

Filhos: 2

Estado Civil: solteira

1- Família (vida privada)

Pesquisadora - Conte-me um pouco sobre a sua infância.

Sandra - Minha infância eu brinquei muito, quando tinha um tempinho. Quando voltava do colégio era fazer as tarefas, depois poderia brincar, aí nos finais de semana e feriados também, a gente ia pra maré buscar a moqueca, pra fazer domingo com papai e mamãe, e eu ia alegre e satisfeita. Depois casei, tive meus filhos, construir uma casinha, não é uma casa, digamos assim, chique, mas dá pra quem chegar na minha casa, come, dorme, fica alegre e satisfeito. Eu cato o meu marisco, quando eu não vou buscar, porque agora eu *to* com um problema de esforço repetitivo, no braço, o médico disse pra eu não ir pra maré pra não magoar. Mais quando dá pra ir, eu vou, trago minha moqueca, quando dá pra vender, eu vendo. Quando eu trago pouco, eu deixo na geladeira e deixo pra fazer minha moqueca, quando falta algo eu tenho meu marisco e faço minha moqueca, e come eu e quem chegar na minha casa. Sou humilde, muito sorridente, vivo de bem com a vida, com todos os problemas, entendeu, mas sou feliz.

Pesquisadora - Como era a vida de seus pais? Eles ainda estão vivos?

Sandra - Eles estão vivos. Meu pai sempre foi pescador, pegava caranguejo, quando ele ia para a maré, falava com minha mãe: “mande as meninas hora tal no porto, pra mandar os mariscos pra fazer a comida deles.” Enquanto ele *tava* lá ajeitando o outro pra vender, a gente *tava* trazendo *né*, o que fazer pro almoço, pra quando ele chegar a comida já *tá* organizada, pra gente almoçar pra ir pro colégio, pra aprender a fazer quando não o nome e no lugar que chegar não passar vergonha, *né*. Mas graças da Deus, somos fracos, mas somos ricos da graça de Deus e temos força pra trabalhar, até eu com o braço doendo, mas mesmo assim, o tempo tá bom, eu continuo, vou na maré. Minha mãe trabalhava na roça, com minha avó. Meus avós morreram todos e eram daqui, de Acupe.

Pesquisadora - Quais suas lembranças sobre os ensinamentos que tua mãe lhe passava?

Sandra - Ela não deixava a gente andar na rua com estranho, certos tipos de amizade. Era de uma varandazinha, que chamava *hall*, dali pra dentro. Eu não ia pra rua, eu não ia pra festa. Se tivesse festa de aniversário, era pra irmos com alguém de responsabilidade, pra levar e trazer, no horário x. Depois foi todo mundo se desenvolvendo, todo mundo foi procurar trabalhar, eu trabalhei de doméstica também, criei meus filhos, sou muito feliz, tenho uma filha maravilhosa e tenho outro filho maravilhoso também, é meio estressadinho, mas dá pra levar. (risos). E eu criei meus filhos da mesma forma que meus pais me criaram.

Pesquisadora - Qual dos dois teve mais influência na sua formação?

Sandra - Chegou na idade de adolescente, que já *tava* bem madurinho, meus filhos falava, “mainha vai pra onde hoje?” – “Vou pra maré.” – “Você vai buscar o que?” – “Bebe fumo.” – “Pra que?” – “Pra vender, pra comprar o caderno, o lápis e os materiais de vocês.” Meu marido era pedreiro, mas ficou doente, eu continuei no mesmo processo. E hoje em dia eu continuo sendo a mesma marisqueira, marisco do mesmo jeito. Eu aprendi e comecei a mariscar devido a influencia de minha mãe e do meu pai e com *uma* vizinhas. “Mainha vou, posso ir” e pegava as *colher* de adoçar café, até hoje eu cavo com uma colher dessa, e as vasilhinhas, enchia, botava nas vasilhas, até completar e eu ficava olhando pra ver se dava um quilo. Ficava ansiosíssima, aí uma vizinha dizia, não dá não, tem que cavar mais, aí *a* eu dizia, *se* minhas costas *tá* doendo, mas ela dizia que eu tinha que cavar pra quando nada você levar um quilo. Na minha adolescência eu conseguia catar umas 300, 400 gramas, mas agora se der eu trago um quilo e assim vai, as costas *começa* a doer um pouco, aí que eu vou parar aí mesmo, pois já chegou no meu limite. Vou catando uma ostra, um sururu, já vou fazendo aquela complementação daquele marisco, um com o outro, aí chama mariscada.

Pesquisadora - Com quem e onde aprendeu a trabalhar?

Sandra - Eu aprendi com meu pai mesmo. Meu pai e as vizinhas que me levavam, porque eu pegava a colher e eu cavava o buraco, ficava cavando, aí ela dizia, não é assim, passe assim por cima, aí quando você ver aquilo fazer *cat* (som de barulho), na colher, arranhar a colher, aí você vê logo o *carocinho* por cima, é o bebe fumo. Aprendi e tomei gosto.

Pesquisadora - Qual a influência da trajetória dos seus pais para que se tornasse a mulher que é hoje?

Sandra - O custo de vida. Não tinha outra coisa aqui pra jovem fazer. Foi a obrigação mesmo, a necessidade que fez. Eu fui aprendendo, aprendendo, aprendendo e pronto, que eu não conhecia um *olho* de um sururu, eu passava às vezes, por cima e a vizinha dizia, você passou por cima de um sururu, eu digo como é que fica, ele disse “é assim oh, você vê esse negocinho amarelo aqui, marcadinho pra cima, é o sururu.” Aí eu aprendi e comecei a tirar com a ponta da colher, da mesma colher que eu tirava o bebe fumo. Hoje em dia, se eu achar uma camada, eu tiro, agora eu não exploro não, pra não, se você tirar a camadinha que fica, ali é uma cama, um criatório dele, você não pode tirar. Ele dá na areia e dá na lama. O pior é na lama, acontece de você tomar um golpe de ostra, como uma vez aconteceu comigo, eu já tomei aqui nesse *é* esquerdo, tomei daqui, cá (apontando em direção ao pé). Com duas semanas eu já *tava* lá de novo no mesmo lugar e *to* aqui oh, e me sinto muito feliz e grata pelo que eu aprendi. Tem muita gente com muita saúde e não tá querendo saber de fazer isso: sujar os pés, para os pés não fiquem encardidos. Meus pais não puderam me *dá* o que hoje em dia eu já pude dar pro meus filhos e meu ex-marido também, pai dos meus filhos, deu pra ele. Hoje em dia, muitos meninos aí *tá* achando e *tá* decepcionando os pais. Então pelo que eu fiz com os mariscos, meus filhos não me decepcionaram e não tem vergonha de eu ser uma marisqueira. Todos os dias eu digo a meus filhos que amo muito eles e eles também *diz* que me ama. Graças a Deus, sou muito feliz.

Pesquisadora - Como a senhora se vê, quais as suas principais características?

Sandra - Eu sou uma mãe guerreira, batalhadora. Não corro de nada difícil, na minha vida tudo eu enfrento. Ia buscar lenha, ainda tinha essa, buscar lenha para esquentar marisco, não tinha esse negócio de comprar, tinha que buscar, deixava o marisco aqui, rodeava aqui do lado e saía com o fecho. É por isso que hoje *e* dia eu tenho minha casinha, foi com muita luta e ainda continuo lutando. Hoje em dia, digamos assim, eu tenho uma vida tranquila, uma vida estabelecida é porque eu sou merecedora, eu já fiz muito. Meu primeiro salário, que recebi no

trabalho de casa de família, como babá, eu dei todo pra minha mãe. Eu trabalhei mais ou menos um ano de babá em Salvador, mas voltei pra cá, casei, tive filhos, o casamento não deu certo e aqui *to* continuando minha vida, você está vendo.

Pesquisadora - Ser mulher te ajuda em quê, na sua estrutura familiar e social?

Sandra - Um pouquinho, principalmente que traz os bebezinhos ao mundo, por que a gente traz os filhos, mas não traz a natureza dos filhos. Mas eu sou mulher, mas na outra geração, se eu puder, eu quero ser homem (risos). Eu fui muito sofredora, mas sou assim, feliz, alegre, não tenho o que dizer dos meus vizinhos, os vizinhos não têm o que dizer de mim, sempre ando correta.

Pesquisadora - Como define o papel da mulher na comunidade de Acupe (Na família; no trabalho; na política; na sociedade; na saúde):

Sandra - Não soube responder.

Pesquisadora - Como relaciona seu lazer com seu trabalho?

Sandra - Às vezes tem sábado, tem domingo e às vezes feriado e aconteceu, em alguns feriados, de *e* não está em lazer e tá trabalhando em Cabo Sul de ajudante de cozinha, cozinheira também, fazia feijoada, fazia moqueca, fazia tudo. De cada pouquinho que ia juntando, pra hoje em dia construir o que hoje eu tenho, é humilde, mas qualquer pessoa que chegar aqui bebe uma água, come um pirãozinho, deita numa camazinha, toma um ventinho.

2- Vida social (trabalho e questões sociais e econômicas)

Pesquisadora - Tendo em vista a família, o trabalho e a saúde, como entende seu próprio papel nessas áreas?

Sandra - Eu vivo bem com minha família socialmente. Minhas irmãs gostam de mim, não tenho nada *eu* dizer das minhas sobrinhas, meus pais também são bons pra mim, pois sempre fui boa filha. Porque quem não foi boa filha, não pode ser boa amiga. Todos que chegam na minha casa eu recebo com maior carinho, as vezes, pode até acontecer algo, com certas pessoas por inocência, porque eu sou boa, sou sorridente, chega alguém pedindo um copo d'água e eu dou, hoje em dia não se pode mais fazer isso, você abrir seu portão e dar as costas, entendeu. Se não apanha ainda. Você chega, fecha o portão educadamente, eu pego a água, o pessoal me agradece e fala muito aqui, que a melhor casa, que não me nega nem um copo de água é aqui, a casa de tia Jacira, que sou. Eu não ligo não, se eu tiver um pão e você tiver com fome e tiver aqui dois, eu dou um pra você e fico com um. Eu não sei mais tarde, minha geração *tá* mudando, a gente tá aqui hoje, amanhã, paro ano e depois, se eu não tiver, eu não sei como vai ser a história, então eu quero deixar minha história boa e muito bem contada.

Pesquisadora - Como é a vida de marisqueira na comunidade de Acupe?

Sandra - A maioria muito sofrida. Não vou citar nome de A, B ou C, mas é sofrida. A maioria é merecedora de coisa boa. Trabalha pra ajudar os maridos e os maridos não *reconhece* e ainda *espanca*, fisicamente e verbalmente, e não dá valor àquela mulher e ela não merece.

Pesquisadora - Tem muitos casos de violência doméstica aqui em Acupe?

Sandra - Não. É muito difícil. Só se tiver, tem que elas mesmas queiram esconder. Mais uma eu não esconderia, uma porque não pode, outra que o direito que nós mulheres temos agora, depois da Maria da Penha, eu *to* sempre bem informada disso.

Pesquisadora - O que a senhora e as demais marisqueiras fazem para entender da maré, do meio ambiente e torná-los aliados e não inimigos?

Sandra - Olha, na *cedeira*, pra nós *mulher* fica muito difícil, porque não tem como ser ligeira. Pra você pegar um quilo de marisco na maré *cedeira* fica difícil, agora quando é *tardeira* dá pra você trabalhar melhor. Agora quem tem já aquele pique, fica mais fácil de trabalhar e trazer aquele marisco. Porque quando você achar que *tá* ali, no chamado pé de mangue, *tá* cheio de ostra, eu tiro aqui oh, o pé de mangue todo e aquele pé todo ali não dá um quilo, se der é 600, 700 gramas e eu não vou pra maré *cedeira* pra trazer 600 gramas de ostra, aí você vai sair dali, quando pensa que não, vê a espuma da maré que vai tomar o lugar que você acha o marisco, aí fica difícil, aí não tem como. Tem mulher que entra mesmo pra se arrebentar, consegue uma quantidadezinha boa.

Eu aprendi tudo isso com as pessoas mais velhas. Que me *ensinou* que a maré *tá* de quebrada ela é assim, dá aquela maré, que na mesma hora que ela *tá* enchendo, ela *tá* vazando e na hora que ela *tá* vazando, ela *tá* enchendo e quando ela dá a quebrada, aí já é a maré que vem da lua que já *tá* boa pra você *ir* trabalhar. Aí você trabalha à vontade, você sai daqui, por exemplo, 7h30, 8 horas, ela começa a chegar umas 3h30, por aí. Então, quanto mais a maré vai começar a vir pra perto de você, é que você *tá* achando marisco e é ali que chama complementação, de você pegar mais 600 gramas de marisco pra você fazer um quilo e meio. Não é fácil, é difícil mesmo. Eu já cansei de dizer, “oh meu Deus, eu já trabalhei tanto hoje, tanto meu pai e *pegue* um quilo de marisco”, mas lá no fundo. Eu agradeço a Deus, pois tem que ter consciência, eu não botei nada lá, não *tá* bom papai do céu, deixa esse na geladeira, amanhã eu pego mais novecentas.

3- Saúde (conhecimento científico, relação com os órgãos de promoção e preservação, poluição)

Pesquisadora - Como é a situação de saúde das mulheres que se dedicam e precisam mariscar em Acupe?

Sandra - A maioria aqui não, mas eu sou uma mulher que gosto de me cuidar. Já vou fazer minha *monografia*, meu preventivo eu não dispenso por nada. Todo ano eu faço meu *checkup* de sangue, fezes e urina, pra *vê* como é que *tá* e, graças a Deus, tudo ok. Eu só tive uma vez, que foi uma *quentura* que eu tive, uma queimação na vagina, mas foi causado de um sabonete. Aí, quando eu fui até a ginecologista, eu levei o sabonete e mostrei a ela, aí ela que não era pra eu usar mais, pois tinha muito perfume, muita química e cheiro, aí ela passou um natural, sem cheiro e eu passei a usar e não tive mais nada.

Pesquisadora - Qual acompanhamento as mulheres marisqueiras possuem?

Sandra - Menina, a maioria tem. Mais a maioria não está muito por dentro não. As mulheres não vão ao médico e, às vezes, o médico não vem aí, elas desistem, entendeu o problema. Aqui em Acupe tem acompanhamento, aqui é o suficiente, tem médico bom, mas precisa de acompanhamento bom pra as mulheres, um lugar especial só para as marisqueiras, com bom atendimento. Às vezes tem SAC aqui, mas só pra tirar documento.

Pesquisadora - Acredita que seja necessário, o acompanhamento?

Sandra - É necessário, sim.

Pesquisadora - Quais as doenças mais comuns entre as marisqueiras?

Sandra - Alergias. Problemas como *tá* surgindo aí, câncer de mama e colo do útero. Umas são frequentes a fazer, como eu *mesmo* faço, sou frequente pra fazer, agora as outras, não sei

se são. Eu mesmo conheço várias que *fala*: “que nada, olha meu peito aqui oh, não tem nada”, aí sacode pra lá, sacode pra cá. Eu não falo nada, fico na minha. Eu tenho é que *vê* é meu lado.

Pesquisadora - Ao que a senhora atribui essas doenças? Aos trabalhos no mangue?

Sandra - Às vezes acontece sim, pois a lama *tá* com muita química, *tá* infectada. Essa parte mesmo do porto tem falta de higiene total.

Pesquisadora - A senhora tem problemas de saúde decorrente da prática da mariscagem? Quais?

Sandra - Tenho, quando eu comecei logo a trabalhar, que ficava assim com o facão (fazendo o movimento de catação de mariscos). Aí deu LER, é esforço repetitivo, foi na mão direita. Se você não tiver essa mãozinha aqui pra comandar, é tanto que eu tentei manusear as coisas com essa mão aqui (mostrando a mão esquerda) e eu levei um corte, eu estava cortando um pedaço de carne ali e eu *tava* pensando que *tava* cortando a carne, só que não, foi o meu dedo. Eu não sabia que existia o LER, não sabia que um dia eu ia ter essa doença. *Ta* vendo eu aqui com meu braço engessado, porque dói. Quando eu fui fazer exames, a doutora fez acupuntura e encheu aqui de agulha. *Ele* me proibiu que eu vá pra maré, não fazer muito esforço, não pegar e torcer roupa, mas eu sou fraca, não posso pagar toda semana uma quantidade de roupa, mesmo sendo minha, mas meus filhos sempre *tá* aqui, tem que tirar as roupas de cama pra lavar, tenho que limpar meu cantinho, eu não vou deixar minha cama suja, tem que passar uns *bombrilzinho* nas minhas panelas, mesmo na teimosia, eu faço.

Pesquisadora - Tem quanto tempo que ela te proibiu e te deu esse diagnóstico de LER?

Sandra - Tem muito tempo, e se fosse o caso de eu correr atrás do INSS, eu já *tava* aposentada. Tem muito tempo que eu parei de mariscar constantemente, uns três anos, mas eu não deixo de ir pra minha maré. Os filhos não querem, ficam reclamando e dizendo pra eu não ir pra maré, que não pode.

Pesquisadora - Vocês têm acesso à saúde e a algum tipo de educação ambiental ou prevenção de enfermidades decorrentes da mariscagem?

Sandra - Não. A gente chegava na maré e quando chegava em casa, o corpo estava com aquelas *escamazinha* e a lama, o mangue *tava* com mal cheiro. Aí eu falei com a vizinha: “esse mangue não tá bom”. E quando chegamos nos *dia seguinte*, que ia eu e meu irmão, o mangue, os mariscos *tava* com as bocas tudo aberta, não dava pra gente cobrir, nem trazer nem meio quilo de marisco, aí a gente voltava pra trás, fora os peixes que a gente encontrava, que se tivesse vivo a gente trazia pra casa, mas não tinha como trazer, entendeu? O rapaz que *tava* lá pescando, o pescador disse “não leve, esse peixe *tá* infectado.” Mesmo agora, eu não vou mariscar enquanto não melhorar, eu não fui mariscar depois, quando estava limpo a gente voltou a pescar, melhorou o mangue, mas a poluição das pessoas continua a mesma coisa. Nem a prefeitura, nem outro órgão não nos forneceram nenhuma aula ou palestra sobre educação ambiental nem de saúde. Na saúde a gente mesmo que tinha que se prevenir: ir de meia, sapato, calça, sapato fechadinho, a meia por dentro, a gente fazia, e que muitas fazem até hoje.

Mas o marisco tem que buscar longe, o marisco aqui de perto, dessa região do porto, ninguém quer um quilo, nem pra crianças tomar banho, antes era um porto muito bom. Depois começou a surgir barraca de cerveja, peixaria e começou a imundice, mas não era assim não. E o pior que nesses lugares é o que tem mais marisco. A menina mesmo *disso* que tirou um sururu oh (fazendo gesto de enorme com as mãos), ela soltou ele e ele seguiu o destino dele.

Pesquisadora - Em caso de não acesso aos cuidados de um especialista médico, qual a alternativa escolhida para vocês e para seus familiares?

Sandra - Os órgãos públicos não ligam, quem sou eu pra chegar e dizer assim: “olha tem marisco, em tal lugar *tá* cheio de marisco”, eles não iam me *dá ligação*. Em caso de alguma coisa que acontecesse em decorrência do mangue, eu chegava em casa e tomava meu banho, se continuasse algo me coçando na pele, eu ia pra dermatologista e dizia “olha doutora, *tá* cocando um pouquinho, eu fui pra maré, quando voltei fiquei assim.”

A saúde dos meus filhos graças a Deus sempre foi boa. Minha menina não gosta de marisco, um marisco ou outro, que é o bebe fumo, que é pego lá fora. Ela não come siri catado, ostra, camarão ela não come, só mesmo o que a gente chama de fuminho, é o bebe fumo que ela gosta. Mas sobre a alimentação do peixe, do siri, graças a Deus eles nunca tiveram esse problema.

Pesquisadora - Quando eles eram pequenos e a senhora ia mariscar, eles tinham acompanhamento médico?

Sandra - Tinha sim. Sempre levei eles ao pediatra. Minha sogra falava assim, “é a mãe que mais leva os filhos no médico, todo mês é você Jacira.” Eu dizia que eu achava que estava fazendo o bem, pra no futuro, mais tarde, não dizer assim “eu *to* com isso, *to* com aquilo e minha mãe nunca se importou.” Que teve uma menina aqui que a barriga da criança ficou tão grande, quando foi ver, foi *uma* verme que não tinha mais jeito, a menina morreu, ela já *tava bem muito* avançada, tomava banho nessas águas aí morreu.

Pesquisadora - Como trabalha se ainda está doente?

Sandra - Eu ainda sinto dor no braço, mas eu continuo porque eu sou guerreira, eu continuo. Se alguém disser assim, vamos amanhã catar bebe fumo e eu não tiver nada pra fazer em casa, não tiver um siri aqui pra catar ou da vizinha aqui do lado, que sempre ajudo ela e, quando eu tenho, ela me ajuda também, eu vou catar bebe fumo.

Pesquisadora - Quando vocês catam o bebe fumo, por exemplo, é um quilo lá com casca, mas quando chega em casa, sem a casca que dá um quilo, como é essa equação para a venda?

Sandra - Antigamente aqui o marisco era muito barato, agora no máximo, um quilo, desse bebe fumo que eu falei com você, ou ostra é vinte reais, sem a casca, pois é difícil vender com casca, pois ninguém quer. Você tem que trazer na carroça, pagar dois reais ou trazer na cabeça pra economizar aqueles dois reais pra outra coisa, *tá* entendendo? É difícil, não é fácil não. Às vezes dava aquele horário de cinco horas, que eu *tava* aqui, mais eu tinha que fazer primeiro os afazeres, olhar os livros das crianças, olhar a farda, pra *vê* se dava pra ir no outro dia, olhar o que foi e o que veio do colégio, pra *vê* se era deles ou não, sempre tive esse cuidado. Como foi a atividade, o que foi hoje, como foi a aula, porque a maioria aí que não liga, só empurra, vai pra escola. Quando eu fui lá pra Salvador eu ganhei um prêmio, eu fui a mãe número 1 do ano, de meus dois filhos. Todo mês, quando chegava o dia de quinta, eu já botava no calendário, fui data tal, chegava na portaria, chegava na sala da diretora, quero ir na sala tal, letivo tal, eu ia na hora do intervalo, que era um horário melhor. Eu quero saber como é que *tá* Erica, aí a diretora falava: “uma menina que não dá trabalho pra nada, quase nem fala, brinca na hora dela, na hora da merenda ela não fica, ela não gosta de comer”, que às vezes eu botava um biscoitinho, que não era tudo que ela gostava de comer, fora de dentro de casa não. Aí passava pra sala de Eric e ela falava: “seu Eric *tá* um pouquinho distraído, mas é um bom menino, escreve bem, é atencioso, não é respondão”. *Tá* respondão agora, depois de grande, *tá* com 27 anos, mas eu sempre tive cuidado com meus filhos, principalmente na educação e o mundo aí fora, que *tá* terrível, fechava um olho e deixava o outro aberto. O horário é esse,

brinca aqui na porta ou não vai pra lugar nenhum, aí a opção deles, brincava aqui mesmo, na porta.

4- Legado cultural e transmissão de saberes

Pesquisadora - Como as mulheres marisqueira de Acupe têm se organizado para que a prática tenha um futuro permanente?

Sandra - De minha parte eu não gosto de *tá* no meio de arruaça, fazendo bagunça, eu espero aquilo, turbulência passar pra depois eu ir lá na Associação, e diretamente na colônia e ir diretamente na presidente da colônia, saber o que *tá* sucedendo, aí ela chega pra mim, “olha *ta* passando por isso, isso e isso”, aí eu fico por dentro, se outra amiga minha também não foi participar eu digo, “olha *tá* se passando isso, isso e isso, que a presidente disse pra mim”, e se quiser ir lá, saber melhor, você vai diretamente aquela pessoa. Eu sou assim, mas tem mulheres que vão.

Pesquisadora - Mas já tiveram muitas manifestações?

Sandra - De ter teve, mas chegou na paz. Foi pacífica, não teve nenhuma guerra. Teve um lugar, Salinas das Margaridas, que um senhor foi e *falaram* por todos, falaram de Acupe, Saubara e Bom Jesus e aí, na Vila, foram cinco *lugar*. Eles foram pra todo esse recôncavo, que foi atingido (falando do desastre ambiental ocorrido em 2009 - vazamento de óleo na Baía de Todos os Santos), e nós recebemos a indenização. E outra, esse dinheiro já era pra ter saído, mas só *tá saído* agora.

Pesquisadora - A senhora considera essa prática como um trabalho ou uma cultura fundamental para a sua sobrevivência, mas que precisa ser preservada? Como a senhora percebe o trabalho de mariscagem?

Sandra - É uma cultura, emprego e tem que ser preservado. Eu acho que corre o risco dos mariscos desaparecerem e não ficar nada pra ninguém trabalhar. Tem que ter mais gente e os órgãos públicos tem que tomar mais a frente, *vim* olhar o porto, como *está* as condições do porto, como é que *tá* aquelas casas, os esgotos e pra onde *está* indo, *tá* entendendo? Se eu tenho aqui minha casa, meu quintal é grande, porque eu *vu* botar o esgoto do meu vaso pra uma vala que desce, aqui vai diretamente e já sai lá, no rio da maré. A minha não, eu quero que jogue aqui, eu fiz a *fosse* pra isso. Se encher, Deus ajuda a gente, abençoa, o caminhão vem, mete a mangueira e seca. Na casa de minha mãe tem duas *fosses*, quer dizer que transmite, tipo a onda do mar, *tá* cheia ela vai passando, aí quer dizer que nesse verão, vai secando, ela não vai ali pra lugar nenhum, ela seca entre as paredes *solar*, vai secando ali mesmo e vai descendo, pronto, de vê em quando bota um remedinho, uma creolina, pra não sair o mal cheiro pelo ar.

Pesquisadora - Onde buscam informação/conhecimentos (país, escola, religião, meios de comunicação, universidade, governo, professores, pesquisadores)?

Sandra - Nos meios de comunicação. Quando tem reunião, eu *to* sempre por lá e fico por dentro de tudo que acontece entre nós marisqueiras, entre aspas, todas, que tem as marisqueiras e tem as que mariscam, presta atenção, tem muita diferença. Não é por que eu cuido de meus dentes, uso óculos que não sou uma marisqueira, eu sou marisqueira, tem um *bocado* que, às vezes chega, vai entrando na colônia, elas aí *sabe*, a presidente me conhece, fui nascida e criada junto, que é o pai e Juliana, que agora que é a presidente, *a idade* da gente é quase *tudo junto*. Eu já vinha com a vasilhinha do porto já e comprava, “me dê cinco reais de peixe aí”, com a vasilhinha. “Você *tá* fazendo o quê aqui menina do cabelão, eu quero cinco reais de peixe”, era cinco cruzeiro, hoje em dia criança nenhuma quer mais cinco reais.

Pesquisadora - E a presidente da colônia já foi marisqueira?

Sandra - Menina é uma informação que eu não sei te dizer, mas o pai dela sempre foi pescador mesmo, o pai, a mãe, irmão, irmã, todos marisqueira e pescadores. O pai dela era um pescador que pescou com meu pai. *Nosso* pais tinham muito cuidado com as filhas, mesmo na pesca, mesmo.

Pesquisadora - E vocês ficaram quanto tempo sem poder mariscar, depois do vazamento do óleo?

Sandra - Ficou bastante tempo, uns três meses. Quando a gente botava o pé assim, o óleo vinha junto. Quando eu vinha dá maré, as meninas diziam, “Jacira, olha pro seu pé, *tá* cheio de carvão”, onde eu achei carvão? A vizinha dizia assim, “misericórdia, *né* carvão não minha filha, isso aqui é óleo”, que chamava, acho que era breu, era um óleo que o povo chamava breu, agora que as coisas mudaram, você fica mais por dentro, eu sei que era uma pasta preta, tipo *pinche*, isso *pinche*, diziam que era *pinche*. Aí tome botar querosene, tome botar querosene, eu *to* aqui, porque um tempo que as meninas *foi* pra maré *cedeira*, os mosquitos, eu não sabia de nada, *cedeira* pra mim era que nem *tardeira*, podia ficar lá o dia todo e chegava no final do dia, botava o balde ali e dizia que quando chegasse amanhã escaldava, aí antes de ir pra essa outra, depois de amanhã, eu já deixava aqui pro pessoal escaldar, quando chegava aqui, o pessoal já deixava esse que eu trazia esse hoje, aí comecei a ir, meu pé começou a dar problema, por conta do gás meu pé ficou cheio do negócio, o querosene queimou o meu pé.

Pesquisadora - Esses conhecimentos são usados de que forma, quando pensamos em melhoria das condições de vida e saúde do coletivo (na prevenção e no tratamento)?

Sandra - Quando essas meninas aí, *fala* sobre esse negócio *dessa* verme, essa que fica com a barriga grande que dá na água? A Schistosoma, aí eu pergunto pra as meninas, aí essa verminose faz mal, por que não leva pra fazer um teste? Eu mesma tomei, que eu peguei na gravidez desse filho meu, num rio, não pegou nele, mas ficou em mim, eu grávida dele ia muito lavar roupa no rio. Me incomodava muito. No teste e o exame que fiz me deu, tomei um remédio muito *rui*, mas também quando eu fui retornar pra fazer meus outros exames não deu mais nada.

Pesquisadora - O que é poluição para a senhora?

Sandra - É saneamento básico que não tem, esgoto, falta de higiene. Tudo que algumas pessoas pegam e trata no mangue, por exemplo, a cabeça de peixe, é a isca do siri, mas não é tudo, você tem que pegar tudo e jogar dentro da maré, despejar, pra mim poluição é isso, lixo no meio da rua, passou o carro já passou e que tem de eu pegar o lixo e botar essa hora? Vai acontecer o que, o animal vai e lasca, é papel higiênico, é papel que nós mulheres usamos, que não precisa explicar mais, pra mim é isso. E não deve ser assim. Ser tudo higiênico, sua aguinha, ser *tudo* certinha, seu tanque sempre bem lavado.

Pesquisadora - Como tem acesso ao conhecimento sobre poluição?

Sandra - Acho que o conhecimento vem de mim mesma, que eu vejo as coisas quase todos os dias, os carros muito fumaçando tudo, a gente ficando com alergia, espirrando o tempo todo, irritando as vistas, você respira e, quando chega no médico, você *ta* com bactéria disso e disso, aí pergunta: “de quê doutor, se eu não vou pra tal lugar, não faço isso, não faço aquilo?” Você pega pelo ar, você pega uma gripe forte, às vezes a pessoa deu um espirro e você não sabe que a outra pessoa *tá* com aquele problema sério.

Pesquisadora - Sabe identificar o que contamina o mar, os rios e o mangue?

Sandra - Na maré você sente logo pelo cheiro, quando você chega tem siri morto, eles se soltaram, esse sirizinho pequenininho, se você for lá, você filma, você vê, que corta o coração de qualquer ser humano, é verdade, isso aqui é pra um mês, dois meses *tá* grande, pra trazer pra própria casa e eles traz tudo na rede, os bichinhos sem água não *vi* respirar, vai morrer, entendeu. E os rios, as imundices. O pessoal que leva as oferendas e joga na beira dos rios, a gente não vai mais, não frequenta mais os rios, não lava mais uma roupa, não lava mais um prato, a roupa da gente *tudo* é lavada aqui e não no rio da chameraia de Saubara, o mais próximo da gente, hoje em dia a gente não pode fazer mais nada disso. Tem as oferendas, os bichos mortos. Você não passa ali no entroncamento? Presta atenção quando você passar. Tem galinha, cabeça de bode, comida, as oferendas dele lá. Tudo isso *tá* fazendo mal, *pesando* que *tá* fazendo o bem, *tá* fazendo mal. Já no mangue são as vasilhas plásticas e sacos plásticos. Os bichos que morrem, eles não procuram lugar pra por, botar num saco, ou procurar um lugar, um terreno assim distante, um mato, cavar um buraco e cavar, eles jogam ali naquele lixo mesmo e dali mesmo vai pro mar. Eu acho errado, se eu pudesse dar jeito naquilo, naquele momento, eu daria, pois corta meu coração, me dói. Eu vi com esses olhos aqui o tamanho do cachorro que jogaram no porto aí, as vizinhas aqui *tudo viu*. A gente foi pra maré e voltou e o bicho *que* já ia no tronco de outro mangue. Por isso eu não pesco, a maioria não pesca aqui no mangue, na maré daqui, vai pra uma costa longe.

Pesquisadora - Na sua concepção, quais os malefícios da poluição?

Sandra - O pacote de lixo, se achar uma vaguinha eles jogam e a rede de esgoto, que é errado ter. Pode causar muita coisa, pode causar o câncer e outros tipos de doenças, problema na pele, se um menino engolir uma água daquela, pense aí. Pode chegar lá no porto, que você vai ver que eu não *to* mentindo, tira foto. Quando eu vou me protejo, vou de capote, tem praia muito boa, passando desse porto aí pra lá, tem praia que você diz, “cadê a poluição, cadê, onde é que tá aí”, quando você sai daquele lugar e vem pra cá, você já conhece a diferença.

Essas pessoas precisam se conscientizar e ter uma pessoa, um órgão que chegue a proibir aquilo, chegue naquela hora, seja de manhã, seja de noite, de madrugada, “amigo não pode, você vai pagar X, vai passar de você pagar x”, que sou a grande e *to* ali no órgão público que me mandou, “x olha o que você tá fazendo, tá certo?” A partir dessa coisa ele não vai mais fazer isso e a coisa vai continuar indo de mal a melhor, entendeu.

Pesquisadora - A comunidade de Acupe é quilombola. Como o legado da cultura negra tem auxiliado na prevenção ou eliminação de enfermidades, sobretudo as causadas pela poluição e contaminação dos mangues?

Sandra - Tem coisa que dizem que acontece mais nas pessoas que tem a pele negra. Você *ver* que os quilombolas que vieram trouxeram uma bactéria e infectou a Bahia, diz que já vem pela cultura negra, e os brancos trouxeram outras doenças, que chama o HIV, que são duas partes, você tá entendendo? Tem umas doenças que *acontece* mais com os negros, e a outra, os negros botam nos brancos e os brancos botam nos negros, tem essas duas partes. Nenhum aí *tá* arriscado a nada, nem o branco nem o preto.

Pesquisadora - E com relação às doenças que as marisqueiras consideram comuns, por mariscar, a senhora acha que a medicação, feita dentro de casa mesmo, tem ajudado a eliminar essas doenças?

Sandra - Menina, se ela não fizer um exame, pra mim não. Se ela não fizer um exame periódico não adianta. Tem que ir ao médico. Muitas pessoas usam os medicamentos feitos em casa, tem ajudado, mas não a curar. Tem que ter acompanhamento médico, eu tenho esse problema aqui, eu sou acompanhada. Eu tenho problema no joelho, pois eu me ajoelhei no

mangue e meu joelho ficou preso na lama e no que eu puxei senti o repuxo, quando esfriou o sangue eu senti, se eu não cuido logo? É ponta de pau, é galho de mangue, você puxa assim, vem outra pessoa atrás, *pá*, bate no meio da cara, fora as coisas que jogam no mangue, saco pesado de dentro do mangue pra trazer pra praia, pra lavar. Tem que ir ao médico se tiver qualquer coisa. É uma vida difícil e tem muitos filhos aí, que as mães criaram na maré, mas não dá valor, os meus, graças a Deus, até agora dão.